

Societade Secreta

TOM DOLBY



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Tom Dolby

SOCIEDADE SECRETA



tradução de Richard Sanches



“É extremamente fácil enganar a si mesmo,
pois o homem geralmente acredita no que deseja.”

Demóstenes

“A maior artimanha do Diabo foi
convencer o mundo de que ele não existe.”

Christopher McQuarrie, *Os suspeitos*



PRÓLOGO

Mesmo os transeuntes mais atentos que passam pelo Central Park, em Manhattan, geralmente não reparam na Agulha de Cleópatra. O obelisco egípcio da altura de um edifício de sete andares data do século XV a.C. e está a cem metros do Metropolitan Museum of Art.

Em uma manhã de Ação de Graças, em especial, era difícil ignorá-lo. À base do obelisco de granito estava o corpo de um jovem, estirado em meio a folhas secas e embalagens de chocolate descartadas. O corpo estava nu, não fosse por uma cueca branca de algodão. Foi descoberto por um homem que fazia sua corrida matinal às seis e meia da manhã, e, por volta das oito, não menos que cinquenta espectadores se apinhavam no local. Policiais isolavam a área, repórteres com equipes de filmagem comentavam a cena, e turistas se embasbacavam com o espetáculo. Detetives tomavam notas sobre os detalhes: homem branco, entre quinze e vinte anos, cabelos castanhos, olhos azuis.

A única marca de identificação: uma tatuagem da cruz ansata, o símbolo egípcio da vida, do tamanho de uma moeda de dez centavos, na nuca.



I

RENASCIMENTO

Convites, Phoebe Dowling começava a perceber, geralmente vinham dos lugares mais inesperados.

A última coisa que ela pensava que aconteceria em seu terceiro dia no primeiro colegial da Chadwick School era que um rapaz adorável e de cabelos despenteados lhe entregasse um panfleto de uma festa: Nick Bell apresenta a Old School Electroclash no The Freezer, Música por DJ Apocalypse. Phoebe havia lido sobre o DJ Apocalypse na revista *Vanity Fair*, sobre como ele era disputado por celebridades e *socialites* sedentas de notoriedade, mas ela nunca pensou que chegaria a ir a uma dessas festas. E o garoto que havia lhe entregado o convite? Alguém havia lhe dito que se ela e sua mãe se mudassem para Manhattan, os garotos seriam realmente mais bonitos, mas ela não havia acreditado. Até agora.

— Obrigada — ela resmungou, enquanto sentia seus longos cabelos castanho-avermelhados deslizando estranhamente sobre sua testa levemente sardenta. Ela se apressou em acomodá-los novamente atrás da orelha, enroscando-os no *piercing*.

— Tudo bem — ele disse, sumindo rapidamente no corredor, seus mocassins rangendo, enquanto se livrava da mochila de livros e distribuía mais três convites brilhantes no tempo que ela havia levado para se recuperar. Ela reparava na figura que se distanciava, em seu clássico *blazer* puído, distorcido em sua estrutura larga.

Chadwick School, aquela fortaleza de pedras e tijolos localizada no limite nordeste do Upper East Side, não tinha se revelado exatamente o que ela havia imaginado ao chegar a Manhattan vinda de Los Angeles. A antiga escola de Phoebe, St. Catherine, era conhecida por seu corpo estudantil privilegiado, assim como Chadwick. St. Catherine havia sido povoada pelos fedelhos descendentes de estrelas do cinema e executivos de grandes estúdios, e também por um grupo de estudantes de arte pretenciosos e estranhos, do qual a própria Phoebe havia feito parte. Mas havia algo diferente sobre os alunos de Chadwick. Eles eram tão *unidos*. Era como se eles houvessem feito compras juntos na Bergdorf ^[1] desde os três anos de idade, como se eles tivessem tido celulares e cartões de crédito em seus próprios nomes desde sempre, como se eles nunca houvessem tido sua liberdade ou finanças limitadas de alguma maneira. Phoebe suspirava enquanto guardava os livros na mochila. Ela poderia jogar o jogo se fosse necessário; sua mãe disse que caso ela odiasse a escola, poderia pedir transferência no próximo ano. Mas, por ora, ela teria de aguentar firme.

As aulas do dia haviam terminado e os estudantes andavam em filas em todas as direções, um aglomerado de calças cáqui e saias xadrez e papéis e cadernos. O interior da escola era como um filme da Merchant Ivory^[2]: clássicos painéis de madeira recobrando as paredes dos corredores, mosaicos incrustados no chão da entrada. Tudo bem, alguma coisa em Chadwick havia sido modernizada — a estação de *podcast* dos alunos, as salas de prática musical —, mas a maior parte não era novinha em folha, do jeito como tudo parecia ser na Califórnia. O lugar tinha história: Phoebe podia senti-la enquanto escorregava o dedo pelas marcas entalhadas por algum estudante nas mesas de carvalho Harkness, aquelas mesas grandes em forma oval que foram inventadas em um internato em New England. Ela podia senti-la enquanto reparava em pontos mais gastos dos degraus de mármore que os alunos vinham subindo por aproximadamente duzentos anos.

Naquela tarde ela planejava pegar o trem 6, fazer uma baldeação na Grand Central, ir até o West Side e visitar sua mãe na galeria de arte onde seu trabalho era depreciado. Ela reparava nos garotos entrando nos táxis e algumas garotas se jogando para dentro de carros alugados, rindo durante todo o percurso. Ela tinha a estranha sensação de que todos estavam se divertindo muito mais que ela, estavam provando mais dessa grande e luminosa cidade. Phoebe queria experimentar cada versão de Nova York: a agitada, a glamorosa. Quem tinha a chave? Era o que ela precisava descobrir. Quem transformaria sua Manhattan naquela que ela via nos filmes? Ela suspeitava que seriam garotos como aquele que havia lhe entregado o convite, garotos como Nick Bell, que sabia dessas coisas, nascido para isso. Mesmo que a casa de campo fosse um apartamento de luxo na Quinta Avenida.

Nick apertava seu iPhone com as mãos suadas enquanto ouvia a voz do outro lado: “Há um problema com a bebida”.

Por mais que estivesse correndo ao redor do lago do Central Park, seus tênis pressionando contra o chão, ele ainda pôde sentir seu corpo ceder, um calafrio no estômago. Teria o Amir, um dos proprietários do clube onde ele daria sua grande festa naquela noite, finalmente percebido que a maioria de seus convidados seria de menores de idade?

— Tá. O que foi? — Nick perguntou, esforçando-se para soar como se estivesse controlado.

— A entrega de vodca do patrocinador ainda não chegou — Amir disse. Nick sentia-se relaxar.

— Nós ainda temos algumas horas, não é mesmo? Além do mais, uma marca faltando seria um problema assim tão grande? É só substituir por algo mais barato.

— Eu não sei não, Nick. Você sabe como essa multidão fica quando não consegue as melhores coisas durante o *open bar*.

— Vai dar tudo certo — Nick disse, enquanto diminuía o passo de sua corrida para algo como um trote. — Você poderia colocar Popov em uma garrafa de Ketel One e ninguém notaria a diferença.

— Eu acredito que você os conheça melhor que eu.

— Amir, confie em mim, essa é a menor de nossas preocupações — ele recuou, esperando que Amir não perguntasse o que ele quis dizer com isso.

Ele desligou o telefone e voltou à faixa do Digitalism que estava escutando — não era exatamente a música mais relaxante do mundo, mas pelo menos o deixaria ligado para a noite. Uma vez que a festa começasse, ele teria seis horas de música eletrônica com o DJ Apocalypse, e ele mal podia esperar. Isto é, se aquele operador de *pick-ups* arredo de fato aparecesse. O cara ainda não tinha retornado os três últimos recados de Nick.

Encharcado por causa da corrida no calor do começo de setembro, ele chegou ao apartamento de sua família na Quinta Avenida e pegou o elevador até a cobertura. Enquanto caminhava pesadamente pela sala de estar e subia as escadas para o segundo andar, acenou para Gertie, a cozinheira afetada da família, e ela lhe perguntou se ele queria um lanchinho. Ele podia ouvir vozes baixas vindo de detrás das portas de correr da sala de estar — Nick distinguiu as vozes de sua mãe e de seu pai e uma voz de homem que ele não reconhecia. Parou por um momento, embora não pudesse compreender nada. Era estranho seu pai estar em casa tão cedo.

Nick planejava a festa enquanto relaxava no seu quarto, tirando suas meias suadas e chutando seus tênis fedorentos para um canto. Ele estava tentando não se estressar, mas todas as suas preocupações costumeiras voltavam: tinha convidado pessoas suficientes? Tinha convidado pessoas demais? As pessoas certas iriam aparecer? A partir daquela tarde ele havia ficado quase sem panfletos — podia ser uma coisa boa ou má, dependendo de como você visse. Ele olhou para baixo na direção de seu telefone. Havia uma mensagem de seu melhor amigo, Patch, que tinha ficado encarregado de preparar a lista da portaria para a festa:

LISTA DE CONVIDADOS NO LIMITE (600).

ENCERRANDO AGORA.

Nick respondeu à mensagem dizendo que estava ótimo. O clube suportava apenas quatrocentas pessoas, então seiscentos nomes seriam mais que suficientes para lotar o lugar, considerando ainda os que não apareceriam na última hora. Embora ele houvesse organizado apenas algumas poucas festas no passado, todas no Hamptons^[3], ele começava a sentir que estava ficando bom nisso. Ele ria consigo mesmo, flutuando em excitação e adrenalina. As promessas do verão estava começando a se realizar.

Tudo havia começado quando seus pais tinham lhe dado, de maneira quase chocante, liberdade praticamente total na praia durante as férias de verão, e ele fez o que gostava de chamar de “festejando com um propósito”. Os donos de clubes no Purple Elephant em Southampton e o

Chocolate Lounge do lado de fora de East Hampton haviam dito que quando ele levantasse acampamento e voltasse à cidade no outono, eles dariam uma festa em sua homenagem — isto é, se ele promettesse atrair o mesmo tipo de multidão que eles sabiam que ele podia levar: jovens, bonitos, com renda disponível para bebidas e ávidos por tratamento VIP. Nick sabia que era suspeito o fato de alguém dar carta branca a um aluno do ensino médio, mas aí é que estava o negócio: os donos de clubes — Amir e seu sócio, Costa — não sabiam que ele ainda estava no ensino médio. Como eram estrangeiros (um era de Israel, Nick pensou, e o outro era do — Brasil, é isso mesmo?), eles não estavam acostumados à cena das escolas particulares do local, então, quando ele disse que era um estudante de Chadwick, eles devem ter concluído que ele já estava na faculdade. Ele fazia questão de não se barbear sempre que estava nas redondezas, e dado seu crescimento abrupto para um metro e oitenta, eles não podiam fazer ideia de que ele tinha apenas dezesseis anos. Eles o haviam visto circulando com as garotas e os caras com os quais ele havia crescido: os caras eram todos relativamente atraentes (e, caso eles tivessem espinhas ou cortes de cabelo estranhos, seus pais os despachavam imediatamente para algum dermatologista ou um salão de barbeiros muito caro para terem o problema resolvido), e as garotas — acima de tudo, as garotas — vestidas como mais velhas, agiam como mais velhas. Com suas luzes caras nos cabelos e suas bolsas Marc Jobs e saltos altos Christian Louboutin, casualmente fumando seus Nat Shermans, não havia um observador que pudesse dizer que seus amigos tinham apenas dezesseis, dezessete, às vezes até mesmo quinze anos de idade, não interessando o que estava escrito em suas carteiras de identidade falsificadas.

Nick havia se tornado uma borboleta social, mas o negócio era que — ainda que ele não ousasse contar a ninguém — ele não gostava da maioria do pessoal com quem ele vinha passando o tempo. A cidade estava repleta de tipos tão diferentes de pessoas, e seus pais o haviam protegido, o haviam escondido de todos eles. Isso estava começando a deixá-lo louco, a tirá-lo do sério. Alguns de seus amigos extravasavam ficando chapados vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, vivendo em uma nuvem de *cannabis*, mas isso deixava Nick de saco cheio. Às vezes, ele não desejava nada mais do que voltar aos dias em que tudo era simples, quando um fim de semana significava ficar “de boa” na soleira de vidro de sua casa em Southampton, assistindo a filmes ruins do Bruce Willis e comendo muita pizza.

Ele tirava isso da cabeça enquanto se afastava do chuveiro e enrolava uma toalha em volta da cintura. Sua festa era no The Freezer, a galinha dos ovos de ouro de Amir e Costa, uma boate no Meatpacking District, o qual já havia passado do auge. Ainda assim, era, para Nick, uma boa entrada para a cena de promoters de Nova York. A má notícia era que o DJ Apocalypse, supostamente recém-chegado de um voo de Paris, onde havia brilhado em uma festa para Veuve Clicquot — e, segundo rumores, havia saído dos trilhos depois de sua fase de abstinência na

reabilitação por causa da metadona —, ainda não havia sido localizado.

A saia era de morrer.

Lauren Mortimer estava parada em frente ao cabideiro de novidades na Giroux New York, uma boutique na Fourteenth Street pela qual ela era obcecada desde que tinha doze anos. A saia, feita por um *designer* arrojado de Londres, era curta sem ser indecente, e feita de pregas lindas de chiffon cinza. Ela tinha um quê da década de 1960, o que Lauren adorava; seria a roupa perfeita para usar na festa do Nick naquela noite. Ela a vestiria com a jaquetinha de couro Alexander McQueen que havia comprado havia algumas semanas.

Ela vivia para isso, para aquele momento em que uma roupa em uma loja simplesmente tira seu fôlego.

Mais uma vez, Lauren estava no Meatpacking District, seu prazer com culpa, o lugar de tantos de seus pecados, e ela estava em busca das tendências. Ela era a única pessoa que ela conhecia que realmente gostava do fato de aquele bairro ser tão indecente. Havia algo de excitante em passar por aquelas ruas cheirando levemente a sujeira e com manchas de sangue carregando as sacolas de compras da Scoop, ou Catherine Malandrino, ou Diane von Furstenberg. Isso sempre a fazia se sentir como estivesse em uma sessão de fotos para a *Vogue* francesa ou italiana, aquele contraste agudo entre moda e sujeira. Lauren pensava em si como uma purista: ela adorava o fato de que *designers* tinham se mudado para o bairro, mas ela odiava que isso tivesse expulsado as boates e a cultura (sem falar na atitude *meatpacking*). Ela não se referia ao pacote de boates suburbanas que o ocupavam hoje; havia ainda muitas dessas, recheadas de garotas de cabelos feitos e *tops* vívidos, roupas que as faziam parecer prostitutas. Por tudo que Lauren já tinha ouvido, costumava haver boates de *verdade* na área: clubes góticos, clubes de arte performática, esse tipo de coisa. Não que ela alguma vez tivesse estado em um desses, mas ela conhecia as histórias. O carro de passeio de sua mãe costumava parar no Jeffrey quando a meca do estilo no centro da cidade ainda era o principal ponto remoto da moda na rua e Lauren tinha apenas nove anos de idade. Sua mãe experimentava sapato após sapato enquanto um vendedor de cabeça raspada e tatuagem de serpente a impressionava com histórias higienizadas e para menores de tudo que havia acontecido na noite anterior: as performances, os go-go dancers transexuais, os *designers* europeus saindo com suas modelos, a loucura, o dançar a noite toda. Lauren podia ler nas entrelinhas: moda era igual a excitação e sexo e diversão, e ela queria ser parte disso.

Agora Lauren ia até o centro sozinha, de táxi ou metrô (o que, estranhamente, ela às vezes preferia — todos eram tão *normais* comparados às pessoas com quem vivia no Upper East), e explorava aquele mundo ela mesma. Ela não sabia onde podia se encaixar, mas o que ela sabia mesmo é que não queria ser como sua mãe: beber pequenas doses de uísque às quatro da tarde, reclamando de seu casamento fracassado, exibindo fotografias do seu tempo de debutante. Isso ia além do patético. *Viva no presente!* Lauren gostaria de gritar para ela. Mas ela nunca conseguiria, pois sua mãe não acataria a sugestão. No final, era muito mais fácil se afundar em gim e passado.

Ela virou a etiqueta de preço da saia: novecentos dólares. Será que sua mãe perceberia se ela colocasse em seu cartão platina? Não, a Lauren comprava no Giroux a todo momento, então qual seria o problema? Mesmo que o divórcio de seus pais houvesse congelado a vida amorosa de sua mãe, ele não havia causado esse impacto em sua conta bancária.

Mais tarde naquela noite, o melhor amigo de Nick, Patchfield Evans III, vestiu calças jeans amassadas e uma camiseta enquanto se preparava para a festa de seu amigo. Ele próprio havia impresso a lista de convidados e também enviara uma cópia para os donos do clube, como Nick havia solicitado. Ele foi para a sala de estar onde sua avó, Eugenia, estava sentada. Os dedos dela dançavam graciosamente sobre as teclas de um velho Steinway, que soava, para os ouvidos de Patch, um pouquinho desafinado. Todos os dias, ela ainda se punha bem-vestida, fazia um penteado em seus cabelos brancos, passava maquiagem e às vezes chegava a colocar um colar de pérolas, como se estivesse esperando a visita de um cavalheiro. Ele reviu com ela seus planos para a noite, e ela balançava a cabeça como se aquilo estivesse em sua mente o dia todo.

— Nick vai estar lá? — ela perguntou.

Patch confirmou com a cabeça.

— Cuidado, viu? Se houver algum problema, você usa o seu... você sabe.

— Celular, Genie, celular. — Ele havia lhe comprado um aparelho fazia alguns anos, mas parecia que ela nunca o havia usado. — Isso mesmo. — Ela sorriu. — Celular. Eu estarei por aqui. — Eu sei — disse Patch com uma risadinha. Como se sua avó fosse sair do apartamento àquela hora. — Você quer que eu lhe traga algo?

Ela balançou a cabeça.

— Meu querido, eu tenho tudo o que preciso. — Ela abriu uma gaveta e pegou uma pilha de cardápios de *delivery*, dando-lhe um sorrisinho travesso. — Vai passar uma maratona de filmes do Cary Grant no Turner Classics. Eu vou ficar acordada até tarde.

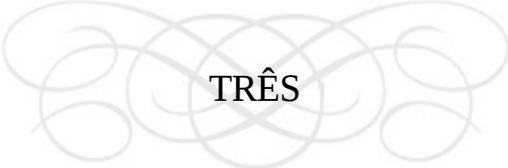
Patch se direcionou ao seu quarto para terminar de se arrumar. Ele dividia o pequeno apartamento de dois quartos com Genie, e não se importava, considerando toda a situação. Eugenia Rogers Madison tinha oitenta e três anos e sabia de coisas sobre a cidade e sobre a vida de Patch

que às vezes nem ele mesmo percebia. Ainda que eles vivessem em um prédio que era um ponto de referência do outro lado do Metropolitan Museum, o lugar era uma realidade muito distante do espaçoso apartamento de luxo onde vivia Nick, dez andares acima deles. No apartamento de Patch, que era uma das partes de uma unidade maior que foi dividida em duas, o linóleo estava chegando na cozinha e a instalação elétrica não era vistoriada desde 1960 (eles quase tiveram um incêndio no ano anterior, quando sua avó plugou muitos aparelhos em uma extensão). Eugenia e seu último marido, o avô de Patch, haviam comprado o apartamento em 1953 por um valor hoje inferior ao de uma vaga de estacionamento na cidade. Seu avô nunca havia tido muito dinheiro, e seu pai havia morrido afogado em um terrível acidente quando Patch tinha cinco anos, sem nunca ter chegado a pensar em comprar um seguro de vida para a família. Sua mãe, tristemente, estava internada em uma instituição ao norte do estado. Um dia, sem razão aparente a qualquer um, ela havia ficado totalmente catatônica. Patch agora a visitava umas poucas vezes por ano.

Ele suspirou enquanto amarrava os cadarços de seus Puma sujos, olhando o trabalho do *video in progress* no monitor luminoso em sua escrivaninha — um monitor de tela plana velho e encardido que Nick estava prestes a jogar fora. Fazia quatro anos, ele havia sido incomparavelmente melhor que o antigo que Nick possuía naquela época, mas agora parecia um tanto desgastado pelo uso.

Enquanto pegava sua carteira, Patch pensava sobre como ele e sua avó tinham o tipo mais antigo de dinheiro antigo: o tipo que não existia mais.

Patch recolheu o resto de seu equipamento e foi para a porta. Ele precisava arrumar boas filmagens para seu *videolog*, PatchWork, do tipo que iria de fato impressionar os produtores de TV com os quais ele havia se reunido. Ele estava nervoso com relação àquela noite, e ele tentava pensar no que aconteceria depois dela. Ele e os produtores tiveram infinitas conversas sobre ele dirigir um *reality show* ambientado em Chadwick, uma situação realmente impressionante para um estudante do ensino médio, mas não o suficiente para Patch. Ele havia recebido o e-mail duas semanas atrás, sem saber de onde: “Eu tenho assistido seu *videolog*. Eu produzo programas de TV. Podemos nos encontrar?”. O que houve na sequência foi uma efervescência de advogados e agentes e formulários de autorização. A escola estava interessada no fato de que algo de alto nível pudesse ser filmado no território do colégio. O entusiasmo era surpreendente, mas Chadwick bem que estava precisando de uma injeção de ânimo — e o dinheiro que o projeto podia levantar no fundo estudantil também não seria nada mal. A maior vantagem era que o diretor e a administração pensavam que o programa poderia ser o impulso que a escola precisava para modernizar sua imagem, para fazer que ela parecesse menos abafada e emperrada. Patch estava na rodada final de discussões com vários produtores; ele queria assinar com uma equipe que realmente compreendesse o projeto, que não o fizesse se sentir como se houvesse se vendido. Ele imaginava o que seu ídolo, Gus Van Sant, faria. Isto é, se Gus Van Sant fizesse documentários sobre crianças de escolas particulares.



TRÊS

Nick apareceu no The Freezer meia hora antes de as portas serem abertas. Enquanto entrava, dizendo olá para o porteiro, notou um homem estranho em um terno olhando algumas portas abaixo. Provavelmente apenas o lixo europeu que povoava a área, mas algo nele incomodava Nick. Ele havia estado observando-o diretamente.

O iPod do gerente do clube estava tocando em *autoshuffle*, assim a música eclodia, mas não demoraria muito até que notassem que o DJ Apocalypse não estava em sua cabine. Nick havia se dedicado ao máximo por sua festa: Patch havia feito os *flyers*, eles haviam enviado os e-mails, Nick tinha elencado a lista de amigos, colegas de classe, irmãos e irmãs mais velhos para fazerem a notícia circular. Se corresse tudo bem, o clube ficaria apinhado.

The Freezer era um lugar cavernoso na Gansevoort Street que costumava ser um grande frigorífico. Múltiplas salas circundavam uma grande pista de dança, tudo a um lance de escadas abaixo da rua. Nick esperava que o fato de o lugar ficar no subterrâneo seria uma característica arrojada, o sentimento de se estar em um antro da perversidade. Ele estava decepcionado em ver, uma vez que havia chegado, que o clube estava muito decadente. O estofado de vinil estava remendado com fita adesiva. A cabine do DJ, acima de qualquer suspeita, era construída com madeira compensada barata pintada de preto. O forte cheiro de vômito pairava em um dos banheiros. Nick perguntou a Amir se as luzes podiam ser diminuídas, e o dono do clube ficou constrangido. Talvez com a iluminação mais turva e com os efeitos de *laser* ninguém notasse que o lugar era uma lixeira. Graças a Deus eles não usariam comandas para os drinques depois que as pessoas entrassem, e a primeira hora seria *open bar*, se bem que sem uma gama completa de vodcas *premium*. Nada como algumas doses grátis para deixar as coisas em ordem. Nick tentava afastar sua sensação de pavor. Mas e se ninguém aparecesse?

Além da ansiedade, seus pais haviam lhe imputado um sentimento de culpa bizarro com relação ao modo como ele estava vestido. Eles nunca pareceram se importar, nunca haviam feito um comentário em dois anos (salvo por um ou outro pedido ocasional para colocar a camisa por dentro das calças ou para alinhar sua gravata), e, justo hoje, tanto sua mãe quanto seu pai o haviam feito sentar e ouvir um pequeno sermão sobre como ele não deveria estar vestido de maneira tão maltrapilha, como ele estava representando sua família, e como ele era um Bell, e como os Bell deveriam se apresentar, agir e vestir-se de certa maneira. Nick não havia lhes dado nenhuma atenção

e estava vestindo sua costureira camiseta de sua obscura banda *punk* e uma jaqueta militar verde-oliva que ele havia conseguido na Bleecker Street no Village.

Às dez horas da noite, as portas do clube se abriram e uma notável fila já serpenteava quarteirão abaixo. Alunos de escolas particulares de toda a cidade começaram a pipocar, os caras mostrando suas carteiras de identidade falsificadas e as garotas entrando graças a sorrisos mais que provocadores e o ar de que estavam muito ocupadas para se preocupar com a possibilidade de serem barradas. A palavra de ordem aparentemente era que aquela era “a festa” para se estar na primeira sexta-feira após o início das aulas. As pessoas estavam batendo papo, bebendo, enviando mensagens de texto entre si, tirando fotos com os celulares. Nick deteve-se por um momento, satisfeito com a reviravolta, antes de topar com o problema seguinte: o DJ Apocalypse estava claramente faltando com seu compromisso. Nick ficou aliviado ao ver Patch vinte minutos mais tarde, com a câmera de vídeo digital — *a eterna muleta social de seu amigo*, ele pensava às vezes — pendurada em sua frente. Nick agarrou Patch, que lhe devolveu um olhar penetrante.

— O que você está fazendo? Eu estava no meio de uma sequência.

— Você pode editar mais tarde. Preciso de sua ajuda.

Patch ajustou seus óculos redondos estilo Harry Potter e tirou seus cabelos castanhos lisos da frente de seus olhos.

— Com o quê?

Nick apontou para a cabine do DJ.

— O Apocalypse. Não está rolando hoje — ele disse, aventurando-se em uma piada ruim.

— Provavelmente desmaiou no Gramercy Park Hotel — Patch disse. — Eu falei para você que a gente não deveria ter contratado esse cara. Quanto dinheiro você jogou fora?

— Mil e duzentos. Talvez eu ainda possa sustar o cheque — ele resmungou. — Isso não é nada bom.

— Beleza, então do que você precisa?

— Preciso que você seja o DJ. Você está com seu iPod?

Patch fez que sim com a cabeça.

— Beleza. Plugue-o no *laptop*. Está tudo conectado à mesa de som. Ninguém vai notar a diferença. Você está com todas as coisas boas aí, certo?

— O que você acha que eu ouço todo dia?

— Faça como de costume: um pouco de Daft Punk, um pouco de Interpol, algumas sobreposições. Eles vão achar que você é uma espécie de atração de abertura, e na hora em que eles perceberem que o Apocalypse não vai aparecer, eles já estarão bêbados demais para se importarem.

— Você é uma atração clássica, Bell — Patch disse.

— Cai fora. Só me dê uma ajuda, certo? Tem que dar tudo certo nesta festa. É meu nome que está

em jogo.

— Pode deixar. Mas eu vou continuar filmando da cabine.

— Patch, eu não ligo se você vai estar virando doses de Stoli^[4] lá. Simplesmente toque a música. — Nick recuou quando notou sua gafe: Patch havia se tornado *straight edge* — nada de bebidas, drogas, cigarros — depois de uma série particularmente ruim de noitadas durante o verão.

Patch concordou com a cabeça e se dirigiu para a cabine do DJ, e Nick via daquela distância que ele plugava seu iPod no *laptop* e se familiarizava com a aparelhagem. Às vezes Nick não sabia o que faria sem seu amigo.

Nick virou-se rapidamente, sentia seu sangue pulsando, pronto para solucionar o próximo problema. Amir e Costa tinham fama de se engraçar com a clientela feminina à medida que a noite se desenrolava, o que significava que frequentemente eles tinham suas atenções desviadas. Nick queria ter certeza de que tudo correria bem em sua festa, que ela não fosse como uma noite daqueles clubes chochos que eram desastre porque o bar ficava sem gelo ou uma caixa de som estourava. Enquanto ele se virava, esbarrou acidentalmente em alguém, uma garota levemente estranha de jeans e blusinha branca. Alta, bonita, cabelo comprido castanho-avermelhado, parecendo um pouco cansada na hora que colidiram. Ele se lembrava dela vagamente. Lembrava que havia lhe entregado um *flyer* mais cedo naquele dia, na escola.

— Desculpe — ela disse rapidamente, ainda que fosse claramente culpa dele.

— Você é nova aqui, certo?

Ela sorriu.

— Sim.

— Bom, bem-vinda à minha festa. É parte oficial do *kit* de boas-vindas da Chadwick School.

— Verdade? — ela parecia séria.

— Brincadeira. É claro que não. Por favor.

— Ah. — Ela ficou um pouco mais relaxada. — Desculpe, eu me sinto tão desorientada aqui. Eu acabei de me mudar. Nossa, isso soa tão desinteressante.

— Não se preocupe com isso. Você quer uma ficha para bebida?

— Claro, obrigada.

Bastou que Nick enfiasse as mãos nos bolsos para que ele percebesse que não tinha mais nenhuma.

— Droga, me desculpe. Eles ainda não me deram nenhuma. Quer me acompanhar até o bar?

A garota fez que sim com a cabeça. Nick estava prestes a perguntar seu nome e dizer o seu a ela quando um quarteto de meninas de Chadwick, todas do último ano, veio até ele berrando seu nome.

— Nick Bell! — uma delas exclamou, fazendo voz de criança, com um alvoroço de perfume e unhas feitas. — A sua festa está *tão* legal. A gente nem imaginava... quer dizer, a gente veio aqui só

para dar uma passadinha depois do jantar, mas está tudo tão adorável. Sério mesmo. Tão cru. Tão real. Você os pagou para eles deixarem o lugar desse jeito? Quer dizer, as paredes prateadas, o... — ela diminuía a voz — o estofado com essa aparência tão barata. Está *muito* legal. É *tão* centro-da-cidade!

— Não, é meio que... — Nick vacilou. — É, claro. Nós deixamos deste jeito. — Deixe elas pensarem o que quiserem, certo? — Vocês sabem... — Ele se virou para procurar pela garota que supostamente o acompanharia ao bar, mais ela havia desaparecido na multidão. Essa era a parte em dar festas que ele mais odiava: você nunca conseguia conversar com ninguém, e às vezes, se você não fosse rápido o suficiente, não conseguia nem pegar seus nomes. Todos sempre pensavam em Nick como um garoto das festas, mas não era dessa maneira que ele pensava em si mesmo. As festas eram algo apenas para se fazer, para se passar o tempo. Não eram o que ele queria fazer de sua vida. Parte disso era apenas para provocar seus pais. Sua mãe e seu pai tinham deixado bem claro que dar festas no centro da cidade não era uma profissão apropriada para alguém de sua, nas palavras de sua mãe, “classe social”. Esperava-se que ele se tornasse um instrutor de navegação, ou fosse exercitar-se no tênis, ou aprender outra língua estrangeira.

As quatro meninas desapareceram. Nick estava aliviado por ter evitado seus comentários totalmente padronizados. Mesmo ele achava as garotas do último ano intimidadoras, embora as conhecesse desde quase sempre. Mas agora ele percebia que tinha começado a achá-las francamente irritantes.

Olhando em volta, ele constatava que a garota de cabelo castanho-avermelhado havia desaparecido.



QUATRO

Lauren havia chegado elegantemente atrasada na festa. Viu as poucas garotas que conhecia, mas simplesmente acenou como se dissesse “falo com vocês mais tarde” e então se direcionou ao bar. Ela não tinha nada para fazer no dia seguinte, um sábado. Sua mãe estava indo ao East Hampton para um almoço oferecido pela família de um amigo, então Lauren teria o apartamento só para ela. Sua irmãzinha, Allison, era uma novata em internato em Connecticut, e ela havia voltado para lá havia uma semana. Lauren sentiu uma pontada de solidão, embora tentasse engolir em seco. Ela nunca havia sido uma dessas garotas que grudavam nos namorados feito goma de mascar, e ainda assim, em horas como essa, ela admitia que seria legal ter alguém em sua vida. Ela havia planejado ir à festa com um trio de meninas da escola, mas tinha desistido na última hora. As três iriam se encontrar em uma casa no East Seventies para virar doses de bebidas antes da festa, mas Lauren não gostava de aparecer completamente bêbada. Ainda que Diana Mortimer viesse bebendo mais que o de costume recentemente, era outra coisa que sua mãe havia lhe ensinado: chegar em um lugar trançando as pernas era algo desprezível. Mas agora que ela engolia sua primeira vodca com soda da noite, tinha uma refrescante sensação de isolamento enquanto o álcool esquentava seu peito. Era como se a festa estivesse acontecendo ao seu redor e ela não estivesse conectada a ela de forma alguma. *É isso aí. Esse é o começo do meu primeiro ano no colegial. E eu estou completamente, absolutamente, sozinha, uma princesa vestida para o baile sem ninguém para me cortejar.*

Seu namorado do ano passado, Robert, havia se formado e ido para Dartmouth, uma das escolas para onde todos os bons meninos da Park Avenue iam, e Lauren estava surpresa ao perceber que ela não sentia sua falta, uma revelação que apenas a deixava ainda mais triste. Ela havia perdido sua virgindade com ele, mas agora que ele havia partido, que havia seguido em frente, não iria mais vê-la ou falar com ela. Era como se nunca houvesse acontecido de fato. Nunca havia dado certo mesmo, até Lauren sabia disso. Ela queria alguém muito mais excitante que um aluno sem sal de escola preparatória, mas, ainda assim, sua ausência ainda ressoava dentro dela. Pensou com um suspiro no tipo de gente com quem sua mãe queria que ela andasse. Sua mãe já estava fazendo *lobby* para que ela participasse de um baile de debutante chamado International, mesmo ele estando há mais de dois anos para se realizar. O que poderia ser mais degradante que fazer par com um cara que ela mal conhecia e ser tragada para um redemoinho de festas superficiais? Era o tipo de coisa que soava como uma explosão quando ela tinha treze anos, mas, agora, tinha muito pouco apelo.

Lauren ficou atrás de uma menina esbelta, de cabelos longos como os dela, que olhava preguiçosamente para seus amigos no meio da multidão. A menina estava equilibrando uma bebida na borda do bar e, ao tentar retirar um dólar da carteira, a bebida quase caiu e Lauren a agarrou.

— Oh, meu Deus, eu sinto muito — disse a menina. — Eu sou uma palerma.

— Não se preocupe — disse Lauren, devolvendo-a para ela.

Lauren olhou para a menina da cabeça aos pés, um hábito terrível que tinha adquirido de sua mãe. Era simplesmente grosseiro, mas não podia evitá-lo quando olhava para outras pessoas.

— São sapatilhas de balé? — Lauren perguntou, sentindo um pingo de nostalgia pelos dias há muito perdidos no estúdio de Madame Pomeroy na Third Avenue. Ela não praticava balé desde que tinha onze anos.

— Oh, sim — disse a menina. — Eu sei, um tanto idiota, foi o que vi primeiro entre os sapatos.

— Não, eu adoro. São geniais E prateadas! Como Lanvin. Por favor, não me odeie se eu copiar.

— Oh, eu não me importo.

— Qual é seu nome?

— Phoebe Dowling.

A menina apresentou-se quase como se ela não esperasse que Lauren lhe oferecesse seu nome, mas Lauren o fez de qualquer maneira.

— Então você é nova? Nada mau ser convidada para a festa de Nick Bell.

— Para ser honesta, eu não tenho ideia do que estou fazendo aqui.

A menina parecia sincera. Lauren apreciava isso. Ela agarrou a mão de Phoebe e acenou para o outro lado da sala.

— Venha comigo. Estamos sentados lá em cima.

Este foi um lado totalmente novo de Lauren, quase sempre egoísta. De repente a ideia de ter alguém sob sua asa, de mostrar aos outros, parecia estranhamente atraente.

A noite passava voando para Nick, enquanto as pessoas o arrastavam para diferentes rodas de conversas. Antes que ele pudesse perceber, os ponteiros já indicavam meia-noite e meia. Ele havia posado para as fotografias requisitadas e se certificado de que tudo estava em ordem (as pessoas certas haviam de fato aparecido, e, salvo pela ausência do DJ e da vodca, já prevista, as coisas estavam nos trilhos de maneira bem razoável). Ele podia finalmente se afastar do grupo que virava doses e ir até a cabine checar como estava Patch.

— Tudo certo? — ele perguntou. Seu amigo estava debruçado sobre a mesa de som, sua blusa azul Old Navy com capuz quase o fazia parecer um DJ de verdade.

Patch assentiu.

— Eu baixei umas faixas novas... vai ser matador!

— O pessoal está me mandando mensagens com todas estas solicitações — Nick disse.

— Dá só uma olhada. — Nick passou seu celular para Patch, que copiava o nome de algumas músicas que as pessoas queriam ouvir. Nick viu seu telefone vibrando na mão de Patch.

Patch lhe deu um súbito olhar de desconforto.

— Você recebeu uma nova mensagem. — Ele passou rapidamente o aparelho de volta para Nick. Não era uma nova solicitação. Nick franziu as sobrancelhas. Era de um número desconhecido.

GANSEVOORT STREET, 53 - 1:00 AM. VOCÊ SABE O QUE FAZER.

Nick via suas mãos tremerem. Ele tinha ouvido falar de mensagens como essa, mas não tinha certeza do que se tratava. Ele franziu as sobrancelhas de novo.

— O que foi? Tem algo errado? — Patch perguntou.

— Não, nada — disse Nick rapidamente, esperando que Patch não tivesse visto a mensagem. Era o tipo de coisa sobre a qual não se podia falar. O próprio celular de Patch repousava próximo à mesa de som: nenhuma mensagem. Nick respirou fundo. Ele se sentia horrível por mentir para seu amigo, mas não tinha escolha. Aquela mensagem poderia significar várias coisas, mas ele estava certo de que ela não poderia ser da Sociedade, um lendário grupo secreto que supostamente recrutava pessoas no princípio de setembro de cada ano, começando com a classe de novos alunos que chegava às escolas particulares de Nova York. O pouco que ele sabia sobre a Sociedade era que se você fosse convidado para uma de suas reuniões, você ia, não havia perguntas, e você não falava sobre isso com mais ninguém. Além disso, talvez Patch ainda fosse aproveitado. A única maneira que Nick tinha para descobrir seria comparecendo.

Por que Nick ia querer fazer parte de um negócio assim? Era o tipo de coisa que dizia, *Você tem importância. Você é importante. Você faz parte do grupo.* Nick havia reunido os rumores que ouvira ao longo dos anos; o que ele tinha compreendido era que a Sociedade era um terreno fértil para aqueles que iriam liderar o país, liderar o mundo. Era o tipo de coisa da qual Nick havia fugido nos últimos anos, mas agora que estava neste meio, que havia recebido esse estranho convite, ele não podia resistir à curiosidade. Ele se sentia tão vendido, mas tinha de saber sobre o que era aquilo tudo.

Nick conferiu as horas no celular.

— Tenho que ir — ele disse.

— Você vai embora de sua própria festa?

Nick suspirou. Não sabia como iria explicar.

— É que eu tenho que cuidar de uma coisa.

Ele observava a multidão lá embaixo: eles estavam absortos, dançando, balançando ao som da

música. Ninguém sentiria sua falta, nem um pouco.



CINCO

Phoebe a acompanhava, enquanto Lauren habilmente a guiava pelo clube até sua mesa. Ela estava impressionada com o tino social de Lauren. Enquanto elas forçavam o caminho através da pista de dança, Lauren cumprimentava todos que conhecia com uma frase curta e um aceno rápido ignorando com um olhar ríspido aqueles que não conhecia, e chegou até a trocar farpas com uma garota que pisou no seu pé e não se desculpou. E tudo isso enquanto conversava com Phoebe, perguntando a ela de onde ela havia se mudado e quais eram seus interesses.

Isso fez com que Phoebe parasse por um momento — não era Lauren Mortmimer conhecida como a menina mais vagabunda da escola? Uma *fashionista*? A abelha rainha de Chadwick? Ultimamente, entretanto, as pessoas diziam que Lauren havia se tornado mal-humorada e introspectiva — Phoebe achava que isso soava mais como seus amigos eram. Ainda assim, ela seria cautelosa; em dois dias de Chadwick, Phoebe já tinha ouvido a maioria das histórias sobre Lauren, embora ela não soubesse se eram fatos ou apenas boatos. Como Lauren teria roubado o namorado de outra menina; como Lauren havia conseguido um estágio na *Vogue* usando os contatos de sua mãe; como a mão de Lauren havia sido prometida a um conde italiano de vinte e um anos; como Lauren nunca voava em linhas comerciais, apenas no avião particular de seu pai. Phoebe não fazia ideia de em quais histórias podia acreditar, então decidiu que a encararia como um valor nominal: uma bela garota em roupas muito caras.

No que se referia à moda, Phoebe sentia-se dolorosamente despreparada para a noite. Todas as suas roupas de Los Angeles — mesmo seu conjunto gracioso que ela havia conseguido de Fred Segal — não pareciam boas. Mas aparentemente ela havia conseguido atingir o ponto certo: calças jeans justas, uma bata e, para completar (o que Lauren havia classificado como completamente *au courant*^[5]), um par de sapatilhas de balé que ela havia pintado com *spray* prateado para uma peça da escola, que agora começava a descascar em algumas partes mas que ainda estava decentemente em forma. Graças à sua ansiedade, Phoebe tinha decidido ir sozinha à festa. Ela havia prometido a si mesma que não faria isso em Chadwick, que ela não se submeteria aos horrores de aparecer sozinha, mas sabia que não teria escolha se quisesse mesmo ir à festa. Embora ela tivesse conhecido um punhado de garotas nos primeiros dias de aula, ela não conhecia nenhuma delas bem o suficiente para ligar e *pedir* — e a possibilidade de que elas pudessem de fato negar o pedido era horrível

demais para se levar em consideração. Ela imaginava que, se não estivesse curtindo, poderia andar os cinco quarteirões de volta para casa. Então, que se dane, pensou. O que ela teria a perder?

Elas chegaram à mesa repleta de garotas bem-vestidas que pareciam entediadas. Lauren se deslocou suavemente, com a confiança de quem sabia qual era o seu lugar, e houve uma troca de beijos no ar. Por um momento Phoebe teve o péssimo pressentimento de que teria de se apresentar, mas Lauren veio em seu auxílio.

— Gente, essa é a Phoebe. Ela é de Los Angeles. Da parte legal, não da asquerosa. — E Phoebe foi apresentada a Irina, uma garota de olhos escuros esfumaçados, a Chloë, uma garota loira que tinha o que parecia ser uma bolsa Birken rosa, embora Phoebe não pudesse ter certeza, e a Victoria, que tinha os ossos da face mais sobressaltados que Phoebe já havia visto em uma menina de dezesseis anos.

Phoebe tinha gostado de Lauren, mas o resto delas... parecia que tinha saído das páginas de uma revista. Achou cansativo e também estranhamente gracioso. Ela tinha vontade de sacudir Lauren e dizer: “ Você gosta mesmo dessas pessoas? Você não acha que pode conseguir coisa melhor?”. Mas, em vez disso, ela sorriu jovialmente e tentou acompanhar a conversa, embora não fosse fácil com aquela música ensurdecadora e os efeitos de luz. As meninas lhe perguntavam de tudo sobre seus tempos em Los Angeles, e sobre o trabalho de fotografia de sua mãe, e a galeria que estava expondo suas fotos. Tudo era tratado como “incrivelmente demais”, o que surpreendia Phoebe, que nunca havia considerado o que sua mãe fazia como algo “demais”. Ela sempre havia pensado nisso como extravasamento de uma angustiada, torturante, dor interior. Mas talvez fosse assim mesmo com a arte. Você sofria e, no final, as pessoas achavam isso algo “demais”.

Ela dava pequenos goles em gim-tônica, perdida em seus pensamentos. Ela desejava tanto que sua mãe, Maia, fosse feliz aqui, que conhecesse alguém. Não era nada fácil cuidar de sua mãe quando ela tinha acessos de choro durante todo o tempo que tinha livre e nem pegava sua câmera, a única coisa que ela realmente amava (fora Phoebe, é claro), por meses seguidos. Mas agora a carreira de sua mãe voltava a decolar; ela estava namorando. Phoebe também tinha a chance de refazer sua vida, de moldá-la da forma que quisesse. Não importava que elas não fossem ricas (o sobrado na Bank Street era temporariamente delas graças a um rico escultor amigo de sua mãe), e não importava que elas não fossem famosas. O pai de Phoebe, além de tudo, era um investidor que havia perdido muito dinheiro durante a última recessão. Quando havia começado a fazer algum dinheiro novamente, ele e sua mãe haviam se distanciado, e possibilidade de sair com mulheres mais jovens veio antes da família. Agora ele estava de volta a Los Angeles, e elas estavam ali, um ano e meio depois do começo da separação, à deriva na ilha de Manhattan. Ela não sabia o que fazer com todos aqueles sentimentos, e de repente se viu ali, dispersa, enquanto estava sentada com as amigas de Lauren, entornando seu gim-tônica como se não bebesse nada há meses.

Era tudo tão fácil para essas meninas. Fora a leve ponta de descontentamento que Phoebe pressentia em Lauren, elas não aparentavam ter nenhuma preocupação como as de Phoebe: Ela iria entrar em uma boa faculdade? Ela em algum momento seria bem-sucedida como uma artista? Ela teria alguma oportunidade logo ou teria de esperar tanto quanto sua mãe? E se fosse primeiro, ela corresponderia às expectativas? O trabalho dela era minimamente bom? Todos os trabalhos que ela havia feito em Los Angeles — uma mistura de colagens combinadas com pinturas, no geral — estavam agora empacotados, mas talvez ela devesse pegá-los e continuar trabalhando neles.

— Hei — Lauren a cutucou. — Você está bem?

— Desculpe — disse Phoebe —, eu só estava distraída. É um monte de coisas para se pensar, mudar de cidade e tudo o mais. — Ela mordeu o lábio, constrangida por ter revelado vulnerabilidade. Essas garotas não eram do tipo vulnerável, ao menos não por fora.

— Onde você mora?

— Bank Street.

— Meu Deus! Eu *amo* aquela rua. Tem um lugar nas redondezas que tem os melhores *cupcakes*.

Phoebe assentiu com a cabeça e sorriu. Era isso que a maioria das pessoas dizia quando ela mencionava a Bank Street. Era uma rua adorável, cheia de verde e sobrados feitos de pedra que datavam de antes das guerras mundiais, mas a única coisa que as pessoas mencionavam eram os malditos *cupcakes*, como se nada mais importasse no mundo.

Phoebe sentiu seu telefone vibrar e o segurou. Uma mensagem, provavelmente de sua mãe. Ela usava um aparelho antigo de sua mãe da marca Razr, que ela esperava não ser pateticamente cafona. Ele já tinha sido legal, muitos anos atrás, certo?

Era um número desconhecido, com uma mensagem estranha sobre um encontro em um endereço que provavelmente ficava nos arredores. Será que era uma outra festa? Um tipo de trote?

Ela mostrou-a para Lauren, que estava olhando intensamente para seu próprio celular.

— Meu Deus — Lauren sussurrou. — Eu também recebi uma dessas.

— A gente não pode ir, pode? Nós não temos ideia...

— Eu acho que sei o que é isso. Nós temos que ir. Eu nunca pensei que essa noite... parece tão *aleatório*. Nós estamos vestidas de maneira apropriada? Bom, você está ótima. — Lauren passou os dedos pelo cabelo, deixando que ele caísse sobre seus ombros. Ela parecia fabulosa, Phoebe pensou, essa menina da parte alta da cidade, com cabelo maravilhoso, face radiante, e um nariz fino perfeito, vestindo jaqueta de couro e uma saia retrô. Ela queria contar a Lauren, mas aquilo parecia, bem, meio deplorável. As outras três garotas estavam olhando para Phoebe e Lauren com estranhamento, como se as duas estivessem cochichando. Lauren conseguiu salvá-las rapidamente. — É que tem esse cara de quem a Phoebe gosta... Eu estava apenas contando a ela o que eu sei.

Phoebe sentiu que havia ficado um pouco vermelha, mas não importava. As três aprovaram

balançando a cabeça. Interessante, Phoebe pensou, como elas não haviam feito mais perguntas. Era como se Lauren tivesse o poder de lhes dizer quando falar e quando ficar de boca fechada.

— Nós vamos tomar ar — Lauren disse. — Está tão abafado aqui, vocês não acham?

— Eu estou bem — Chloë disse, e as outras concordaram com a cabeça. Lauren pegou Phoebe e a empurrou para fora da cabine. Phoebe não tinha certeza sobre o que fazer de tudo aquilo. Lauren começou a sussurrar enquanto elas subiam as escadas até o nível da rua.

— Não sei como explicar... é como um clube apenas para convidados, pessoas do seu ano. Eu só ouvi rumores. Você não pode saber quem faz parte dele. Eu conheci uma garota, muito popular, que era supostamente uma integrante. Ela se mudou para Hollywood depois da faculdade e agora trabalha no cinema. — Lauren citou uma estrela em ascensão de vinte e poucos anos.

Phoebe estreitou os olhos.

— E é esse grupo que nos enviou aquelas mensagens? Como eles conseguiram nossos números?

Lauren encolheu os ombros.

— Não sei. Essa não é uma informação difícil de arrumar.

— Não sei não... isso soa meio estranho, como um culto ou coisa do tipo. — Agora elas estavam na calçada.

— Eu não diria um culto — Lauren disse, ainda sussurrando.

“Então por que todo esse sigilo?”, Phoebe pensava.

— É mais como um grupo — Lauren continuou. — Pense nele como um clube particular, como o Union Club, ou o New York Racquet Club, ou o Soho House, ou algo assim... é apenas algo que as pessoas não comentam muito.

Phoebe reparava nas pessoas que estavam na rua: um bando de garotos e garotas fumando, flertando, trocando ofensas e provocações. Era como se o belo batalhão de Chadwick tivesse sido transportado para a Forteenth Street e, em vez de parecerem desencaixados, haviam adotado o lugar como deles próprios naquela noite. O garoto que havia conversado com ela mais cedo estava forçando seu caminho através do aglomerado de pessoas. Phoebe desviou o olhar de repente, tímida. Era tarde demais.

— Lauren! O que você está fazendo aqui a fora? — o garoto perguntou à nova amiga dela.

— A gente tem que ir a outro lugar — Lauren disse. — Outra festa. De um amigo da Phoebe.

— Ah, quer dizer que você tem um nome. — Ele sorriu e lhe estendeu a mão. — Legal finalmente te conhecer. Quer dizer, oficialmente. Eu sou o Nick.

— Você também — Phoebe disse. De repente ela começou a projetar seu melhor eu. Era isso que ela faria: seria a melhor pessoa que ela podia imaginar ser. Era isso que ela leu que Nova York sempre faz às pessoas: você se transforma em sua melhor versão.

Desconsiderando suas restrições, seu melhor eu estava acompanhando seus novos amigos para

um endereço estranho.

— Eu vou andando com vocês — Nick disse. — Só preciso pegar uma coisa ali em frente. Costa me deixou um negócio para... — Phoebe notava que Nick engasgava nas palavras.

— Claro — disse Lauren.

Eles começaram a caminhar e então pararam, de maneira meio estranha, vinte passos depois na calçada imunda. Estavam protegidos das vistas da multidão por uma lixeira.

— É bem aqui — disse Nick.

Lauren sacou seu celular e conferiu o endereço. GANSEVOORT, 53. Era lá mesmo, uma porta dupla enorme, coberta de adesivos e grafites, trancada com ferrolho. Havia um interfone sujo e de qualidade inferior do lado direito.

— Hum, é aqui que nós vamos, também — disse Lauren. Ela deu um passo adiante e tocou o interfone, olhando para trás, na direção de Phoebe, só para se assegurar. Estava um pouco assustada, embora sentisse que essa era a coisa certa a fazer. Às vezes, as coisas em Manhattan eram simplesmente estranhas; ela não ia deixar uma reunião às altas da madrugada no Meatpacking District assustá-la. Ela olhou na direção de Nick, que, pela primeira vez em todo esse tempo que se conheciam, parecia inseguro.

Não houve som, mas a porta se abriu. Antes que os três pudessem trocar observações sobre o que estava acontecendo e o que estavam fazendo, foram guiados para dentro por um homem vestindo um terno feito sob medida com um monóculo pendendo de sua lapela.

O espaço lá dentro era enorme e cavernoso, muito maior que o clube subterrâneo onde estavam. Tudo era muito escuro, exceto por um caminho iluminado por velas, com cera pingando no concreto. À frente deles, banhada por muitas manchas de luz, uma festa estava acontecendo. Os homens vestiam *black tie* e as mulheres, vestidos longos de noite, e todos usavam máscaras. Um garçom apareceu carregando uma bandeja de coquetéis em taças de martíni. Lauren aceitou e deu um gole devagar e cauteloso. Tinha gosto de dropes de limão.

A música que preenchia o ar era um *swing* de uma *big band*. Uma mulher negra em um vestido de paetês branco e uma estola de peles da mesma cor estava cantando em um pequeno palco em frente à banda, vibrando com a música. Lauren reconheceu a música; era algo que sua mãe costumava ouvir quando estava se sentindo nostálgica: “Between the Devil and the Deep Blue Sea”. Uma música sobre estar preso ao amor.

Lauren olhava para os outros doze que ingressaram com eles, identificáveis por não estarem vestidos como os outros ou usando máscaras. Ela conhecia alguns jovens de outras escolas. Reconhecia Alejandro Calleja, filho de um bilionário argentino, e Claire Chilton, cuja mãe era diretora da New York Junior League. Lauren não era particularmente próxima de nenhum deles. Alejandro era conhecido por ser um completo jogador, e Claire se vestia de maneira tão

padronizada que Lauren suspeitava que sua sempre presente faixa de cabelo estava fixada permanentemente em seu crânio. Todos pareciam apreensivos sobre onde estavam e o que estavam fazendo. Depois de observar o ambiente, Lauren percebeu que ela, Nick e Phoebe eram os únicos de Chadwick.

— Lauren!

Ela ouviu seu nome e olhou para o alto. Uma mulher não muito mais velha do que ela e usando um vestido feito de plumas gesticulava para ela. Lauren deu um passo adiante, embora se sentisse um pouco zonha.

Quando olhou mais de perto, Lauren reconheceu quem era. Uma garota um ano mais velha, que também havia crescido na cidade, Emily van Piper, alguém que nunca havia lhe direcionado mais que umas poucas palavras. Elas se abraçaram, e Lauren sorriu.

— Estou tão feliz que você esteja aqui! — disse Emily. — Não é emocionante?

Lauren fez que sim com a cabeça, embora não soubesse exatamente *o que* era tão emocionante. Era, é claro, totalmente glamoroso: era como se eles estivessem nas páginas de um catálogo de moda dos anos 1940, ou no baile Preto e Branco de Truman Capote^[6]. Mulheres fumavam suas longas cigarrilhas pretas; homens tomavam champanhe em suas taças ou martínis trazidos pelos garçons em bandejas de prata. Se ao menos ela estivesse vestindo algo mais interessante...

Ela observou sua roupa, sua jaqueta de couro, sua saia cinza e sua bolsinha, e percebeu que estava perfeita. Ela era a personificação do chique que se vestia no centro da cidade. Tomou outro gole de sua bebida. Ela era a pessoa mais bem-vestida ali.

Ela se virou para encontrar Phoebe, que estava envolvida em uma conversa profunda com um senhor mais velho.

— Eu conheço o trabalho de sua mãe — ele dizia. — É arrebatador. Ela vai causar um bom impacto no mundo da arte. Aguarde.

Phoebe o apresentou a Lauren.

— Eu não posso acreditar nisso — disse Phoebe. — É como... bom, é como uma festa.

— É a melhor festa em que você já esteve — disse Lauren.

— Ah, não — disse o senhor. — A festa só começa mais tarde. Muito, muito mais tarde.

Aquele drinque, Nick havia descoberto, se chamava Amnésia. Da época de suas primeiras saídas para clubes e das explorações no armário de remédios de sua mãe, ele era capaz de arriscar que ele continha uma combinação de quetamina e Vicodin, talvez com um pouco de Xanax para dar uma amenizada. Ele não acreditava na *Special K* ^[7] — ele sabia que era uma droga pesada, que mexe com você, uma droga usada em clubes derivada de um tranquilizante para cavalos. E ainda assim, naquela noite ele estava feliz por tê-la mandado guela abaixo.

Ele via o ambiente vibrando, como se a cada passo que desse estivesse em um nível diferente, e Nick sabia que ele deveria ter controle sobre seus próprios passos. As garotas ainda bebiam seu primeiro drinque, enquanto ele já estava no segundo.

O homem que tinha estado conversando com Phoebe e Lauren se dirigia até Nick.

— Nicholas Bell — ele disse, dispendo a mão para que Nick a apertasse —, eu acredito que a Sociedade dispensa apresentações. Você aceita?

Nick fez que sim com a cabeça, uma reação tão rápida que chegou a surpreendê-lo. Ele nunca havia pensado em si mesmo como do tipo que faria parte de uma sociedade secreta. Mas essa festa, essa iniciação — era tudo muito legal, ele tinha que admitir. E se eles estavam convocando gente como Lauren e essa nova garota, Phoebe, então não deveria ser aquela instituição empetecada que ele havia imaginado. Talvez esse fosse o momento pelo qual ele vinha esperando, o momento de integrar sua vida atual com aquela que seus pais queriam para ele. Se a Sociedade se reunia no Meatpacking District, então era muito diferente do tipo de grupo que seu pai havia descrito.

Houve uma conversa com seu pai, Parker Bell, durante o verão, com todo tipo de referências indiretas, mas ele havia desconversado; havia sido mais estranho do que falar sobre sexo. Mas agora que estava realmente acontecendo, fazia sentido. É claro que ele seria convidado. Sua família era uma das mais antigas de Manhattan; seu pai era o presidente da Bell Trading Company, a qual manufaturava as peças que compunham a infraestrutura de cidades, tudo, de dutos de aço a trilhos de metrô. Seu pai costumava dizer que metade de Manhattan havia sido construída com produtos Bell. Sua mãe participava da diretoria de numerosas instituições de caridade. Seus pais eram frequentemente vistos e fotografados em todos os lugares certos: campanhas de doações para o Met ^[8], óperas, balés, o Museu de História Natural e a Fundação Bell, é claro. Não havia motivos para ele não ser convidado. Isso devia significar que seu pai também era um membro. Não poderia

ser de outra forma. Ele não sabia quem eram aquelas pessoas ou o que defendiam, mas ele sabia o nome da Sociedade, e isso já era suficiente para ele, por enquanto. Pelo menos uma vez, ele havia atingido o grau que esperava, que eles o queriam exatamente como ele era. Era um sentimento delicioso — era verdade, ele pensava, ou resultado da bebida? Ele não sabia, mas mesmo que esse pensamento sobrevoasse sua cabeça, ele saboreava a sensação de excitação, e aventura, e aceitação, enquanto acompanhava o homem por um corredor escuro e depois por uma escada.

Uma vez que estavam no andar de baixo, Nick ficou ofegante. Ele estava em uma sala repleta de coisas que pareciam caixões, não do tipo de madeira, mas mais como sarcófagos, decorados com motivos egípcios, imagens de divindades, animais, oferendas sagradas. Velas com chamas que chicoteavam nas paredes brutas e inacabadas do porão. Logotipos de empresas frigoríficas eram perceptíveis sob a pintura descascando. Um complicado sistema de correntes e roldanas se espalhava pela sala, com ganchos a cada poucos metros. Um antigo matadouro, esse era o lugar onde eles estavam dando uma festa. Ele viu um rato fugir apressado por uma viga e entrar em um buraco na parede. Nick estremeceu. Ele achava que o clube vizinho era tão bruto, tão árido, mas aquele lugar é que de fato era... e agora ele se sentia cansado, tão cansado...

Uma mulher veio até ele, vestindo uma máscara como os outros.

— Você gostaria de repousar? — ela perguntou.

Ele confirmou com a cabeça, mal aguentando o peso de sua cabeça. Dois homens se adiantaram e o colocaram no caixão mais próximo. Normalmente ele teria achado aquilo apavorante, mas naquela hora lhe parecia a coisa mais natural do mundo. Tudo que ele queria era se esparramar, e ele estava sendo posto na cama mais confortável na qual já havia dormido. A mulher pegou um punhado de alguma coisa e colocou sobre sua testa; cheirava a lavanda. Ele permitiu então que sua pálpebra se fechasse.

Phoebe girando, uma aura extraordinária a envolvia. Ali estava tudo o que ela esperava conseguir em Nova York... essa festa, o cenário gótico, a banda de *jazz*... Era inspirador... Palavras e imagens e sons vinham até ela... Ela queria ir para casa e começar a trabalhar em sua arte...

Ela deve ter tido um *blackout* em algum momento, porque ela acordou e se viu em um lugar escuro. Ela estava em uma caixa estofada com veludo. Cheirava a dama-da-noite, como o perfume de sua avó. Ela estava prestes a gritar quando sua pálpebra se abriu e ela viu que estava em uma sala, de alguma forma parecida com a do andar de cima, com um teto que estalava. Uma mão amigável — jovem, feminina, de unhas pintadas de um tom de vermelho — se aproximava dela, e Phoebe a segurou. Ela ainda se sentia grogue, como se estivesse debaixo d'água. Tudo confluía,

como se ela pudesse segurar tudo junto...

Ela olhou para o rosto. A mulher vestia uma máscara, o plástico fino do tipo que permitia ver os traços de quem a usava. Na máscara, entretanto, estava estampado outra face. Phoebe se aproximou e sentiu um berro brotando dentro de si, ainda que ela estivesse muito impressionada para produzir qualquer som. Era seu próprio rosto estampado na máscara.

Os traços da mulher se fundiam com os seus. A mulher colocou um dedo sobre seus lábios.

— Silêncio, por ora. Tudo vai fazer sentido mais tarde.

A mentora de Lauren permaneceu com ela; eles eram aproximadamente da mesma altura. Lauren havia tido a mesma reação que Phoebe: surpresa, depois espanto com seu rosto projetado no de Emily van Piper. Ela seria a mentora de Lauren durante tudo aquilo, como uma irmã mais velha, Lauren concluía. Emily lhe passou uma lista escrita à mão em uma folha de um material que parecia ser papiro ou algum tipo antigo de papel:

♀ *Você reconhece que a adesão à Sociedade é um privilégio que acarreta tanto responsabilidades quanto recompensas. Quando um membro falha, todos falham.*

♀ *Os membros são vinculados aos níveis mais rigorosos de sigilo. Você não falará sobre a Sociedade com pessoas de fora, nem família, nem amigos.*

♀ *Além das funções da Sociedade, você não tem liberdade para discutir sobre a Sociedade com os outros membros.*

♀ *Você deixará o ambiente quando a Sociedade for mencionada em um espaço público.*

♀ *Você comparecerá com todas suas as obrigações e aos encontros caso seja requisitado. Você não se atrasará.*

♀ *Infrações a essas e outras regras serão punidas com quaisquer meios que o Líder da Sociedade julgar apropriado.*

♀ *Você aceitará as ordens da Sociedade acima de quaisquer outras, sejam elas da igreja, da escola ou do estado.*

— Você aceita essas regras como princípios para sua adesão? — perguntou Emily.

Lauren assentiu com a cabeça. Ela sentia que não tinha muita escolha, sentia que se não fosse

para ela fazer parte da Sociedade, ela não teria sido convidada, não teria vindo até o galpão, não teria aceitado o drinque que a havia feito se sentir tão cansada.

— Sim.

— Você vai precisar tirar seu colar.

Lauren esticou o braço até atrás de seu pescoço e soltou o fecho da correntinha que estava usando, com uma bijuteria que ela havia comprado em uma loja *vintage*. Ela procurava por sua bolsa, mas não conseguia se lembrar de onde a havia deixado. Emily lhe entregou, e ela guardou seu colar.

Ela foi levada para outra sala onde os iniciados recebiam o que parecia ser uma tatuagem em suas nuca. Lauren estremeceu por um momento. Ela nunca havia se entusiasmado com tatuagens, sempre havia pensado nelas como uma moda passageira.

— Eu não sou do tipo...

Emily se virou e levantou seus lindos cachos castanhos.

— Olhe de perto.

Lauren examinou o pescoço de Emily.

— Eu não vejo nada.

Emily continuou parada.

— Olhe de novo.

Lauren observou mais de perto e finalmente conseguiu ver a tatuagem na penumbra, uma tatuagem do tamanho de uma unha em sua nuca. Era quase imperceptível naquela luz e, durante o tempo em que estivesse fora dali, poderia ser escondido sob o cabelo de Emily ou suas roupas.

— O que é isso?

Emily apontou para o topo da folha que havia lhe entregado, onde havia um símbolo, uma cruz com um círculo em sua parte superior.

— É uma cruz ansata. O símbolo egípcio para “vida”. Ela nos une. Uma vez que você a recebe, passa a fazer parte da Sociedade. Eu também fiquei assustada, mas agora a acho bonita.

Lauren concordou. Era bonita e, além disso, ninguém nunca a veria, a não ser que ficassem parados bem atrás dela.

— Chega a doer?

— Não mais do que um *piercing* na orelha — disse Emily. — Venha.

Havia uma cadeira vazia em frente a elas e Lauren se sentou. Um sujeito usando uma máscara preta de couro estava segurando a máquina de tatuagem. Seu cabelo foi levantado e ela sentiu uma série de picadinhas na nuca. De fato, não doía nada; ela suspeitava de que o drinque que havia bebido a havia deixado anestesiada. O homem, ela havia notado, estava usando luvas de látex, pegou um curativo e o aplicou sobre a área onde havia estado trabalhando. Emily colocou então,

gentilmente, o cabelo de Lauren sobre seus ombros.

— Já acabou — disse Emily. — Seja bem-vinda!

Descendo a rua, a festa continuava. Patch, entretanto, não estava mais na cabine do DJ, e isso já por um bom tempo. Ele havia preparado uma lista para seis horas de música, o que era mais do que suficiente, e havia trancado a porta da cabine, deixando uma placa com os dizeres *Entrada proibida* escritos de maneira apressada. Ele havia reparado no celular de Nick enquanto copiava os pedidos de músicas, e ele sabia o que aquilo significava. Era a Noite do Novo Nascimento, a festa de iniciação da Sociedade. Sua avó havia namorado um membro da Sociedade nos anos 1940, então ele sabia que era nessa época do ano que os novos membros eram convocados. Genie o havia alertado sobre essa noite, havia pedido que ele tomasse cuidado.

Cinco horas depois de escapar da cabine do DJ e de subir por um duto de ar que o levaria para o interior do prédio vizinho, ele ainda estava sendo cauteloso. Cauteloso o suficiente para trazer baterias e cartões de memória extras para sua câmera. Cauteloso o suficiente para trazer um filtro infravermelho para visão noturna, o qual ele havia encomendado pela internet especialmente para as filmagens daquela noite. E depois que tudo isso tivesse acabado, cauteloso o suficiente para guardar bem protegidas em sua mochila as cinco horas de filmagens que havia feito, enquanto atravessava o centro da cidade sob a luz do sul que começava a despontar, e tomava a direção da Lexington Avenue Express para pegar o trem que o levaria para casa.

Phoebe estava inquieta enquanto aquele grupo de quinze pessoas — Nick, Lauren e ela, mais os outros doze iniciados — saíam para a rua. Lauren estava lhe dando olhadas secas e gesticulando para que ela se acalmasse, mas ela não ligava.

— Eu não posso acreditar — Phoebe sussurrava. Ela não conseguia controlar as palavras que saíam de sua boca. — Como eles ousam! — Ela esticava a mão até a nuca para sentir a área com o curativo que encobria a tatuagem. No que ela estava pensando? Ela nunca faria uma tatuagem. Será que tinha sido seguro? Não dá pra pegar doenças de agulhas sujas? Agora eles estavam na rua, os três juntos em um grupo, separado dos outros.

— Chiu! — fez Nick para ela. — Nós conversamos sobre isso mais tarde, tudo bem?

— Quer dizer, você aceitou, né? — perguntou Lauren.

Phoebe fez que sim com a cabeça.

— Sim, aceitei. Mas eu bebi aquele negócio... quer dizer, não é assim que essas coisas funcionam, não é mesmo?

— Eu acredito que deva ser bem assim que funciona a Sociedade — disse Nick.

— O que você quer dizer?

O sol começava a se levantar com um brilho rosa-azulado que vagarosamente ia tomando conta das ruas. Passava um pouco das seis da manhã, e a luz ia aos poucos revelando a aspereza de pedra da área, sua verdadeira natureza.

— Olha, eu não quero falar sobre isso agora — disse Nick.

Phoebe mal podia acreditar no que ouviria em seguida, mas toda a noite havia sido tão incrível que ela não sabia mais o que esperar. Nick segurou seu braço.

— Me encontre mais tarde, depois que você dormir um pouco, no Viand. É um café, do outro lado da Barneys.

Phoebe concordou.

— Meu Deus — disse Lauren —, isso tudo é pra gente?

Phoebe olhou para o lado. Havia uma fila de quinze sedans pretos da Mercedes estacionados, com motoristas dentro aguardando, prontos para levá-los para casa, os motores ligados despejando fumaça. Havia poucas pessoas na rua àquela hora, uns poucos que haviam sobrado nos clubes dos arredores, mas ninguém dava muito atenção ao grupo ou aos carros. Um homem que lavava as

calçadas sujas de vômito e bitucas de cigarro em frente ao Pastis não chegou nem mesmo a notá-los. Phoebe queria esquecer a noite toda, se livrar de qualquer recordação de que aquilo tivesse alguma vez acontecido.

— Isso é um absurdo. Eu vou para casa andando. — Phoebe se distanciou do grupo antes que qualquer um pudesse impedi-la, suas sapatilhas ressoavam na calçada enquanto ela saltava alguns cacos de vidro, restos de uma garrafa de cerveja que havia sido quebrada no chão. Não havia possibilidade de um carro querer levá-la por cinco quarteirões até sua casa; não havia possibilidade nenhuma de ela entrar em um daqueles carros. Ela respirou fundo o ar quentinho da manhã, mais confusa do que ela já tinha estado em um bom tempo.

Lauren acordou naquela tarde em seu apartamento, dentro de seu quartinho azul decorado como uma gaiola: cama de ferro com dossel, lençóis de linho Pratesi nos quais ela sempre temia derrubar alguma coisa, papel de parede francês, estampado com pardais alegres que a observavam. Hoje ela sentia a mais incrível sensação de contentamento, uma vez que tudo ia muito bem. Depois de uma noitada daquelas, ela normalmente ficaria vagando pelo apartamento, tratando sua ressaca com suco de laranja e omelete. Mas hoje ela estava bem, apesar das três doses de vodca com soda que ela havia bebido, sem falar no que quer que fosse que lhe haviam servido em sua iniciação. Ela queria sair, aproveitar os últimos momentos da luz do dia antes que o sol se pusesse. Ela se vestiu rapidamente, colocando calças jeans e um suéter longo sobre sua camiseta. Apressou-se até o elevador, passando pelo belíssimo arranjo de flores de sua mãe que ficava no *hall* e era trocado semanalmente, embora o atual estivesse perdendo pétalas para a mesinha Biedermeier sobre a qual ficava. O edifício estava estranhamente silencioso, como ela notava se dirigindo ao térreo pelo elevador amadeirado. Ela cumprimentou Rory, seu jovem e belo porteiro favorito, que estava arrumando sua mesa no saguão decorado em preto e branco. Lauren deu uma olhada ao redor, como se tudo aquilo fosse novo para ela, os espelhos com padrões florais e camadas douradas da Park Avenue.

— Tem um pacote para a senhorita — ele disse com seu sotaque irlandês. Ele entrou na sala de correspondências que ficava à esquerda da portaria. O coração de Lauren saltou quando ela viu a sacola de compras com motivos em ciano e marrom-chocolate, amarrada com um fita de cetim. Era o estilo Giroux para o outono de Nova York; a loja era reconhecida por trocar as cores de suas sacolas a cada estação. Havia pessoas no Japão que colecionavam e vendiam essas sacolas no eBay, e conseguiam centenas de dólares por elas.

Lauren deu uma olhada dentro. Embrulhado em papel de seda, havia uma bolsa de mão Chloé que ela havia paquerado em uma vitrine no dia anterior, antes de comprar a saia. Era uma bolsa clássica, com uma costura maravilhosa, com fivela e fecho, e que era conhecida por ser quase

impossível de conseguir; embora restasse uma na vitrine, Lauren tinha ouvido comentários de que havia uma longa lista de espera para certas cores, particularmente para a preta. E também era vendida por mais de mil e duzentos dólares.

Um cartão da papelaria da Giroux também estava incluído no pacote, no qual se lia apenas *Meus cumprimentos*.

— Obrigada — Lauren disse a Rory, tentando agir como se aquele fosse um pacote pelo qual ela estava esperando. Ela não sabia bem o que fazer. Levar a sacola para cima? Deixar na portaria e pegar mais tarde? Não, havia apenas uma coisa a fazer: Ela pegou a bolsa, guardou o cartão em seu bolso e pediu a Rory que se livrasse do embrulho. Ela pendurou a bolsa casualmente em seu ombro sob a luz daquela tarde enquanto reparava nas babás de fim de semana carregando crianças, famílias, jovens casais passando pela Park Avenue. Enquanto ela passava toldo após toldo, todos habitados por mensageiros em uniformes que aguardavam parados em frente às portas duplas de ferro ou bronze, decidiu que caminharia até o parque. Havia algo de luminoso no ar, não a costureira névoa do fim de semana, mas um frescor que desmentia o verão indiano que estavam tendo. A bolsa a havia feito feliz, e por alguns momentos ela sentiu uma simples satisfação material.

Enquanto caminhava pelo parque, contudo, passando por vários monumentos e pontos de referência que ela lembrava de sua infância — a fonte Angels of the Waters, o Bandshell, o memorial Lennon no Strawberry Fields —, sentiu-se triste. Sua mãe chegaria de Hampatons no dia seguinte à tarde, e seu pai — bem, quem sabia por onde ele andava? Provavelmente tratando de negócios em algum lugar, se não em seu apartamento no Central Park West com sua namorada antipática. Lauren não tinha planos para a noite. As garotas estava indo para um bar em Yorkville para flertar com universitários e conseguir umas bebidas grátis, mas ela não sentia vontade de ir. Por um motivo: ela teria que explicar seu misterioso desaparecimento da festa na noite anterior. De qualquer forma, ela as veria na escola na segunda-feira; por essas alturas, elas poderiam já ter esquecido. Lauren pensava sobre essa nova garota, Phoebe, aquela cuja mãe era uma fotógrafa em ascensão. O que a havia levado à Sociedade, Lauren concluiu. Era legal da parte de Nick convidá-la para sair, como ela havia escutado sem querer naquela manhã. Lauren conhecia Nick desde sempre, e eles sempre haviam sido amigáveis um com o outro, mas nunca próximos. Embora Nick fosse bonitinho, ela nunca havia gostado de fato de sair com meninos de sua idade.

Ela deu uma olhada para a bolsa. Era linda; ela se sentia bem em carregá-la no ombro. Mas ela não havia feito nada para merecê-la. Isso não reponderia a nenhuma de suas perguntas. Ainda assim, ela a apertou forte sob o braço enquanto tentava adivinhar quem exatamente a havia lhe enviado, o que ela havia feito para ganhá-la e, o mais importante, como esparavam que ela retribuísse.

Naquela tarde, Phoebe sentou-se com Nick para beberem suas coca-colas — normal para ele, *diet* para ela — no Viand Coffee Shop, que estava agitado graças aos compradores da Madison Avenue: famílias com crianças, adolescentes, senhoras de idade com cabelo tingido que pareciam frequentar o local há anos. Ela havia concordado em encontrá-lo depois que ele lhe enviou uma mensagem para lembrá-la. (Será que o mundo todo tinha seu telefone? Ela começava a suspeitar que sim.) Não era o melhor lugar do mundo para se ter qualquer tipo de conversa, mas eles mantinham a voz baixa.

— Tá certo, você tem que explicar o que aconteceu ontem à noite — ela disse enquanto amassava o papel que embrulhava seu canudo. — Parece mais um sonho do que uma sequência coesa de lembranças. Como, não sei, um filme do Kubrick ou algo do gênero. Você parece tranquilo com relação a isso. É apenas comigo? — Ele ficou estático por um momento. Naquela luz, ela conseguia ver suas características mais delicadas, alguns pelinhos entre suas sobrancelhas, seu belo nariz romano, o relevo de suas bochechas.

— Eu sei o que você quer dizer — ele disse finalmente. — Aquilo foi surreal. É só que eu já tinha ouvido histórias ao longo dos anos e então... bem, eu não fiquei terrivelmente surpreso.

— Por histórias você quer dizer...

— A Sociedade é algo que está conectado à história de Nova York por séculos. A maioria das pessoas acha que é só uma lenda urbana, como o filhote de crocodilo que jogaram na privada e deram descarga e que agora vive nos esgotos, ou o monstro do Lago Ness, essas coisas. De qualquer forma, a Sociedade existe de verdade. Eu sei que a noite passada foi assustadora e esquisita, mas você tem que acreditar. — Ele se inclinou para a frente, falando mais baixo. — Sabe, tem gente que não tem levado isso muito a sério nos últimos anos. Esse costumava ser o tipo de segredo que se guardava até a morte. Mas agora as pessoas acham que é só brincadeira. Tem gente que até já disse não a eles. Teve um artista, um daqueles tipos renegados, tinha gente que o chamava de o novo Demian Hirst, ele havia exposto no Whitney Biennial aos dezessete anos, os donos de galeria se matavam por um quadro dele; bom, a Sociedade o convocou. Ele apareceu, sem curiosidade nenhuma, mas uma vez que ele estava dentro, resolveu fugir.

— O que ele faz agora?

Nick coçou o próprio queixo.

— Não sei. Isso foi há dois anos, talvez, algo assim. Era para ele estar na faculdade agora. É onde eu acredito que ele esteja. Espera, lembrei: ele devia ir supostamente para Brown, mas eles o rejeitaram. Disseram que suas notas não eram boas o suficiente. O cara tinha aparecido na primeira página da seção de artes da *Times* e acabou humilhado por nada. Todo mundo esperava que ele fosse mundialmente famoso. E aí, assim, simplesmente: ele renegou a Sociedade e se tornou um zé-ninguém.

Phoebe estremeceu com um calafrio.

— Como que você pode saber de tudo isso? Eu achava que tudo isso era pra ser tão *secreto*. — Ela reconheceu o tom de zombaria em sua própria voz.

Nick sorriu.

— Qual é! Você veio de Los Angeles. Você sabe como são essas coisas. Tipo como as pessoas sabem quem vai ser indicado a um Oscar antes que ele aconteça. Ou como todo mundo sabe quando um astro da TV é gay. É um desses segredos que as pessoas não conseguem guardar. Se você está na Sociedade, você tem que guardá-lo. Mas as pessoas têm falado. Teve um jornalista alguns anos atrás; ele estava escrevendo um livro sobre tudo isso, embora eu ache que não tenha dado em nada. Então não é que isso seja *assim* secreto. A verdade, ainda assim, é que ninguém sabe *de fato* o que acontece lá dentro, ao menos ninguém que esteja fora. O que aconteceu na noite passada: ninguém sabe disso.

— Mas parece que você tem algum tipo de conhecimento interior disso tudo.

Nick se remexeu desacomodadamente em sua cadeira. Parecia que ele havia sido pego.

— Meu pai ficou bêbado durante o verão, quando nós estávamos na praia. Ele não me deu todos os detalhes, mas me ajudou a preencher algumas lacunas. Só em termos mais gerais. Naquele momento eu nem sonhava que seria convidado. Não parecia que era algo que tinha a ver comigo. Mas ontem à noite... fui surpreendido.

— Então, o que significa tudo isso?

Nick a olhou fixamente, e ela estremeceu. Ela não podia se lembrar quando havia sido a última vez que alguém, quanto menos um menino, tinha olhado para ela com tanta intensidade, seus olhos azuis penetrando nos dela.

— Ficou muito claro para mim ontem à noite, Phoebe, que eu não deveria recusá-los. Só pelo que meu pai me disse e pelo que eu vi lá. E eu acho que você também não deveria. Eu tenho certeza de que há muitas coisas que você espera de Chadwick, da vida, de seu primeiro colegial. E eles podem ajudar você a conseguir.

— Mas isso é ridículo! Nós deveríamos conquistar esse tipo de coisa nós mesmos.

— Nós temos mesmo que conquistá-las nós mesmos. Eu quero dizer, eles não podem colocar você dentro da faculdade que você quiser, ou algo assim, enquanto você nem mexe o traseiro. Mas

eles podem ajudar a abrir as portas para a gente. E pense na competição. Todo adolescente nos dias de hoje parece estar escrevendo um romance ou fazendo um filme ou ganhando prêmios por causa de um blog. Você não gostaria de ser um dos que se destacam?

— Sim, eu acho — Phoebe disse. A coisa toda ainda a deixava apavorada. Não havia nada que ela pudesse fazer. Talvez ela fosse antiquada. Entretanto, havia algo em Nick que fazia com que ela acreditasse nele. A jaqueta de exército, os cachos ondulados que roçavam sua nuca: ela podia ver que era apenas pose. Ela podia ver que por debaixo disso tudo havia algo enterrado mais profundamente.

Ela não sabia o que ia dizer, mas as palavras começaram a sair de sua boca:

— Tá certo. Eu topo. Mas eu não posso fazer isso sozinha. Eu preciso de, tipo, um parceiro para ficar lá comigo. Alguém em quem eu possa confiar. Alguém a quem eu possa recorrer se alguma coisa der errado. E você parece saber muita coisa sobre isso tudo. Você promete que vai estar lá por mim?

Nesse momento, um garotinho que estava sentado atrás de Nick derramou seu milk-shake de chocolate na mesa toda. Um garçom veio correndo com um pano de chão, e Nick ficou temporariamente distraído com toda aquela comoção. Phoebe não podia ignorar o sentimento arrebatador de que havia cometido uma gafe; de repente ela se sentia patética. Era como se ela estivesse lhe pedindo que ele fosse seu melhor amigo, ou, pior ainda, seu namorado. O que ela queria dizer não tinha nada a ver com isso. Tudo que ela queria era ter certeza de que alguém não a deixaria na mão.

Nick, por sua vez, não parecia nem um pouco perturbado com aquilo tudo, nem com o pedido dela, nem com a criança berrando atrás dele. Ele voltou a encará-la, mexeu o gelo em seu copo com o canudo, bebeu um gole do refrigerante e sorriu.

— Claro que estarei — ele disse.

Naquele exato momento, o celular de Phoebe vibrou com uma nova mensagem. Ela notou que Nick se contorcia para pegar o seu também. Ela abriu o aparelho sentindo um frio no estômago.

MEIA-NOITE. SUL DE DENDUR. JOGOS ACONTECEM.

PRETO E BRANCO. NÃO OUSE SE ATRASAR.

Phoebe ergueu as sobrancelhas e mostrou a mensagem a Nick. Ele também a havia recebido.

— Alguma ideia do que isso quer dizer? — ela perguntou.

Nick encolheu os ombros e pensou por um minuto.

— Sul de Dendur. É onde fica o templo no Met^[9], no Central Park. Ao sul do museu. Mas “jogos acontecem”? Isso pode ser em qualquer lugar do parque. Phoebe lançou um olhar sobre o piso preto

e branco no chão.

— Preto e branco, Nick. Um jogo em preto e branco.

Nick bateu os punhos na mesa.

— É óbvio — ele disse. — As mesas de xadrez no Central Park.

— E então, você vai? — perguntou Phoebe.

Nick sacou uma nota de cinco para pagar os refrigerantes e olhou para Phoebe com espanto nos olhos.

— Você ainda não entendeu direito, né, Phoebe? — ele disse. — Nós não temos escolha.

Patch havia ficado enfurnado em seu quarto desde que chegara em casa às seis da manhã, depois da festa. Ele estava preocupado com a possibilidade de esbarrar em Nick na entrada do prédio, então pediu ao porteiro que não dissesse nada sobre seu paradeiro. Mas mesmo quando já estava a salvo em seu quarto, Patch ainda não conseguia pregar os olhos. Ele se olhou no espelho depois de tirar os jeans e a camiseta sujos. Ele estava acabado: olheiras, as lentes dos óculos sujas, seu cabelo mais parecia um ninho de ratos, com a testa se revelando com um amontoado de espinhas. Ele teria tomado um banho, mas estava com medo de acordar Genie. Era como o pior tipo de viagem de cafeína, quando você quer dormir mas não consegue, e daí fica rolando na cama a noite ou a manhã inteiras, e cada ruído, cada pensamento, cada foco de luz, por menor que seja, é uma provocação.

Ele sabia que não tinha outra opção, então inseriu o primeiro cartão de memória na câmera e começou a assistir.

Nick acordou às onze depois de um sono sem sonhos, seu celular disparava as badaladas do alarme que ele havia programado. Ele tinha entrado em casa sob a luz opaca daquela tarde depois de ter se divertido com Phoebe no Viand. Ele não tivera fome no jantar — apenas uma leve cócega no estômago, quase como se fosse vomitar. Aquilo tudo era demais para ele: sua noite no clube, a iniciação, a falta de sono. Mas, acima de tudo, mais do que todo esse negócio da sociedade secreta, era Phoebe que lhe perturbava. Havia algo nela que, apesar de sua timidez, fazia com que ela lhe parecesse muito interessante. Uma garota do centro da cidade. De Los Angeles. Agora na Bank Street, em Nova York. Uma artista. O tom ruivo de cabelo mais bonito que ele já tinha visto. O que ela ia querer com um cara como ele? Ele era um garoto cheio de privilégios; provavelmente o tipo de garoto que ela odiava em sua antiga escola. Mas que se danasse — talvez eles pudessem ao menos ser amigos.

Não ouse se atrasar . As ordens eram claras. Ele deu um pulo da cama, sem ter muito tempo para pensar sobre no que ele estava se envolvendo, lembrando que tinha concordado em encontrar com Phoebe no portão do parque na Sixty-fifth Street. Ele se perguntava como é que todas as outras pessoas saberiam onde ir. Eles provavelmente encontrariam uns aos outros no meio do caminho. Ou teriam quebrado outra regra da Sociedade, como ele e Phoebe já haviam feito, e conversavam uns com os outros sobre coisas da Sociedade. Ele tinha que se perguntar o porquê de todo aquele negócio de sigilo a ferro e fogo. Não conseguia levar toda aquela história a sério, embora ela de fato o assustasse um pouco: os caixões, o porão, o tatuador. Quem não ficaria assustado com tudo aquilo?

Ele deixou o prédio às vinte para a meia-noite, acenando para o porteiro. Seus pais não estavam em casa, ainda não haviam retornado do fim de semana na casa de praia. Seus irmãos mais velhos estavam na escola. Ninguém saberia que ele havia saído. Tendo dormido a maior parte do dia, ele agora se sentia cheio de energia.

Phoebe estava na escuridão, um vulto sombrio próximo aos portões do parque, como uma pequena escultura. Ela se virou para encontrá-lo e ele teve a impressão de ver o esboço de um sorriso. As folhas na calçada se arrastavam com a brisa; a lua crescente iluminava os relevos gramados. Havia uns poucos casais passeando, mas no geral o parque estava vazio.

— Oi — ela disse.

Fazia poucas horas que eles haviam se visto, mas parecia uma eternidade. Ela trocou de roupa, ele pensou, ou talvez não... ele notou que sua mente estava um pouco embaralhada.

Nick a cumprimentou com uma pancadinha sem jeito no ombro. Não havia gasto nenhum minuto sequer pensando no que dizer, e a descrição de Phoebe não ajudava em nada.

As pessoas acreditavam que era tão fácil para ele, mas não era. Compreender as garotas era algo tão difícil para Nick Bell como era para qualquer outro.

Lauren havia buscado no Google por “preto, branco, jogo” para ver o que aparecia. Depois de correr os olhos por algumas páginas, o enigma dos tabuleiros de xadrez finalmente havia feito sentido. Um cansaço profundo tinha se lançado sobre ela a partir do momento em que havia recebido a mensagem. Ficou vagando de um lado para outro em seu quarto, sem querer encarar o fato de que estava ignorando mensagens de voz de seus amigos que perguntavam onde ela havia parado. Ela tinha enviado uma mensagem de texto para Chloë dizendo que ela não se sentia bem e que ficaria em casa. Ela já começava a mentir. Lauren sabia que devia estar alerta para duas situações: quando sentisse a necessidade de mentir e quando sentia a necessidade de beber exageradamente. Ambas significavam, geralmente, que ela não estava fazendo a coisa certa.

Um táxi a deixou na entrada do parque. Ela caminhou rapidamente pelo caminho que leva até a Casa de Dama e Xadrez, a qual era cercada por um enorme caramanchão coberto por glicínias. Abaixo dele ficavam as mesas externas de xadrez. Outros quatorze membros que estavam presentes em sua iniciação percorriam o local sem direção específica, batendo papo e tentando descobrir o que fazer. Fora Claire e Alejandro e alguns outros, ela não havia guardado o nome das pessoas na noite anterior. Todos pareciam cansados e com um pouco de ressaca. Lauren começava a se perguntar se devia ter comido mais do que hummus e bolachas de água e sal no jantar.

Um rapaz, Thaddeus Johnson, chamou a atenção de todos para uma das mesas debaixo do caramanchão.

— Ei, vejam isso — ele disse. — É um tabuleiro montado — ele apontava para uma mesa com peças de prata ornadas com marfim e ônix.

Embora Lauren tivesse conhecido Thad na noite anterior, ela havia ouvido falar que se tratava de um tipo de gênio da matemática — ela agora se lembrava do que alguém havia lhe dito, que seus pais não eram ricos, mas que ele havia feito um exame de proficiência em matemática e conseguido uma pontuação perfeita. Ela tinha que admitir que para um nerd da matemática o gosto dele para roupas era impecável. Uma garota pegou um peão e o observou atentamente.

— Não! Não toque! — ele vociferou, e ela colocou a peça de volta no lugar imediatamente, como se tivesse levado um choque.

Ele começou a murmurar algo para si mesmo.

— O que foi? — perguntou Nick.

— É um código — Thad disse, seus olhos observando o centro do tabuleiro.

— É um jogo que não faz sentido — disse um rapaz de cabelo castanho encaracolado e pele cor de caramelo que estava vestindo, entre todas as coisas, uma gravata-borboleta. Ele estendeu uma mão a Thad.

— Bradley Winston.

Thad acenou com a cabeça e apertou sua mão brevemente, e então voltou ao jogo.

— Cada posição no tabuleiro de xadrez representa uma letra e um número. Esse pode ser um tipo de código onde um padrão surge ao acaso, dependendo do que você está procurando. Você tem que ignorar tudo que não se aplica e esperar que o que surja faça algum sentido.

— Tá certo — disse Claire. — O que nos leva a...? — Confirmando as suspeitas de Lauren, aquela garota estava se revelando insuportável.

— Você tem alguma ideia melhor? — perguntou Thad.

Claire abaixou a cabeça e não disse mais nada.

— Alguém se lembra disso? As letras vão de A a H. Os números, de um a oito, desse lado — ele apontava um dos lados do tabuleiro.

— Como você sabe que é nessa direção? — perguntou Bradley.

— Os números e as letras começam no canto esquerdo do lado branco. Simplesmente é do jeito que é.

Uns poucos membros do grupo estavam se juntando ao redor, esperando para ver o que acontecia, enquanto o resto deles ficava parado, vidrado, como se assistisse a um mágico fazer um truque. Lauren ficou com o grupo na mesa, curiosa para ver o que Thad faria. Um vento repentino ecoou por entre as folhas do caramanchão.

— Tá certo. Então vamos tentar o centro do tabuleiro, indo da direita para a esquerda: você tem duas peças na linha quatro. Daí, dois espaços. Então podemos ver que os próximos três números são cinco, seis, e seis. Eu chuto que o cinco é na verdade um E, que se refere ao eixo horizontal, assumindo que isso é um endereço...

— Espere aí, como você sabe que se trata de um endereço? — perguntou Bradley.

— Tem que ser. Quer dizer, nós estamos procurando um lugar para irmos, certo? Se você incluir apenas as letras, isso dá ABEFG, o que não nos diz nada. E se você olhar para o segundo grupo de números, o que, todos sabemos, não é uma rua. Mas se você fizer do cinco um E, você vai ter East – Leste, rua 66...

Nick continuou:

— E então você junta com os dois quatro: Leste, rua 66, número 44. Aí está o endereço.

— Exatamente — disse Thad. Lauren estava impressionada. Leste, rua 66, número 44 ficava

entre as avenidas Madison e Park, a uma caminhada curta dali. Todos começaram a juntar suas coisas e caminhar em direção à Quinta Avenida. Phoebe, Nick e Lauren esperaram atrás, enquanto Thad continuava a examinar o tabuleiro.

— O que você está fazendo? — Nick perguntou.

— Apesar de todos os movimentos que não fazem sentido, esse é na verdade um bom jogo, o que eles deixaram armado aqui — ele disse. — É quase como um final. Eu sei exatamente qual vai ser o próximo movimento.

— E qual vai ser? — Lauren perguntou.

— A rainha está prestes a colocar o rei em xeque-mate.

Phoebe caminhava os vários quarteirões curtos rumo ao dito endereço acompanhada por Nick, Lauren e Thad. Aparentemente, o novo amigo do grupo frequentava o Colégio Whitford, do outro lado da zona Oeste. Phoebe ainda se acostumava com os nomes: Dalton, Trinity, Spence, Nightingale-Bamford, Horace Mann. Esses jovens vinham todos desses colégios, o tipo de colégio sobre o qual ela vinha ouvindo histórias há anos. Phoebe havia lido histórias inacreditáveis em várias revistas sobre como os pais tentavam pagar por um caminho sem transtornos para seus filhos. Como os jovens criavam páginas no Facebook e no MySpace que acabavam com seus professores. Como escândalos após escândalos iam surgindo e em seguida desaparecendo. Ela se perguntava quantas dessas histórias eram verdadeiras, se esse tipo de coisa acontecia de verdade — e particularmente se elas aconteciam em Chadwick com pessoas como aquelas que ela estava conhecendo agora. Os quatro se aproximaram da porta da frente do prédio na Sixty-sixth Street junto com outro grupo de cinco. Era uma daquelas clássicas construções em pedra de Manhattan, com uma área externa em granito e uma fachada imponente. Seria essa noite como aquela da iniciação, um ritual bizarro em um porão? Phoebe não toparia nenhuma outra tatuagem — ela ainda estava se acostumando com aquela da noite passada. Ela estava começando a inflamar, e Phoebe estava com medo de retirar o curativo, embora ela soubesse que eventualmente teria que trocar a gaze. Por sorte, o cabelo a encobria.

A porta se abriu, e Phoebe ouviu o tilintar de copos e alguma conversa. Uma luz quente escapava pela porta de entrada, por onde Phoebe conseguia espreitar um pouco do interior. Vozes vinham do que mais parecia uma sala de estar de uma vizinhança da moda no bairro de Notting Hill, em Londres. Ou, só para constar, Nova York cinquenta ou cem anos atrás.

Uma bela mulher trajando um elegante vestido de crepe que ia até os joelhos os cumprimentou. Era Emily van Pipe, sobre a qual Lauren havia falado com Phoebe na noite passada.

— Lauren! Oi! Oi, pessoal! — Ela se apresentou. — Vamos, entrem e conheçam os outros Conscritos.

— O que são os Conscritos? — Thad perguntou para o grupo.

— É a classe acima da nossa, acima de nós, os Iniciados — disse Claire, aparentemente satisfeita consigo mesma por já saber disso.

Phoebe estava confusa. O tom era completamente diferente — se na noite passada ele era

misterioso, algo clandestino, hoje parecia um salão para cavalheiros fumantes de 1955. Em um dos cantos, um rapaz preparava drinques para todos com uma coqueteleira enquanto o restante do grupo se espalhava por duas salas que pareciam um clube. Os olhos de Phoebe se moveram pela estante de livros que ia do chão ao teto e pelas paredes revestidas de madeira, onde retratos de homens e mulheres de olhar austero ficavam pendurados. Sobre um aparador de carvalho tigrado havia uma vitrola, e alguém estava escolhendo discos de vinil de verdade para tocar, ainda que a música soasse um tanto anacrônica. As meninas estavam vestidas com muito estilo, sem parecerem terrivelmente formais — apenas Emily e umas poucas outras trajavam vestidos de crepe e seda mais longos; o restante se vestia de maneira mais casual, algumas até vestiam jeans e salto alto. Exceto pelo cenário, parecia exatamente como qualquer outra festa.

Enquanto os Iniciados se serviam de seus drinques, alguns Conscritos acendiam seus cigarros e charutos e batiam as cinzas em cinzeiros de cristal. Phoebe e Lauren tentavam não tossir — elas haviam conversado na noite anterior sobre como nenhuma delas gostava de fumaça. Lauren disse que estava quase certa de que o segredo para se manter uma boa aparência era evitar os cigarros.

— Phoebe? — uma voz atrás dela soou familiar. Phoebe se virou e reconheceu o seu dono, embora ela não soubesse exatamente por quê. Então sua ficha caiu. Era Anastasia Lin, uma das mais jovens artistas aceitas na Venice Biennale. Sua videoinstalação, *Uma breve história de minha vida*, na qual ela lia trechos de seu diário, alternando entre inglês e cantonês, enquanto tomava o trem F, havia arrebatado todos os críticos, desde o *Artforum* até o *New York Times*. Phoebe sentiu uma ponta de inveja. Era isso que ela devia estar fazendo, em vez de se recuperar de uma ressaca: trabalhar em sua arte.

Ela também percebeu que Anastasia parecia familiar: ela havia sido a mentora de Phoebe na noite passada, era o que ela conseguia resgatar dos poucos *flashes* de memória que haviam restado da iniciação. Agora Phoebe lembrava que Anastasia não havia se apresentado, ela apenas havia visto seu rosto através da máscara de plástico opaco.

— Então — Anastasia disse —, que a loucura comece.

— Como? — disse Phoebe.

Anastasia sorriu e tirou com a mão uma mecha curta de seu cabelo preto que estava sobre seu rosto. Antes que ela pudesse responder, outro membro, alguém da classe acima deles, trouxe um drink para Phoebe e a guiou até um lugar onde ela pudesse se sentar. Era um rapaz alto e bonito, seu cabelo loiro-escuro se esparramava sobre sua testa. Ele estava bem-vestido, com um pulôver, uma camisa de tecido Oxford e calças do tipo social.

— Gim-tônica, certo?

— Como você sabe? — Phoebe perguntou.

Ele sorriu, com um toque quase demoníaco.

— Nós sabemos dessas coisas. Você é o tipo de garota que bebe gim-tônica em setembro.

Phoebe estremeceu.

— Tá certo, vai...

— Calma! Eu só perguntei para sua amiga ali — ele apontou para Lauren — o que você gostaria.

Phoebe sorriu e sentou-se novamente na cadeira forrada de couro. Ela não estava muito empolgada para beber hoje; simplesmente ela não estava acostumada a beber desse jeito. Sua mãe não ligava que ela fosse a alguma festa ocasionalmente e bebesse uma taça de vinho ou de champanhe em uma situação especial, mas beber gim-tônica duas noites seguidas? Ela não sabia como Maia reagiria.

Ela não sabia como sua mãe reagiria a qualquer coisa daquilo tudo.

Nick aguardava no bar enquanto um rapaz meio grosseiro de cabelo castanho fazia drinques para todos. Ele olhou sobre o coquetel que estava preparando para Nick e disse:

— Ei, espere um pouco. Você é Nick Bell, certo?

Nick fez que sim com a cabeça. O garoto estendeu uma mão pálida em sua direção.

— Eu sou o Jared Wilson. Supostamente eu sou o seu mentor, sabe, tipo, eu te ajudo com as coisas e tal. Não lembro se eu mencionei isso na noite anterior, a Noite do Renascimento.

Nick deu um sorriso embaraçado.

— Eu acho que não lembro muita coisa da noite passada. Eu nem mesmo sabia que ela se chamava Noite do Renascimento.

— Não se preocupe, você vai pegar nossa linguagem. Então, seu mentor é como se fosse, tipo, um irmão mais velho. Eu não pude comparecer ao encontro em que eles explicaram essas coisas, mas no geral é isso.

— Espere aí, você perdeu o encontro?

— É, perdi. É algo que com toda certeza eu não devia ter feito. Tive uma noite complicada. Eles ficaram irados. Esse é meu primeiro conselho: não perca os encontros. A velha Kitty não leva muito na boa.

— Kitty?

— Katherine Winthrop Stapleton. Eles a chamam de a Administradora; eu chamo de Machado de Guerra. É ela quem cuida de tudo para os Anciãos...

— Espere aí, desculpe. O que vem a ser os Anciãos?

— São todos que estão acima de nós. Acima de todos os Iniciados e de todos os Conscritos. Você se torna um Ancião depois de ter passado por um período certo de conscrição. Kitty é quem cuida disso tudo. Ela mantém os registros, cuida das finanças, esse tipo de coisa. Aparentemente ela

vem fazendo isso desde que se tornou um membro, o que remonta a cinquenta anos atrás ou mais. É a vida dela. Então não procure encrenca com ela. Ela sabe tudo sobre todos. Ela nos preparou sobre todos vocês — onde vocês estudaram, quais são seus *hobbies*, quem são seus familiares, esse tipo de coisa. Quer dizer, com você era superfácil. Sua família é bem famosa por essas bandas.

Nick concordou desconfortavelmente, mudando de postura.

— É... acho que é.

— Basicamente, eu estou aqui para responder a qualquer pergunta que você possa querer fazer, para te ajudar a resolver o que você tiver que resolver. Se você souber jogar direito, a Sociedade pode abrir muitas portas pra você.

— Que tipo de portas?

— Qualquer uma. Entrar na faculdade. Apresentá-lo a pessoas famosas. Eu tenho um pressentimento de que tem um jeito para você e eu juntos fazermos algo grande de verdade.

— O que seria isso? — Nick perguntou.

— Vamos conversar sobre sua festa naquele clube. O Freezer, é isso? — Jared deu um gole no drinque que ele havia preparado para si mesmo.

— Ah, ele deu certo mesmo — Nick blefou, sem querer admitir que ele havia fugido dele. — Os ingressos se esgotaram. O lugar lotou. Todo mundo adorou.

A verdade era que Nick mal havia pensado sobre sua festa desde que havia cruzado os limites da Gansevoort, 53, na noite anterior. Desde então ele não havia ouvido mais nada sobre Patch. Tinha uma mensagem de voz do Costa que ele havia ouvido, mas eram apenas os parabéns pela noite e um convite para que fizesse outra festa lá quando quisesse.

Ele se sentiu bem com isso, mas queria algo mais.

— Eu dei uma bisbilhotada lá na noite passada. Você fez um belo trabalho. O que você acharia de fazer uma festa junto comigo no Twilight? — Twilight era a mais nova, até meio exclusiva, aquisição da coleção de clubes do Meatpacking District.

— Você tá falando sério? No Twilight? Não é possível!

— O Carlo ficaria maluco com a ideia.

— Que Carlo? Carlo Ferdinandi? — Carlo Ferdinandi era um dos melhores DJs da praça, num nível muito mais alto do que Nick havia prometido a seus convidados na noite passada.

— Ele mesmo. Ele sabe que a cena precisa de um pouco de sangue novo. Geralmente são os mesmos *promoters* cansativos de sempre, com seus velhos truques de sempre. E ele gosta do seu trabalho. Ele me mandou lá na noite passada para dar uma conferida, e eu disse que o que você havia feito com o Freezer não estava nada mal.

— Carlo Ferdinandi? Bom, claro. Sim, com certeza — Nick sentiu que estava falando baboseiras. Ele deu um gole em seu drinque, como se aquilo fosse lhe dar mais coerência. Essas

eram notícias realmente excelentes. Um contato no ramo como esse poderia demorar anos para surgir, poderia não surgir nunca. Mas agora estava ali, caído do céu.

Anastasia bebeu um gole de seu martíni, deixando uma marca de batom vermelho-escuro em seu copo.

— É assim que funciona: basicamente, a Sociedade pode te ajudar, mas você só consegue tirar dela as mesmas quantidades que você doa pra ela.

— Certo... — Phoebe assentiu com a cabeça, ainda confusa. — E como ela te ajudou?

— A Sociedade me ajudou a recolher fundos para meu último projeto. Eu consegui um lugar para o meu estúdio, consegui patrocinadores. Tem tantos contatos por aí.

— Contatos?

— É, sabe? Você provavelmente já ouviu falar naquela famosa teoria dos seis graus de separação, certo?

— Claro — Phoebe fez que sim com a cabeça. Era a teoria que pregava que todas as pessoas no mundo estão conectadas umas às outras por, no máximo, quatro outras pessoas: uma pessoa conhece outra, que conhece outra, que conhece outra. Junte você e a última pessoa na corrente e você terá os seus seis graus.

— Bom, estima-se que a adesão à Sociedade reduz o número para três graus, o que quer dizer que você está conectada a qualquer pessoa que você possa vir a precisar conhecer por, no máximo, uma pessoa.

Atrás de Anastasia, Charles Lawrence, um belíssimo rapaz que cursava o último ano em Chadwick, o mesmo que havia trazido o drinque de Phoebe, aproximou-se trazendo seu próprio gim-tônica e fumando um charuto. A boca de Phoebe ficou seca no mesmo momento. Era estranho ser o centro de tantas atenções. Ela se perguntava se os outros membros se sentiam da mesma maneira, um tanto deslocados.

— Então, Phoebe, a Anastasia está falando daquela velha história de filosofia dos seis “graus”?

Phoebe confirmou.

— Acho que sim. Parece fazer sentido.

— É um jeito de ver a coisa toda. Mas eu prefiro uma descrição um pouco mais, digamos — ele levantou a cabeça —, complexa.

Anastasia virou os olhos de forma quase cênica, roçando os longos cílios no rapaz.

— E como seria isso, Charles?

Ele começou a falar diretamente com Phoebe.

— Você já estudou sociologia?

Phoebe fez que não com a cabeça.

— Não tem importância. Tem um teórico social do século XIX, um francês, Émile Durkheim. Ele surgiu com essa ideia de inconsciente coletivo. Você provavelmente já ouviu falar de inconsciente coletivo, certo?

Phoebe assentiu.

— Sim. Tipo, hum, Jung e coisa e tal? — Ela havia cursado uma matéria sobre símbolos jungianos do inconsciente em seu antigo colégio. Lá ela aprendeu que Jung foi um psicólogo suíço que acreditava que as pessoas compartilhavam símbolos em seus sonhos sem terem consciência disso.

— É a ideia de que sempre há um grupo unificador de conceitos e valores aos quais as pessoas aderem. No passado, costumava ser a religião. Mas, hoje em dia, tudo está fragmentado. As pessoas não vão mais à igreja, não vão mais às sessões da câmara ou da prefeitura, muitos nem sequer votam. Daí o propósito da Sociedade em juntar um monte de gente com a mesma opinião que pode se ajudar mutuamente. Cada classe ajuda a outra, e cada membro provavelmente vai apoiar o grupo todo. No início, você praticamente só aproveita os benefícios. A ideia é que primeiro eles te projetam, colocam você no rumo certo. Por exemplo, quem orienta a sua carreira no momento?

— Orienta minha carreira? Você quer dizer, tipo, meus trabalhos da escola? — Ela pensava em sua mãe, que estava quase sempre muito ocupada com seus trabalhos de fotografia. Não parecia nem um pouco que sua mãe a estava orientando. E seu pai estava a muitas centenas de quilômetros de distância.

— Claro — disse Charles —, mas mais a sua vida mesmo. Pense nisso da seguinte maneira: o que você realmente quer dos próximos dois anos?

Phoebe veio com sua resposta automática, típica de qualquer aluna do primeiro ano a quem se fizesse essa pergunta.

— Acho que eu quero ir para uma boa faculdade.

Charles deu uma risadinha.

— Qual é, Phoebe? Você pode fazer melhor que isso. Uma boa faculdade! Então aparece um gênio da lâmpada e te oferece um desejo e tudo o que você quer é entrar em uma boa faculdade?

Phoebe sentiu sua face corar. Ele estava certo. Era uma coisa totalmente prosaica de se desejar. Ela começou a gaguejar.

— Isto é, claro, desenvolver a minha arte. Para, talvez, fazer uma exibição ou algo assim. Deixar as pessoas verem o que eu sei fazer. — Ela percebia que Anastasia estava sorrindo.

— Isso parece mais razoável. E você não acha que precisa de algumas dicas, de alguém que

possa te ajudar?

Phoebe assentiu com a cabeça.

— Acho que sim. — Ela se sentia um pouco agitada e deu um grande gole em seu drinque, esperando que isso a acalmasse. A sala repentinamente parecia quente e abafada.

Anastasia se intrometeu.

— Nós podemos fazer qualquer coisa acontecer. Quer dizer, quase qualquer coisa.

— Eu duvido que haja muita coisa que a Sociedade não possa conseguir — disse Charles. — É para isso que nós estamos aqui. Mas hoje nós estamos aqui só para nos divertirmos. — Ele tocou com seu copo no de Phoebe.

Houve um momento de silêncio incômodo, como se Phoebe não estivesse certa do que dizer. Algo veio à sua mente enquanto ela reparava nas rodas de duas ou três pessoas que se juntavam para conversar.

— Espere um pouco — ela disse.— Você afirmou que nós todos temos a mesma opinião. Isso não seria uma generalização meio forçada?

Ele soltou uma risada.

— Eu não quis dizer em todos os sentidos. Apenas em um.

— Em qual? — perguntou Phoebe.

Charles deu um trago em seu charuto.

— Todos nós queremos nos dar bem mais do que qualquer um. E dadas as oportunidades certas, você tem uma chance do cacete de conseguir.

Lauren e Emily sentaram-se a um canto mais silencioso, ambas bebendo sua segunda dose de vodca com energético.

— Aqui. Leia isso — disse Emily, enquanto um documento lhe era passado em uma bandeja de prata que circulava no ambiente. Era lindamente impresso em um papel de pergaminho com um laço de cetim azul. Lauren começava a abrir o seu, mas Emily a interrompeu. — Leia mais tarde. Quando você chegar em casa. E destrua depois que tiver lido. Ninguém mais pode ver.

— O que acontece se eu não destruí-lo? — Lauren perguntou.

Emily encolheu os ombros.

— Eu não sei. Ninguém nunca guardou um.

Lauren guardou o seu em sua bolsa, aquela novinha que ela havia ganho naquela tarde.

— Bela bolsa — disse Emily.

— Obrigada. Foi um presente.

— Ah, os presentes.

— O que você quer dizer?

— As coisas estão começando a acontecer para você, às vezes de maneira misteriosa. Mas você não pode questionar. Você só tem que seguir com elas. É a única maneira de você ter êxito. Aceite o que vier, e aceite de bom grado.

Lauren assentiu, tentando disfarçar seu desconforto.

— Não se preocupe. Você vai pegar o espírito da coisa. — Emily deu uma olhada em seu relógio, que, para Lauren, parecia caro. — Meu Deus! Já está tarde. É melhor nós começarmos logo a segunda parte da festa. Eu tenho um teste amanhã de manhã com um grande diretor de elenco.

— Em um domingo? Ele é um membro? — Lauren perguntou, esperando não estar sendo intrometida.

— Eu não sei — disse Emily. — Mas ele certamente conhece pessoas que são. Tá vendo, esse é o ponto. Fora vocês e a classe acima de nós, nós nunca sabemos quem são os membros. Eles podem se apresentar, então eu conheço bem uma porção deles, e já encontrei muitos outros em eventos sociais, mas não há uma lista pública. É tudo *networking*. É assim que você conhece as pessoas. Os membros mais antigos começam a assumir algumas funções, daí você segue o fluxo.

Lauren assentiu.

— É mesmo um milagre — Emily disse, seus olhos bem abertos. — Quer dizer, esse diretor é de Beverly Hills e está aqui a passeio, apenas por um dia, e tem trinta pessoas que ele vai ver. Nenhuma vaga está aberta. Então ele decide me receber num domingo, abrindo uma exceção, o que é muito legal.

— Você está nervosa?

Emily correu os dedos pelo cabelo.

— Eu não diria *nervosa*. É mais como excitada, sabe? Essas coisas têm um jeito próprio de funcionar. — Ela olhou para Lauren e sorriu. — Não se preocupe. Antes que você se dê conta, as coisas vão estar dando certo para você também.

Patch havia acordado às nove naquela noite, tendo desmaiado depois de assistir às primeiras três horas da filmagem que havia feito da cerimônia de iniciação da Sociedade. Desde então, ele havia se enfiado em seu quarto, saindo de lá apenas para usar o banheiro ou para encher sua tigela de pipoca de microondas. Era tudo muito estranho, tudo que ele havia capturado. Na noite anterior, depois de ter visto o endereço no celular de Nick, todas as suspeitas de Patch sobre o que Genie havia lhe contado tinham se confirmado. Ele sabia que tinha de registrar o que estava se passando. E ele tinha de admitir que havia ficado um pouco irritado por não ter sido convidado. Seus pais, no fim das contas, tinham sido pessoas importantes em Nova York, antes da morte de seu pai e da internação de sua mãe. Ele merecia ser um membro tanto quanto qualquer outra pessoa, isto é, se isso fosse mesmo tão fantástico como faziam parecer. Mas agora ele já não tinha tanta certeza.

Ele também sabia que havia algum tipo de segredo sobre a Sociedade que Genie estava escondendo, embora ele não tivesse ideia do que poderia ser. Ele poderia ter mexido nos papéis dela em busca disso, mas Genie estava quase sempre em casa, exceto durante o dia, quando ele estava na escola. Além disso, ela teria percebido que ele havia bisbilhotado, e Patch não se sentia bem com isso. Que tipo de pervertido ficaria revirando as coisas da avó?

Nas últimas seis vezes em que Patch tinha saído e voltado para seu quarto naquele sábado à noite, ele tinha trancado a porta atrás de si, mas agora havia esquecido. Ele ouviu uma batida rápida na porta e viu a maçaneta girar uma vez. Inclinou-se para tentar desligar o monitor, mas o máximo que conseguiu foi bater a mão na tigela de alumínio cheia de pipocas, que, depois de cair, fez um estrondo e esparramou o conteúdo pelo chão. Seu monitor exibia uma cena congelada da cerimônia de iniciação da Sociedade. Havia algumas linhas opacas sobre a imagem, era a grade do duto de ar por onde ele havia rastejado e que dava acesso a cinco destinos diferentes. Mas, fora essas linhas, a ação do outro lado estava clara: um homem com uma máscara de couro tatuava alguns de seus colegas de classe, incluindo Nick. Isso fez com que Patch se sentisse enjoado.

Sua avó ficou lá parada, de braços cruzados e fazendo uma cara feia:

— Bom, você não vai assistir? — É claro que ela sabia de algo.

— Genie, eu não posso. Eu não acho que...

— A culpa é minha por você ter se metido nisso. — Ela colocou uma mão no batente da porta para se apoiar, como se ela precisasse disso antes que dissesse o que estava para dizer. — Droga,

Patchfield! Em que diabos você estava pensando? Eu havia te contado sobre a Noite do Renascimento justamente porque eu queria que você tomasse cuidado, porque eu estava preocupada achando que eles iriam atrás de você. — Ele balançou a cabeça.

— Eu sei.

Ela olhou para ele secamente.

— Pelo que parece, eles tinham motivos suficientes para não convidá-lo.

— Genie, não fique assim.

— Você acha que essa câmara te dá o direito de entrar em qualquer lugar que você queira? Existem regras, Patch. Regras existem para serem cumpridas. Você não pode mexer com uma organização dessas. — Sua voz mudou para um sussurro. — Você não deve nem mesmo *falar* sobre isso. Você não sabe com o que está lidando.

— Genie, eu sei. Eu vi. É um negócio bizarro.

— Ah, isso aí são só espelhos e fumaça. Não é disso que eu estou falando. É do mesmo jeito que era há cinquenta anos. Agora, as tatuagens, eu devo admitir, mudaram. Elas costumavam... — ela estremeceu — elas costumavam ser completamente abjetas.

— O que você quer dizer?

— Quando eu tinha sua idade, tatuagens eram algo que só os marinheiros usavam. Quando você entrava para a Sociedade, você não fazia uma tatuagem da cruz ansata.

— Então o que eles faziam?

— Você recebia uma cruz ansata na nuca, isso sim. — Ela se interrompeu por um momento, seus olhos estavam ardentes. — Você recebia a marca da cruz ansata direto em sua carne.

Emily van Piper batia em seu copo com o mexedor de coquetel. — Muito bem, pessoal, vamos nos levantar! Nós vamos para o telhado.

Phoebe ergueu os olhos, surpresa. O que é que poderia vir em seguida? Emily os guiou pela escada principal. Eles a seguiram escada acima, passaram por uma dúzia de portas fechadas, corredores decorados com pinturas — paisagens, retratos, tudo em antigas molduras douradas. Relíquias eram exibidas ao longo das paredes: medalhas, troféus, placas, fotografias, cartas emolduradas de presidentes e senadores. Eles chegaram ao nível mais alto, onde o piso era de mármore e havia uma abóbada azul no teto. Uma luz azul tremia sobre a madeira entalhada que revestia as paredes.

— Atenção, todo mundo — disse Emily. — Fechem os olhos!

Phoebe obedeceu. Ela ouvia o som de portas corrediças se abrindo. Eles foram instruídos a abrir os olhos. Diante deles havia uma piscina sob um teto de vidro que dava diretamente para as estrelas. Palmeiras altas em vasos de cerâmica adornavam os lados da piscina, bloqueando qualquer

vista da cidade. Phoebe piscava os olhos diante dessa visão surreal. Uma piscina sobre um teto em Manhattan? Ela tinha ouvido falar desse tipo de coisa, mas nunca imaginou que elas de fato existissem.

As meninas foram direcionadas para um dos lados e os meninos para o outro, onde havia trajes de banho esperando por eles e cabines para que pudessem se trocar. Era esse o tipo de privilégio sobre o qual eles estavam conversando? Phoebe não ligaria de ter um lugar em que pudesse dar umas braçadas depois da escola.

Depois de vestirem suas sungas, Nick, Thad e outros garotos mergulharam e começaram a brincar na água. Phoebe não conseguia evitar dar umas olhadas discretas em seus corpos seminus, especialmente no de Nick. Era magro e teso, um dorso de corredor e ombros largos, como ela suspeitava. Seu peitoral era macio, com um pouco de pelos abaixo do umbigo. Era estranho vê-lo assim, depois de tudo pelo que passaram juntos nas últimas vinte e quatro horas, mas a essa altura da noite ela já estava muito cansada para se importar. Ela notava que Lauren e o menino argentino, Alejandro Calleja, estavam conversando na beira da piscina, flertando, e ela se perguntou se eles já se conheciam antes daquela noite.

Phoebe colocou um pé dentro da água morna. Surpreendentemente, ela não se sentia nem um pouco consciente sobre seu corpo; talvez fosse o álcool, ou a estranha circunstância. Ela percebia, na verdade, que era bem atraente, tão atraente quanto qualquer uma das meninas, quase tão atraente quanto Lauren, com suas pernas longas e seu abdômen tonificado. Os trajes que elas haviam recebido eram todos idênticos: maiôs de peça única, como se fossem todas membros de uma equipe de natação incrivelmente austera. Não importava — havia algo de transcendente naquela experiência. Lauren nadou até ela e lhe deu um aperto afetuoso no braço. Phoebe deixou-se flutuar sobre a água. As sombras de todos dançavam nas palmeiras alinhadas ao lado da piscina. Ecos de vozes iam e vinham. Ela focou sua atenção no céu, olhando as estrelas. Era quase impossível ver estrelas em Manhattan, mas hoje ela as via claramente. Talvez fosse algum tipo de ilusão ótica, uma projeção. Ela se lembrou por um momento de uma citação: “Nós estamos todos na sarjeta, mas alguns de nós estão olhando as estrelas”. Oscar Wilde a tinha escrito havia mais de cem anos; um de seus professores de inglês a tinha enviado por e-mail para toda a classe, quando eles tiveram que ler uma de suas peças.

Não era exatamente na sarjeta que ela estava, não estava mais nem mesmo na calçada. Era quase como mágica, tão rápido ela havia subido. Era essa a maneira de Manhattan? Em uma tarde você está se perguntando se algum dia irá se adaptar, e no outro você está nadando em uma piscina particular sob um céu estrelado? Passou por sua cabeça que ela havia se esquecido de perguntar qual era a loucura. Ela teria de se lembrar de fazê-lo no próximo encontro.

Isso se ela descobrisse quando seria o próximo encontro. Lauren se arrepiou um pouco enquanto

se envolvia na toalha que alguém havia lhe passado. Ela tinha notado a marca, e certamente não era a melhor toalha que ela já tinha usado. Era parecida com as usadas em antigos clubes atléticos de escolas, como aquele ao qual seu pai era filiado. Limpa mas não terrivelmente macia e um pouco esfarrapada, como se não tivesse sido trocada nos últimos dez anos. Provavelmente a velha avareza norte-americana, Lauren concluiu. Combinava com a decoração de dinheiro antigo do lugar, o profundo odor de charutos e uísque derramado. Ela se vestiu e se despediu, o banho de piscina, mesmo que aquecida, havia deixado todos sóbrios, ao menos para perceberem que já era hora de a noite acabar. Ela colocou o pé fora da entrada, notando que os restos da festa — pontas de charutos, copos vazios, guardanapos pegajosos — já haviam sido limpos. Como na noite anterior, carros aguardavam por eles do lado de fora.

Nos degraus de pedra, Lauren trocou um olhar com Alejandro Calleja. Mais cedo, ela havia sido fisgada por seus olhos escuros e penetrantes, um contraste vívido com seu jeito doce.

— Então isso é tudo com que você havia sonhado? — ele perguntou com um sorriso tímido enquanto colocava seu suéter sobre os ombros. Ela não sabia dizer se ele estava sendo sério ou brincando.

— Claro — ela respondeu, acenando com a cabeça.

— Ouvi dizer que só melhora.

— Eu consigo imaginar. — Lauren percebeu que Phoebe estava próxima. — Te vejo depois?

— Claro — disse Alejandro. Ele lhe deu um leve toque no ombro.

— Vem comigo? — Lauren perguntou a Phoebe, mesmo sabendo que iriam em direções opostas. Phoebe fez que sim.

Eram quatro e meia da manhã. Lauren queria ir para uma lanchonete ou algo assim, para que pudesse comparar com Phoebe suas impressões sobre a noite, mas ela estava cansada, e o motorista já tomava a direção da Madison. Como ele sabia onde ela morava? Ela se inclinou e espiou o banco da frente. Sobre o assento do passageiro havia uma pasta aberta com uma folha que continha as fotografias de todos — a foto-padrão publicada nos anuários de Chadwick — e seus endereços, o que certamente não deviam ser de conhecimento público. Bizarro.

— Minha mãe vai me matar se ela me ouvir entrando — Phoebe disse. — Ela vai achar que eu virei totalmente uma fera das festas.

Lauren deu uma risada.

— A minha não vai nem perceber. Acho que ela está feliz por eu estar saindo. Tudo que ela mais quer é que eu encontre um novo namorado. — Ela percebia que Alejandro como candidato não seria nada mal.

— Não tenho certeza se a minha vai chegar a perceber. — Phoebe disse.

— A minha também não. Muito ocupada esquentando o molho.

Houve um silêncio estranho. Muita informação? Lauren era geralmente tão franca. Ela queria convidar Phoebe para dormir em sua casa, mas achou melhor não. Ela deu um abraço e um apertão nas bochechas de sua nova amiga, e depois saltou do carro.

Na manhã seguinte, após acordar em um horário normal, Patch sentou-se em seu quarto em frente a outra imagem congelada em seu monitor. Ele pensava sobre a marca da cruz ansata, a tatuagem, a ideia de que seus colegas de escola — pior ainda, seu melhor amigo — estavam todos presos àquela marca sem nem ao menos saberem onde é que estavam se metendo. Ele tinha pensado que seria melhor que tudo isso, sobre o que postaria em seu videolog na segunda-feira de manhã, parecesse algum tipo de piada, o tipo de coisa que receberia toneladas de comentários, um link no Gawker^[10], e que todo mundo iria esquecer tudo em alguns dias. Ele percebeu então que aquilo não era uma piada, não chegava nem perto de uma piada. Pior ainda, ele tinha deixado Genie chateada. Ela a havia pressionado, mas ela tinha se recusado a dar qualquer outra informação, alegando que ele simplesmente não merecia saber mais nada — até que ele conseguisse se comportar de forma madura...

Por forma madura, ele compreendia o que ela queria dizer: que se ele quisesse mais informações, o preço a ser pago era o silêncio total.

Então, novamente, talvez Genie não compreendesse direito. Talvez tudo não passasse de um bando de bizarrices ao estilo das fraternidades. Tatuagens? Sim, era um exagero, mas ele conhecia ao menos dez pessoas que as tinham, mesmo que fosse proibido fazer uma antes de completar dezoito anos. Ele não sabia o que pensar sobre aquilo. Ele queria acreditar que, se Nick estivesse envolvido em algo, então não poderia ser nada “errado”.

Era isso que mais importava para ele: que Nick estava a salvo.

Patch estava certo de que os Bells estavam em Southampton, e que portanto Nick devia estar sozinho em seu apartamento. Sem querer incomodar — ou, no caso, lidar com — Genie, Patch se esgueirou até a porta da cozinha, por onde saiu para a escada de serviço. Dez lances acima e ele estaria no apartamento de Nick. Ele quase não havia chegado a suar, graças ao seu hábito de correr de vez em quando, quando chegou à cobertura. Ele sacou uma lixa de unha metálica do bolso de trás de suas calças. As portas de serviço do prédio eram tão fáceis de serem abertas que era algo risível. O prédio era daqueles que tinham uma segurança externa tão forte — circuito fechado de câmeras de segurança, dois porteiros e dois mensageiros, acesso controlado por chaves nos elevadores — que ninguém achava que seria necessário prover muita segurança internamente. Até onde ele podia se lembrar, ele só havia visitado o apartamento de Nick dessa maneira. Até porque não faria sentido

descer até a portaria, interfonar para Nick, aguardar pela autorização, e depois subir tudo de novo — e Nick não parecia importar-se que Patch praticasse suas habilidades de arrombamento sempre que pudesse. Ele inseriu a lixa de unha e uma chave de fenda bem fina, sentiu os mecanismos estalarem e girou a maçaneta. Pronto. Ele estava dentro.

O apartamento de Nick era como uma tumba. Ele se perguntava se seu amigo ainda estava dormindo. Deu uma olhada ao redor da cozinha, com seus eletrodomésticos caros, dentro da despensa, ao longo do corredor que levava ao restante do apartamento. Deu uma espiada em uma pilha de correspondência dentro de uma cesta e adiantou um passo para ver quem era o remetente do envelope que estava por cima.

Esse era seu problema, ele pensava. Ele era muito bisbilhoteiro.

— Patchfield!

Patch congelou por um segundo e então olhou para o lado. Parker Bell, o pai de Nick, estava parado na entrada da cozinha. Ele havia entrado tão sorrateiramente quanto uma serpente e agora se projetava sobre Nick. Ele era um homem imponente, alto e de cabelos grisalhos. Sua história de vida sempre tinha impressionado Patch: ele havia servido no Vietnã e então participado de protestos antiguerra depois de ter voltado para casa. Mas desde então ele havia se tornado um típico habitante do Upper East Side.

— Eu pensei que você não estava em casa.

— Não. Georgiana e eu decidimos voltar mais cedo este fim de semana. Acabamos de chegar.

— Eu estava procurando o Nick.

— Claro que sim. Mas eu acredito que ele ainda esteja dormindo.

— Claro. Desculpe incomodá-lo.

— Não tem problema, meu filho — ele abriu um sorriso, revelando seus dentes perfeitos. — Mas eu acredito que da próxima vez, se você usar a porta da frente, vai estar de bom tamanho.

Tão logo chegou em casa, Phoebe havia se jogado na cama. Dessa vez, diferentemente das noites anteriores, ela havia decidido que não pensaria em nada até que tivesse dormido, pelo menos, por umas cinco horas. No domingo de manhã, ela acordou às dez. Os acontecimentos da noite anterior a consumiam completamente. Não era apenas a confusão sobre os propósitos e origens da sociedade. Era o comentário de Charles sobre a possibilidade de ela fazer qualquer coisa para se destacar. Ela se sentia uma alta empreendedora antes de Chadwick, antes do colegial. Na oitava série, ela havia ganhado um prêmio por ter sido a aluna que dedicara mais horas ao jornal da escola. Mas ultimamente ela havia se tornado mais uma “boa aluna”, sem honras, sem méritos, sem ter ao menos um bom GPA^[11] ao lado de seu nome. Onde aquilo tudo a colocava na corrida para a universidade? Nick estava certo sobre o que acontecia. Todo adolescente estava fazendo algo extraordinário; se você

não fizesse algo assim, então estaria rebaixada junto com os piores. Isso a deixava irada. Até então, costumava ser suficiente ter uma infância normal, ser feliz. Agora você tinha de começar a pensar sobre a faculdade antes mesmo de começar o colegial.

Ela olhava a luz que entrava pela janela de seu quarto, refratada pelas árvores frondosas do lado de fora. Esticou o braço até o copo que estava sobre seu criado-mudo e tomou um gole de água. O documento que Anastasia lhe havia entregado repousava ao lado dele.

Quando havia dado uma olhada rápida nele, antes de dormir, ele lhe havia parecido cheio de jargões, então ela decidiu que leria depois com mais cuidado. De acordo com Anastasia, aquele papel explicava a filosofia da Sociedade, que havia sido preparada pela classe dos Conscritos. Um pouco dele soava como uma linguagem antiga, passada ano a ano, enquanto outra parte soava mais moderna. A essência era que a Sociedade tinha surgido havia centenas de anos nas universidades da Liga de Hera — Yale, Harvard, Princeton e Dartmouth —, um terreno fértil para o que eles chamavam de “filhos do privilégio”. Eles alegavam ter antigas raízes egípcias, embora os detalhes fossem um pouco obscuros. Em 1950, época da “explosão da cultura jovem” (como o documento se referia), o grupo passou a recrutar alunos do primeiro colegial, para dar à sua jovem prole a chance de começar mais cedo. Mas a adesão à Sociedade nem sempre era transferida por sangue; membros poderiam ser recrutados de fora. Phoebe pensava em alguns dos Iniciados; com certeza não eram todos que tinham pais ricos ou que haviam sido membros da Sociedade. Ela pensava nela mesma, claro — seu pai e sua mãe não eram membros de nenhum grupo assim, até onde ela sabia. Ela havia relido a folha mais uma vez, mas era tudo tão vago que ela não sabia muito bem como reagir. Ela foi até seu laptop e tentou pesquisar todas as combinações possíveis de palavras que poderiam trazer alguma informação sobre a Sociedade. Phoebe encontrou alguns sites, em sua maioria páginas improvisadas com fatos e ficções sobre o grupo. Havia rumores por todos os lados: que havia uma cripta secreta sob o Templo de Dendur, no Met, onde ocorriam os encontros depois que se chegasse a um certo nível... que a Sociedade tinha um fundo de centenas de milhões de dólares, que financiava todas as suas atividades... que a Sociedade vinha perdendo poder e que por isso vinha recrutando pessoas mais jovens... que seus métodos eram violentos. Ela se encolheu de medo ao ler essa última informação, mas o site em si parecia tão histórico, com fontes vermelhas sobre um fundo preto, cheio de erros de digitação, que ela se negou a acreditar naquilo. A página tinha uma animação que travou seu navegador. Depois de reiniciar o computador, ela não voltou à página.

Phoebe sabia o que tinha presenciado nas últimas duas noites. Ela gostou das pessoas que estavam lá. Ela teria de decidir aquilo por ela mesma.

Nick acordou logo depois do meio-dia no domingo. Ele tinha se esquecido de fechar as cortinas de seu quarto na noite anterior, então a luz do sol do meio-dia se despejava no interior. Ele deu uma

olhada ao redor do quarto, no teto alto, no papel de parede com listras azuis que havia escolhido quando tinha dez anos. Naquela manhã, diferente das duas noites anteriores, ele sentia-se confortável, seguro, como se nada pudesse atingi-lo — até que ouviu os passos de alguém no corredor, do outro lado da porta do quarto. Ele colocou a cabeça para fora e viu que eram seu pai e sua mãe, de volta mais cedo da viagem à casa de praia. Ele se perguntava se teria de contar a seu pai sobre a Sociedade — ou será que seu pai já sabia? Era tudo tão confuso.

Ele estava faminto, sem ter comido nada nas últimas dezesseis horas. Nick vestiu calças de moletom e uma camiseta e saiu vagando pelo corredor até o canto do café da manhã na cozinha, o que tinha vista para o fantástico deque que circundava o apartamento. Sua mãe, Gigi, o havia decorado para que parecesse como se estivessem no sul da França, o que Nick sempre achou um pouco absurdo, considerando que eles estavam no meio de Manhattan. Mas hoje ele o apreciava: os padrões idílicos formados pelas manchas de luz solar espalhadas sobre a toalha de mesa Pierre Deux, os pratos de cerâmica provençal, as plantas ornamentais podadas como esculturas. Seus pais estavam tomando um café da manhã reforçado juntos, como se fizessem isso todo domingo. Na verdade, na maior parte dos fins de semana eles iam para o campo; se ficassem na cidade, normalmente teriam de atender a algum compromisso social, ou seu pai passaria o tempo trabalhando.

— Meu querido, você quer almoçar? — sua mãe perguntou. Ela vestia jeans justos, uma blusinha branca e muito pouca maquiagem, até porque ela não precisava de muita. Seu cabelo ruivo intenso se espalhava por suas costas.

Nick fez que sim e começou a encher o prato.

— Você deve ter ficado fora até mais tarde ontem à noite — ela disse.

Nick grunhiu uma explicação.

— Hum... sim. Eu e, você sabe, uns amigos. Nós saímos.

— Com gente nova, espero? — sua mãe perguntou. — Não com, você sabe...

— Mãe, por que você se importa tanto assim com a quantidade de tempo que eu passo com Patch?

— Eu só acho que sua amizade com ele é algo... bem, algo limitante. Você precisa de amigos que sejam do seu nível.

Seu pai parecia afoito para mudar de assunto.

— Nós queremos que você se divirta. Aproveite enquanto você pode — seu pai falou. — Com a escola, e os planos de faculdade, e tudo o mais começando a aquecer, eu não quero você se estressando demais.

Isso era tão incomum da parte de seus pais. Tudo que sempre costumavam fazer era insistir na história de que ele devia ser alguém diferenciado, devia atingir, ou conquistar, qualquer coisa que

tivesse em mente. E agora, repentinamente, eles estavam sendo legais. Exceto, é claro, com relação a Patch. Sua mãe nunca havia gostado de Patch, embora ele não imaginasse o porquê. Nick deu uma mordida em seu *bagel* depois de tê-lo recheado com alface, tomate e a famosa salada de atum do Gertie. Sua mãe lhe deu um sorriso, e seu pai continuou a ler o jornal; a armação com textura de casco de tartaruga de seu óculos pendia de seu nariz, como se aquele fosse como qualquer outro domingo.

Nick comeu seu *bagel*, olhando para a silhueta formada pelos prédios de Manhattan atrás do deque. Ele não tinha certeza se estava tudo bem, ou se talvez, apenas talvez, as coisas finalmente estavam se encaminhando da maneira como ele sempre havia imaginado que elas deveriam ser.

No domingo de manhã, Lauren e Phoebe se encontraram na Giroux de Nova York. Lauren queria que Phoebe conhecesse sua loja favorita, mas, mais importante, queria descobrir quem havia lhe dado a bolsa de presente. Ela e Phoebe passaram pelo departamento de calçados — os modelos eram deslumbrantes, iluminados por refletores e expostos em prateleiras Lucite, como se fossem obras de arte. Mesmo Lauren não os achava completamente práticos — mas, ah, ao menos para olhar... ela adorava essa parte. Ela mostrava a Phoebe sapatos de pele de cobra e com salto agulha quando ouviu uma voz atrás dela.

— Senhorita Mortimer?

Ela mal tinha se virado mas já reconhecia o falante. Era Sebastian Giroux em pessoa; ela o reconheceu dos numerosos artigos da seção de moda e estilo do *Times* e da *Women's Wear Daily*.

— Sim — ela disse.

O Sr. Giroux voltou os olhos para baixo, na direção da bolsa de Lauren.

— Vejo que você recebeu meu recado — ele disse.

Claro — tudo começava a fazer sentido.

— Sim, muito obrigada. Foi muito generoso de sua parte. Você não precisava mesmo... Quer dizer, meu Deus, eu nem compro tanto assim aqui! Quer dizer, quem me dera eu comprasse, mas, você sabe, os preços são um pouco... — sua voz começava a falhar.

Ela nem tinha consciência do que estava dizendo.

— Às vezes você tem de pagar para ter qualidade — ele disse.

— Não, eu não quis dizer que... — Lauren ficou um pouco vermelha.

— Não se preocupe. A bolsa foi um presente, mas também um convite.

Lauren levantou uma das sobrancelhas.

Ele prestava atenção em suas roupas, a maneira como ela usava um suéter longo sobre seus jeans justos, um cachecol Hermés de sua mãe, que ela havia amarrado na alça da bolsa.

— Você, minha querida, você tem estilo. Dá para notar. Igual a sua mãe. O que você acharia de trabalhar como minha estagiária?

Lauren puxou um pouco de ar, como se respirasse com dificuldade.

— Meu Deus, eu adoraria! Quer dizer, você sabe que eu ainda estou no colégio, certo? — No que é que ela estava pensando? Se fosse preciso, ela deixaria a escola por esse trabalho sem

pestanejar.

— Claro, nós vamos pensar em algo. Você poderia trabalhar apenas durante as tardes. O que você acha?

Lauren tinha um sorriso de orelha a orelha.

— Soa perfeito! Ah, aliás, esta é minha amiga Phoebe. Eu não... eu não consigo acreditar nisso. Muitíssimo obrigada!

— Não tem de quê — ele disse. — Você merece.

— Nossa — Lauren disse à Phoebe enquanto elas se sentavam em um café perto do Pastis. — O que, em nome dos céus, acabou de acontecer lá dentro? Eu nunca na vida tinha conhecido aquele homem, nunca tinha contado a ninguém que eu... não, espere um pouco, isso não é verdade. Eu postei no meu Facebook, tipo, milhões de anos atrás, que eu adoraria trabalhar naquela loja. Eu contei a Emily ontem à noite que eu gostaria de um dia trabalhar com moda, mas eu não achava que aconteceria tão rápido.

Phoebe assentiu com a cabeça. Ela não estava se sentindo estranha com aquilo tudo; na verdade, ela estava morrendo de inveja. Meu Deus, será que ela não poderia, ao menos uma vez, ficar feliz por outra pessoa? Não era só isso — era o sentimento de que ela, mesmo que fosse um membro da Sociedade, sempre seria inferior. Lauren era um membro havia menos de dois dias e já havia conseguido um estágio. Nick havia recebido o convite de seu mentor, Jared, para fazerem uma festa juntos em um clube famoso, e isso em plena festa. E o que ela havia conseguido? Ela havia mencionado a Anastasia que adoraria juntar alguns trabalhos e fazer uma exposição em uma galeria, mas Anastasia (Phoebe tinha de admitir, ela parecia um pouco falsa) não havia feito nada nem sequer lhe dado algumas dicas. Talvez ela estivesse sendo tola. Haviam se passado menos de quarenta e oito horas. Ninguém espera que o sucesso chegue tão rápido. Ainda assim, ela não podia evitar o sentimento de que, não importava quão rápido o sucesso chegasse para ela, a ascensão de todos seria mais rápida. Mais cedo naquele dia, ela havia passado os olhos pelos panfletos de universidades que tinha começado a receber; a indicação das universidades era feita com base em suas notas do PSAT^[12], que, ainda que boas, não eram nenhuma maravilha. Ela havia tirado suas peças de diferentes mídias. Precisava voltar a trabalhar nelas. O que é que ela temia?

— Isso é ótimo — Phoebe falou, esperando que sua falta de entusiasmo não ficasse aparente.

— Você não parece muito certa disso — Lauren disse, dando um gole em seu expresso.

— Não, é só que... Bem, eu ainda estou um pouco confusa com isso tudo. Alguma coisa parece não estar clara. É como aquela entrevista de trabalho perfeita com a qual nós todos sonhamos, na qual alguém diz, “Poxa, você é demais, nós te amamos, nós queremos você”. Mas daí também tem essas coisas estranhas. Assim, eles ainda não mencionaram nada sobre o que nós teremos que fazer. Quer dizer, eu duvido seriamente que tudo isso venha de graça. Tipo, em que momento nós vamos ter

de começar a pagá-los de volta por todos esses privilégios? É basicamente isso que eu ainda não compreendi.

— O que eu acho é que primeiramente nós temos que tirar vantagens do fato de sermos parte da Sociedade — Lauren disse. — Quer dizer, não é como se nós pudéssemos mesmo fazer qualquer coisa por qualquer pessoa de qualquer jeito, certo? Eu não tenho de fato contato nenhum, eu não conseguiria arrumar um emprego ou coisa do gênero para ninguém. Eu acredito que a ideia seja primeiro você ter êxito, e depois você tenta ajudar a próxima leva, como se fosse um pagamento à classe mais velha que te ajudou. O que seria mais ou menos o jeito que a vida funciona mesmo, certo?

Phoebe a corrigiu.

— A vida para algumas pessoas. Quer dizer, o que aconteceria se tivéssemos que fazer nós mesmos essas coisas?

— Nós ainda temos que fazer muita coisa nós mesmos. A Sociedade pode ajudar a abrir algumas portas para a gente. Não é como se eu não tivesse que dobrar roupas no depósito pelos próximos seis meses, mas a questão é que é isso que eu quero fazer. E ninguém nunca saberia disso se eles não tivessem contado ao Senhor Giroux.

A perspectiva clara e direta de Lauren acalmou um pouco Phoebe. Seus sonhos se tornariam realidade; ela tinha que lhes dar tempo. Agora, neste instante, ela deveria estar curtindo: nenhum dever, nenhuma responsabilidade de verdade. Era só comparecer a algumas reuniões, ser agradável, e então as portas começariam a se abrir para ela, certo?

— Emily me fez esse pequeno discurso ontem à noite — Lauren disse. — Era basicamente tipo, “Nós trabalhamos duro, nós somos aqueles que fazem as coisas acontecerem, nós apertamos os botões”. Você sabe, essa coisa toda.

— Eles certamente devem estar orgulhosos deles mesmos, não devem? — Phoebe sentou-se novamente em sua cadeira.

Lauren sorriu de maneira provocativa.

— Nossa, e eu que pensava que era a cínica da dupla.

— Eu sei, eu sou terrível! — disse Phoebe.

— Eu acho que eles podem te ajudar. Se você quer fazer sua arte, para isso você precisa de dinheiro, certo? E você precisa ser notada. Você precisa ser aquela na qual as pessoas prestam atenção, não aquela que fica choramingando, cheia de ressentimento, frequentando galerias e que se orgulha de ler livros barganhados em sebos. — Lauren sacou um gloss de sua bolsa e começou a passá-lo nos lábios, como se a questão estivesse definitivamente encerrada.

Phoebe deu uma gargalhada. Ela *gostava* de ler livros barganhados em sebos, mas ela não contaria isso a Lauren.

Naquela tarde, Nick sentia que precisava esfriar a cabeça, então decidiu dar uma corrida. Ele correu por toda a Quinta Avenida até o portão de entrada do parque na Eighth-fifth Street, na direção da caixa-d'água.

Era uma daquelas corridas em que os mesmos pensamentos circulavam ao redor de sua cabeça em um *loop* infinito: as duas últimas noites, Phoebe, mentir para o Patch, seus pais, Phoebe, as aulas começando...

Não havia discernimento possível hoje.

No caminho de volta, na saída do parque, ao norte do museu, ele avistou Patch.

— Ei! — Nick gritou.

Patch acenou para ele, de uma forma hesitante, Nick pensou, como se Nick fosse uma pessoa que ele não conhecesse mais.

Nick resolveu parar; sua camiseta com a estampa do logotipo de Yale estava ensopada, e seu cabelo emplastado de suor.

— Ei — ele disse novamente.

— E aí? — respondeu Patch.

— Você quer ir a algum lugar para a gente tomar alguma coisa?

A opção mais próxima seria um carrinho de cachorro-quente em frente ao Met, onde eles compraram refrigerantes e se sentaram nos degraus. Era um lugar familiar para eles; eles se sentiam como se tivessem passado metade da infância no Met. Eles brincavam de esconde-esconde em meio à seção de armaduras e ganhavam chocolate quente grátis no Petrie Court Café.

— Então, o que acontece? — perguntou Nick. — Você está tão quieto.

Patch ficou em silêncio por um momento antes de finalmente falar para o amigo.

— Nick, eu sei o que está acontecendo. Eu sei de tudo.

Nick sentiu um calafrio.

— Sabe do quê? — ele perguntou cuidadosamente, enquanto se chegava mais perto de Patch nos degraus.

— De tudo o que aconteceu na sexta à noite.

Nick sabia que aquilo não podia ser verdade: não havia maneira de Patch saber de *tudo* o que havia acontecido.

Patch continuou:

— Eu sei sobre a Sociedade. Sobre você fazer parte dela. Você, e Lauren, e aquela garota recém-chegada em Chadwick. É um negócio de arrepiar, Nick.

— Eu não sei do que você está falando.

— Qual é, Nick? Pra cima de mim?

Nick levantou o anel do lacre de sua latinha, arrancou-o e o jogou no chão.

— Não. Eu não tenho ideia do que você está falando. — Como, mais uma vez, havia sido tão fácil mentir para seu melhor amigo?

— Nick, eu tenho um vídeo. E ele, bem... ele me deixou muito assustado.

Alguns turistas passavam por eles, então Nick baixou o volume de sua voz, sussurrando para Patch.

— Como diabos você conseguiu um vídeo daquilo?

— Eu vi o endereço em seu telefone. Eu sabia o que estava acontecendo. Eu me arrastei por um tubo de ventilação e filmei a coisa toda.

Nick ficou gelado. Isso não era bom. Não era nada, nada bom.

— Eu talvez, uma hora dessas, coloque no videolog.

— Patch, você não pode fazer isso. Eu não acho que você tenha entendido. Não se trata de uma celebraçãozinha na qual você possa borrar os rostos das pessoas e mostrá-las por aí curtindo ou algo assim. Pessoas podem se ferir de verdade aqui.

— Então por que você não me conta do que se trata tudo isso?

Nick baixou os olhos.

— Patch, eu não posso. Você tem que confiar em mim sobre isso. Eu preciso que você não poste esse vídeo, não conte a ninguém sobre ele. Você me promete isso?

— Por que eu deveria?

— Porque você é meu amigo.

Patch zombou.

— Um amigo de verdade teria me contado o que está acontecendo.

— Caramba, Patch! Você não entendeu? Eu não posso falar sobre isso. Tem certas coisas... coisas que eu não posso explicar. — Nick não sabia o que estava dizendo, mas ele precisava de um jeito para tirar Patch de sua cola. Ele não podia lhe contar sobre o que havia acontecido, sobre o que ele sabia... por menos que fosse. A Sociedade havia deixado isso claro.

Patch se levantou.

— Aonde você vai?

— Vai se ferrar, Nick.

Nick também se pôs em pé e começou a segui-lo.

— Qual é, Patch? Não faz isso!

Patch atravessou a rua em frente ao prédio, passando correndo na frente dos carros, e Nick atrás dele, enquanto dois táxis buzonavam alto. Patch parou sob o toldo do edifício. Ele zombou de Nick, que ficou lá parado, sem saber o que fazer. Patch alcançou Nick e levantou o cabelo de sua nuca.

— Foram eles que te deram isso? Agora você tem a marca?

Nick olhava de maneira desconfortável para um dos porteiros, mas ele estava ocupado ajudando

uma mãe com duas crianças a saírem do táxi.

— Você tem? Você tem a cruz ansata? — Patch o provocava.

Nick deu as costas para ele, e Patch fez o mesmo.

— Ah, então é assim que vai ser? — disse Nick, como se sentisse sua face pegando fogo.

Ele ouviu uma voz atrás deles.

— Meninos! — O pai de Nick saía de um Mercedes preto que se alinhava ao meio-fio. —

Meninos, cortem essa! O que vocês são, crianças?

Patch cuspiu as palavras para Nick.

— Você é um idiota. — Ele deu as costas e entrou correndo no prédio.

O pai de Nick olhava para ele.

— Você está bem?

Ele fez que sim com a cabeça. Ele estava bem, fisicamente, mas estava desestabilizado. Ele e Patch haviam tido suas desavenças ao longo dos anos, mas nunca nada assim. Não era o tipo de coisa que iria amornar facilmente.

O pai de Nick colocou uma mão em seu ombro.

— Essas coisas vão acontecer mesmo. Você não pode se deixar levar. Você está crescendo, está fazendo suas escolhas. Você me promete que não vai deixar isso te chatear?

— Acho que sim. — Nick olhava relutante para seu pai.

— Ótimo. Você tem muitas coisas com que se preocupar no momento para deixar que algo como uma amizade de infância atrapalhe seu caminho. — O pai de Nick o olhava de forma intensa. — Amigos vêm e vão, mas você sempre será um membro da Sociedade.

No dia seguinte, no colégio, tudo com relação à Sociedade estava tão longe dos pensamentos de Phoebe que era como se nada daquilo tivesse de fato ocorrido. O que havia mudado, entretanto, era que Lauren a havia convidado para almoçar com ela e algumas amigas em um café nas redondezas. Seria assim tão fácil? De repente, Phoebe sentia-se como se tivesse amigos em Chadwick — assumidamente, ela não conhecia aquelas meninas tão bem assim, mas ela poderia sair com elas, fofocar. As meninas trataram Phoebe, de certa forma, com indiferença, e Phoebe sentia que podia estar ocorrendo alguma tensão. Ela se perguntava se Lauren havia lhes contado alguma coisa sobre o fim de semana.

Mais que nada, Phoebe queria saber mais sobre a Sociedade. Isso continuava lhe consumindo, essa ideia de que ela estava entrando em algo que não conhecia direito, e ainda assim também lhe parecia uma maneira tão clara e natural de progressão das coisas. Ela sempre quis ter êxito, e agora ele estava bem ali, sendo passado para ela de mãos beijadas.

Ela já havia revirado a internet no dia anterior, lendo tudo, desde paranoias até estudos acadêmicos, sobre sociedades secretas. Para cada página completamente maluca (e havia no mínimo três), tinha ao menos cinco mais elogiosas sobre os trabalhos da Sociedade, falando sobre como ela doava anonimamente para caridade, como era um terreno fértil para futuros líderes em política, negócios, e mesmo em cultura. Ela decidiu ir até a biblioteca de Chadwick e ver se eles tinham algo sobre o assunto.

A biblioteca da escola era um belo edifício anexo no extremo norte do campus, ligado ao prédio principal por uma porção de corredores. Ela era encarpetada em um tom profundo de borgonha, com grandes janelas palladianas e mesas de carvalho onde se podia estudar entre as colunas. Ela foi a um terminal de computador e digitou várias combinações de palavras para fazer aparecer uma série de livros. A maioria dos registros começava com 300, a seção de ciências sociais. Depois de encontrar a fileira certa, ela pegou alguns volumes e os folheou. Nenhuma menção à Sociedade, até onde ela podia ver. Phoebe não tinha ideia de quão privativo era o banco de dados da biblioteca de Chadwick, mas ela sabia que com certeza não queria deixar nenhum registro de seu interesse pelo objeto. Era arriscado demais.

Será que isso estava certo? Ela se perguntava. Se fosse algo realmente tão secreto, aquilo não seria de certa forma, digamos, errado? Mas havia um bocado de segredos que não eram errados.

Ninguém sabia muito sobre sua vida antes de ter entrado naquele colégio. Ninguém sabia que ela nunca havia tido um relacionamento que tivesse durado mais do que algumas semanas. Aquilo era um segredo, ou um tipo de segredo. Talvez aquilo não fosse nada mais do que um grupo de pessoas guardando alguns segredos. Seria isso tão errado? Ela pensou naquela citação de Diane Arbus^[13] que sua mãe sempre usava: “Uma fotografia é um segredo sobre um segredo. Quanto mais ele conta, menos você sabe”.

O mundo estava repleto de segredos. Não era então melhor estar do lado de dentro, onde poderia conhecê-los, do que do lado de fora?

Quando estava saindo da biblioteca, ainda na seção de ciências sociais, ela passou pelo final dos registros de número 300. Phoebe ficou estática, gelada. Um livro sobre costumes egípcios pairava na prateleira, e em sua lombada estava estampada a cruz ansata.

Naquela tarde, quando Lauren chegou em casa, sua mãe estava deitada no divã verde-musgo da sala de estar, bebendo de um copo de vidro comum. Sua bolsa e duas sacolas de compras cheias de amostras de tecidos estavam jogadas ao lado do apoio para pés da poltrona. Ao fundo da sala, um filme clássico era exibido silenciosamente na TV de plasma que geralmente ficava escondida em um console de travertino; Lauren reconheceu o número de dança com Frank Sinatra e Bing Crosby, um dos favoritos de sua mãe.

Mais familiares ainda eram os estalos do gelo no copo e as palavras de repreensão de sua mãe. Eram seis horas da tarde, e Diana já estava travada de tão bêbada.

— Minha querida, venha até aqui — disse sua mãe.

Lauren sentou-se polidamente no sofá de madeira próximo a sua mãe. Quanto mais desleixadamente sua mãe se comportava, mais Lauren queria participar da cena. Lauren olhou para ela: sua pele bronzeada, seu cabelo loiro, sua constituição magra como um palito. Às vezes sua mãe parecia linda, e às vezes parecia que estava definhando.

— Mãe, o que aconteceu?

Ela olhou para Lauren de canto de olho, depois deu um gole em seu copo.

— Eu perdi outro cliente. Eu tinha acabado de chegar das compras na D&D, e estava cheia de pacotes, como uma mula de cargas. Ann Moss, a esposa do fundador da associação, veio com essa história durante o almoço. Ela me disse que eu havia perdido meu toque especial para decoração. Que ela estava decidida a trabalhar com alguém que lhe promettesse que ela poderia entrar para a *Architectural Digest*. Então ela me demitiu e disse que queria de volta o restante do dinheiro que ela havia dado como garantia, e que ela iria me processar se eu não a reembolsasse. E daí ela foi embora e me deixou com a conta do restaurante!

— Então deixe que ela te processe. Você não precisa dela.

— Depois do divórcio, eu não posso arcar com outro processo. Com esses advogados cobrando oitocentos dólares a hora, eu vou ficar completamente lisa. Eu fiz um cheque para ela lá mesmo. Foram apenas alguns milhares. Mas... foi humilhante!

— E você ficou jogada nesse divã desde então?

— Não, eu fui para o Bemelmans — ela disse, referindo-se ao bar no The Carlyle. — Achava que ninguém me reconheceria lá, que haveria apenas turistas. Bem, eu estava no meu segundo martíni quando eu dou com ninguém menos que Jack Dunleavy, nosso contador. Eu disse que tinha acabado de tomar um drinque com uma amiga naquele exato momento. Ah, Lauren. Eu desejo coisas muito melhores para você.

— O que você quer dizer?

— Existe uma fresta tão pequena de oportunidade na sua vida... o tipo de sucesso que você realmente merece. E uma mulher hoje em dia... bem, espera-se que ela se case, tenha filhos, e uma carreira espetacular.

— Mãe, parece que você está se esquecendo de que eu tenho apenas dezesseis anos. — Lauren preparava uma dose de Pellegrino para ela mesma em uma bandeja sobre um carrinho de drinques que estava na sala.

— Eu sei, mas é que é tão difícil. Quando se está na faculdade, você fica tão ocupada. E então você é atirada no mercado de trabalho. Você tem que encontrar um marido. E você tem que encontrar uma forma de se destacar de suas semelhantes. Não faça o que eu fiz.

— O que você quer dizer?

— Eu saí no Baile Internacional — Lauren havia ouvido aquela história centenas de vezes. — Todos os garotos queriam sair comigo. Infelizmente eu escolhi seu pai, que, depois de vinte gloriosos anos, decidi que já tinha tido o bastante.

— Mãe, eu sei. O papai é um idiota. Mas não há nada que você possa fazer quanto a isso.

Sua mãe continuava:

— Eu nunca tive tempo para desenvolver meus talentos. Na idade em que você está, você precisa aproveitar toda as oportunidades.

Lauren queria tanto contar a sua mãe sobre seu estágio, mas o conselho de sua mãe era tão contraditório. Ela diria a Lauren para aproveitar cada chance que lhe fosse oferecida, e depois a repreenderia por não se dedicar o suficiente aos estudos. Ela não aprovaria o estágio, iria tratá-lo com desdém, como se fosse nada mais do que trabalhar em uma loja.

Ela queria perguntar à sua mãe sobre a Sociedade, para ver se ela era um membro. Mas pela maneira como aquilo tudo soava, sua mãe não tinha a menor ideia. Além do mais, ela havia prometido à Sociedade que guardaria tudo para si. De qualquer forma, sua mãe estava em um outro mundo.

— É tão bom que você tenha amigos — ela disse. — Continue com seus amigos, querida. São eles que vão de fato te apoiar.

Lauren pediu licença para usar o banheiro — ela precisava de uma folga de sua mãe por um momento — e, quando ela retornou, Diana havia adormecido no sofá. Lauren cobriu sua mãe com uma manta de casimira bege, decidindo deixá-la dormir. Quando ela apagou as luzes, as luzes das janelas da Park Avenue brilhavam através das cortinas translúcidas da sala, iluminando a pequena figura de sua mãe. Naquela tarde, Lauren programou o despertador para bem cedo, caso sua mãe varasse a noite dormindo e precisasse ser acordada antes de os empregados chegarem. Uma coisa Lauren sabia: ela nunca seria como sua mãe. Ela faria tudo que estivesse ao seu alcance para que aquilo não acontecesse com ela.



II
A LOUCURA

Tudo começou com a cruz ansata.

Mais tarde naquela noite, Phoebe estava em casa olhando novamente suas telas. Ela havia passado na galeria depois da aula, pois sua mãe precisava que ela pegasse alguns papéis, e a proprietária, Michelle Schrader, havia aparecido para falar com ela. Ela disse ter ouvido que Phoebe vinha trabalhando em uma série e que ela estava interessada em dar uma olhada nos trabalhos. Ela tinha algumas imagens que ela pudesse enviar?

Phoebe ficou sem ar. Como Michelle poderia ter ouvido sobre sua arte? Talvez sua mãe tivesse dito algo a ela.

Ela correu até em casa e começou a olhar as obras, espalhando-as pelo chão e tentando bolar uma estratégia para o que fazer com elas. Eram telas que misturavam diversas mídias, combinando pintura abstrata, colagem e estêncil. Elas tinham potencial, mas precisavam de algo mais. O livro que havia pegado na biblioteca — ela pensou que podia pegar aquele sobre o Egito sem levantar suspeitas — lhe chamou a atenção. A cruz ansata. Sua mão subiu até o curativo em sua nuca. Ainda cicatrizando, ela concluiu.

Ela foi até seu laptop, fez uma busca por imagens e passou os olhos rapidamente por alguns sites. A cruz ansata simbolizava imortalidade, a união entre masculino e feminino. Ela podia proteger contra má sorte ou atrair coisas boas para a vida. Ela chegou até a aprender seu nome latino, *crux ansata*, que significava “cruz com uma alça”. Mas não havia nenhuma menção à Sociedade.

Não fazia mal; na verdade, era melhor que a cruz ansata não fosse publicamente associada à Sociedade. Ela voltou o olhar para suas telas. Ela estava inspirada pelo imaginário egípcio, pelas possibilidades que ele lhe oferecia. Ela pegou seu caderno de rascunhos e começou a esboçar uma nova obra.

No Soho, Nick aguardava nervosamente por Jared Wilson em um novo bar, Persepolis, que era ambientado vagamente com temas do Oriente Médio. Embora a ideia de dar uma festa no Twilight fosse emocionante, ela também deixava Nick tenso. Jared queria fazer a festa às quintas-feiras, a melhor noite na hierarquia do clube, já que as sextas e os sábados eram tidos como para amadores.

Nick, entretanto, não estava seguro de que podia confiar em Jared. Ele havia ouvido rumores: que Jared gostava de pegar pesado nas festas, que estava envolvido com drogas, que era um

traficante. Mas Nick pensava em todas as coisas horríveis que tinha ouvido as pessoas dizerem sobre ele próprio e como elas não eram verdadeiras. Ele não podia acreditar em meras fofocas. Além do mais, a família de Jared era bem conhecida em Manhattan, e ele frequentava um colégio tão respeitado quanto Chadwick.

Jared cumprimentou Nick e então baixou seu drinque e pediu outro ao *bartender* do Persepolis, que parecia conhecê-lo.

— Cara, a gente vai fazer rolar — ele disse a Nick. — Você tem que me prometer que vai levar um pouco daquela multidão de jovens, tá certo?

Nick confirmou com a cabeça de maneira cuidadosa. Ele não gostava de fazer promessas com relação a promover festas. Nunca se sabe se um clube vai estar fervendo em um minuto e não no próximo; ou se iria chover, afetando assim o número de pessoas que sairiam de casa naquela noite; ou então se um evento mais importante poderia surgir.

— Você tem alguém em mente para ser o DJ? — Nick perguntou. Ele se perguntava se Patch apreciaria a oportunidade. Ele iria de fato receber pelo trabalho, diferente da outra vez, pela qual, Nick só agora se dava conta, ele nunca o havia agradecido. Apesar de Patch ter pisado drasticamente na bola ao ter filmado a iniciação da Sociedade, as pessoas ainda falavam descontroladamente sobre quão fantástica havia sido a mixagem naquela noite. E Nick também buscava uma maneira de fazer com que Patch percebesse que ele o perdoaria. Ele vinha ignorando Nick desde a discussão que tiveram na frente do prédio no domingo à tarde. — Meu amigo Patch poderia se interessar pelo trabalho.

Jared mexia o gelo em seu copo.

— Eu não sei... ele é um membro? — A pergunta surpreendeu Nick. Ele achava que os Conscritos deviam saber quem era ou não um Iniciado.

— Não, ele é da minha classe em Chadwick. É meu melhor amigo — Nick disse. “Ou era”, ele pensou.

— Não sei se essa é uma boa ideia — disse Jared. — Nós precisamos de um nome famoso, sabe, alguém que as pessoas vão reconhecer.

Nick consentiu:

— Claro. Eu entendo.

— Carlo vai pensar em alguém, eu tenho certeza.

Enquanto Nick bebia sua coca-cola e os dois revisavam o resto dos detalhes da festa — lista de convidados, opções de fornecedores de bebidas, política de entrada —, era como se o encontro fosse uma formalidade, como se Jared não precisasse de Nick para nada, era como se ele precisasse apenas farejar Nick para descobrir que tipo de pessoa ele era. Nick estava acostumado a maratonas de *brainstorming*^[14] com outros *promoters*, usando sua criatividade para resolver problemas e

superar obstáculos. Agora era como se tudo aquilo estivesse acontecendo mecanicamente.

— Nick!

Patch deu dois passos de uma vez para se encontrar com Nick no dia seguinte. Nick estava sentado em frente à entrada de Chadwick, olhando para o tráfego na York Avenue; sua mochila estava suspensa sobre seu ombro, como se estivesse pronto para se levantar.

— Eu preciso falar com você — disse Patch. Era a maneira mais formal que ele já havia tratado seu amigo. Patch estava receoso sobre essa conversa.

Haviam ocorrido alguns avanços em suas negociações com a TV. Dois dias antes, Patch tinha sido citado no *The Observer*, em um artigo sobre videologs de adolescentes, e seu agente tinha lhe telefonado para informá-lo que havia feito uma boa oferta para comprar os direitos de produção do programa de Patch. Naquela manhã, Patch havia se encontrado com Simone Matthews, uma produtora de *reality shows* da companhia Eyes Wide Open, para que discutissem a criação de um episódio-piloto. Era a segunda vez que ele se encontrava com aquela mulher afro-americana de trinta e poucos anos com um sorriso contagiante; a primeira vez havia sido no escritório de seu agente, antes de eles comprarem seu programa.

Dessa vez, eles haviam se encontrado para um café da manhã bem cedo no Sant Ambroeus, uma lanchonete milanese na Madison, para discutir como transformar o PatchWork em uma série de TV. Ela queria um material provocante, disse, caso quisessem que o projeto virasse realidade. Ela recebia demonstrações de interesse por *Chadwick por dentro* (como o programa seria chamado) de diversos países tão distantes quanto o Japão. Tudo isso era baseado em um *teaser*^[15] de cinco minutos que a companhia havia feito. Simone prometeu a Patch acesso total às locações, o que vinha sendo um empecilho para alguns videologs às vezes, quando um bar ou clube dizia a Patch que ele não poderia filmar (Bungalow 8 era um caso notório por tê-lo bloqueado graças ao público de altas celebridades que formava sua clientela — embora o fato de ele ser menor de idade nunca parecesse ser um problema). Agora ele sentia a pressão para produzir materiais extraordinários que iriam deixar de boca aberta os compradores do programa — o qual, afinal de contas, ainda tinha que ser vendido a uma rede de TV ou canal de TV a cabo.

Agora, Nick olhava atentamente para cima. Claramente a briga deles ainda estava fresca em sua cabeça.

— Sim?

— Eu me encontrei com uma produtora hoje de manhã. Sabe, aquela sobre a qual eu vinha te falando? Bom, eles querem fazer o programa... ou pelo menos um piloto. Mas eles querem material que seja de fato *top*, realmente incrível. Eu meio que... bem, eu deixei escapar sobre a filmagem que eu tenho.

Nick levantou-se e sua voz virou um sussurro.

— Patch, você é maluco? Eu te disse que você *não pode* publicar aquelas filmagens.

— Com o que você está tão preocupado? — Patch sabia que estava testando seu amigo, mas ele queria ver o que Nick iria dizer. Ele estava furioso com a maneira como Nick agia, como se Patch precisasse de sua permissão. No fundo, entretanto, Patch queria a bênção de seu amigo.

— Eu não sei. Olha, se você valoriza tudo o que nós temos, nossa amizade, tudo enfim, por favor, *por favor*, não mostre aquilo para eles. Diga a eles que você perdeu, ou coisa do tipo.

— Nick, eu não posso fazer isso.

— Por que não? Você tem um monte de outras filmagens.

— Nick, eu não tenho, tá certo? Ela disse, “Ninguém está tão interessado em ver cena a cena um bando de colegiais saindo pra beber”. Eles querem algo mais.

Nick balançou a cabeça.

— Então não faça o programa.

Patch sentia sua raiva crescendo. Era tão fácil para Nick dizer aquilo.

— Nick, você não entende. Minha vida não é como a sua. Eu não tenho carta branca para qualquer faculdade que eu queira. Eu não tenho um cartão de crédito sem limite. Eu tenho que trabalhar para ter o que eu quero.

Nick olhava para ele como se tivesse levado um tapa.

— Vai se ferrar, Patch. Você sabe que eu trabalho duro.

Patch ficou em silêncio. Havia tantas coisas ruins que ele poderia dizer — como ele saber que Nick tinha todas as vantagens, como Nick podia nem mesmo estar em Chadwick se não fosse por sua família. Mas ele se conteve, deu meia-volta e saiu andando. Ele não sabia o que dizer, então a briga, ele decidiu, tinha acabado.

Lauren foi andando para casa naquela noite, muito animada depois de seu primeiro dia na Giroux New York. O começo do trabalho era exatamente como ela havia imaginado: ela apareceu e foi recebida pelo Sebastian Giroux em pessoa. Ele lhe perguntou algumas coisas sobre a escola e então a deixou com Sabrina Harriman, a bem conhecida diretora criativa citada frequentemente nas seções de moda da imprensa. Sabrina, uma mulher de aparência severa com um nariz parecido com um bico de falcão, que era favorecida por roupas pretas e óculos de aros grossos, havia sido agradável mas formal, e Lauren pressentia que elas não seriam melhores amigas. Ela levou Lauren para o estoque para desempacotar alguns vestidos com etiqueta privativa Giroux que haviam chegado da Itália, um trabalho que alguns poderiam ter considerado inferior. Lauren não se importava, ela estava emocionada em estar ali. Ela começou a desempacotar os vestidos e a pendurá-los nas araras como se houvesse sido incumbida da tarefa mais importante da loja.

Havia passado mais ou menos uma hora quando ela se deparou com um vestido cuja etiqueta havia se despregado. Ela estava prestes a pegar uma agulha e pedaço de linha preta para costurá-la de volta quando percebeu algo estranho: no verso da etiqueta, bordado em cor inversa, branco sobre preto, havia uma pequena cruz ansata. Lauren virou as outras etiquetas, o que demandava certo cuidado, pois elas eram pregadas de maneira bem justa. Todas elas possuíam a pequena marca. Lauren sentiu um peso em seu estômago, sem saber o que significava aquilo. Ela sabia que havia conseguido o emprego graças a algum contato da Sociedade, mas não sabia mais detalhes. Seria o próprio Sebastian Giroux um membro? Pertenceria a loja à Sociedade? Decidiu que não deveria deixar aquilo incomodá-la. Ela tinha o estágio que sempre quis e não deixaria sua imaginação dominá-la.

Enquanto ela ia embora naquele dia, a coisa mais emocionante de todas aconteceu. Ela estava dando boa-noite a Sabrina, que estava falando com o pessoal da limpeza sobre qualquer coisa.

— Espere um segundo — disse Sabrina.

Lauren teve um calafrio. Alguém a teria visto olhando as etiquetas?

— Chegue mais perto — disse Sabrina.

Ela esticou uma mão na direção do pescoço de Lauren e tocou o colar que ela estava usando.

— O seu pingente. Ele é deslumbrante. Quem fez?

Lauren nem se lembrava que ela o estava usando. Era outra peça *vintage* de joalheria que ela

havia comprado no mercado de pulgas de Chelsea havia mais de um ano e depois o havia reformado. Ela tinha algo com joias; ela odiava quase todos os estilos da moda. Da mesma forma com que ela adorava a moda contemporânea, ela sentia que as joias atuais pareciam como se devessem ser vendidas no shopping.

— Eu não sei — disse Lauren. — É *vintage*. Quer dizer, eu mandei reformá-lo e o coloquei em uma correntinha nova.

— Eu mataria alguém para ter algo assim na loja — falou Sabrina, sorrindo. Sua voz soava mais baixo. — Sabe, eu achava que você podia ser mais uma... bem, mais um *contato* do Sebastian. — Ela virou os olhos. — As *socialites* de sempre que ele gosta de ver trabalhando na loja.

Lauren deu uma risada.

— Eu nem sou uma *socialite*.

— É isso que todas dizem. Mas eu estou impressionada com você. Você ficou trabalhando lá embaixo por três horas sem dar sequer uma pausa, você não comprou nada, e tem um gosto fantástico para joias. — Ela deu uma batidinha no ombro de Lauren. — Vejo você na semana que vem.

Lauren se sentia caminhando nas nuvens enquanto voltava para casa depois daquele elogio. Quando chegou ao apartamento, as palavras de Sabrina haviam lhe dado uma ideia. Ela correu até seu quarto e pegou o caderno de rascunhos no qual ela brincava com ideias para joias. Eles tinham uma inspiração retrô, não de maneira espalhafatosa — *designs* clássicos simples com um ou outro detalhe de capricho. Ela nunca havia pensado neles como algo pelo que as pessoas pudessem se interessar; desenhá-los era algo que ela fazia apenas para se divertir.

Se Lauren pretendia seguir carreira em moda, ela sabia que teria de ir para a FIT ou para Parsons^[16]. Ela precisava de algo que a destacasse dos outros candidatos — principalmente se ela precisasse de uma bolsa de estudos, que poderia ser necessária caso sua mãe ou seu pai dissessem que não pagariam por seus estudos. Educação era algo caro. E ela precisaria ter um portfólio com seus desenhos. Ela começou a trabalhar em mais ideias.

— Phoebe, eu quero que você desça para conhecer o Daniel.

Sua mãe a estava chamando à cozinha para que ela conhecesse o cara com quem estava saindo — de novo. Houve dois encontros anteriores, e Phoebe havia surgido com uma desculpa para cada um deles apenas para não estar em casa quando Daniel pegasse sua mãe ou a deixasse em casa. Isso a deixava um pouco nervosa, a ideia de sua mãe sair para encontros. Ainda que ela desejasse que sua mãe fosse feliz, ela não queria conhecer algum cara novo que a estivesse levando para sair. Mas dessa vez ela não tinha escolha. Teria de conhecer Daniel, o famoso colecionador de arte de Park Slope.

Ela se arrastou penosamente escada abaixo até a lustrosa cozinha toda branca. A cozinha parecia não combinar com todo o resto da casa, mas Phoebe gostava dela. Era como uma tela em branco na qual ela podia deixar sua mente vagando. Deixar a mente vagando era exatamente o que ela vinha fazendo ultimamente. Ao contrário das tardes solitárias que ela tinha imaginado que teria em uma nova cidade, ela havia ficado obcecada com seu portfólio artístico, entregando-se completamente a suas pesquisas e rascunhos. O livro sobre o Egito a havia fascinado: era sobre simbologia, os significados dos diferentes signos. Ela decidiu que incorporaria alguns deles em sua série; ela sabia que provavelmente não devesse, por conta da Sociedade, mas ela imaginou que seria algo sutil. Além disso, não eram quebras de limites o que as pessoas buscavam na arte de hoje? Uma das performances de Anastasia envolvia um filme preto e branco dela sentada em um sanitário lendo *Cartas a um jovem poeta*, de Rilke^[17]. Ainda que Phoebe achasse que aquilo soava um pouco fútil, as pessoas haviam falado descontroladamente sobre quão maravilhoso era aquilo, como ela fazia referência a Duchamp^[18], Warhol^[19], a celebração do cotidiano.

Daniel Fullerton, o namorado, era um pouco mais velho que sua mãe, bonito e com cabelos que começavam a ficar grisalhos nas têmporas. Ao que parecia, Michelle Schrader os havia apresentado.

— Phoebe! Eu tenho ouvido muito sobre você. — Havia algo em sua voz que soava como familiar.

— Prazer em conhecê-lo — ela disse, estendendo sua mão.

— Daniel é um ex-aluno de Chadwick — disse Maia.

Daniel deu uma risada.

— É, eu me formei há tanto tempo que nem mesmo tínhamos alunas, apenas meninos. Então, eu ouvi dizer que você tem se dedicado bastante a suas pinturas.

— Sim, elas são mais como obras de mídias misturadas, eu acho. — Ela vinha experimentando mais com *silkscreen*, um pouco de colagem; a sala de trabalho onde a amiga de sua mãe costumava fazer suas esculturas estava uma bagunça só.

— Eu adoraria vê-las. Você as mostrou para Michelle?

Phoebe ficou vermelha.

— Não, não mostrei. Ainda não. Eu devia, entretanto, certo?

— Com toda a certeza — disse Daniel.

— É melhor nós irmos — disse Maia.

— Legal te conhecer — Phoebe disse.

— Você também. E continue com as pinturas!

Quando Daniel lhe deu uma piscada de despedida, um calafrio percorreu todo o corpo de Phoebe. Ela percebeu de onde reconhecia aquela voz, tão macia e convidativa: Daniel tinha estado

na Noite do Renascimento.

No sábado à tarde, Phoebe e Lauren sentaram-se juntas a uma mesa redonda no salão de bailes do andar superior do Colonial Club, um clube social privativo na Park Avenue que remontava aos Astors^[20] originais. A segurança era intensa; seus nomes e carteiras de identidade foram duplamente checados e confrontados com uma lista, e dois seguranças corpulentos permaneciam em pé em cada um dos lados da porta do salão com paredes revestidas com painéis de madeira. Em um pequeno letreiro podia-se ler:

ALMOÇO DE OUTONO DA ASSOCIAÇÃO BRADFORD

O convite havia chegado via correio na tarde de quinta-feira, o que era uma surpresa, uma vez que todos os convites até então haviam sido feitos via mensagens de texto nos celulares. Phoebe começava a perceber que a Sociedade não apreciava a ideia de adiantar muitos detalhes sobre seus eventos. Ela e Lauren precisaram comprar novos vestidos na sexta-feira à tarde para o almoço.

A maior parte das pessoas presentes no almoço era mais velha, e a maioria não se apresentava. Houve vários anúncios, um dos quais avisava que todos os membros da Sociedade deveriam reservar as datas entre o Natal e o Ano-Novo para o retiro anual. A apresentação em si foi sobre trabalho comunitário e a importância do gesto de dar. Phoebe não precisava de uma sala cheia de gente empetecada para saber disso. Eles anunciaram que a Sociedade faria uma doação anônima para a ala egípcia do Metropolitan Museum para que reformassem algumas de suas galerias. Era uma causa que valia a pena, claro, mas havia algo de presunçoso naquilo tudo que Phoebe não gostava. A mãe de Claire Chilton, que aparentemente era uma Anciã da Sociedade, havia feito um pronunciamento sobre filantropia. De novo, tudo certo, mas algo ali dava a impressão de falsidade. Eles continuavam a falar sem parar sobre como estavam construindo uma geração de jovens líderes, ajudando a trazer à tona os verdadeiros talentos de todos, mas eles não haviam de fato *feito* nada. Tudo que haviam feito era assinar um cheque. Aquilo incomodava Phoebe; então, quando todos se serviam de suas tortinhas de limão com framboesa, ela sentiu que devia dizer algo.

— A fala de sua mãe foi tão adorável — uma garota disse a Claire.

— Obrigada — Claire deu um sorriso. — Eu acho que todos nós devíamos estar tão orgulhosos de nós mesmos.

— Espere um pouco. Deixe eu ver se entendi bem — Phoebe disse ao baixar seu garfo.

— A fala de sua mãe foi ótima. Mas como *nós* podemos nos sentir bem com essa doação? Nós não levantamos esse dinheiro. Nós começamos neste grupo há, o que, tipo, uma semana? Eu apenas não sinto, de verdade, que é nossa contribuição o motivo de orgulho. Nós todos apenas nos sentamos aqui bebendo nossas mimosas^[21] e nos gabando do fato de alguém que nem conhecemos assinou um cheque.

— Me desculpe — disse Claire —, mas muitas pessoas deram um duro danado para levantar esse dinheiro.

— Eu concordo plenamente — disse Phoebe. — Mas vamos fazer nossas próprias coisas. Vamos levantar nosso próprio dinheiro.

Bradley Winston zombou:

— Como assim, *vendendo bolinhos* ou coisa do tipo?

Phoebe ficou vermelha. Bradley Winston, por todos os caminhos de um típico suburbano emergente, era o filho de um brilhante professor da Universidade de Columbia que havia escrito um *best-seller* sobre políticas raciais. Ser alvo de chacotas de alguém com tal *pedigree* era algo doloroso.

— Não, ela está certa — falou Lauren, vindo oportunamente em defesa de Phoebe. — Nós não podemos simplesmente nos aproveitar das glórias do grupo.

— Ninguém está *se aproveitando* das glórias do grupo — disse Claire friamente na direção de Phoebe. — Você é nova neste grupo. Eu não tenho certeza se cabe a você tecer comentários sobre coisas que não entende de fato.

Provavelmente Claire estava certa. Phoebe estava emitindo uma opinião sem ser requisitada, embora ela não pudesse deixar de desejar consigo mesma que a faixa que Claire usava ao redor da cabeça cortasse sua circulação.

Houve um silêncio incômodo na mesa, até que alguém mudou o assunto para as reformas que seus pais estavam fazendo na casa de Newport.

Mais tarde, enquanto eles estavam caminhando para casa, Nick correu para falar com Phoebe e Lauren. Phoebe sentiu certo calor internamente na medida em que ele se aproximava; ela esperava que ele a convidasse para sair novamente.

— Graças a Deus aquilo terminou — disse Nick. — Eu estava começando a achar que ia desmaiar com aquele cheiro de naftalina daquele lugar. Eu ouvi sobre o que aconteceu na mesa de vocês. Eu odeio esses eventos de caridade nos quais ninguém faz nada, mas todos se sentam ao redor de suas mesas e sentem-se bem sobre a doação de outra pessoa.

— Eu não sei — disse Lauren. — É preciso ter cuidado, Phoebe. — Ela olhou ao redor para ter certeza de que não havia nenhum membro da Sociedade atrás deles. — Tem alguma coisa bizarra

nessa história toda... e eu não estou me referindo aos rituais tenebrosos de sociedade secreta, essa coisa toda. Eu não consigo imaginar o que... Eu contei a vocês sobre aquelas cruces ansata nas etiquetas, não contei?

— Será que elas não significam alguma coisa? — Phoebe disse. — Ela não queria parecer crítica demais; já se sentia como se tivesse se comportado como uma chata, e não queria que Nick pensasse isso dela.

Nick tirou o casaco e a gravata e desabotoou os punhos da camisa.

— Qual é, pessoal? Vocês não podem se deixar abalar por esse negócio todo. Isso tudo é para ser supostamente divertido.

Embora Nick rodasse seu paletó no ar, Phoebe não estava tão certa sobre o que ele disse.

À medida que caminhavam para casa, Lauren não pensava mais nos discursos do almoço. Ela pensava em Alejandro Calleja. Havia algo nele — sua confiança em si mesmo, sua presunção — que ela achava atraente. Parecia que ele lhe possibilitava ter, finalmente, um pouco de diversão sem maiores preocupações sobre o que as pessoas pensavam. Ela duvidava que sua mãe aprovasse Alejandro — afinal de contas, ele era conhecido por ter um quê de *playboy*. Lauren não se importava; ela estava lisonjeada por ele ter algum interesse nela.

Quando Lauren chegou em casa, Diana estava lendo a edição de sábado do *Page Six*^[22] enquanto almoçava mais tarde que de costume no solário.

— Você viu essa matéria sobre um de seus colegas de classe? — ela perguntou, segurando o jornal.

— O que é isso? — Sua mãe estava sempre falando sobre como fulano estava fazendo tal coisa, e sicrano fazendo outra, e como ela deveria fazer parte daquilo.

— Esse rapaz, Patchfield Evans, vai começar um novo programa de TV com coisas que ele está filmando. Vai se chamar *Chadwick por dentro*. Estão produzindo na sua escola. Querida, por que você não faz amizade com esse menino?

— Mãe, eu o conheço. Ele estuda em Chadwick desde a pré-escola.

— Peça a ele que filme você para o programa. Você precisa fazer algo que te destaque de seus colegas se quiser entrar em uma boa faculdade.

Lauren levava em consideração o que sua mãe dizia. Ela havia batido um papo com Emily van Piper naquela tarde; Emily havia recebido um convite para um papel em um filme independente, convite este feito pelo diretor de elenco com quem ela havia se encontrado. Todas as outras pessoas pareciam estar fazendo tantas coisas. Lauren pensou em seu caderno de rascunhos com os desenhos de joias. Ela já os estava finalizando, aplicando as cores, fazendo com que eles parecessem mais profissionais, mais como as ilustrações de joias que ela havia visto em livros. Ela não conseguia se imaginar desenhando qualquer outra coisa, mas de alguma forma com roupas e joias a coisa fluía

naturalmente. Ela não sabia qual seria o próximo passo. E então, naquela noite, antes de ir para a cama, ela sacou que o próximo passo era óbvio: ela iria mostrar seu caderno a Sabrina, na Giroux New York.

Phoebe passou o resto daquele fim de semana trabalhando em sua arte. Ela movia as colagens sobre as telas, dispunha em camadas estêncil sobre estêncil, até que estivesse realmente confiante de que elas formassem algo que valesse a pena ser exibido. Ela tirou fotos digitais de quatro peças e as enviou por e-mail para Michelle, na galeria de arte. Ela estava inquieta; para ela, as telas não eram simplesmente um degrau da escadaria que a levaria a ser uma artista bem-sucedida. Elas eram uma reflexão sobre toda sua existência, tudo no que ela acreditava.

Ela decidiu contar isso à sua mãe durante o jantar, na cozinha, enquanto comiam a lasanha que Maia havia feito.

— Você tem certeza de que quer fazer isso? — Maia questionou. — Quer dizer, você é tão jovem. Toda essa pressão. Você tem certeza de que consegue lidar com isso?

— Mãe, eu sempre quis trabalhar na minha arte. Eu apenas me distraí... com o divórcio, a mudança, tudo isso. — Ela sabia que esse era um golpe baixo para sua mãe, mas ela não podia evitar. Que direito tinha sua mãe de lhe dizer que ela não poderia ser uma artista?

— Querida, eu quero que você se divirta. Você já dá tanto duro em todo o resto. Você precisa mesmo jogar mais alguma coisa na fogueira?

— Isso me distrai um pouco, o que é uma boa coisa — disse Phoebe. — Eu preciso que você me apoie.

— É claro que eu te apoio — disse Maia. Ela ficou um pouco em silêncio enquanto bebia um gole de água de seu copo. — Agora, me diz, o que você achou do Daniel?

— Hum... ele é ótimo — Phoebe falou. — Muito bonito.

Maia lançou um olhar engraçado para a filha.

— Só isso?

— É, hum... eu acho ótimo que você esteja saindo com alguém. — Phoebe não queria contar suas suspeitas para sua mãe; de qualquer forma, o que elas significariam?

Ela desejava que sua mãe soubesse.



DEZENOVE

Na segunda-feira na escola, Patch virou-se ao ouvir seu nome e viu Lauren Mortimer, que nunca havia olhado para ele nem de soslaio, vindo apressada pelo corredor para falar com ele.

— Ei — ela disse, um pouco sem ar. — Eu sei que isso é muito inesperado, mas eu queria te pedir um favor. Você tem um tempo?

Patch fez que sim com a cabeça, enquanto Lauren repousava sua mochila no parapeito de uma janela.

— Eu li sobre seu programa. É tão emocionante! Quer dizer, eu adoro seu videolog, mas um programa de TV.. isso é legal de verdade. Eu estava pensando se você poderia filmar meu aniversário de dezessete anos. Vai ser daqui a algumas semanas.

Patch olhou para ela de maneira cética. Que tipo de programa de TV ela estava pensando que ele iria fazer? Ele não ia ser um desses *reality shows* fúteis sobre coisas de meninas. Ou seria essa festa algum tipo de acontecimento da Sociedade? Se fosse, talvez pudesse ser interessante. Talvez essa festa fosse lhe propiciar mais filmagens do tipo que ele estava buscando.

Lauren deu risada de sua expressão confusa.

— Desculpe, eu devia explicar do que se trata.

Ao final da explicação — tudo sobre a festa, desde o local até o tema, passando pela lista de convidados — ele já havia topado.

No dia seguinte, enquanto estava na biblioteca, Phoebe recebeu um e-mail de Michelle, dizendo: “Adorei suas peças. Você quer vir até a galeria e conversar sobre elas?”. Aquilo estava mesmo acontecendo? O sinal tocou anunciando a próxima aula, e ela percebeu que precisava responder à mensagem. Phoebe escreveu de volta a Michelle dizendo que passaria mais tarde na galeria naquela tarde.

Ela colocou os livros na mochila e partiu em direção à sala de aula. Será que era fácil assim? Talvez fosse, se ela se permitisse fazer apenas aquilo no que era boa, se não deixasse que suas preocupações e dúvidas entrassem no meio do caminho de seus sonhos.

Mais tarde, naquele dia, ela pegou o trem até a galeria, encontrando suas paredes brancas e chão de concreto quase familiar. Uma gélida *gallerina* (uma palavra chique para “recepcionista”) estava

sentada atrás de uma mesa conversando com uma jovem mulher que segurava um portfólio preto. A *gallerina*, sorriu de forma cortês para a mulher e disse:

— Desculpe, a Senhora Schrader não está vendo novas submissões no momento.

— Quando ela receberá novos trabalhos? — a jovem mulher perguntou. Phoebe supunha que ela havia acabado de sair de algum curso de belas-artes de Parsons ou Pratt^[23].

— Não dá para dizer. Nós estamos com a agenda completamente cheia no momento.

A mulher agradeceu e então deu meia-volta abruptamente e foi embora.

A *gallerina* deu um sorriso caloroso para Phoebe.

— Phoebe, Michelle me contou tudo sobre você. Meu nome é Sophie.

Phoebe sorriu desconfortavelmente enquanto elas se cumprimentavam, e Sophie a guiou até o escritório da galeria. Ela nunca havia dado muita atenção a Phoebe nas últimas muitas vezes em que ela havia estado na galeria; aparentemente, agora isso havia mudado.

— Phoebe! — Michelle apareceu de um canto e veio até o escritório, deixando uma pilha de papéis nos braços de Sophie. — Estou tão feliz que você pôde vir. Vamos conversar sobre suas obras. Sente-se. Sophie, pegue um pouco de água pra ela, ok?

Phoebe sentou-se à mesa Saarinen de mármore que servia como mesa de reuniões.

— Então, me fale sobre seu trabalho — disse Michelle. — Essas quatro peças. — Ela abriu um laptop e clicou nas quatro imagens que Phoebe havia lhe enviado. — Elas são fantásticas. Tão frescas. É exatamente o tipo de coisa que estou procurando. Eu precisaria vê-las pessoalmente, claro, mas estou tendo uma boa impressão sobre elas pelas fotos.

— Claro — respondeu Phoebe, pensando na cena que havia presenciado na recepção.

— Qual foi sua inspiração?

Phoebe respirou fundo.

— Essas quatro peças são sobre como a mídia se infiltrou completamente em nossas vidas. Como não conseguimos nos livrar dela.

— Você pode fazer mais algumas?

— Em quantas você está pensando?

— Eu diria entre doze e dezoito. Se você puder produzir essa quantidade, eu tenho uma vaga para exposição em novembro. Um artista para o qual havíamos reservado a data teve que cancelar.

Phoebe engoliu em seco. Ela achava estranho o fato de se propor uma exposição tendo como base apenas quatro pinturas. Teria a galeria alguma conexão com a Sociedade? Ela não sabia. Mais importante ainda, ela temia não ter tempo para produzir tantos trabalhos novos, mas, se ela queria essa exposição, ela teria de encontrar tempo. As quatro peças que ela tinha criado eram todas derivadas de ideias nas quais ela já havia trabalhado, um material sobre o qual ela havia passado meses refletindo. Ela conseguiria ter ideias novas para sustentar uma exposição de doze a dezoito

obras? Ela não sabia. Mas seria tolice não aceitar o desafio.

— Claro — ela respondeu. — Eu posso fazer.

Durante os últimos dias, Lauren havia buscado referências para sua nova linha de joias e feito mais uma dúzia de rascunhos. Todos tinham inspiração em um estilo retrô, o tipo de peças usadas por Lana Turner e Grace Kelly em filmes antigos. Ela revirou os mercados de pulgas de Chelsea e Hell's Kitchen, as barracas dos negociantes de joias do Brooklyn Flea Market, em Fort Greene, as lojinhas do Midtown e do Village. Uma semana depois, ela havia compilado um portfólio de oito rascunhos finalizados para mostrar a Sabrina, na loja.

Na Giroux, ela bateu à porta aberta do escritório no porão, onde Sabrina folheava livros de *designers* de moda para a próxima estação.

— Lauren — disse Sabrina —, entre. O que você tem aí?

Sebastian Giroux apareceu à porta e colocou a cabeça para dentro.

— Sabrina, você tem um minuto?

— Claro. Sebastian, talvez você queira dar uma olhada nisso. Parece que Lauren tem alguns desenhos que gostaria de nos mostrar.

Lauren sentiu-se enrubescendo.

— Ah, uma *designer* desabrocha! É isso que queremos ver por aqui. O que é isso?

Lauren lhe estendeu seu caderno de rascunhos. O primeiro era um pingente, o seguinte, um bracelete, depois, um par de brincos. Ele olhava intensamente para eles, examinando os detalhes.

— Olha só — ele disse.

“Ai, meu Deus”, ela pensou. Era tão estúpido achar que ela poderia mesmo fazer isso. Phoebe era a que tinha talento artístico, não ela. Ela havia ouvido falar do sucesso que sua amiga fez na galeria e teve um pouco de inveja.

Sabrina puxou delicadamente o caderno das mãos dele.

— Uau! Eu gostei. Nós podemos fazer?

— É bem Tony Duquette — disse Sebastian, referindo-se ao legendário ultra *top designer* —, só que moderno. Dá para usar.

— Dá para vender? — complementou Sabrina.

Lauren não sabia se a pergunta de Sabrina havia sido puramente retórica. Talvez não desse para fazer as joias. Nem todo desenho pode virar realidade.

Sebastian levantou as sobrancelhas.

— Quer saber? Eu acho que podemos. — Ele olhava para Lauren como se tivesse notado a presença dela na sala pela primeira vez. — Nós podemos fazer um protótipo?

— Um protótipo? — disse Lauren. — Claro! Quer dizer, com certeza.

— Você estaria envolvida, é claro.

— Certo — Lauren fez que sim com a cabeça, ainda zozza pela exaltação.

— Para quando você consegue que elas fiquem prontas? — Sebastian perguntou a Sabrina.

— Talvez em duas semanas, se nós fizermos uma pressão — disse Sabrina. — Eu acho que a oficina do Brooklyn seria o melhor lugar para isso.

Lauren teve um estalo.

— Eu tive uma ideia. Eu vou dar uma festa. Eu acho que dá para arranjar um pessoal da imprensa. Tipo, sabe, vestir todos os garçons e garçonetes, fazer um desfile com os protótipos, esse tipo de coisa. Seria diferente, não seria?

— Eu gosto do jeito que essa menina pensa — disse Sebastian. — Você poderia fazer uma exibição. Nós podemos convidar alguns compradores de outros lugares, de lojas que vendem Giroux.

Lauren assentiu conscientemente. Isso tudo estava saindo melhor do que ela havia esperado.

Simone, a produtora do programa de Patch, havia lhe arranjado uma suíte de edição nos limites do West Thirties^[24] para que trabalhasse no piloto do programa. Eles estavam quebrando a cabeça em uma sequência para uma abertura que apresentasse todos os personagens no formato tradicional dos *reality shows*. Havia muitos alunos de Chadwick exibidos em destaque, incluindo Nick, embora Patch se perguntasse se conseguiria arrumar mais filmagens dele, mais tarde, para que pudesse incluí-lo. Ele sabia que Nick tinha de fazer parte daquilo — era o que havia feito as filmagens da iniciação da tal sociedade secreta tão relevantes. Patch queria saber se em algum momento conseguiria se entender com Nick a ponto de ele participar do projeto sem ter nenhuma obrigação com esse negócio de Sociedade.

A sequência de abertura do piloto mostrava eles indo para a escola, saindo à noite, praticando esportes, fazendo compras no centro, e até mesmo em casa com as respectivas famílias. O material filmado por Patch era baseado, até então, em brigas e draminhas, mas a questão era que, caso o programa fosse de fato produzido, Patch teria acesso total às vidas das pessoas. Não seriam apenas fragmentos — seria acesso completo a cinco diferentes alunos de Chadwick, completo e com o consentimento deles, garantido por suas assinaturas.

Ele não sabia se Nick seria um deles.

Patch achou Simone extremamente persuasiva — ela havia produzido ótimos documentários sobre gravidez no Oriente Médio e sobre laboratórios de ecstasy em Nova Jersey. “Ela deve achar

que abordar meninos e meninas do colegial será como tirar doce de criança”, ele pensou.

— Beleza. Olhe — ela lhe disse uma noite dessas —, eu andei vendo o corte brusco que você fez. Você precisa de uma história, um fio condutor. Não basta ter um bando de adolescentes aleatórios farreando e indo para a escola. Se for para fazermos isso vingar, vou precisar ver alguma coisa melhor, alguma coisa mais louca.

Patch teve um leve tremor de medo. Ele esperava que ela não se lembrasse do comentário que ele havia feito sobre as filmagens da Sociedade no segundo encontro que tiveram. Ele havia mencionado que tinha um material com uma iniciação de um clube que ele achava que seria arrebatador. Mas talvez ela já tivesse esquecido a essa altura.

Desde o encontro deles, ele havia guardado as imagens nas profundezas de seu disco rígido, protegidas por uma senha. Infelizmente, entretanto, ele percebia que, legalmente, ela tinha direito a elas — ele lembrou daquela linha de seu contrato que dizia: “Na criação do episódio piloto, a produtora Eyes Wide Open tem acesso a toda filmagem dos alunos de Chadwick feita por Patchesfield Evans”.

Uma semana depois, Phoebe e Lauren estavam cortando o cabelo em um salão barato na First Avenue. Phoebe adorava o fato de que Lauren, mesmo provavelmente podendo pagar por um corte de cabelo feito por Frédéric Fekkai em pessoa, havia optado por uma solução mais simples e barata. As pessoas não sabiam isso sobre ela: que debaixo do verniz de garota da moda ela era, no fundo, uma garota prática que apreciava cortes de cabelo de quarenta e cinco dólares tanto quanto qualquer outra pessoa.

Seu modo prático de ser era uma das razões pelas quais Phoebe suspeitava que Lauren não havia mais saído com suas amigas Chloë, Victoria e Irina. Essas garotas não reconheceriam uma pechincha nem que ela saltasse na frente delas. Ou talvez fosse o fato de Lauren ter sido escolhida pela Sociedade e as outras três não. Phoebe começava a notar como a adesão à Sociedade apartava as pessoas. Se você soubesse que determinada pessoa não era um membro, era muito menos provável que você tivesse vontade de sair com ela.

Naquela tarde, elas estavam se preparando para a nova noite de Nick no clube Twilight. Ela achava que estaria entusiasmada com isso, mas Phoebe estava exausta de todo aquele furor social. Havia tido uma festa na Beatrice Inn, um lugar da moda no centro, e também reuniões e recepções para ex-alunos de Yale, Princeton e Brown, todos organizados pela Sociedade. Ela estava começando a se sentir como aqueles jovens superatarefados sobre os quais ela havia lido em artigos, do tipo que nunca têm um momento para aproveitar o fato de que eles têm apenas dezesseis anos e não têm de trabalhar ou pagar impostos. Ela estava cheia do fato de que sua vida estava, no último mês, orbitando totalmente ao redor dos eventos da Sociedade — afinal de contas, quantas vezes ele conseguiria suportar ouvir a quantidade de propriedades que possuíam as famílias de todo mundo?

Ela perguntou a Lauren se alguma vez ela havia se cansado de todo aquele jogo social, particularmente das coisas da Sociedade. Ela sabia que não deviam estar falando sobre isso em público — tecnicamente, elas não deveriam conversar sobre a Sociedade em hipótese alguma —, mas isso não tinha importância no salão, onde suas vozes seriam encobertas pelo barulho dos secadores de cabelo.

— Claro — Lauren respondeu de maneira pensativa —, mas nós não temos escolha. O comparecimento é obrigatório, você sabe.

— Você não acha que isso é um pouco forçado? — Phoebe perguntou, embora se lembrasse de um caso que Nick havia lhe contado sobre o ostracismo que você pode sofrer caso não compareça a todos os eventos. Kitty Stapleton, a Administradora, mantinha tabelas registrando exatamente a quais eventos as pessoas haviam comparecido, ao lado da anotação que dizia se elas haviam ou não chegado na hora.

— É, imagino que sim. Eu não sei.

— Você parece um pouco distraída.

— O quê? É — Lauren deu um sorriso tímido.

— Deixe eu ver se adivinho... é um certo argentino gostosão que você não tira da cabeça?

Lauren sorriu.

— Ele me mandou uma mensagem perguntando se me veria hoje à noite.

— Você respondeu?

— Ainda não — Lauren disse com a destreza de quem era muito bem versada na arte de ser perseguida pelos garotos.

— Mas você gosta mesmo dele, não é?

— É — disse Lauren. — Eu acho que gosto. Ele é muito gentil. E ele não é o que as pessoas pensam que ele é.

Phoebe balançou a cabeça. Lauren poderia estar descrevendo os sentimentos que ela mesma tinha por Nick. Ela se perguntava, entretanto, se as coisas alguma hora chegariam a um ponto em que ela poderia dizer a ele como ela se sentia. Nick estava se preparando para sua festa no Twilight, e pensando o tempo todo em como as coisas haviam se complicado tanto entre ele e Patch. Ele havia lhe enviado diversos e-mails avisando sobre a festa e fez questão de deixar seu nome na lista “festa plus”, o que significava que Patch poderia trazer quantas pessoas ele desejasse. As únicas pessoas que alguma vez receberam esse privilégio eram celebridades e *socialites*.

Quando chegou ao clube, a situação contrastava com sua última experiência no The Freezer. O Twilight era um lugar arrojado, com espaços para reuniões em níveis de altura variados, repleto de mesas para as pessoas se sentarem e beberem, vários *lounges*, salas VIP, e até mesmo salas VIP secretas. Em Nova York, sempre se tem a impressão de que há nos lugares salas melhores, e agora Nick tinha acesso a todas elas. Ele havia visto o clube uma vez antes de hoje, durante o dia, mas à noite era quando ele irradiava de verdade. As paredes pretas reluzentes haviam sido polidas para brilharem, e as banquetas com estofado de camurça pareciam novas em folha.

— Ei, Nick, meu querido! — Jared deu um tapinha em suas costas enquanto o cumprimentava.

— Então, o que nós precisamos fazer?

— Cara, pegue um drinque para você. Você não precisa fazer nada. O pessoal da limpeza terminou o trabalho hoje à tarde, a iluminação já está preparada, o DJ já está pronto, eu acabei de

receber a autorização de nossa apólice de seguro, e a lista de convidados já foi checada, recheada, e colocada em ordem alfabética. O porteiro conhece a regra, duas *minas* para cada cara, porque todos nós sabemos que são as meninas que arrastam os caras, e são os caras que não param de esvaziar as garrafas. Entende o que eu digo?

Nick assentiu com a cabeça. Tudo aquilo era um pouco exagerado — o serviço de bar, as “minas” (uma palavra que ele mesmo nunca havia usado). Ele não estava certo de que toda a galera que havia convidado entraria nessa. Eles gostavam que as coisas fossem um pouco mais relaxadas.

— Sério que você não precisa que eu faça nada? Eu estou um pouco mais acostumado a ter de limpar os vômitos da noite anterior ou cuidar para que o carregamento de bebidas do patrocinador chegue certinho. — Ele estava brincando sobre o vômito, mas Jared, olhando para ele com cara de nojo, parecia não ter sacado.

— Relaxe, você está feito. Está tudo no piloto automático.

Piloto automático. Ainda que usar o piloto automático fosse mais fácil, não era muito divertido. Nick sempre havia gostado dessa coisa de resolver problemas nas suas festas. Depois de se preparar tanto para sua festa, tudo o que ele tinha que fazer agora era beber e ficar dando voltas pelo ambiente?

Jared lhe entregou uns cinquenta cartões pretos luminosos.

— Aqui tem um tanto de fichas para bebidas. Dê um pouco para as pessoas importantes, sacou?

Jared queria que todos os membros da Sociedade aproveitassem ao máximo. Se eles se divertissem, iriam divulgar para seus amigos, e antes que eles pudessem perceber, as noites de quinta-feira no Twilight seriam uma obrigação na agenda de todo mundo. Nick deu uma olhada no aglomerado de banqueiros investidores e modelos que já começavam a aparecer. Aquilo não tinha nada a ver com o The Freezer, e por um instante ele sentiu falta de verdade do charme esfarrapado do velho clube.

Quando Lauren chegou à casa de Phoebe no final daquela tarde e conheceu sua mãe, Phoebe e Maia fizeram um estardalhaço sobre o colar que ela estava usando: era o primeiro protótipo que o ourives de Sebastian Giroux, de Red Hook, havia produzido, uma pedra ônix com uma moldura simples de prata. Lauren havia adorado o resultado, mas ela estava particularmente animada por Phoebe e sua mãe também terem gostado.

No Twilight, logo após as garotas pedirem seus drinques, elas foram abordadas por uma repórter que cobria a vida noturna de Nova York, e que lhes perguntou o que elas estavam achando da noite. Phoebe olhou para Lauren, como que para ter certeza de que tudo bem se ela falasse, e Lauren assentiu com a cabeça. Eles bateram papo por alguns minutos sobre a festa e o público. A repórter, uma bela garota de vinte e poucos anos usando um vestido preto simples e óculos estilo gatinho, dirigiu-se ao fotógrafo, que bateu algumas fotos e anotou seus nomes.

— E você faz...? — a repórter perguntou a Phoebe.

— Ah, hum, eu meio que...

Lauren a interrompeu.

— Ela é uma artista. Ela tem uma exposição que vai ser aberta no mês que vem na galeria Schrader.

A repórter fez uma expressão de quem estava impressionada.

— E você?

— Sou *designer* de joias — disse Lauren. — Esta é uma das minhas peças.

— Posso dar uma olhada?

Lauren levantou o cabelo para oferecer uma vista melhor da corrente de inspiração *vintage* e com um fecho ornamentado. A repórter deu um passo para o lado de Lauren para observar a corrente atrás de seu pescoço. Naquele momento, Lauren percebeu que sua tatuagem da cruz ansata provavelmente devia estar visível, logo acima do colar.

— Como eu imaginava — a repórter disse rapidamente, antes de sair andando. — Boa sorte, meninas!

Em frente ao Twilight, uma fila se esticava até mais ou menos metade do quarteirão, e os porteiros estavam se deleitando com o fato de que pouquíssimos entrariam. Patch havia escondido

sua câmera cuidadosamente dentro de sua bolsa transversal, de forma que ninguém pudesse vê-la. Em um voto de paz, Nick havia lhe enviado um e-mail prometendo que seu nome estaria na lista VIP e que ele teria autorização para filmar. Patch foi para a frente da fila como havia sido instruído. Um porteiro gigante, um cara alto de cabeça raspada, olhava a lista.

— Qual o seu nome? Patch, você disse?

Patch fez que sim com a cabeça.

— Isso mesmo.

O porteiro examinou a lista.

— E tem alguém com você?

— Não.

— Desculpe, mas seu nome não está aqui.

— Posso dar uma olhada?

— Você vai ter que ir para o fim da fila. — Será que eles o estavam tratando assim porque ele não estava usando a roupa certa? Porque ele não tinha um corte de cabelo caro? Ele tinha de admitir que seu cabelo estava um pouco desajeitado, que já fazia uns dois meses desde a última vez em que o tinha cortado.

— Você tá de brincadeira? Eu vou ficar umas três horas aqui fora. Deixe eu ligar para o meu amigo. Ele é o *promoter*. Nick Bell.

Patch sacou seu celular e rolou os nomes de seus contatos até o de Nick. Caiu direto na caixa postal. Patch deixou uma mensagem curta, irritada.

— Você precisa sair da frente — disse o porteiro. — Tem gente querendo entrar.

Patch afastou-se alguns metros, pois três mulheres escoltadas por um tipo que tinha cara de bancário foram indicados a passar para o outro lado da corda de veludo. Seu rosto começou a ficar vermelho de raiva. Ele não podia acreditar que Nick havia feito isso, convidá-lo para a festa (várias vezes) e depois esquecer de colocá-lo na lista?

— Vai se ferrar — Patch disse para o porteiro, e saiu caminhando.

Phoebe e Lauren relaxavam em sua mesa, e Nick se juntou a elas, perguntando à garçonete se ela poderia arranjar kits de bebidas, tudo na conta do clube. Ele virou os olhos para Phoebe, enquanto a garçonete colocava na mesa as garrafas de vodca, as pazinhas de mexer os drinques, gelo e os copos. Nick havia lhe dito que não simpatizava com esse sistema de servir garrafas — ele, como muitos outros, acreditava que isso havia arruinado a vida noturna de Nova York, que havia feito os donos de clubes noturnos se importarem apenas com quantas garrafas de vodca *premium* eles iriam vender, o que significava que se teria que encher o lugar com um bando de caras riquinhos que pudessem pagar pelas garrafas de cem dólares. Além disso, Phoebe pensava, qual era a graça de se

sair à noite se você tinha de preparar seus próprios drinks?

— Parabéns, Senhor Bell — Phoebe o provocava. — Você nunca para de surpreender.

Ele deu de ombros.

— Tanto faz. Vocês querem algo pra comer? Eles também têm comida aqui.

— Nós estamos bem — disse Lauren. — A mãe de Phoebe pediu uma pizza para a gente. O que, aliás, eu adorei completamente! Eu acho que minha mãe nem sequer sabe que existe entrega de pizzas. Ela ficaria, tipo, “Então, não estou entendendo... de onde veio isso? Vocês pegaram no Mario Batali?”. — A imitação de Lauren com o tom estridente de sua mãe era perfeita. Phoebe havia visto Diana Mortimer apenas uma vez, mas reconhecia a expressão perfeitamente.

— Eu não acredito que deixei acabar a bateria do meu celular — Nick disse, levantando o aparelho. — Eu estou tão puto.

Lauren lhe entregou o dela.

— Use o meu para checar seus recados.

— Não, não se preocupe com isso. Eu preciso mesmo de uma noite de paz. Aparentemente não há nada para eu fazer aqui.

— O que você quer dizer? — Phoebe perguntou.

— “Já tomaram conta de tudo”, como diz o Jared. Não é assim que era para ser. Essas festas são legais porque são desafiadoras. Porque não se sabe como elas vão acabar.

— Então, volte para o *underground* — disse Phoebe, cutucando-o com o cotovelo.

— Talvez eu volte.

— Você tinha que ter algum suporte para a festa — disse Lauren.

Nick deu de ombros.

— Tudo bem — ele pensou sobre isso por um momento e então deu um sorriso. — É... coitado de mim. Uma festa bem-sucedida, ótimo público. Vamos pegar mais uns drinks.

Alejandro veio por detrás deles e cobriu os olhos de Lauren com suas mãos. Ela deu um sorrisinho e deixou que ele lhe desse um beijo em seu pescoço. Phoebe ficava admirada com a atuação dela, fingindo estar embaraçada, mas adorando secretamente aquela atenção. E Phoebe tinha de admitir que Alejandro era um gato. Ele sentou-se ao lado de Lauren, em frente a Nick e Phoebe.

Nick cochichou com Phoebe:

— Ele está tão chapado.

— O que você quer dizer? — Phoebe sempre se sentia totalmente perdida com relação a quais substâncias as pessoas estavam usando. Na maior parte das vezes, ela nem conseguia perceber que as pessoas estavam bêbadas; uma garota de sua turma de História da Europa estava supostamente indo bêbada para a aula, mas Phoebe nunca havia notado nada.

Nick continuava, fazendo parecer com que os dois estivessem compartilhando um momento

privado — o que Phoebe desejava que estivessem.

— Veja os olhos dele. Totalmente dilatados. E veja como a mão dele treme. Eu ouvi dizer que ele é viciado em cocaína.

Phoebe sentia-se estúpida por não conseguir perceber, mas, mais do que isso, ela sentia-se mal por Lauren. Ela imaginava, entretanto, que sua amiga saberia como lidar com aquilo. Nick e Lauren pareciam ter feito muitos de seus experimentos quando eram mais jovens e haviam julgado muito deles como alheios à curtição da vida noturna de Manhattan. Lauren tinha dito havia algumas semanas que eles causaram mais problemas em sua vida do que solucionaram, então nos dias de hoje ela havia aderido a um drinque ocasional como o veneno de sua escolha.

Ainda assim, enquanto Lauren e Alejandro estavam se aconchegando um no outro, Phoebe imaginava se sua amiga sabia no que estava se metendo.

Mais tarde, naquela noite, Jared puxou Nick de lado.

— Nós temos um problema. O envelope com o dinheiro que eu tinha guardado para o DJ desapareceu — ele esfregava o nariz, que parecia estar escorrendo. Nick se perguntava se Jared poderia estar mentindo.

— Você tá brincando? Quanto tinha lá?

— Três mil dólares. Era referente à noite toda.

— Três mil dólares em *dinheiro vivo*? Por que em dinheiro?

Jared encolheu os ombros.

— Você sabe como esses caras podem ficar. É tudo por fora, sem registros.

— Então arrume o dinheiro com o clube.

— Não dá. Nós tivemos um incidente durante o inverno passado; alguém processou o clube porque teve o casaco roubado, e eles tiveram que cobrir o débito com dinheiro do seguro. Foi, tipo, uns dez mil dólares. Não é estupidez? — Nick balançou a cabeça em desaprovação.

— O que nós devemos fazer? A gente pode pedir o dinheiro para a Sociedade?

— Para quem a gente iria pedir? Para a Administradora? Ela iria nos delataria antes mesmo de destacar o cheque para a gente.

— Você tem razão. Quanto a gente conseguiu levantar na portaria?

— A gente levantou uns dois mil. Mas a gente precisa deles para a festa da semana que vem. Com todos aqueles VIPs, nós não fizemos tanta grana quanto eu gostaria. Se nós não pagarmos o camarada do Carlo, nós estamos ferrados. Ele nunca mais vai querer trabalhar com a gente. E ele vai contar a todo mundo no ramo que nós engambelamos as pessoas. Será que não rola você arrumar esse dinheiro com seus pais?

Nick fez que não com a cabeça.

— Eu não tenho acesso a essa quantia de dinheiro. E eu não posso simplesmente pedir a eles.

Mas por que isso é problema meu? Você não deveria arcar com a metade?

— Nick, você é quem deveria cuidar desse tipo de coisa.

— Do que você está falando, Jared? Isso nunca foi discutido.

— Você vai pensar em algo. Você tem mais acesso a recursos. Eu sei que você vai conseguir.

Nós temos até o meio-dia de amanhã — o telefone dele tocou. — Escuta, eu tenho que atender essa ligação. Me conte depois, certo?

De repente, Nick sentia dor de cabeça. Ele havia achado que a grande questão em fazer parte da Sociedade era não ter mais de se preocupar com coisas como essa. Ele não podia pedir o dinheiro a seus pais, e ele com certeza nunca havia roubado dinheiro deles. Bem, talvez aqueles únicos vinte dólares que havia pego na bolsa de sua mãe, mas aquilo não era uma grande coisa, era? E ele nem mesmo chegou a fazer isso de novo. Ele pensava onde seu pai guardava o talão de cheques, na gaveta do lado direito do escritório de casa. Seria fácil para ele assinar um cheque para sacar e pegar o dinheiro, e ninguém ficaria sabendo. Ele podia inventar alguma desculpa, dizer que era para pagar reparos em seu Jeep ou algo assim.

Ele pensou também em outra alternativa. Ele poderia desistir desse lance de *promoter*? Isso era tudo que ele sempre quis, mas não havia dado nenhum resultado que não fosse desapontador.

Muito mais tarde, quando Nick chegou em casa, ele entrou sorrateiramente no escritório de seu pai. Estava escuro, não fosse pelas luzes da rua que entravam pela janela da Quinta Avenida; ele acendeu um abajur Tiffany sobre a escrivaninha de mogno de seu pai. A gaveta direita estava destrancada; seus empregados haviam estado com eles por tanto tempo que os Bells nunca tiveram nenhum problema de furto entre a equipe de limpeza. Nick revirava cuidadosamente a gaveta até que encontrou dois talões de cheque, caprichosamente guardados em capas de couro. Ele olhou o primeiro deles: “Georgina e Parker Bell — conta corrente para gastos da casa, #1”. Era esse que ele iria usar. Depois ele olhou o segundo. Mesmo banco, mesmo tipo de cheque: “Associação Bradford — conta corrente geral”.

Nick lembrava-se de onde ele havia visto aquele nome: no letreiro do Clube Colonial.

A Associação Bradford era outro nome para a Sociedade.

Lauren tinha de admitir que talvez tivesse ido um pouco longe demais no planejamento de sua festa de aniversário de dezessete anos. Ela tinha encontrado um velho clube social que também funcionava como restaurante em West Forties. Ele estava para fechar, então Lauren conseguiu alugá-lo por uma bagatela. Uma dona de bufê foi trazida, e uma decoradora de festas arrumou algumas palmeiras, filmes clássicos eram projetados nas paredes, as toalhas de mesa eram em preto e branco, e centenas de velas foram espalhadas, tudo para transformar o clube que estava caindo aos pedaços em uma balada retrô chique. A noite seria deslumbrantemente glamorosa, e totalmente desconectada da Nova York dos dias de hoje. Lauren queria que o lugar se parecesse com o Stork Club, ou o Copacabana, ou o El Morocco^[25], sobre todos os quais ela havia ouvido sua avó falar — uma noite que dialogasse com a Nova York de cinquenta ou sessenta anos atrás e que também representasse a estética de sua linha de joias. Mesmo Diana tinha aderido ao planejamento da festa, já que finalmente havia percebido como os esforços de empreendedorismo de Lauren poderiam ajudá-la de fato a entrar na faculdade. Claro que Lauren não havia contado a sua mãe que ela queria estudar moda, e não administração.

Ela se preocupava de verdade com o fato de que aquela noite seria a primeira vez que Diana veria Alejandro. Embora eles não estivessem saindo oficialmente — Lauren não tinha certeza do que eles estavam fazendo —, ela queria que sua mãe gostasse dele.

Lauren chegou cedo ao local, e estava satisfeita em ver toda a equipe de garçonetes em vestidos simples de cor preta, desfilando os protótipos de suas joias. Seus decotes afundados chamavam a atenção para as pedras robustas e formas excêntricas dos *designs*. Ela ouviu sem querer as meninas tagarelarem sobre quão fofas as peças eram, o que a deixou excitada.

Para o figurino da própria Lauren, Sebastian Giroux havia desenhado um vestido que ele dizia ser “muito Audrey Hepburn em *Sabrina*, quando ela volta de Paris”. Um toque de Givenchy clássico, um vestido balonê de organdi creme, com flores em preto e branco bordadas na saia e no bustiê. A joia que Lauren usava era o carro-chefe da coleção, um cristal Swarovski esmeralda em uma corrente de prata.

Enquanto os convidados começavam a chegar, Lauren se preocupava se aquilo tudo não seria demais, se ela não teria ido longe demais — com a festa, as joias, o vestido retrô.

Ela só foi se sentir melhor quando Alejandro chegou. Ele lhe deu um beijo na bochecha e então

sussurrou em seu ouvido:

— Você está linda, como uma estrela de cinema dos anos quarenta.

Ela deu um sorriso, enquanto sentia seu pulso acelerar. Era exatamente esse o efeito que ela tinha buscado causar, e ele foi o primeiro a notar.

Os convidados começaram a se despejar para dentro do lugar, enquanto a Lester Lanin Orchestra — a banda renomada por tocar em todo tipo de ambiente, de bailes inaugurais da Presidência a festas de debutantes — tocava *standards* antigos. Primeiro, Lauren estava preocupada com o fato de que as pessoas podiam não gostar das músicas mais antigas, mas seus amigos estavam entrando no espírito da noite, aparentemente aliviados por não estarem comparecendo a outra festa com o bate-estaca da *house music*.

Quando Sebastian Giroux chegou, os fotógrafos avançaram para cima dele, tirando fotos dele com Lauren, com sua mãe e com outras *socialites*. Diana havia estendido o convite a pelo menos cinquenta de suas amigas, e Lauren podia sentir que a festa significava tanto para sua mãe quanto significava para ela. Diana havia até tirado a irmãzinha de Lauren, Allison, do internato no fim de semana para que ela pudesse comparecer à festa. Lauren sentia-se bem com tudo aquilo: depois de tudo pelo que sua mãe havia passado, ela queria que ela se sentisse feliz.

Phoebe sentia-se um tanto sombria naquela noite durante a festa de Lauren. Ela vinha trabalhando em sua exposição na galeria de arte havia semanas, ficando totalmente imersa nele. Ela havia até mesmo negado o convite de Lauren para fazerem juntas o cabelo. A série de Phoebe precisava de algo mais; ela ainda tinha mais quatro telas para completar, e estava sem ideias. O lance de combinar o negócio egípcio com as imagens da mídia até agora só a havia levado até ali, e seu prazo-limite em novembro era a menos de duas semanas dali. Quando chegou à festa, ela pegou um drinque e fez seu caminho em meio à multidão.

Perto da pista de dança ela deu com Patch, que estava fazendo filmagens. Ela sabia que ele e Nick tinham tido uma briga recentemente, mas Nick havia falado dele de maneira afetuosa, então ela pensava que não havia nada de errado em conversar com ele.

— Ei — ela disse. — Eu preciso te perguntar uma coisa. Você pode desligar sua câmera?

Ele a olhou de maneira invocada e então, cuidadosamente, baixou sua câmera.

— Claro. O que foi?

— Eu preciso de sua ajuda. Eu estava pensando se nós poderíamos meio que, eu acho, colaborar um com o outro.

— O que você quer dizer?

— Eu preciso de uma coisa... — ela hesitou por um momento, sem querer admitir que seu trabalho não estava indo bem. — Eu estou fazendo uma série de trabalhos no estilo colagem. Incorporando imagens, me apropriando de materiais de várias origens. Mas eu preciso de algo mais.

Eu sei que você tem todo esse material extraordinário filmado. Tipo, você acha que poderia me deixar usar algumas de suas imagens congeladas? Você as escolheria, claro... e eu lhe daria crédito na instalação.

Patch se inclinou sobre uma banquetta do balcão.

— Claro, eu acho que sim — ele fez uma pausa. — Sim, acho que eu gostei da ideia. Talvez você pudesse me enviar por e-mail o que você já tem, daí eu posso ter uma ideia melhor do tipo de coisa que você está procurando.

— Você gostaria de uma, hum, compensação? Talvez eu possa te pagar se uma peça for vendida, algo assim?

Patch balançou a cabeça.

— Não se preocupe com isso. Quer dizer, eu não acho que Andy Warhol tenha pago pelas fotografias de jornais que ele transformou em pinturas, pagou?

Phoebe deu uma risada.

— Eu não chego nem perto do Andy Warhol.

— A mesma coisa para mim — disse Patch, dando uma cotovelada nela de brincadeira. — Talvez algum dia você venha a ser.

E este deve ser Alejandro! — Diana Mortimer estava se esgoelando, para o embaraço de Lauren, e Patch estava capturando tudo com sua câmera. Patch podia perceber que a mãe de Lauren havia planejado aquilo tudo, que ela sabia exatamente quem era Alejandro, mas que estava fingindo estar distraída, como se não soubesse que ele era o notório filho de um financista argentino, que ele já havia figurado nas colunas de fofoca várias vezes por suas antiguidades, que ele era frequentemente fotografado em festas. Havia uma expressão no rosto de Lauren como se ela temesse que sua mãe não fosse aprová-lo, mas estava claro que sua mãe havia mais que aprovado. Ela os encorajava. Alejandro beijou a Sra. Mortimer em ambas as bochechas como se os dois fossem velhos amigos.

Alejandro então foi em direção a Lauren para que eles se dirigissem à pista de dança, enquanto Patch os seguia com sua câmera. Os dois balançavam de braços juntos ao som de “Garota de Ipanema”, que fez todo mundo dançar. À medida que a música continuava, ela se transformava em uma versão pop, e uma cortina sobre uma plataforma atrás da banda se abriu para revelar uma linda mulher de cabelos escuros em um vestido de veludo vermelho. Era a promissora cantora brasileira de bossa nova Isabel Mendes. Ela estava cantando a letra da música enquanto a banda tocava em um ritmo mais rápido e um sintetizador se juntava ao mix. Um bramido emergiu do público à medida que as pessoas reconheciam quem ela era; naquela semana, seu *single* tinha chegado à sexta posição dos mais tocados nos *rankings* de música pop, e seu primeiro vídeo havia estreado recentemente na internet.

— Eu não sabia disso! — Lauren disse rindo. Patch se aproximou mais para pegar o diálogo deles.

— É a minha surpresa para você. Os pais dela são amigos da minha família. Ela chegou do Brasil na manhã de hoje — ele fez uma pausa. — Eu perguntei à sua mãe se tudo bem — ele disse, quase como se estivesse preocupado que aquilo não poderia estar bem. — Espero que você tenha gostado.

Lauren não disse nada. Ela se inclinou para a frente e o beijou.

Ao redor deles, as câmeras disparavam *flashes*, mais champanhe foi servido, e Patch estava lá para documentar tudo.



VINTE E QUATRO

No dia seguinte, as imagens chegaram na caixa de entrada do e-mail de Phoebe: elas eram tão intensas que chegavam a tirar o fôlego, e dispararam nela uma série de memórias parecidas com devaneios, embora ela não pudesse localizá-las. Eram imagens de uma festa em andamento, borradas e abstratas. Uma mulher cantando, filmada de cima. Um *close* em um vestido de lantejoulas. Champanhe sendo servido. Cigarros sendo fumados com finas piteiras prateadas. Ela não tinha ideia de como Patch havia conseguido tais imagens; elas eram quase como imagens congeladas de câmeras de vigilância, ou imagens granuladas de um filme em preto e branco. Essa era a peça que faltava, o elo perdido de que seu trabalho precisava, as imagens que levariam sua exposição para o próximo nível.

Uma semana e meia depois, uma van veio para levar as peças de Phoebe para a galeria. Michelle já a havia visitado várias vezes enquanto os trabalhos estavam em andamento e fez algumas sugestões, mas Phoebe ainda estava nervosa com relação à exposição. Ela tinha ficado acordada a noite toda dando os últimos retoques nos trabalhos e agora estava completamente exausta na aula. Sua mãe também havia ficado acordada até tarde, trazendo café e lanchinhos para ela, e havia lhe dito quão orgulhosa ela estava da filha.

Naquela tarde, Phoebe foi até a galeria para se encontrar com Michelle e ver a exposição ser montada. As paredes haviam sido pintadas para combinar com a narrativa da exposição, e letreiros e legendas artísticas haviam sido impressas.

Ela não podia acreditar que tudo aquilo estava acontecendo tão rápido. Quando, já no começo da noite, a exposição estava quase pronta para ser vista, Phoebe caminhou lentamente à frente de

cada peça, como se estivesse memorizando o local exato de cada uma. Para uma primeira mostra, ela pensava, esta não estava nem um pouco mal.

— Lauren, venha até aqui, rápido!

A mãe de Lauren estava à mesa de café da manhã, onde olhava fixamente para a edição da manhã do *New York Times*.

— O que foi? — Lauren disse ainda com sono do outro lado da cozinha, enquanto se servia de uma xícara de café.

— Tem uma nota de aclamação sobre a Phoebe aqui na seção de artes. “Trinta artistas com menos de trinta no mundo das artes: as telas cruas de Phoebe Dowling são elétricas de tanto ódio e possibilidades. A exibição, que abre hoje na galeria Schrader, demonstra que Dowling é um talento a se observar.”

Lauren pegou seu celular e enviou uma mensagem simples para Phoebe: “!!!!”.

— Eu estou tão feliz que você esteja se envolvendo com o tipo certo de gente — disse Diana, enquanto levava um gomo de toranja até a boca. — É como dizem, não é o que você conhece, mas quem você conhece...

Por mais que estivesse feliz com o sucesso de Phoebe, Lauren sentia uma pitada de inveja. Como era possível que Phoebe estivesse na cidade por menos de três meses e já estivesse provando desse nível de sucesso? Lauren havia recebido um e-mail na noite anterior: o comprador da Barneys havia desistido de sua linha de joias, alegando que ela era singular demais. “Que se danem”, ela pensou. A loja Giroux estava tocando o projeto. Mas era necessário uma venda maior bem-sucedida. Haviam tido aproximadamente umas doze menções ao seu aniversário nas colunas de fofocas e em blogs sociais, incluindo alguns *closes* em suas joias. Mas havia milhares de outras linhas por aí. Ela precisava de algo que a diferenciasse do resto.

Na noite de abertura da exposição, Phoebe saiu de um táxi com sua mãe. As pessoas já estavam se aglomerando na entrada, e Phoebe e sua mãe eram educadas demais para empurrar qualquer pessoa para fora do caminho. Elas esperaram por sua vez e escorregaram para dentro, sem que ninguém percebesse que a artista estava em meio a eles, até que Michelle brotasse ali.

— Aí está ela! — Michelle berrou, apressando-se para abraçar Phoebe e sua mãe.

Cabeças se voltaram para elas e Phoebe sorriu timidamente. Ela nem sequer havia tido uma chance para examinar a instalação, quando as pessoas começaram a se aglomerar ao redor dela fazendo todos os tipos de perguntas. Qual havia sido sua inspiração? Onde ela havia trabalhado? Como ela tinha conseguido equilibrar a escola e a arte? Ela podia explicar a técnica? Como ela havia se sentido com a nota de aclamação do *New York Times*?

Sua boca estava completamente seca, e enquanto ela teria adorado receber um copo de água, ofereceram-lhe uma taça de champanhe. Ela achava que sua mãe devia estar perdida em algum lugar em meio à multidão, até que a avistou batendo papo com Daniel, com quem ela estava namorando sério agora. Phoebe estava tranquila com relação à parte do namoro; era a conexão dele com a Sociedade que a deixava desconfortável, o fato de ele não ter revelado quem era de verdade. Em outro canto, ela viu Nick com alguns amigos de Chadwick, e ela desejou que ele viesse em seu resgate.

Michelle corria com uma prancheta.

— Você não vai acreditar. Metade das peças já está vendida!

Phoebe balançou a cabeça, um pouco estarecida. Ela finalmente tinha um momento para olhar as paredes ao redor, muitas das quais estavam obstruídas pelos convidados, que se aglomeravam para ver as obras.

— Eu não... Eu não estou vendo todas aqui.

— Ah... — Michelle se inclinou para a frente, falando com Phoebe em uma voz acelerada. — Teve um cliente aqui vários dias atrás que viu uma prévia da exposição. Ele quis permanecer anônimo. Ele insistiu para que as peças que ele estava comprando fossem retiradas e a exposição fosse reorganizada, de maneira que não ficasse óbvio que elas estavam faltando.

— Não entendi. Por que isso aconteceu?

— Vamos falar sobre isso depois. Hoje é a sua noite; apenas aproveite.

Sua noite. Isso não tinha nada a ver com sua noite. Os rostos se amontoando ao redor dela, fazendo elogios, louvores, parabenizando. Anastasia disse quão orgulhosa ela estava de Phoebe, e aparentemente estava recebendo créditos por tê-la descoberto. Mas tudo aquilo dava uma impressão de vazio, como se ela estivesse observando a vida do fundo de uma piscina, quase sem poder respirar. Aquilo não parecia real.

O que fazia parecer mais irreal de tudo eram as peças que faltavam. Ela viu Patch fazendo o caminho habilmente entre a multidão com sua câmera, filmando as telas monocromáticas uma a uma, pegando de cada uma suas cores individuais: azuis, verdes, amarelos, rosados. E então ela percebeu, talvez ao mesmo tempo que ele, que as obras que estavam faltando eram todas aquelas que continham as misteriosas imagens que ele havia cedido.

Mais tarde, naquela noite, Phoebe sentou-se com Nick na cobertura de seu prédio. Eles podiam ouvir o tráfego abaixo deles, na Quinta Avenida, e ver o topo de uma escultura de Jeff Koons no jardim de cobertura do Met, mas fora isso parecia que eles estavam em um mundo à parte.

Nick tinha ficado impressionado com a exposição; ele sentia como se conhecesse Phoebe como um amigo — ou, talvez, como algo mais — e então, de repente, ela estava sendo tratada como uma celebridade, enquanto tiravam fotos e escreviam bem sobre ela no *New York Times*.

— Tem algo confuso sobre isso tudo — Phoebe disse, enquanto ela fechava o casaco para espantar o frio de novembro. — É como uma fantasia, ou coisa do tipo, como se alguém estivesse mexendo os pauzinhos.

Nick não queria que parecesse que Phoebe tinha conseguido a exposição apenas porque fazia parte da Sociedade; ele sabia que isso a faria sentir-se para baixo.

— Você precisa parar de duvidar de si mesma — ele disse. — Suas pinturas são incríveis. Até o *New York Times* acha isso.

— Eu sinto como se meu trabalho não tivesse tido nenhum tempo para se desenvolver, para amadurecer, sabe? — Phoebe falou. — Quer dizer, o que eu vou ter que fazer agora?

Nick deu um sorriso.

— Vai fazer mais um pouco de arte — ele disse. — Ou não. Dê um tempo para você. Mas, de qualquer forma, não se estresse com isso.

— Desculpe — ela disse. — Eu estou bancando a desanimada.

— Nem um pouco. — Ele arrumou o cabelo bagunçado com as mãos, colocando-o de lado, e chegou um pouco mais perto dela. — Sabe, lembro de me sentir assim quando percebi que era uma coisa bem difícil entrar em Chadwick... mesmo se você tem seis anos de idade. Eu sei que tem gente que pensa que eu só consegui porque eu sou um Bell. Eu nunca vou saber, mas tudo o que eu posso fazer é ser eu mesmo. É, tipo, tanta gente não chega a ter essa sorte na vida, e eu vou sentar e chorar

só porque eu tenho?

— Eu sei o que você quer dizer. Minha mãe tinha trinta e dois anos quando ela conseguiu sua primeira exposição.

— Você tem o que dizer. Isso quer dizer mais do que bens, e dinheiro, e toda essa merda. Tudo no que a Sociedade afirma se basear, sucesso e tudo o mais... o que você tem é tão melhor. —Ele deu risada. — E acima disso, você é a única pessoa da qual eu já ouvi falar que mentiu para o *New York Times* sobre a idade, *para mais*.

— Eu achei que dezessete soava melhor. É idiota, eu sei.

— Não — disse Nick —, não é nem um pouco idiota. — Ele deu uns tapinhas nas costas dela.

Uma brisa sussurrou no topo das árvores abaixo deles, e houve um silêncio desconfortável enquanto os dois olhavam para o parque. Nick estava prestes a se inclinar na direção dela quando o telefone de Phoebe tocou.

— Eu tenho que atender — ela disse, vendo o nome da pessoa na tela. — É a minha mãe — ela atendeu o celular virando os olhos.

Quando ela terminou, deixou o telefone de lado.

— Eu tenho que ir — ela disse. — Desculpe.

A confusão começou em Chadwick quando uma aluna do último ano sacou um exemplar da revista *New York* que ela havia comprado em uma banca naquela manhã. Havia ocorrido várias outras edições semanais das noites de quinta-feira do *Twilight* — e Nick compareceu a algumas —, mas poucas mais. A briga com Jared havia ficado para trás, embora Nick ainda estivesse com raiva por ter sido obrigado a falsificar uma assinatura em um cheque da conta corrente de seus pais, ainda que não tivesse sido descoberto. Ele estava confuso sobre o outro talão de cheques, mas temia questionar seu pai sobre isso — não havia como, no fim das contas, ele admitir que tinha estado xeretando na escrivaninha de seu pai.

A garota, que tinha cabelo cor preto-carvão e um *piercing* de prata no nariz, leu a resenha em voz alta para um grupo que havia se juntado: “A noite mais exclusiva da cidade é a quinta-feira no *Twilight*, onde os estudantes do colegial Jared Wilson e Nick Bell — cujos professores em Whitford e Chadwick aparentemente não têm notado que seus alunos não estão muito despertos nas manhãs de sexta-feira — juntaram uma multidão barulhenta de modelos que adoram entornar vodcas, banqueiros modernos e informatizados e menores de idade em cena”.

O aglomerado de pessoas riu enquanto Nick se encolhia de vergonha. Ele não esperava que a imprensa chegasse a esse nível e certamente não contava que seu nome pudesse ser citado.

Demorou exatamente três aulas para que o diretor do colégio convocasse uma reunião da escola toda no auditório recém-reformado. O Dr. Wilkins, que havia sido previamente um diretor de departamento de uma pequena universidade, era conhecido por sua forte aderência ao livro de regras da escola. Enquanto alguns membros mais jovens do conselho, particularmente aqueles envolvidos nos ramos de mídia e entretenimento, haviam dado diretivas para que ele deixasse mais leve a imagem de Chadwick, o diretor se focava em questões sobre álcool e drogas.

Ele ficou em pé no palco atrás de um púlpito adornado com o selo de Chadwick, um escudo de armas. Nick estava sentado junto a sua classe em seu assento indicado, enquanto Phoebe e Lauren estavam algumas fileiras atrás dele. As turmas soltavam rumores antecipados enquanto o diretor chamava as atenções para o encontro.

— Tenho certeza de que todos vocês estão familiarizados com nossa regra número seis — ele disse, depois de cumprimentar todos. — Ela trata de “comprometer o bom nome da escola”. Agora, o que isso quer dizer? Ficou bem claro para vocês que beber dentro dos limites da escola não é

permitido durante os horários de aula. Mas o que alguns de vocês não entenderam é que isso se estende também ao tempo depois das aulas. Essa tem sido uma questão frequente, embora até agora não tenho chegado à direção.

Houve um murmúrio coletivo no recinto. Nick sentia seu pescoço ficando quente, pois temia que o Dr. Wilkins o chamasse pelo nome. E então aconteceu o pior: o diretor levantou um exemplar da revista *New York*. Começou um bochicho geral entre os alunos, principalmente entre aqueles da classe de Nick.

— A reportagem desta revista faz exatamente isso: ela compromete o nome de Chadwick. Além do fato de os alunos estarem bebendo, que por si só já traz implicações, esse tipo de coisa traz embaraços à escola. Este é um colégio de preparação para a universidade, não simplesmente o lugar que vocês vêm quando não estão farreando.

Os estudantes riram.

— Não há nada de engraçado nisso! — o Dr. Wilkins disse. — Qualquer aluno, no futuro, que seja suspeito de beber, dentro ou fora da escola, será suspenso. Eu quero que o indivíduo responsável por este artigo venha me ver na minha sala logo após esta assembleia.

Nick afundou-se na sua cadeira. Isso era pior do que ele imaginava. Ele se perguntava se tal fato repercutiria em seus pais; ele queria que eles tivessem orgulho dele por causa da festa, pelo sucesso que ela teve, mesmo que ele tivesse muito pouco a ver com este sucesso. Agora, tudo o que ele conseguia sentir era vergonha. Ele não falou com ninguém na saída da assembleia, embora tivesse visto Phoebe, Lauren e alguns outros amigos lhe dando olhares de condescendência. Não havia nada que ele pudesse fazer a não ser aceitar seu castigo, fosse ele o que fosse.

Nick apareceu no escritório do Dr. Wilkins, mas foi requisitado por sua secretária para que aguardasse. Passaram ao menos vinte minutos até que o diretor o conduzisse para dentro.

— Nicholas — ele disse —, por favor, sente-se — ele foi conduzido a uma poltrona de couro cor borgonha no canto de seu escritório repleto de livros. O Dr. Wilkins sentou-se em frente a ele. — Eu estava agora mesmo no telefone com seu pai.

— Senhor, eu posso explicar. Eu não tinha ideia de que a revista...

— Ouça bem. Eu tive uma boa conversa com seu pai. Ele me contou sobre algumas de suas ambições, e explicou que isso tudo foi um grande mal-entendido. Que é o poder da imprensa, e que você precisa aprender a ser cauteloso com eles. Ele disse que você nem sabia que havia repórteres no seu pequeno evento.

— Bem, eu...

— O que é importante é que isso não venha a acontecer novamente. Agora, eu vou ter uma conversa com o diretor de Whitford para ter certeza de que as façanhas do Senhor Wilson não causem nenhum dano a você no futuro.

— Eu não estou tão preocupado com isso — Nick falou. — Fora da festa, nós nem somos tão próximos.

— Está bem — O Dr. Wilkins deu um suspiro. — Eu só quero que você fique fora de enrascadas. E faça-me um favor, não fique por demais à mostra em suas, digamos, atividades *sociais*, certo?

Lauren estava feliz por não ter sido citada em nenhum dos escândalos envolvendo a festa de Nick, embora ela se sentisse horrível por ele ter tido de assumir a culpa por todos eles. Ela havia, entretanto, passado mais tempo pensando em seus momentos com Alejandro. Na noite da abertura da exposição de Phoebe, ele havia sido seu acompanhante durante toda a noite. Ele havia insistido em segurar sua mão enquanto eles apreciavam as obras. Quando eles foram jantar no Bottino, um restaurante italiano nas redondezas, ele havia puxado sua cadeira, perguntado-lhe o que ela queria, e então feito o pedido pelos dois, do jeito que as pessoas faziam nos filmes antigos. Havia esse lado meigo nele que destoava daquela imagem de garoto das festas que ele havia cultivado. Ela se perguntava quanto dessa imagem havia sido criada pelas colunas e blogs de fofoca, pelas pessoas que queriam que ele fosse de determinada maneira.

Ele morava com seus pais em um duplex na St. Regis, que teria sido a primeira parada do táxi que os levava, mas ele havia insistido em acompanhá-la até em casa. Eles se beijaram durante todo o percurso; era uma dessas coisas bobas de que ela agora se lembrava carinhosamente, vários dias depois, a cena deles tentando manobrar um beijo dentro do táxi que sacudia sobre as valetas.

Mesmo que a linha de joias não fosse um baita sucesso, ela pensava, ao menos ela tinha isso — finalmente, alguém que a fazia sentir-se como se todo o resto valesse a pena.

Tudo isso mudou, entretanto, quando ela recebeu uma ligação de Sebastian Giroux alguns dias depois. Era cedo, antes de a escola começar. Sebastian estava sempre um pouco apavorado quando telefonava, e essa vez não foi uma exceção.

— Lauren, minha querida! Você não vai acreditar nisso!

— O quê? Me conta!

— Segundo a Sabrina, nós vendemos todas as suas joias. Nós precisamos de mais! Nós encomendamos mais peças do produtor. Mas você poderia bolar mais alguns *designs*? Alguns diferentes? É isso o que as pessoas querem. Coisas novas. E, eu preciso te dizer, uma butique de Paris, uma das melhores, Colette, quer revender suas peças! Eu tenho que desligar. Grande beijo!

Ela desligou o telefone maravilhada. Talvez ela tivesse sido muito precipitada em julgar sua linha. Talvez ela só precisasse de um tempinho para deslanchar. Ela sabia que tinha mais trabalho a fazer.

Na tarde da sexta-feira, Patch estava fazendo compras no Food Emporium, na Third Avenue. Toda semana, era sua responsabilidade pegar os legumes e verduras; sua avó, que se recusava a aprender como operar um caixa eletrônico, tinha feito um cheque para que ele “sacasse” e usasse o dinheiro para comprar as provisões da casa, aguentando os olhares constrangedores de todos na fila do caixa enquanto o cheque de Genie era aprovado. Dessa vez, ele estava na seção de congelados quando recebeu no celular uma mensagem perturbadora de um amigo, que havia feito um estardalhaço falando sobre quão extraordinária a festa de Nick no Twilight, na noite anterior, havia sido. O restabelecimento da proibição de bebidas alcoólicas havia apenas deixado a festa de Jared e Nick mais popular; todos queriam participar da ação, embora tivessem de se certificar de que nunca fossem fotografados. O clube começou a aplicar regras específicas quanto à entrada de *paparazzi*, e os alunos de Chadwick tomavam cuidado para não falar com ninguém segurando um bloco de notas.

Durante o curso de dois meses, Nick havia se tornado uma pessoa que Patch não reconhecia mais. Assumidamente, Patch o vinha ignorando na escola, assim como na festa de aniversário de Lauren e na abertura da exposição de Phoebe na galeria. Não era apenas porque ele havia sido mandado embora na entrada do Twilight, um clube que Nick sabia que ele estava morrendo de vontade de conhecer. Mais que isso, era o fato de que tudo em que Nick estava envolvido agora parecia ser mais importante que a amizade deles.

Não tinha importância o fato de Nick ter tentado pedir desculpas. Seria necessário muito mais que meras desculpas para consertar o estrago.

Alguns dias depois, na semana anterior ao feriado de Ação de Graças, Phoebe recebeu uma ligação de Michelle enquanto caminhava de volta pra casa.

— Tem um problema, querida — ela disse. — Sabe as obras que eu tinha dito que foram vendidas? Elas foram recolhidas da galeria, mas não foram pagas.

— O que você quer dizer? — Phoebe falou. — Onde elas estão?

— Esta é a parte horrível... nós não sabemos, na verdade. O cliente havia sido recomendado por um consultor de arte de ótima reputação, mas nós nunca havíamos feito negócio com ele antes. Ele levou as peças para aprovação com intenção de comprá-las, o que significa que ele tinha a opção de trazê-las de volta caso não funcionasse para ele. Nós fazemos isso o tempo todo; as pessoas gostam de experimentar as obras em suas próprias casas, de conviver com as peças por alguns dias. Mas agora nós não ouvimos mais falar dele.

— Você pegou número de cartão de crédito dele ou algo assim? — Isso era muita maluquice. O dinheiro que ela estava fazendo com as vendas era supostamente para ser economizado para a faculdade. Agora o que ela pensava era que alguns de seus melhores trabalhos, aqueles que continham as imagens feitas por Patch, haviam desaparecido.

— Nós pegamos — disse Michelle. — Mas acabou que o cartão era falso. A autorização de pagamento demorou alguns dias, mas daí fomos informados de que era um cartão roubado. Eu sinto tanto, Phoebe.

— Isso é um absurdo — falou Phoebe. — Então eu não recebo nada?

— Se você reler seu contrato, vai ver que danos com relação a clientes não são responsabilidade da galeria. É raro que algo assim ocorra, mas às vezes acontece. Phoebe, você tem que lembrar que o resto da exposição é maravilhosa. Você tem recebido ótimas críticas. Vai ficar tudo bem. Ouça, eu tenho que ir agora. Nos falamos mais tarde?

— Com certeza — disse Phoebe, fechando bruscamente o telefone e jogando-o dentro da mochila. Como podia Michelle ficar tão indiferente quanto a seus trabalhos serem roubados?

— Ela olhou no identificador de chamadas do celular. Michelle havia ligado da galeria, então com certeza estaria lá. Phoebe se perguntava se ajudaria confrontá-la pessoalmente, mas achou por bem não ir. Pressionar Michelle com essa questão podia deixar a coisa ainda mais feia, e isso colocaria em risco a carreira de sua mãe.

Enquanto se dirigia para casa, no metrô, ela deixou escapar algumas lágrimas, impressionada por ninguém no trem ligar para o fato de ela estar chorando. Talvez isso não fosse nada mais que o próprio desapontamento da vida, o desapontamento que a maioria das pessoas havia aprendido a aceitar.

Quando chegou em casa, ela afundou na cama, exausta, imersa em um sono profundo.

Algumas horas mais tarde, Phoebe foi acordada por seu celular, que ela atendeu ainda um pouco grogue.

— Phoebe, aqui quem fala é Parker Bell, o pai de Nick. Tem um assunto que eu preciso tratar com você.

— Tá bom... — Phoebe respondeu hesitante, ainda confusa.

— Eu vi uma prévia da sua exposição, antes de suas pinturas serem vendidas.

— Elas não foram vendidas — ela disse em um tom mais baixo. — Parece que elas desapareceram.

Ele ignorou o comentário.

— Eu preciso saber onde você conseguiu aquelas fotografias. Não foi você quem as tirou, eu presumo.

— Eu nunca as tinha visto antes na minha vida — ela não sabia o que dizer. — Eu as peguei de um garoto da minha classe. Eu acho que você o conhece, ele é um amigo do Nick — ela imediatamente notou o que havia feito e sentiu-se uma idiota por ter falado demais. Patch havia lhe pedido especificamente para que não revelasse a origem das imagens. — Senhor Bell, eu nem tenho certeza se foi ele mesmo quem fez. Quer dizer, eu peguei imagens de tudo quanto é tipo de fonte: de jornais velhos, da internet, de filmes antigos. É difícil, para mim, saber de quais você está falando.

— Eu acredito que você sabe exatamente a quais eu estou me referindo. Você pediu as imagens a ele ou foi ele quem quis dá-las a você?

Ela pensava naquela noite. Ela havia pedido as imagens a Patch, mas a questão eram quais imagens ele havia selecionado.

— Eu não sei — ela disse. — Não consigo me lembrar.

— Como você deve saber, a galeria não pode vender aqueles trabalhos, eles têm de ser destruídos.

— O quê? — ela perguntou, chocada. — Era você o comprador misterioso?

O Sr. Bell ficou em silêncio por um instante.

— Não, não fui eu. Mas alguns membros da Sociedade arrumaram um jeito de eles serem removidos da exposição. Eles acharam as peças um tanto perturbadoras.

Suas obras eram *perturbadoras*? Do que eles estavam falando?

— Senhor Bell, eles não podem destruir o meu trabalho. Quer dizer, você deve ter consciência

de que isso não é correto.

— Você tem que entender que é para o melhor. Eles estão apenas defendendo seus interesses.

Como ela havia suspeitado, tudo aquilo tinha sido bom demais para ser verdade. O sonho sempre tinha que acabar em algum momento. O que viria agora? Michelle iria retirar o resto de sua exposição?

— Phoebe, isso é muito importante. Nós precisamos saber exatamente a natureza da transação entre você e o indivíduo que lhe deu as imagens.

Phoebe olhava para fora da janela, incerta sobre o que dizer. Em um momento de pânico, ela desligou o celular, esperando que o Sr. Bell pensasse que a linha havia caído. Ela ficou em pé em seu quarto, com falta de ar. A quem ela poderia contar isso, fora Lauren? Ela não podia mencionar isso a Nick; ele ia achar essa história desconcertante. Ela não tinha ideia de que seu pai pudesse ser tão desagradável.

Ela ficou encolhida no chão do quarto, quase sem conseguir respirar, e não se moveu por horas a fio.

Mais tarde naquela noite, sem conseguir dormir, Phoebe bateu à porta do quarto de sua mãe. Havia várias mensagens de voz em sua caixa postal, mas ela tinha ignorado todas elas. Parker Bell havia lhe deixado três mensagens, e havia duas da Administradora requisitando uma reunião com ela para discutir o “incidente da galeria”. Nick tinha lhe enviado várias mensagens de texto, mas ela não sabia como poderia falar com ele sem lhe contar sobre seu pai. Ela quis telefonar para Anastasia, ou mesmo para Lauren, para pedir conselhos, mas estava por demais envergonhada.

— Mãe, eu preciso falar com você.

— O que foi? — Maia acendeu a luz e sacou um travesseiro, arrumando-o ao seu lado para que Phoebe sentasse ali na cama com ela.

Phoebe começou a soluçar. Ela sentia como se o quarto estivesse girando.

— Eu nem sei por onde começar. Tem essas pessoas... bem, tem esse grupo ao qual eu aderi. Isso é tão estúpido. Eles são tipo um grupo secreto, e parece que sabem tudo sobre mim, e eu, tipo, não tenho mais liberdade nenhuma, e agora tá tudo complicado.

Maia olhou para ela com estranhamento.

— Eu não tenho certeza se entendi. Quer dizer, Phoebe, querida, você não está falando nada com nada. Eu fiquei sabendo que houve uma confusão com um cliente de Michelle, mas pensei que isso já havia sido resolvido.

— Mãe, tem essas pessoas. E eles têm muitos contatos, de verdade. Eles podem fazer qualquer coisa — Phoebe continuou tentando explicar à sua mãe o seu envolvimento com a Sociedade, mas ela só conseguiu parecer cada vez mais boba.

— Eu acho que seria melhor levar você para um médico — Maia falou. — Parece que sua imaginação está fugindo do seu controle.

— Não! — Phoebe gritou. — Não é minha imaginação. É tudo real. Olhe para isso!

— Ela puxou seu cabelo de lado e mostrou à sua mãe a sua tatuagem.

Sua mãe olhou o sinal cuidadosamente.

— Tá certo, então você fez uma tatuagem. Bem, eu não posso dizer que fiquei emocionada, mas não é nenhum motivo para ficar histérica.

— Você não está entendendo! Todos nós recebemos uma. Todos nesse grupo. Nós não deveríamos contar a ninguém que nós fazemos parte dele.

— Por que isso?

— Eu não sei. Eles disseram para a gente não contar.

— Phoebe, meu amor, descanse um pouco. Eu vou fazer você faltar à escola amanhã. É o último dia antes do feriado mesmo... Eu vou marcar uma consulta pra você com um terapeuta. Eu acho que toda a ansiedade da exposição tem prejudicado você.

Phoebe consentiu, temporariamente apaziguada. Talvez conversar com alguém sobre isso pudesse ajudar, alguém que pudesse ser objetivo. Ela costumava ter um terapeuta em Los Angeles, logo depois do divórcio, mas ela não havia mais tido consultas desde que havia se mudado para Nova York. Ela caminhou de volta para seu quarto, e mesmo com seu telefone piscando com novas mensagens, ela foi dormir direto.

No dia seguinte, Phoebe e sua mãe pegaram um táxi até o hospital Mount Sinai, onde foram ver um psiquiatra muito renomado, Dr. Alexander Meckling. Maia insistiu em participar da sessão. Phoebe explicou o que estava se passando com ela, tudo sobre o que a estava incomodando: a sociedade secreta, a exposição na galeria, as obras de arte desaparecidas.

O Dr. Meckling lhe deu um sorriso superficial. Ele estava na casa dos cinquenta, começando a ficar calvo, e tinha uma marca de nascença vermelha ao longo do topo de sua cabeça.

— Phoebe, parece que você está sofrendo do que as pessoas chamam de ilusões paranoicas. Você tem mesmo certeza de que viu todas essas coisas?

— Eu sei que eu vi essas coisas. Todos nós vimos. Nós todos estávamos lá.

— Claro que vocês estavam. Você tem alguma prova real de tudo isso? Além do que dizem seus amigos?

Phoebe balançou a cabeça, lembrando-se do documento impresso que ela havia destruído com esmero ainda em setembro.

— Eu tenho a tatuagem. Eu te falei sobre ela.

O Dr. Meckling assentiu com a cabeça.

— É, é comum que adolescentes façam tatuagens. Você a conseguiu ilegalmente, eu suponho.

— Não, você não está entendendo. Eles fizeram em mim! Eu não tive controle nenhum sobre isso.

— Phoebe, essa é uma história muito improvável. Por que você não nos conta o que aconteceu de verdade?

— Eu já disse a vocês: houve uma festa, e eles nos serviram esse drinque, e eu não me lembro de muita coisa depois disso, mas eu sei que nós caminhamos para fora de lá, e nós todos tínhamos essas tatuagens nas nossas nuças.

— Phoebe, isso tudo é ridículo — sua mãe falou. — Por que você não conta ao doutor o que aconteceu de verdade?

— Mãe, você não entende. Por que nenhum de vocês acredita em mim? Onde você arrumou esse cara?

— Quem? O Doutor Meckling? Ele é amigo do Daniel.

Um calafrio correu até o estômago de Phoebe. Daniel, que também estava envolvido na Sociedade. Ela olhou fixamente para o Dr. Meckling.

— Eu vou cair fora daqui — Phoebe disse, levantando-se.

— Phoebe! Sente-se! — sua mãe esbravejou.

O Dr. Meckling sentou-se em sua cadeira com um sorriso de autossatisfação. Sua mão direita ergueu-se para coçar algo atrás de seu pescoço.

Phoebe podia adivinhar o que era.

Ela não conseguia acreditar em nada daquilo. Será que sua mãe também fazia parte daquilo? Ela estava provavelmente alheia, mas não iria acreditar em nada que Phoebe dissesse.

Ela desceu sozinha no elevador, deixando sua mãe no consultório do Dr. Meckling. Quando chegou à rua, Phoebe sentia-se sem ar. Ela sabia que devia estar na escola, mas não conseguia encarar o fato. Ela nem mesmo sabia se se sentia segura indo para casa. Enquanto caminhava para a esquina, ela começou a ver cruces ansata por toda parte: em edifícios, em grafites, esculpidas em concreto. Talvez sua mente estivesse lhe pregando peças. Ela tomou então um táxi que a levou por todo o caminho até o centro da cidade. Uma vez em casa, ela trancou-se em seu quarto, o único lugar onde se sentia segura. Ela gostaria de poder ligar para Nick, mas ela sentia-se muito envergonhada por tudo que havia ocorrido.

Sua mãe voltou para casa uma hora depois.

— Phoebe, você está aí?

— Eu não vou sair daqui. Não até que você se desculpe. Eu não sei por que você não quer acreditar em mim.

— O doutor prescreveu alguns medicamentos, e eu já os comprei. Eu vou deixá-los à sua porta. Você pode sair quando se sentir pronta. Amanhã é dia de Ação de Graças. Você pode descansar até se sentir melhor.

Phoebe não disse nada.

Mais tarde, naquele dia, depois de ter passado mais de cinco horas sozinha, ela abriu uma fresta na porta. Havia três frascos repousando no chão do corredor. Ela os agarrou subitamente e leu suas etiquetas. Xanax e Rivotril. Ela conhecia jovens de sua escola que matariam para tê-los. Ela os depositou sobre o criado-mudo sem ter a intenção de tomá-los, não ainda.

Nick dirigia seu Jeep rumo à casa de praia mais tarde naquela quarta-feira. Ele ia se encontrar com sua família, incluindo seu avô e seus dois irmãos, Benjamin e Henry, que vinham de Yale para visitá-los. Ia ser bom passar um tempo fora de casa, mas ele estava nervoso quanto a Phoebe. Ele não teve notícias dela em dois dias, apesar das muitas mensagens de voz e de texto. Ele havia feito tudo, menos ir até sua casa; ele ficava preocupado com o fato de que isso pudesse parecer que ele a estava perseguindo. Ele se atirava entre os automóveis e se desviava, na via expressa Montauk, ultrapassando carros de luxo e minivans cheias de famílias, e tinha consciência de que estava dirigindo rápido demais.

Devia haver algo errado. Phoebe nunca havia deixado de responder a uma mensagem dele.

Todo mundo havia chegado mais cedo naquele dia, mas Nick queria ter seu próprio carro lá. Seu Jeep era um Cherokee antigo e que não funcionava direito, com um leve chacoalho na hora de dar a partida e assentos com cheiro de couro queimado. Já havia passado por seus dois irmãos mais velhos, e era um motivo de orgulho para a família Bell dirigi-lo. Ia constantemente para o concerto, e Nick estimava que eles gastavam mais em reparos do que gastariam para comprar um carro novo, mas ele havia se tornado uma instituição da família.

Os cascalhos estalavam sob os pneus enquanto Nick pegava a estradinha que levava à frente da casa. A mansão Bell era um prédio clássico da década de 1920 construída no estilo *shingle* em uma área de doze acres em Southampton, dos quais dois eram de cara com a praia. Havia duas quadras de tênis, uma piscina, um jardim em estilo europeu, uma casa ao lado da piscina, e vários outros anexos, incluindo o chalé do caseiro.

Quando Nick chegou à casa, ele viu que Gertie havia lhe deixado um prato com um pedaço de bolo de carne e um pouco de vagem na gaveta de aquecimento da cozinha toda branca revestida de madeira. Depois que terminou sua refeição, ele andou nas pontas dos pés até seu quarto para desfazer as malas. Ele tinha um guarda-roupas inteiro na casa da praia, de modo que nunca precisava trazer muita coisa. Era sempre reconfortante: jeans velhos e esfarrapados, suéteres esgarçados, o tipo de roupa que veste perfeitamente e faz você sentir-se em casa.

Antes de chegar ao seu quarto, ele ouviu uma voz que vinha da sala de estar. As duas portas duplas estavam fechadas.

— Nicholas, é você? — era a voz de seu pai.

— Sim — disse Nick, abrindo uma das portas.

O fogo emitia ruídos na lareira, sobre a qual estava uma das obras de arte mais valiosas de sua família: uma pintura original de Jackson Pollock. Quando ela foi posta em um leilão na Sotheby's, seu pai havia julgado que ela era moderna demais, mas sua mãe prevaleceu, argumentando que era apropriado que eles exibissem o trabalho de um artista local, dado que o pintor a havia feito a apenas algumas cidades dali.

O pai de Nick estava sentado com seu avô, Palmer Bell. Seu avô era um homem de aparência austera, ereto e em forma, e com uma mecha branca no cabelo. Ele se levantou para cumprimentar Nick.

— Não precisa se levantar — Nick se apressou até ele, mas já era tarde demais. Palmer Bell levantou-se com seu um metro e noventa de altura. Ainda que Nick tivesse um metro e oitenta, sempre parecia que seu avô o encobria.

— Dê um abraço no seu vô — ele disse.

— Quando você chegou de Palm Beach? — Nick perguntou.

— Hoje à tarde mesmo. Joguei uma rodada de golfe hoje de manhã e depois voei direto para cá. Você não pode imaginar o tráfego no aeroporto East Hampton! Qualquer idiota com um cartão de crédito faz voos privados hoje em dia.

Nick assentiu, sem saber ao certo o que dizer.

Seu pai irrompeu.

— Nick, eu temo que nós tenhamos uma situação delicada a tratar aqui.

Nick sentou-se.

— O que foi?

O pai de Nick olhava para Palmer.

— Nós estamos entre amigos aqui — ele disse. — Podemos falar abertamente.

— Tá certo — disse Nick.

— Tem uma coisa que nós viemos escondendo de você. Seu avô e eu estamos envolvidos intimamente com a Sociedade. Nós não sentíamos, até agora, que seria certo lhe contar.

— Envolvidos como? — Nick e os outros Iniciados eram tão distantes das lideranças da Sociedade que ele nunca havia perguntado a seu pai sobre o grupo. Mas agora ele juntava todas as pistas com as quais havia topado: o talão de cheques na escrivaninha de seu pai, os vários comentários que membros da Sociedade vinham fazendo nos últimos meses.

A verdade, ele pensava, era que seu pai não tinha estado muito aberto a conversas, e Nick na realidade não fazia questão de saber.

— Você estava lá durante a Iniciação? — Nick perguntou.

Seu pai deu uma risada alta.

— Eu não estava. A liderança da Sociedade não frequenta tais eventos dos filiados juniores.

— A liderança da Sociedade? — Nick estava confuso.

— Deixe eu colocar em palavras diretas — falou seu pai. — Eu sou o atual presidente da Sociedade. Isso quer dizer que sou responsável por todos os Anciãos e pelo Conselho dos Regentes. Um calafrio subiu pela espinha de Nick.

— O que são os Regentes?

— Os Regentes são o corpo legislativo da Sociedade. Nenhum de seus companheiros Iniciados sabe disso e nenhum deles está autorizado a saber até o retiro anual.

— Retiro anual?

— Filho, você deve ter notado como seu avô e eu ficamos fora todo ano entre o Natal e o Ano-Novo.

— Para suas viagens de caça, certo?

— Nós não caçamos — disse Parker.

Palmer interrompeu.

— Não temos ido em vinte anos. Quase desejo que tivéssemos ido.

Parker continuou em um tom sério:

— O retiro anual da Sociedade é na ilha de Ísis. Uma ilha particular na costa de Maine. Ela às vezes nem é incluída em alguns mapas. Nós damos boas-vindas aos Iniciados; todos os Regentes, os Conscritos e muitos dos Anciãos estarão lá — ele ficou em silêncio por alguns instantes.

— Nick, seu avô, você devia ter orgulho em saber, é o Presidente de Honra da Sociedade. Ele foi o cabeça da Sociedade por vinte e dois anos. Liderou-a durante alguns de seus melhores momentos. Antes de as coisas ficarem desagradáveis. O mundo tem mudado tanto. Com a direção que as coisas estão tomando hoje em dia, existem realidades econômicas que nós devemos encarar. Nós não podemos permitir que nosso estilo de vida se comprometa por questões triviais.

— O que isso tudo tem a ver comigo? — Nick perguntou.

— Esses são tempos complicados, Nick — Park continuava. — Nós devemos fazer aquilo que precisamos. E nós temos um problema.

— Qual o problema? — Nick quis saber.

— O problema — seu avô disse — é seu amigo Patch.

Na noite anterior ao feriado de Ação de Graças, Patch ficou trabalhando até mais tarde em sua suíte de edição. Ele estava aproveitando cada minuto de tempo livre que tinha para trabalhar no programa para a TV. No dia seguinte, ele e Genie iriam jantar juntos no apartamento, apenas um pequeno peru para os dois. Houve anos em que os Bell os tinham convidado para seu jantar de Ação de Graças, mas os convites vinham mingando nos últimos anos. Simone, que também estava trabalhando até mais tarde, chegou de seu escritório improvisado no quarto ao lado.

— Nós precisamos conversar — ela disse.

— Sobre o quê? — perguntou Patch, desviando o olhar da tela do computador.

— Eu encontrei alguns materiais brutos seus no programa de edição.

— Sim?

Ela pegou um disco de DVD da pilha que estava carregando e inseriu no *player*. As imagens que apareciam na tela eram as da iniciação da Sociedade. Patch podia jurar que as havia guardado em um arquivo particular, protegido por senha.

— Onde você achou isso?

— Um dos estagiários encontrou em uma fita das cópias de segurança. Tem algum problema?

Patch deu um suspiro. Estava certo — ele havia protegido o material com senha, mas toda noite o servidor fazia uma cópia de segurança com o trabalho do dia em uma fita. Ele havia feito alguns testes com algumas cenas da Noite do Renascimento, criando uma edição com cortes bruscos, embora ele não tivesse pensado que alguém, em algum momento, iria assisti-la. Mas ele havia deixado o arquivo em sua pasta durante a noite, então o servidor havia feito uma cópia de segurança.

— Eu acho que nós temos nossa história aqui. Você pegou todo mundo, o garoto dos Bell e as duas meninas.

— Não, Simone, você não entende... nós não podemos usar este material. Ele é particular. Foi uma espécie de ritual ou coisa assim que eu filmei. Eu não devia estar lá. Nós não temos autorização.

— Eles são alunos de Chadwick? — ela perguntou.

Patch fez que sim com a cabeça.

— Os três são.

— Então com certeza nós vamos ter autorização para as imagens.

— Simone, nós não podemos fazer isso... é um grupo sério. É tipo um culto ou coisa do gênero. Você não sabe com o que está lidando.

— Queridinho, eu já lidei com coisa muito pior do que um bando de adolescentes de dezesseis anos farreando e fazendo tatuagens. Tente perseguir uns traficantes malucos de metadona por toda Nova Jersey e então venha falar comigo sobre perigo.

Patch afundou-se em sua cadeira.

— Eu acho que você não está entendendo. É o meu traseiro que vai estar em perigo se essas imagens forem a público.

— Olha, vamos ver o que acontece com relação a isso. Mas por enquanto nós precisamos de mais material como esse.

Patch balançou a cabeça.

— Não, não dá.

— Se você quer que seu programa seja feito, você vai ter que entrar lá. Você não tem ideia do tipo de competição que nós vamos encarar.

— Me deixa pensar um pouco sobre o assunto — ele disse, esperando que isso a fizesse relaxar e lhe desse algum tempo. Talvez o programa não fosse feito. Ele iria perder a chance de se destacar por meio de seu trabalho. Afinal de contas, ele não fazia parte de nenhuma sociedade secreta. Ele não tinha pais ricos; ele praticamente não tinha pais. Ele estava cansado de só receber a compaixão dos outros. Ele queria se distinguir de seus colegas de classe, e *Chadwick por dentro* seria a maneira com que ele faria isso.

— Patch, você assinou um contrato cedendo todos os direitos de todas as imagens feitas por você envolvendo os alunos de Chadwick — ela disse. — Conseguimos ou não a autorização deles, essas imagens são nossas.

Ele assentiu com a cabeça. O cheque que havia recebido, a quantia de dez mil dólares que ele receberia por um ano, dava aos produtores o direito de usarem as imagens que ele fizesse e de venderem o programa para uma rede de televisão ou para um canal de TV a cabo, e os autorizava a usarem todo e qualquer material em vídeo que ele fizesse. E isso incluía as filmagens da iniciação da Sociedade.

Ele nunca teve a intenção de mostrá-las a Simone e também não esperava que ela saísse bisbilhotando os arquivos das cópias de segurança.

— Leve o DVD para casa e pense no assunto — falou Simone. — E não se preocupe. Eu tenho uma cópia.

Patch encerrou o expediente, despedindo-se de Simone e amaldiçoando o fato de ter deixado o material no servidor. Ele pôs-se a caminho da West Thirty-sixth Street, um quarteirão industrial de iluminação fraca, repleto de galpões, estacionamentos e depósitos — não era o tipo de lugar em que

dá para se sentir seguro quando se caminha sozinho à noite.

Havia um carro preto vagando pelo meio-fio. O vidro de uma das janelas foi abaixado, revelando um brutamontes com uma cicatriz proeminente no pescoço.

— Carro para Patchfield Adams — disse o homem.

— Eu acho que não — disse Patch, enquanto se virava para descer o quarteirão.

O homem no banco do passageiro e o motorista saltaram do carro, ambos em ternos pretos.

— Deixe-nos lhe dar uma carona até em casa — o primeiro disse.

— Por quê?

Os homens deram um passo à frente, um de cada lado de Patch, segurando-o pelos ombros.

— Apenas entre no carro, garoto.

Patch tentou resistir, mas eles o seguravam firme. Eles o jogaram no banco de trás do carro e entraram. O motorista deu a partida no motor e começou a dirigir no sentido leste.

— O que vocês querem? — perguntou Patch. Ele observava freneticamente os arredores. Era um sedan de luxo padrão. Portas trancadas. Cromo reluzente e painel amadeirado.

— Você tem algumas filmagens que têm causado bastante confusão — disse o homem da cicatriz.

— Eu não sei do que vocês estão falando — disse Patch.

Eles atravessavam a Ninth Avenue, na direção da Eighth. Ele imaginava que, caso ficassem presos no trânsito em uma área mais povoada, eles podiam ficar parados por tempo suficiente para que ele tentasse saltar do carro. Ele tentou mexer nas travas da porta, mas elas não se moviam.

— Você sabe exatamente do que nós estamos falando.

— Não, sério, eu não sei — falou Patch.

— Talvez a sua vó possa te convencer. Por que você não liga pra ela? — Eles haviam feito uma curva e estavam agora na Eighth Avenue.

Patch, nervoso, discou para casa, e um homem atendeu no segundo toque.

— Sim?

— Me deixe falar com Genie — Patch disse com raiva. — Se você fez alguma coisa com ela...

Houve um sussurro na linha, e então Patch ouviu a voz de Genie.

— Alô?

— Genie, você está bem?

— Estou bem, querido. Eu acho que você deveria saber que tem alguns homens aqui que vieram me ver.

— Quantos homens?

— Dois.

Droga. Ele sempre havia se preocupado com o dia em que alguém forjaria a entrada no prédio. Era fácil demais enganar a Genie, mesmo sendo tão lúcida quanto era. Ela provavelmente deve ter

pensado que era entrega de comida ou algo assim.

— O que eles querem?

O tom da voz dela mudou, apenas o suficiente para que Patch percebesse.

— Eu acho que seria melhor você falar com quem quer que esteja com você e fazer o que eles pedem. Você entendeu?

Patch assentiu.

— Eu entendo. Genie, tenha cuidado.

— Não se preocupe comigo — sua voz ficou ríspida de repente, claramente se dirigindo aos dois homens na sala. — Esses dois senhores já estão de saída, não é mesmo?

Ela desligou.

Patch se dirigiu aos homens no carro.

— O que vocês querem? — ele perguntou, tremendo um pouco.

Eles haviam passado o Columbus Circle e estavam tomando a direção oeste do Central Park.

— Nos entregue qualquer filmagem que você tenha, e considere isso um aviso de que é melhor você não fazer nada com o resto. A coisa mais esperta que você pode fazer é destruir tudo. Entendido?

Patch não conseguia parar de tremer. Ele vasculhou sua bolsa e pegou o DVD.

— Aqui está tudo que eu tenho. Apenas não machuque a minha avó. Eu vou chamar a polícia caso vocês ainda não tenham ido embora quando eu ligar de novo para ela.

— Você não vai chamar ninguém. Caia fora do carro. E... garoto?

— O quê? — perguntou Patch.

— Tome cuidado. Nós não somos as únicas surpresas que reservaram para você. Eu acredito que sua avó ficaria muito chateada se alguma coisa acontecesse com você.

O carro encostou em um ponto a oeste do Central Park, próximo à Tavern na Green. Eles destrancaram a porta e Patch se jogou para fora, ainda em choque. Ele precisava caminhar para superar aquilo. Eles pareciam estar satisfeitos em pegar o disco, enquanto o carro se enfiava no trânsito rumando para fora do centro. Ele decidiu que a melhor coisa para esvaziar sua cabeça seria uma caminhada pelo parque até em casa.



III
A AGULHA DE CLEÓPATRA

A notícia havia chegado a todos no feriado de Ação de Graças.

Assassinatos e suicídios ocorriam o tempo todo em Nova York, mas era raro que fossem tão dramáticos: um corpo encontrado à base da Agulha de Cleópatra, no Central Park, durante o feriado de Ação de Graças, quase nu e aparentemente imaculado. Quando Nick viu as imagens da cena do crime, reproduzidas no canal de TV local durante o noticiário, ele engoliu em seco. A vítima, ainda não identificada, tinha aproximadamente a sua idade.

— Isso é absolutamente horrível! — disse a mãe de Nick, enquanto eles se sentavam à mesa do café da manhã com a edição da tarde do *New York Post*. — Eu não sei como coisas assim podem acontecer! — Ela servia um copo de suco de laranjas recém-espremidas para cada um.

— Vivendo intensamente — disse Henry, que era, de longe, entre os três irmãos, o mais nervoso.

A coisa toda deu a Nick um sentimento nauseante. Durante a conversa com seu pai e seu avô, na noite anterior, ele havia deixado escapar a informação de que sabia que Patch havia feito as filmagens. Eles tinham consciência da existência do vídeo, mas era particularmente incômodo ter de admitir para eles que Patch havia lhe contado sobre isso dois dias depois da Noite do Renascimento. Seu pai estava bravo por Nick não ter ido diretamente a ele, mas Nick não aceitava aquilo. Afinal de contas, seu pai não havia lhe dado nenhuma instrução de como lidar com uma situação como aquela.

E, além disso, eles esperavam mesmo que ele dedurasse seu amigo?

Ele havia discutido a situação ao seu extremo com eles, tentando convencê-los de que Patch não seria um problema, que Patch havia compreendido a força do material e iria guardá-lo seguramente a sete chaves.

Nenhum deles parecia convencido.

Na manhã seguinte, Phoebe estava preparando um pouco de chá na cozinha — a primeira vez que ela deixava o quarto em quase vinte e quatro horas. Ela abriu o celular e encontrou a seguinte mensagem:

ESTEJA PRONTA PARA A PRAIA EM UMA HORA.

Ela soltou um suspiro. A praia? Nessa época do ano? Ela estava tão confusa. Ela tinha estado dormindo quase ininterruptamente desde a sua crise; ela havia até mesmo descartado o jantar de Ação de Graças, que sua mãe compartilhou com Daniel em um restaurante em Tribeca. Havia um mundo de mensagens de voz em seu celular, mas ela ainda não tinha encontrado coragem para ouvi-las. Ela finalmente decidiu que ligaria para Nick para lhe pedir um conselho sobre o que fazer.

Ele atendeu no primeiro toque, e ela experimentou uma breve sensação de alívio.

— Ei — ele disse. — Eu estava preocupado com você. Acho que em algum momento, entre a nona e a décima mensagem, eu tive a impressão de que talvez você pudesse estar me ignorando.

— Desculpe — Phoebe falou. — Eu tive... qual seria a melhor maneira de colocar isso... vamos dizer que eu tive um curto-circuito.

— É tempo de férias. Você devia estar relaxando.

— Eu acredito que é isso que eu mais tenho feito, se você puder chamar de “relaxar” um sono induzido por Xanax.

— Eu sinto muito, Phoebe — sua voz soava tão baixa, tão séria, que a fez desejar estar com ele naquele momento.

— Não estresse, eu vou ficar bem — ela disse, na tentativa de varrer as preocupações dele.

— Então, o que tá pegando?

— Eu preciso saber... você recebeu essa mensagem sobre a praia.

— Vai ter um encontro em uma casa em Southampton. Isso é tudo que eu sei. Parece que aconteceu algum tipo de situação especial. Eu acho que tem a ver com o corpo encontrado no parque.

Phoebe ficou em silêncio por alguns instantes. Ela havia lido sobre isso na internet na noite anterior; a notícia era tão absurda.

— Nick, eu não posso mais fazer isso. Está tudo confuso demais. Quer dizer, você ficou sabendo o que houve com as minhas pinturas, certo?

— Fiquei — ele disse. — Ninguém culpa você, Phoebe. Foi só uma coisa estranha. Você não sabia que o Patch ia te mandar aquelas imagens da Iniciação.

— Desculpe... do que você disse que as imagens são? E como você sabia que foi o Patch quem tinha me dado?

— Phoebe, elas eram da Iniciação. O Patch tinha filmado a festa. Você estava lá. Não se lembra?

— Não daquelas partes — Phoebe balançava sua cabeça. — Eu apaguei naquela noite. Ai, meu Deus. Não é de espantar que eles estejam furiosos comigo. — Ela pensava por um instante. — Eu, hum, me sinto estranha em falar sobre isso, mas seu pai me ligou.

— Ah, meu, você não pode levá-lo tão a sério. Olha, faça as malas e venha para cá. Você pode ficar aqui comigo.

— Nick, eu não tenho certeza de que sua família vai me querer por perto.

— Eu vou explicar a eles. Vai ficar tudo bem. Eu vou dizer a eles que foi tudo um mal-entendido. Que você não sabia do que eram as imagens.

— Tá bom — ela disse, resignada.

— Phoebe? — Nick ficou em silêncio por alguns instantes. — Eu mal posso esperar para te ver.

Lá pela sexta-feira, havia chegado à comunidade de Chadwick o boato de que um jovem do sexo masculino, possivelmente um aluno do colegial, havia sido encontrado morto no parque. Para Patch, enquanto lia sobre a terrível notícia nos jornais, isso tinha acontecido perto demais de sua casa. Na noite do assassinato — caso, na verdade, se tratasse de um assassinato —, Patch havia atravessado o parque a pé, passado exatamente pelo obelisco, tinha-o visto reluzindo à luz da lua.

Podia ter sido ele, ali.

Ele sentou-se na cozinha com Genie, os jornais da sexta-feira espalhados ao redor deles.

— Genie, você vai ter que me prometer: nada mais de deixar homens estranhos subirem até o apartamento — ele não queria pegar muito pesado com ela no feriado de Ação de Graças, mas agora, como era sexta-feira, Patch sentia-se como se tivesse de socar a mensagem dentro da cabeça dela.

— Patchfield, me desculpe. Eles disseram que tinham uma entrega de comida. Eu achei que você tinha feito o pedido antecipadamente para que estivesse em casa antes que você chegasse. Você se lembra de como ficou furioso comigo há algumas semanas, quando eu não deixei aquele entregador de comida chinesa subir?

— Eu sei. Me desculpe. Daqui para a frente, eu sempre vou te avisar antes quando eu for fazer isso de novo.

Patch pensava em tudo o que havia acontecido. O tabuleiro estava montado. Não havia como ele usar o material. Ser ameaçado por causa dele havia tornado simplesmente impossível nem sequer pensar em envolver a Sociedade em seu programa.

Chadwick por dentro não iria rolar. O que ferrava simplesmente com tudo. Patch deu um suspiro. Por que tinha de ser sempre assim? Por que tinha de ter alguém ou algum grupo maior, mais rico ou mais poderoso que ele, no caminho para seus sonhos? Ao longo de toda a infância deles, havia sempre sido o mais popular, e agora era a Sociedade que estava acabando com suas aspirações de ter seu próprio programa de TV. Talvez ele tivesse de esperar, ele pensava. Talvez ter seu videolog seria o suficiente por enquanto.

Para piorar ainda mais as coisas, Simone havia lhe telefonado na quinta-feira de manhã, quando ele ainda nem tinha conseguido assimilar os acontecimentos da noite anterior. Ela havia lhe desejado um ótimo dia de Ação de Graças antes de ir direto ao assunto.

— Você provavelmente já deve ter escutado as notícias, certo? — ela disse. — Eu estou mandando um câmera para a cena. Eu estou achando que nós temos uma história de peso aqui. Esse pode ser um gancho para nós fisgarmos uma rede de TV para valer.

— Espere aí, do que você está falando? — Patch quis saber.

— Você não está sabendo? O garoto no parque. É alguém do seu círculo social. Estão dizendo que é um jovem do Upper East Side.

Isso já era demais — aquilo era pavoroso. Os espectadores, a mídia, as imagens do corpo sendo levado. A imprensa estava se envolvendo, e Patch não queria saber de nada daquilo. Ele pensava em como os pais do cara deviam ter se sentido, como seus amigos estavam se sentindo, seja lá quem fosse o cara.

Detetives vinham dizendo quão bizarra a morte havia sido, como o corpo tinha sido apresentado como se fosse alguma oferenda de algum tipo de ritual. A causa da morte tinha sido hipotermia, mas não estava claro por que ele estava praticamente pelado no final de novembro, e por que ele havia sido colocado aos pés da Agulha de Cleópatra, abaixo das sete histórias egípcias grafadas em hieróglifos. Teria algo a ver com algum tipo de droga? Um culto? Aquilo não fazia sentido.

Mesmo com a quantidade de informação mais detalhada, Patch suspeitava que a Sociedade podia ter tido algo a ver com aquilo.

— Patch, você está aí? — Simone havia perguntado. — Eu quero que você vá até o obelisco. Cheque a cena. Faça algumas imagens.

— Você está brincando!?

— Você diz que quer fazer televisão. Isso significa fazer algumas coisas difíceis às vezes.

— Simone, não dá — ele foi com o telefone para o corredor. — Isso é... isso é muita exploração. Esse cara morreu e isso é mesmo muito triste. Nós devíamos deixar que os noticiários de verdade se encaregassem de cobrir esse negócio.

— Patch, parece que você não está entendendo. Eu não estou *pedindo* isso a você. Eu estou *dizendo* para você fazer.

Patch deu um longo suspiro.

— E eu estou dizendo a você que eu não vou fazer isso, Simone. Te vejo na segunda. Feliz Ação de Graças.

Phoebe chegou na sexta-feira ao meio-dia na casa de Southampton no carro que havia sendo enviado para ela. Tantas cenas envolvendo a Sociedade passavam por sua cabeça durante a viagem de duas horas e meia que ela não sabia mais o que era verdade e o que não. Ela sabia que confiava em Nick, mas estava insegura quanto ao resto. Como sua família estava envolvida? Por que o seu pai era tão idiota? E sua própria mãe? Como ela se deixou seduzir por esse tal de Daniel? E levá-la a um médico que estava claramente envolvido com a Sociedade? E agora esses medicamentos: ela os vinha tomando, embora soubesse que precisava parar com aquilo. Em um primeiro momento, ela não queria tomá-los, mas eles realmente a relaxavam a um nível que ela não se preocupava mais tanto assim com as coisas, de um modo que ela podia ao menos *funcionar*, podia dormir a noite toda. Eles a faziam sentir-se como se tudo estivesse indo bem.

A casa era um *revival* de 1904 do estilo Tudor em oito acres de terra, limitados por uma cerca viva, contendo uma quadra de croqué, quadras de tênis, um espelho d'água e, para além disso, campos com plantações de batata para proteger a propriedade de bisbilhoteiros.

Phoebe esbarrou em Lauren no portão de entrada da enorme residência e as duas se abraçaram.

— Por onde você andou? — Lauren quis saber. — Eu te deixei, tipo, umas cinco mensagens.

— Me desculpe — disse Phoebe. — Eu explico mais tarde.

Nick veio por trás e a abraçou. Ele inalava o odor reconfortante de seu cabelo recém-lavado.

— Tudo vai ficar bem — ele sussurrou. — Eu prometo. — Ela queria ficar presa a ele, permanecer em seus braços, agarrar-se ao seu suéter verde de lã e fazer com que todo o resto desaparecesse.

A Administradora fez tocar um sino para que todos eles se reunissem na sala de estar; a Sr. Stapleton parecia particularmente ansiosa para que o encontro desse prosseguimento. Era toda a classe dos Iniciados que se juntava, assim como a dos Conscritos; aparentemente a maioria já tinha estado ali no extremo leste, e aqueles que ainda não tinham receberam carros para levá-los.

A Administradora começou a falar, e Phoebe via que seus comentários eram dirigidos ao pai de Nick, que estava sentado em uma poltrona de couro a um dos cantos.

— As portas estão seguras, senhor.

— Obrigado, Senhora Stapleton — o pai de Nick levantou-se. — Boa tarde a todos. Meu nome é Parker Bell, e hoje eu estou representando todos os Anciãos. Nós estamos extremamente aflitos pelo

que ocorreu a um integrante de nossa atual classe de Conscritos. Como vocês devem saber, a polícia anunciou uma hora atrás que o corpo encontrado no parque era de Jared Willson.

Houve um murmúrio geral na sala enquanto o Sr. Bell continuava.

— As autoridades estão investigando quais os motivos exatos por trás morte de Jared. Eu acredito que o desfecho que ele teve pode servir como um alerta sobre os perigos do abuso de álcool. Jared, como alguns de vocês sabem, tinha problemas de dependência química. Uma coisa que os jovens não sabem é que quantidades muito altas de bebida, combinadas com temperaturas quase congelantes, pode ser uma mistura fatal. Pelo que nós podemos perceber, pelo que disse a polícia, foi isso o que aconteceu com Jared.

Uma onda de cochichos espalhou-se pela sala. Estava o Sr. Bell querendo dizer que Jared havia *congelado até a morte?*

— Neste meio-tempo nós estamos extremamente preocupados com o bem-estar de vocês. Nós temos aqui um psiquiatra mundialmente renomado para ajudar qualquer um de vocês com seus problemas particulares de luto. Vocês podem procurá-lo caso estejam com algum problema ou mesmo se quiserem apenas conversar. Doutor Meckling, você poderia levantar-se?

Phoebe sentia seu sangue subir pelo pescoço enquanto o Dr. Meckling colocava-se em pé. Ela deu um olhar direto para Nick, embora tivesse certeza de que ele não saberia o que significava.

O Dr. Meckling deu um aceno amigável para o grupo. Phoebe duvidava que alguém poderia querer falar com ele.

— Nós aceitaremos questões individualmente depois da reunião — disse o Sr. Bell.

— Na verdade, eu gostaria de fazer uma pergunta agora mesmo — falou Thaddeus Johnson ao se levantar. — Quem é o líder da Sociedade? Nós vamos saber em algum momento quem está por trás do showzinho aqui?

O grupo começava a murmurar novamente. Phoebe admirou o garoto por ter tido coragem de falar.

— Como a classe dos Conscritos sabe, muito mais será revelado durante o retiro na ilha de Ísis. Agora, por que todos vocês não vão aproveitar o bufê de almoço que está aguardando por vocês lá fora no solário?

Depois que o grupo se dividiu e começou a comer, Phoebe foi ao lavabo, que ficava a meia distância do longo corredor na asa leste da casa. Quando voltava, ao passar por um corredor em curva, ela viu alguém sentado na biblioteca. Era uma garota murmurando algo consigo mesma. Phoebe aproximou-se e viu que era Anastasia, que furiosamente fazia anotações em seu caderno.

Phoebe não queria interrompê-la, então caminhou cautelosamente pelo cômodo.

Anastasia murmurava consigo mesma, “ Você adere ao grupo e eles tomam posse de você. Eles sempre tentam telefonar para você. Dizem algo e então você está morto. Enfiam uma droga na sua

cabeça torta...”.

Soava como uma rima do jardim de infância, e deixou Phoebe apavorada. Ela virava-se para se retirar, esperando que conseguisse escapar de uma conversa, quando Anastasia chamou seu nome.

Ela voltou-se vagorosamente.

— Oi — disse Phoebe —, hum, você está bem?

— Estou — disse Anastasia. — Só estou um pouco chateada. Jared e eu meio que estávamos...

— Juntos? — perguntou Phoebe.

— É. E eu... ter perdido ele assim. Foi um choque e tanto.

— O que era isso que você estava dizendo um segundo atrás? Desculpe, eu acabei ouvindo.

— Ah, eu só estou tentando escrever alguma coisa. Tipo um poema.

— Soava meio que estranho.

Anastasia deu um largo sorriso.

— Bom, eu imagino que agora eu tenho permissão para soar um pouco estranha, não?

Phoebe lhe deu um abraço, porque não sabia o que mais poderia fazer. Toda essa encenação de artista gótica nunca tinha impressionado Phoebe. Ela se odiava por pensar assim, mas era quase como se agora Anastasia tivesse algo de verdade que faria dela o centro das atenções, mais do que ler seu diário em um trem ou fazer filmes sentada no vaso sanitário.

— Anastasia, posso te perguntar uma coisa?

— É claro. — Ela jogava seu penteado chanel para trás suavemente. Phoebe baixou o tom de sua voz.

— Você pode me dizer o que está acontecendo aqui? Quer dizer, quem está comandando toda essa operação? Thad fez a pergunta, mas ninguém quis dizer nada. Está claro que o pai do Nick tem muito a ver com isso. Mas de quem é essa casa? De onde vem todo o dinheiro? Tipo, quem está pagando pelo almoço que todo mundo está comendo agora mesmo?

— Phoebe, eu não posso falar sobre esse tipo de coisa. Você sabe que eu não posso.

Phoebe deu um rápido suspiro.

— Ainda assim, isso é tão frustrante! Por que eles ficam guardando tantos segredos da gente?

Anastasia colocou sua mão sobre a de Phoebe, uma vez que a última notava suas unhas vermelhas feito sangue.

— Você tem que confiar em mim sobre isso. Muita coisa vai ficar mais clara depois do retiro. A classe toda dos Conscritos e todos os Iniciados estão juntos, somados a muitos dos Anciãos. Vai chegar a cerca de duzentas pessoas. Eles vão explicar para você mais sobre o que está acontecendo.

— Por que eles não podem esclarecer agora?

— Eles estão testando vocês — falou Anastasia. — Eles querem se assegurar de que vocês conseguem se manter leais, ter certeza de que vocês conseguem sobreviver em um grupo. É claro,

com o que aconteceu com Jared, eu não acho que eles terão qualquer problema com nossa classe.

— O que você quer dizer?

Anastasia olhou para o corredor, na direção do som de vozes que conversavam em outros cômodos. Ela disse bem devagar:

— Jared estava com todos nós na noite em que ele morreu. Todos nós o vimos.

— Como isso é possível?

— Houve um jantar para a nossa classe, seguido por um ritual no parque. É uma coisa que os Conscritos fazem todo ano, ou pelo menos foi o que nos disseram. Foi um acidente aterrorizante... nós não sabíamos o que fazer quando encontramos Jared tendo um colapso como aquele. Foi Charles quem o encontrou, e ele tentou reanimá-lo, mas não teve jeito. Normalmente não faz aquele frio nesta época do ano, e a maioria das pessoas não bebe como Jared bebia. Foi uma combinação horrível de circunstâncias.

— Por que ele estava seminu?

— Era parte do ritual. Um membro era nomeado para fazer o ritual de purificação em frente ao obelisco, para expiar os pecados de todos do grupo, enquanto o resto de nós aguardava nos arredores, sob o Arco de Greywacke. Charles e os outros caras nomearam Jared para fazer aquilo.

— Então Jared foi um mártir para vocês.

Anastasia olhou para Phoebe como se tivesse sido insultada.

— Sim, mas de maneira simbólica... não era para acontecer nada com ele!

Phoebe ficou em silêncio.

— Todos nós estávamos bebendo — Anastasia continuava. — Nós estávamos todos bêbados. Quer dizer, como ele ia saber?

Phoebe assentiu, embora não estivesse nem um pouco satisfeita com a resposta.

— Então vocês vão ser interrogados pela polícia?

— Nós não podemos. Seria publicidade demais. Todos nós queremos entrar para a faculdade. Imagine o que a mídia iria dizer... Eles iriam querer uma lista de todos que estavam presentes lá.

Phoebe já estava visualizando as manchetes sobre rituais macabros e últimas ceias.

— Então todos vocês têm que ficar em silêncio — disse Phoebe.

— É isso o que eles estão dizendo. Charles chamou individualmente cada um de nós. O caso será encerrado em alguns dias. Eles têm muitos contatos, você sabe. Tudo o que se precisa é de um telefonema para a pessoa certa e o caso está trancafiado.

— Mas isso é impossível!

— Pense nisso, Phoebe. Você sabe que existem certas mortes que ninguém nunca chega a saber exatamente como aconteceram. — Ela deu um exemplo de um ator que tinha morrido em circunstâncias misteriosas dentro de seu quarto de hotel. — Lembra de como houve um grande

escândalo e conversas sobre investigações, a página da *US Weekly*, os trabalhos todos? E então todo mundo simplesmente esquece sobre isso? A mesma coisa vai acontecer. As pessoas vão se esquecer de Jared. — Ela começou a chorar.

— Você tem que impedir que isso aconteça! — Phoebe falou. — Você tem que lutar por aquilo que você acredita.

— Eu não posso fazer isso, Phoebe — disse Anastasia. — Eu sei de experiências anteriores que isso não vale a pena. A única pessoa que se machuca no final é aquela que abre a boca.



TRINTA E QUATRO

Na sexta-feira à tarde, Patch e Genie pegaram o trem para Westchester para visitar sua mãe, Esmé, na clínica psiquiátrica Stoney River. Patch havia desistido das visitas desde que sua mãe havia se tornado institucionalizada. O local possuía portas de aço reforçadas por painéis de revestimento duplo, barras nas janelas e nenhum armário nos lavatórios, para o caso de alguém tentar se matar. Sem contar o fato de que a clínica já era um lugar bem deprimente por si só — e ainda era conhecido como um dos melhores das redondezas —, era horrível ver sua própria mãe naquele estado. Esmé tinha seu próprio quarto, e passava os dias lendo jornais e revistas; recebia dez assinaturas diferentes. Ela se recusava a sair dali, o que Patch sempre tinha achado estranho. O local em Ossing possuía uma vista de lindas paisagens (embora as paisagens fossem separadas dos internos por uma cerca de alambrado), mas ela queria ficar lá dentro, contente em apenas observar o exterior por sua janela.

A primeira visita, na verdade, era com seu médico, que eles sempre consultavam.

— Ela está indo melhor — ele disse. — Sua mãe, como você sabe, possui uma disfunção nas fronteiras de personalidade, a qual toma a forma de uma lembrança obsessiva de um tópico em particular. Se ela está pronta para sair dentro em breve? Eu creio que não. Os tópicos mudam, de um mês para o outro. Mas nós não podemos deixá-la lá fora em meio aos outros residentes por um período muito longo porque ela assusta as pessoas. E se ela não consegue lidar com isso aqui dentro, ela certamente não conseguirá lidar com isso no mundo lá fora.

Patch e sua avó assentiram. Ele sabia que aquilo era horrível para Genie, ver quanto sua filha havia se deteriorado ao longo dos anos; embora ela não estivesse mais imobilizada, como estava quando haviam dado entrada na clínica dez anos atrás, ainda lhe faltavam muitas das habilidades necessárias para viver normalmente em sociedade. Genie a visitava uma vez por semana, mas ela preferia que Patch a visitasse apenas a cada alguns meses, e dizia saber quão difícil era para ele ver sua mãe naquelas condições. Além disso, os horários de visitação do lugar conflitavam com seus horários de aula.

Quando entraram no quarto, Esmé estava cercada por seu material de leitura. Aparentemente, ela lia todas as publicações de cabo a rabo, mas quando os enfermeiros lhe perguntavam qual era seu nome, ela só conseguia responder na metade das vezes.

— Oi, mãe — disse Patch, sentando-se na beirada de sua cama, onde ela estava sentada com as

pernas cruzadas feito uma criança.

Ela apontou para o *New York Post*, para a matéria sobre Jared Willson.

— Eles pegaram ele — ela disse.

— O que você quer dizer com “eles pegaram ele”?

— O coitado do garoto. Não sabia o que estava acontecendo. Se perdeu de noite. Morto pela manhã.

— Mãe, o que você está dizendo não faz sentido. Talvez você não devesse estar lendo esse tipo de coisa. É muito triste.

— Não me diga isso! — ela berrou. — Todo mundo me diz isso. Eu nem sei por que estou aqui.

Genie falou com a voz firme.

— Você está aqui porque você bateu na cara do seu médico cinco anos atrás. Lembra-se disso? Você está aqui porque você fugia de casa constantemente. Porque você perdeu o Patch no parque um dia.

Aquilo era verdade: quando Patch tinha seis anos, logo depois da morte de seu pai, Esmé havia esquecido de levá-lo de volta para casa. Patch havia ficado no playground, no Central Park, por três horas, sem ter a menor ideia de onde sua mãe estava.

— Eu não dou para uma boa mãe — disse Esmé.

— Ah, que é isso, mãe? Ninguém está dizendo isso — falou Patch. — Eu acho você ótima. Você só tem que tomar seus remédios, descansar e ser legal com você mesma. Você está saindo pelo menos um pouco? Você já viu as folhas que caíram com o outono?

— Não, nada de ir lá fora! As pessoas morrem quando vão lá fora. As pessoas são mortas por grupos. Grupos de assassinos de pessoas.

— Hum, querido — disse Genie. — Vamos nos esforçar para não irritá-la.

— Nós vamos sair para dar uma caminhada agora — disse Patch. — Nós voltamos daqui a pouco.

Ele lhe deu um abraço e então virou-se e saiu. Ele sentia lágrimas formarem-se em seus olhos, mas esforçou-se para não deixá-las rolar.

Genie adiantou-se até o corredor e segurou sua mão.

— Você precisa ser forte — ela disse. — Você tem que saber que esta não é ela de verdade. Ela não tem controle sobre o que fala. Vamos lá fora. Se sua mãe não vai aproveitar a paisagem aqui, ao menos nós podemos.

Eles desceram as escadas e saíram pela porta da frente. As folhas haviam mudado, e, enquanto muitas estavam espalhadas pelo chão, ainda havia algumas sobreviventes esparsas penduradas nos topos das árvores. Patch deu uma volta em seu cachecol e ajustou-o bem rente ao pescoço.

— O que você acha que ela quis dizer, Genie, quando ela disse “eles pegaram ele”?

Ela balançou a cabeça.

— Não sei. Esmé, ao que parece, sofre de distorções paranoicas. Ela diz algumas variações de “eles pegaram ele” ou “eles pegaram ela” sempre que lê sobre alguma morte ou assassinato. Não importa quem seja, onde aconteceu. Tem sempre um “eles” misterioso.

— Eu quero trazê-la para fora. Ficar aqui fora, tomar um pouco de ar fresco, poderia fazê-la sentir-se melhor.

As folhas faziam barulho sob seus pés.

— Nós já tentamos — ela disse. — Você se lembra, dois anos atrás.

— Eu sei, foi um desastre. — Na primeira noite que ela havia estado no apartamento, sua mãe havia saído correndo nua pela Quinta Avenida. Quando a polícia a pegou e levou-a de volta para casa (por sorte, o porteiro a havia reconhecido), ela alegou que estava apenas indo buscar a correspondência.

— Ela não pode sair — Genie disse firmemente. — Não quando ela ainda se comporta dessa maneira.

— Você acha... — Patch ficou em silêncio por alguns instantes, sem saber como dizer aquilo. — Você acha que a Sociedade tem algo a ver com isso?

Genie não havia respondido à questão enquanto eles se dirigiam de volta à porta de entrada da clínica. Antes que ele pudesse pressioná-la, algo chamou a sua atenção. Esculpidos em um painel de madeira estavam os nomes de indivíduos e corporações que haviam feito doações para a reforma da clínica. Próximo ao topo da lista, um nome se destacava: FUNDAÇÃO BELL. Ele se perguntava por que eles haviam feito uma doação tão significativa. Patch sabia que seus pais e os Bell, muito tempo atrás, já haviam sido todos amigos, mas aqueles dias já haviam se passado. Os Bell não gostavam de ser associados a ninguém enfermo ou em más condições, e sua mãe mais do que definitivamente se enquadrava em ambas as categorias.

Quando estavam de volta ao quarto dela, sua mãe estava mais “domesticada”; Patch imaginava que alguma enfermeira havia entrado e lhe dado algum sedativo. Ela estava sentada a uma penteadeira improvisada ao canto do quarto e estava prendendo o cabelo.

Genie lançou uma das mãos à boca, como se estivesse vendo o fantasma de alguém que havia conhecido.

Patch viu algo que nunca antes havia notado.

Marcado sobre a parte de trás de seu pescoço, sua mãe tinha uma cicatriz de cerca de dois centímetros na forma de uma cruz ansata.

Depois do almoço, Lauren se encontrou com Alejandro nos jardins dos fundos da casa em Southampton, próximo à quadra de croqué.

— Nós podemos dar o fora daqui? — ela disse. — Esse lugar me assusta. Eu já me despedi da Phoebe e do Nick.

Os pais de Alejandro haviam alugado um lugar nos arredores para passar a temporada, e ele perguntou a Lauren se ela gostaria de acompanhá-lo até lá. Ela tinha emprestado um carro extra, um Volvo mais velho que pertencia à amiga de sua mãe, Madeline, então ela seguia Alejandro, que estava dirigindo o Jaguar que pertencia ao seu pai. Eles chegaram à casa e estacionaram no caminho de cascalho que levava à entrada.

— Meus pais vão ficar fora o resto do dia — ele disse. — O lugar é nosso.

A casa que os Calleja estavam alugando era um palacete branco em forma de caixa — algo mais à cara de South Beach do que Southampton —, que era preenchido com mobília moderna da metade do século. Aos fundos, havia uma piscina aquecida e uma banheira que desaguava nela de uma altura de quase dois metros, enchendo-a de bolhas. O vapor emanava do local, como disse Alejandro, pois ela era mantida a vinte e seis graus celsius durante o ano todo.

— Quer nadar? — ele perguntou.

Lauren ficou vermelha.

— Eu não tenho maiô.

Ele a arrastou para fora, dando risada.

— Nem eu. — Ele começou a tirar a roupa, e por um momento ela pensou que ele ficaria completamente nu. Mas ele parou na cueca, que era, ao que parecia, a menor e mais justa cueca que Lauren já tinha visto. Ele pulou na piscina, executando um mergulho perfeito em meio às bolhas de espuma, suas pernas mal se chocaram com a água antes que desaparecessem sob a água.

Lauren encolheu os ombros e começou a se despir para ficar apenas de roupa de baixo. Talvez fosse aquilo o que eles precisavam: um pouco de diversão para equilibrar toda a insanidade. Ela saltou para dentro da água, emergindo ao seu lado. Alejandro pressionou um botão no controle remoto que flutuava na piscina e então a música começou a sair pelas caixas de som debaixo d'água. A água os envolvia, os acariciava e os protegia de toda a loucura que haviam deixado para trás na outra casa.

— Desculpe, não é meu tipo de música — ele disse. — As pessoas das quais nós alugamos a casa deixaram o iPod aqui.

Lauren deu de ombros.

— Eu adorei. É como se fosse um concerto submarino — Tocava uma versão *remixada* da música dos Rolling Stones “Sympathy for the Devil”.

Eles ficaram brincando na piscina por alguns instantes, e ele a envolveu em seus braços fortes e a beijou. Ela desejava que eles pudessem ficar na piscina aquecida para sempre. Lauren se prendeu ao redor de seu corpo musculoso e deixou que ele a levantasse até a altura dos ombros, rindo quando ambos caíram, afundando novamente na água. Alejandro lhe deu um beijo enquanto ela estava prendendo a respiração debaixo da água, o que fez Lauren dar tanta risada que teve que levantar para tomar ar.

Quando eles se cansaram, nadaram até a banheira com água da qual saía o vapor. Alejandro apertou um interruptor e a água parou de cair na piscina. Era quase silencioso, salvo pelos pássaros à distância e pelo roçar das árvores.

— É lindo aqui — Lauren falou, enquanto observava o céu carregado de nuvens, emoldurado por copas de árvores. — Quase me faz esquecer de todo o resto.

— Eu acho que é o que nós precisamos — disse Alejandro.

— Você alguma vez já se sentiu — Lauren perguntou após uma pausa — como se talvez eles estivessem impondo algo que nós não estamos muito a fim?

— Claro — ele disse. — Eu só sei que eu não consigo viver desse jeito. Muitas expectativas. Eu quero viver livremente sem ter que me preocupar com o que cada coisa significa para a Sociedade, ou para os meus pais, ou seja lá o quê.

— O que você acha que aconteceu com Jared? — ela perguntou. — Você acha que ele morreu mesmo de exposição ao frio? Parece uma coisa tão bizarra para acontecer.

— Eu não sei dizer. Eu nunca o conheci. Eu acho que talvez Nick possa saber. Mas parece que eles também não se conheciam assim tão bem.

— Posso te perguntar uma coisa? — disse Lauren.

— É claro.

— Seus pais são membros da Sociedade?

Ele balançou a cabeça.

— Eu acredito que não. Eu acho que a essa altura eu já teria sabido.

Havia tantas questões sem respostas, mas pela primeira vez, em muito tempo, Lauren sentia-se relaxada, como se pudesse deixar passar. Eles curtiam o calor da banheira de água quente, dando mais um beijo, o corpo dela contra o dele, que estava sentado nos degraus submarinos da banheira. Depois de mais alguns minutos, Alejandro indicou para ela que eles deviam levantar-se. Ele pegou

duas toalhas para eles de uma cabana ao lado, e eles correram para dentro da casa para se aquecerem de novo.

Ela o seguiu até o andar de cima com uma pilha de roupas em seus braços, sem saber ao certo o que esperar. Em seu quarto, ele lhe deu um pijama e lhe mostrou o banheiro, para que ela pudesse se trocar.

Ele também vestiu um, embora tivesse deixado a parte de cima aberta, para o que ela não ligava nem um pouco — Alejandro tinha um dos corpos mais bonitos que já havia visto em alguém de dezessete anos de idade, muito mais impressionante que o físico magrelo de seu ex-namorado. No sofá em seu quarto, ela começou a beijar Alejandro de novo, inalando a fragrância de cloro e roupa lavada, e, em vez de sentir-se boba e engraçada como na piscina, dessa vez ela sentia aquilo como se fosse eletricidade, como se a energia do corpo dele corresse para o dela. Ela decidiu deixar rolar o que tivesse de rolar. A Sociedade não podia tocá-los ali.

Enquanto tentava aproveitar os últimos dias do feriado de Ação de Graças, Patch não conseguia deixar de pensar em algo que Genie havia lhe contado quando estavam no trem voltando para a cidade. Sua avó sempre agia de maneira um pouco estranha depois de visitar a filha. Ele não queria que ela se sentisse triste, mas era difícil não se sentir assim, especialmente depois do comportamento maluco de sua mãe.

— Genie, eu preciso te dizer uma coisa — ele disse finalmente.

Ele o olhava ponderosamente. Atrás dela, ele podia ver o rio Hudson através da janela, suas águas movendo-se vagorosamente com a torrente. Eles passaram pelas várias paradas: Philipse Manor; Sleepy Hollow, a terra de Ichabod Crane e do Cavaleiro sem Cabeça^[26]; Greystone; Riverdael; e Spuyten Duyvil, um nome que ele achava muito estranho desde a primeira vez que tinha tomado aquela rota, quando ainda era criança.

Eles chegariam à cidade a qualquer momento.

— Os Bell... por que o nome deles está naquela parede na entrada do hospital?

— Eles fizeram uma doação — ela disse simplesmente.

— Isso eu sei. Mas eu quero dizer, por que eles doaram para *aquela* clínica? Por que não para algum lugar melhor, algum lugar mais perto da cidade? É por causa da mamãe?

Genie mudou de lugar para sentar-se ao lado de Patch.

— Os Bell e seus pais costumavam ser muito próximos. Muito tempo atrás, antes do colapso dela.

— Por que você nunca fala sobre o que aconteceu? Isso foi antes de o papai morrer, certo?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Patch, eu não posso falar sobre isso. Você sabe disso.

— Isso tem algo a ver com a Sociedade? A cruz ansata no pescoço dela... Minha mãe era... um membro?

— Isso foi há tanto tempo, Patch. Eu acho que seria melhor se nós não falássemos sobre isso.

Um olhar pairou entre os dois. Genie o conhecia bem o suficiente para pensar que uma advertência como aquela o manteria longe do assunto.

As expectativas de Phoebe quanto à casa dos Bell foram completamente confundidas com a realidade. Era uma propriedade com uma equipe completa de criados, o que ela já esperava, e que, fora isso, tudo parecia completamente normal. Ela viu a mãe de Nick, Gigi, pela primeira vez, e a mulher a tratou como se elas se conhecessem havia séculos e fossem ser as melhores amigas. O Sr. Bell estava em seu escritório, mas, quando desceu as escadas, mais tarde, parecia realmente feliz em conhecê-la. Embora Phoebe não conseguisse parar de pensar sobre o assunto, ele agia como se a conversa que tiveram por telefone mais cedo naquela semana nunca tivesse acontecido. Todo mundo a tratava como a nova namorada de Nick, o que a deixava secretamente empolgada.

Nick parecia envergonhado com tudo aquilo, e seus irmãos mais velhos, Henry e Benjamin, chegaram mesmo a provocá-lo um pouquinho, dando grandes piscadelas e cutucando Nick com os cotovelos. Pela primeira vez, Phoebe via Nick ficar vermelho de verdade, algo de que ela pensou que Nick nunca seria capaz. Em vez de uma família de um capitão de indústria, como ela havia imaginado, os Bell pareciam tão receptivos que ela tentou se esquecer de Parker Bell e seus laços com a Sociedade. Ela se instalou em um dos quartos do andar de cima, bem abaixo da entrada do quarto de Nick, um quarto que, segundo Nick, costumava ser ocupado por Patch. Aquilo fazia com que Phoebe pensasse se algum dia ela seria mais do que uma amiga para Nick. Eles ficaram no solário, assistindo a filmes estúpidos de ação e comendo as sobras do jantar de Ação de Graças. Nick parecia querer se privar da terrível notícia sobre a morte de Jared, fingindo que nada havia acontecido. Phoebe olhava, na luz vacilante da TV, para o belo corpo de Nick. Ele era lindo o tempo todo, mas particularmente quando estava concentrado.

Apenas ela acharia aquilo fofo. Se ele gostasse dela como mais que uma amiga, ele teria feito algum movimento para cima dela naquele momento, não?

Ela se afundou no sofá de viscoso, deteriorado, dando um último e longo gole em sua cerveja enquanto o filme acabava. De volta à realidade. De volta à Sociedade e tudo o mais que eles não conseguiam decifrar.

Nick olhou para ela, dando-lhe uma cutucada amigável no braço.

— Você está bem?

— Hum... na verdade, eu não tenho muita certeza. Eu estou meio que chocada. Tudo isso... a Sociedade, o médico que minha mãe me obrigou a ver, a morte de Jared... desculpe, eu sei que eu não devia estar falando sobre isso. — Ela sentia lágrimas se formando em seus olhos.

Não, ela não faria isso. Mas ela não conseguia impedi-las. Primeiro uma, depois outra. Por que ela não conseguia ficar mais tranquila com relação àquilo tudo, como a Lauren?

— Eu sinto tanto, Nick — ela disse enquanto tentava impedir suas lágrimas. — Eu devo ser um peso para você.

Nick aproximou-se mais dela no sofá e começou a massagear gentilmente suas costas. Ela sentia uma leve palpitação em suas mãos, como se ele estivesse nervoso, e virou em sua direção.

— Está tudo bem — ele disse, de maneira tão segura quanto daquela vez no café, quando ele havia prometido que ela poderia contar com ele.

Ela sorria mesmo com os olhos ainda úmidos.

— Eu sou ridícula. Eu não devia estar me desfazendo. Isso é tão constrangedor. — Ela esfregava as costas da mão pela face, tentando secar as lágrimas e a coriza em seu nariz. Ela não conseguia olhar para ele, não naquele estado.

— Você não é ridícula — ele falou, enquanto repartia o cabelo dela com um dedo e o encaixava atrás de sua orelha. — Você é linda.

Ela voltou os olhos para cima e, antes que pudesse fazer qualquer coisa, ele a beijou.

Aquilo era tudo pelo que ela vinha esperando, os cheiros aos quais ela tinha acabado se acostumando enquanto ficava ao seu lado, mas que ainda não tinha experimentado tão de perto. Tão bobo aquilo no que ela prestava atenção durante aquele momento, ela pensava: sentir os braços dele sob o suéter, o cheiro de seu corpo, um toque de suor e xampu, o gosto de sua boca, o toque dos dentes dele sobre sua língua. Ele se pressionava contra ela, como se tivesse esperado bastante tempo por aquilo, e ela percebeu quão enganada estava a respeito de Nick Bell.

Lauren estava exausta quando acordou na manhã de sábado, deitada no sofá da sala de entretenimento dos Calleja. Ela e Alejandro haviam começado a ver um filme juntos na noite anterior, mas ela havia pego no sono, já sem energias. Ele havia colocado um cobertor sobre ela e deixado um bilhete para que ela o acordasse caso fosse a primeira a despertar durante a manhã. Ela não queria — aquilo seria quebrar todas as regras sobre sair juntos nas quais ela acreditava: não deixe o encontro durar tempo demais, não fique até a hora do café da manhã na primeira vez que você dormir fora, não saia com ele como se vocês dois fossem apenas amigos. E o que poderia pensar os Calleja sobre essa garota estranha que tinha dormido no sofá?

Ela não queria saber.

Ela vestiu suas roupas rapidamente e saiu silenciosamente, pé ante pé, esperando poder chegar em casa antes que sua mãe e a amiga dela, Madeline, estivessem acordadas e prontas para o dia. Madeline, entretanto, gostava de passear com os cachorros bem cedo pela manhã, e então Lauren se viu obrigada a caminhar pela entrada do prédio e trocar um olá constrangedor com Madeline

enquanto esta saía de casa com seus dois *bulldogs* ingleses e se dirigia à barraca local de vegetais. Enquanto subia as escadas, Lauren deu de encontro com sua irmãzinha, Allison, que estava em casa para o feriado.

Allison virou os olhos e fez um gesto libidinoso.

— Nem uma palavra de você — disse Lauren. — Se você contar à mamãe, pode esquecer as caronas para o centro.

Allison assentiu.

— Tudo bem, mas nós vamos à Scoop mais tarde, e você vai ter que me comprar algo... e não da pilha de promoções.

Lauren deu uma risada.

— Você sabe barganhar direitinho. Agora vá dizer à mamãe que eu acabei de acordar.

Depois de passar o dia com sua irmã mais nova — que, apesar das sardas e do gosto pela cor roxa, parecia muito mais sofisticada que Lauren quando estava no primeiro ano —, Lauren decidiu ter uma noite de sábado tranquila. Depois de tudo o que havia acontecido com Alejandro e o encontro da Sociedade na noite anterior, ela não queria ir para nenhuma balada ou clube noturno. Ela havia até mesmo decidido desligar seu celular. Na manhã de domingo, quando ela voltou a ligá-lo, as mensagens vinham se despejando para fora, todas de Alejandro:

22h18: KD VC? VAMOS SAIR E CURTIR JUNTOS

00h32: VAI SER LEGAL

01h19: PRECISO FALAR C VC

02h35: DESCULPE

Lauren ligou para Alejandro, mas só caía na caixa postal. Comportamento típico de garotos. Querem conversar, mas então não estão disponíveis. Ela deixou seu celular no modo silencioso; precisava de tempo para pensar. Estava confusa, e nervosa, e frustrada por ele ser tão inconstante.

Somando-se a seus problemas, sua mãe insistia em lhe pedir para que ela o levasse lá, e ela não tinha nenhuma desculpa plausível para o fato de não conseguir falar com ele.

Mais tarde, naquele dia, um amigo havia lhe enviado um e-mail com um *link* para uma página de fofocas de Hamptons. Ela clicou e viu imagens de Alejandro sendo empurrado para dentro de uma viatura. A matéria dizia que ele havia farreado com os amigos em um clube chamado Purple Elephant na noite anterior, ficou bêbado para valer, e começou uma briga com um segurança por um

casaco que ele havia deixado lá dentro. Quando eles disseram que não o deixariam entrar para pegar a blusa, ele gritou para eles:

— Eu conheço gente que pode acabar com vocês. Vocês estão ferrados! — Ele atacou então a segurança, a polícia foi chamada, e ele foi levado embora. Seus pais tinham tido de pagar sua fiança naquela manhã.

Lauren suspirou. Talvez ela e Alejandro tivessem uma daquelas relações fantasiosas que foram feitas para nunca dar certo. Nadar sem roupas em novembro? Cantoras de bossa nova? Uma casa só para eles? Tinha de haver algum ponto negativo, não tinha? Tudo aquilo parecia mesmo bom demais para ser verdade.

Ua manhã da segunda-feira, a produtora de Patch o chamou para uma reunião. Ele tinha contado a Simone o que havia ocorrido na noite de quarta-feira com os dois brutamontes que a Sociedade havia enviado, mas ela não se deixou intimidar.

— Eu quero que você saiba que o que aconteceu na quinta-feira é inaceitável — disse ela, após tomar um gole de café da sua caneca, sempre presente. — Eu preciso poder confiar que você está no mesmo barco que eu.

— Simone, era o Dia de Ação de Graças — Patch disse. — E você queria que eu cobrisse uma morte no Central Park?

— Isso nem sempre é um negócio divertido. Às vezes você tem que fazer as coisas que não quer fazer. Você deveria estar cobrindo a cena: o bom, o mau, o feio^[27].

— Eu compreendo — Patch disse.

— Ótimo! Eu tive um pressentimento de que você compreenderia. E é por isso que eu sei que você vai entender a próxima coisa que eu quero que você faça.

— E o que seria?

— Descobrir uma forma de entrar na Sociedade.

Para Phoebe, as aulas começaram tranquilamente logo depois do feriado de Ação de Graças. A não ser por uma ou outra referência ocasional, ninguém falava sobre o que havia acontecido com Jared, nem sobre o que aconteceu com Alejandro, embora muitos estudantes de Chadwick soubessem dos incidentes. Como Anastasia tinha previsto, essas coisas de alguma forma se perdiam no passado.

A família de Jared realizou uma cerimônia em sua memória, à qual Nick compareceu relutante, apenas porque era a coisa certa a fazer. Ele havia dito à Phoebe que aquilo tudo lhe tinha feito mal.

Além de Nick, Phoebe não viu mais nenhum conhecido. Ela havia deixado Lauren a par do que tinha acontecido entre eles, mas, principalmente, ela tentava manter a cabeça baixa, esperando que ninguém tivesse descoberto sobre sua pequena crise. É claro, ninguém sabia, e ela percebeu que estava sendo boba por pensar que ninguém se importaria.

Ela também tomava conhecimento, ao sair com Nick e fazer coisas simples, como pegar um queijo grelhado ou sair juntos para um café, de como ela sempre ultra-analisava tudo. Phoebe queria ser mais parecida com Nick, para viver mais o momento, não se importar se seu cabelo parecia

perfeito, ou se ela estava usando a roupa certa. Ela resolveu que essa seria sua meta para o novo ano.

Aquele era um momento de distração, em meio a exames e trabalhos finais, e os planos para o Natal — provavelmente a pior época para iniciar um novo relacionamento. E ainda assim Nick, à sua maneira obstinada e perseverante, parecia determinado a fazê-lo funcionar.

Os dois estavam saindo juntos depois da escola, em uma tarde, e foram tomar *lattes chai* no Starbucks perto de Chadwick. Phoebe disse que eles eram prostitutas corporativas por frequentar um lugar como aquele, mas Nick insistiu em que os *lattes* de lá eram os melhores, então ela acabou concordando.

Eles se sentaram juntos em uma dessas mesas redondas de cafés superlotados que dão a estranha ilusão de privacidade quando você está em um lugar cheio de estranhos. Era um dia frio, e Nick tirou o gorro marrom de lã, libertando os cachos bagunçados de seu cabelo despenteado. Ele estava vestindo um casaco do exército alemão sobre seu blazer de Chadwick, o que Phoebe achava adorável.

Ele engoliu o seu *latte chai* antes de olhar para ela.

— Então, eu acho que a gente deve, você sabe, hum, definir o que somos afinal? — ele perguntou timidamente, de uma maneira que ela nunca havia visto ele agir.

Ela tremia um pouco, e não era só por causa do frio.

— O que você quer dizer? — não seria ela quem iria definir aquilo. Não, ela já tinha visto várias amigas cometerem este erro.

— Bem, Phoebe Dowling. — Ele se inclinou e olhou em seus olhos, segurando um guardanapo de papel na mão. — Eu gostaria de lhe pedir para ser minha namorada.

Phoebe sorriu.

— E o que eu tenho que fazer para receber esta honra?

Nick ficou em silêncio por um instante.

— *Lattes chai* uma vez por semana?

Phoebe se inclinou para a frente e lhe deu um beijo nos lábios.

— Feito.

A conversa com Simone havia ocorrido cerca de uma semana atrás, e Patch ficou remoendo seu pedido. Era razoável aquilo que ela estava pedindo? Ela o fazia se sentir como uma fraude, uma farsa. Era esperado que uma pessoa fosse convidada a fazer parte de uma sociedade secreta. E, supostamente, não se devia espiá-los, ou forçar sua entrada no grupo. De alguma forma, porém, era exatamente o que ele sempre quis fazer. Ali estava uma história incrível de investigação, bem como um meio para contá-la.

E talvez, apenas talvez, ele poderia aprender mais sobre o passado de sua família.

Seria insensato da parte dele não aproveitar a oportunidade.

Na manhã de sábado, ele foi até a St. Mark's Place, uma rua no East Village que era conhecida por sua mostra carnavalesca de salões de tatuagem e piercings, pizza barata e porções de falafel, bares de faculdade e lojas de roupas retrô. Ele escolheu a loja que parecia menos provável de lhe dar algum problema com sua carteira de identidade falsa.

Ele nem se deu o trabalho de folhear o livro de fotografias de tatuagens. Tirou um pedaço de papel fotocopiado com um rascunho. Se quisesse se infiltrar na Sociedade, ele imaginava que deveria se parecer com um membro.

Depois, levantando o cabelo, ele mostrou à mulher onde queria a cruz ansata: na parte de trás do pescoço.

A semana de provas passou voando, uma vez que a maioria dos estudantes de Chadwick se desgastava esforçando-se para realizar um bom desempenho em seus testes. O último exame havia sido marcado para sexta-feira, dia que a escola havia liberado para o início das férias. Naquela tarde, Phoebe estava arrumando sua mochila quando recebeu uma mensagem de texto sobre a noite, do número desconhecido que ela agora identificava como da Sociedade.

O endereço dado era em algum ponto na área do Lower East Side, mas, quando eles chegaram lá, não havia nada que parecesse com um clube ou um espaço para festas, apenas uma pequena mercearia. Poderiam eles ter passado o endereço errado? Cerca de dez dos Iniciados estavam do lado de fora, confusos e sem nenhuma pista.

Parecia mais um teste.

— Esperem — disse Lauren. — Eu tenho uma ideia. Eu li sobre isso em uma revista.

Havia ali, curiosamente, uma cabine de telefone público (algo que ninguém mais parecia usar na cidade) ao lado da lanchonete, contra a parede do edifício. Nick olhou para dentro da mercearia e indicou para todos que as linhas das paredes não coincidiam, era como se a loja tivesse uma parede falsa, ou uma passagem secreta. Lauren entrou na cabine, pegou o telefone e disse algumas palavras. A parede atrás do telefone público se abriu para revelar uma porta. Ela olhou para trás, sorriu e fez sinal para os outros a seguirem.

Phoebe estava bem atrás dela.

— Como diabos você sabia disso? — Phoebe perguntou.

— Eu li sobre um lugar como este no East Village — disse Lauren. — Tipo um clube secreto em horário após o expediente. Foi uma suposição feliz.

— Bota feliz nisso — Phoebe balançou a cabeça com espanto.

Seria aquilo nada mais que uma caça ao tesouro tamanho família? E, em caso afirmativo, qual era o tesouro? Eles haviam passado por tanta coisa nas últimas semanas que Phoebe sentiu que não precisava de mais nada *nonsense*.

Nick segurou sua mão enquanto seguiam Lauren e os demais por um corredor escuro que ressoava com as tubulações de vapor. Grafites cobriam as paredes, e escadas de incêndio pendiam das janelas acima. Eles tomaram outro túnel e, em seguida, chegaram a uma grande porta preta, através da qual eles podiam ouvir o ressoar do bater de música.

— A gente entra assim de uma vez? — alguém perguntou.

Nick puxou a maçaneta de ferro forjado da porta e ela se abriu.

O clube se chamava Prohibition, e vinha funcionando havia apenas duas semanas. O DJ estava em uma cabine da qual se via toda a sala de paredes revestidas com painéis de madeira, ele tocava MGMT, Mark Ronson e Vampire Weekend. Além da música, era como se um bordel vitoriano tivesse sido recriado no Lower East Side. Havia cortinas de veludo vermelho, grandes banquetas de pelúcia, e pequenas mesas espelhadas. Lauren pensava, “há uma referência a *Alice no país das maravilhas*”, pois as pessoas tomavam coquetéis em xícaras antigas, a cerveja era servida em sacos de papel. Tudo ali dava a sensação de ser uma festa fora da lei. Depois do túnel que tinham atravessado, Lauren nem sabia em que direção eles tinham caminhado, o que era uma sensação incomum.

Essa era a coisa com Manhattan: não importava onde você estava, você quase sempre sabia o caminho para deixar o centro.

A menos, claro, que você estivesse pesadamente, irremediavelmente bêbado, que era exatamente o que estava acontecendo com todos ali, uma vez que garçons de luvas brancas continuavam a servir todos sem parar, bebida após bebida. O boato era que aquela festa seria para celebrar os Iniciados e sua adesão naquele semestre. Lauren se perguntava quanto eles realmente tinham a comemorar.

Em uma sala com papel de parede verde-musgo, em frente à cabine do DJ, um grupo de sete Iniciados estava sentado ao redor de uma mesa. Os garçons traziam bandeja após bandeja de grandes taças de prata, que eram preenchidas com bebidas de diferentes cores. Uma era azul, outra era verde, outra era roxa. Todos tinham de beber dos copos, como se o que estivesse acontecendo fosse um ritual sacramentado.

— E aí, Lauren — Claire Chilton acenava para ela. — Isso aqui não é um arraso? Do jeito que meu pai sempre fala de Yale.

Lauren fez que sim com a cabeça. Ela tinha ouvido falar do Mory, o clube de jantar de Yale, onde se fazia aquilo. Mas o que este clube do Lower East Side teria a ver com isso? Tudo parecia ser uma imitação elaborada do modo de vida da Liga de Hera^[28], como se ao copiarem os costumes e as tradições de um clube de jantar de Yale, quinze deles poderiam sentir-se como se estivessem destinados a ser parte daquela realidade.

Ela foi sentar-se ao lado de Alejandro. Lauren estava desapontada após o que havia acontecido na semana anterior, mas sabia que ele se sentia mal com aquilo. Os pais dele também tinham ficado no seu encalço e não deixaram ele sair durante a semana, o que provavelmente era o melhor a ser feito. Apesar de todo o embaraço entre eles, das mensagens de texto, de suas travessuras de bêbado, de sua desencanação, Lauren não podia ignorar seus sentimentos por ele.

Quando elase sentou em sua companhia, Alejandro aproximou-se ainda mais dela. Estavam

sentados tão perto que ela podia sentir o calor do seu corpo. Bradley Winston, Thad Johnson e alguns outros Iniciados estavam todos entornando taças de champanhe. Thad, que Lauren sabia que era muito mais esperto do que os outros meninos, parecia um pouco fora de lugar, mas parecia estar tentando encaixar-se.

— Nós precisamos de mais bebidas! — disse Bradley. Sua gravata estava torta, como se estivesse preparado para uma noite daquelas.

Naquele momento, Charles Lawrence, um dos Conscritos que parecia ser uma espécie de acompanhante para a festa, aproximou-se.

— Vocês estão se divertindo?

Todos fizeram que sim com a cabeça.

Um garçom chegou com uma nova garrafa de champanhe. Ele foi logo despejando, e Alejandro e Lauren bebiam de suas taças. Em seguida, uma canção do CSS, que era uma das favoritas de Alejandro, começou, e ambos foram para a pista de dança.

Quando eles voltaram, Carlos entregou-lhes novas taças. Lauren percebeu que ele estava usando luvas.

— Que negócio é esse com as luvas? — Lauren perguntou.

— Eu acho que sou seu criado para a noite — Charles sorriu e depois saiu para se juntar a outro grupo.

Alejandro engoliu seu champanhe como se fosse água.

Alguns momentos depois, ele começou a misturar suas palavras.

— Ai, meu Deus — disse Lauren. — Quanto você bebeu?

— Eu só tomei um golinho de... — Suas pálpebras começaram a vibrar, antes que ele fechasse os olhos. Ele caiu encostado na banquetta, todo o seu corpo ficou mole como o de uma boneca de pano.

— Alejandro, que é isso? O que está acontecendo? — A música estava tocando alto e ninguém podia ouvi-la. Bebiam, fumavam, dançavam. A festa ao seu redor não dava trégua. Ela começou a tremer e seu coração disparou. — Eu não consigo... ai, meu Deus! — As pessoas à mesa ao lado começaram a notar. Eles sacudiam Alejandro, mas ele não se mexia. Thad pegou um pouco de gelo e colocou-o sobre a testa dele, na esperança de que aquilo iria acordá-lo.

Lauren pegou o telefone e começou a discar 911. Uma outra mão agarrou a dela, e ela viu que pertencia a um segurança corpulento que lhe parecia vagamente familiar.

— Largue o telefone, moça — disse ele. — Não há necessidade de telefonar. Nós vamos levá-lo para um hospital.

— Um hospital? Mas como você sabe o que há de errado com ele?

— Ele precisa de atenção médica. Isso está claro.

O parceiro do segurança agarrou o corpo de Alejandro e içou-o sobre seus ombros. Em comparação com o segurança, que devia pesar uns cento e quinze quilos, Alejandro parecia minúsculo.

— Posso ir junto com vocês?

— Eu sinto muito, moça, isso não vai ser possível.

— Para qual hospital vocês estão levando ele? — A música continuava tocando, e ela desejava poder ter um momento de silêncio para pensar.

O segurança não deu nenhuma resposta. Todo mundo estava olhando, como se a festa tivesse parado no meio de uma música. Lauren viu Nick e agarrou-se a ele.

— O que devemos fazer? Eles o estão levando, mas não querem dizer para onde!

Nick seguiu os seguranças, e Lauren foi atrás dele, sabendo que Phoebe entenderia. Eles correram para fora do clube, passando pelas vielas escuras até a rua. Os seguranças estavam carregando Alejandro para dentro de um sedan preto. Lauren começou a gritar.

— Para onde vocês o estão levando?

— Qual é? É só nos dizer para qual hospital! — Nick gritou. — Nós encontramos vocês lá.

Os seguranças não disseram nada. Enquanto o carro ia embora, Lauren bateu furiosamente em seu capô.

Um pouco de pessoas na calçada observavam o espetáculo, e Lauren percebeu que eles deviam estar parecendo dois jovens embriagados dando trabalho. Ela já estava sem fôlego. Ela agachouse e se encostou em um pilar em frente ao local.

— Devemos tentar segui-los? — perguntou ela.

— Não tem nenhum táxi à vista — disse Nick.

— O que diabos aconteceu?

Ele balançou a cabeça.

— Eu não sei.

Ela olhou para o telefone. Havia alguém que ela podia chamar? O que ela diria? Meu amigo desmaiou e foi sequestrado? Ninguém acreditaria nela. E isso significaria que a polícia iria aparecer na festa, o que respingaria em Chadwick e em seus pais. Não havia nada a fazer.

— Eu não quero voltar — disse Lauren. — Mas minha bolsa ainda está lá dentro. Você pode pegá-la quando voltar para a Phoebe?

A porta pela qual tinham saído estava trancada para a rua, então Nick caminhou de volta até a cabine telefônica e foi pelo túnel, acenando para o guarda que estava tomando conta da porta. Quando ele retornou à festa, o clima estava decididamente diferente. O DJ havia mudado a trilha para música *lounge*, e as pessoas estavam em pé ao redor, constrangidas, realmente sem saber o que deveriam estar fazendo. Os garçons de luvas brancas foram rapidamente recolher os copos e os

levavam embora em bandejas. Não parecia adequado continuar ali, mas ninguém queria ir para casa, também.

Nick correu até Phoebe.

— Acho que devemos ir — disse ele. — Você sabe onde está a bolsa da Lauren?

Phoebe apontou para a banquetta. Nick reconheceu a bolsa que tinha sido dado a ela por Sebastian Giroux. Ele a agarrou, segurou na mão de Phoebe e foram embora. Na calçada, havia carros esperando por eles.

— Vamos pegar um desses? — Lauren perguntou.

Nick balançou a cabeça.

— Vamos lá. Nós vamos fazer nosso próprio trajeto esta noite.

— O que aconteceu com ele? — Phoebe perguntou. — Uma hora ele estava bem e, em seguida, de repente, eles estavam carregando-o para fora.

— Eu não sei — disse Lauren. — Quer dizer, eu não vou mentir, eu sei que ele gosta de festa. Mas eu não acho que ele tinha feito algo grave assim esta noite.

— Talvez alguém tenha colocado algo em sua bebida — disse Nick. Ele olhou para a rua e viu o fluxo dos sedans pretos levando os outros Iniciados para casa. — Eu acho que nós precisamos ficar de olhos abertos.

Phoebe foi acordada na manhã seguinte por sua mãe com batidas na porta de seu quarto.

— Querida?

— Hum — Phoebe disse com um bocejo. Sua cabeça ainda pulsava com as batidas da música da noite passada.

— Lauren está no telefone. Ela disse que não conseguia achá-la no celular.

Maia entregou o telefone a Phoebe.

— E aí, o que tá acontecendo? — Phoebe resmungou.

— Eu não consigo entrar em contato com ele.

— O quê? Com quem?

— Com Alejandro. Eu não sei onde ele está. Não tive nenhuma resposta do seu hotel. Eu não consigo falar com os pais dele. Está tudo uma bagunça!

— Calma, provavelmente ele está muito bem — disse Phoebe. — Talvez ele só tenha perdido o telefone ou algo assim. Será que eles não o levaram ao hospital?

— Acho que sim, mas que hospital? Ninguém diz nada.

Phoebe sentou-se na cama.

— Nick e eu podíamos telefonar para todos da área. Quer dizer, não tem tantos assim onde ele pode estar.

— Será que vocês poderiam fazer isso?

— Claro — disse Phoebe. — Não tem nenhum problema.

— E Phoebe?

— Sim?

— Posso ir até aí? Eu não quero ficar nem um pouco sozinha.

Dentro de algumas horas, Nick e Phoebe tinham ligado para dezenas de hospitais em Manhattan, concentrando-se nos que ficavam no centro e próximo ao clube. Não foi uma tarefa fácil, mas eles trabalharam rapidamente, cada um atualizando o outro sobre o seu progresso a cada meia hora.

Depois de ter terminado, Nick pegou um táxi até a casa de Phoebe. Era a primeira vez que iria até lá, e ele se perguntava se teria de conhecer sua mãe. Ele havia colocado um suéter estilo Marinha da Brooks Brothers, em uma tentativa de ficar apresentável para a ocasião, e esperava que

seu jeans desgastado não parecesse muito relaxado.

Lauren sentou-se em um pufe no canto do quarto de Phoebe, e bebia de maneira agitada uma xícara de café. Nick chegou e deu um beijinho rápido na boca de Phoebe.

— Eu terminei a minha lista — disse ele. — Ninguém com esse nome ou descrição foi internado neles nas últimas vinte e quatro horas.

— Eu não entendo o que está acontecendo — disse Phoebe. — Onde diabos ele pode estar? Em uma instituição privada? Um médico de família? Eu posso imaginar que os pais dele não sabem nada sobre isso. Vocês acham que devemos chamá-los?

— Nós não podemos — disse Lauren. — Ele me disse ontem à noite que seus pais já estão na Argentina para o feriado. Eu tentei a sua suíte no hotel esta manhã, não deram nenhum número de recado e disseram que não poderiam garantir que eles receberiam a mensagem. Eles têm, tipo, umas quatro casas diferentes na Argentina, então quem sabe onde eles podem estar agora?

— Eu não sei — disse Nick. — Os Calleja são extremamente importantes. Talvez ele tenha sido internado com um nome falso ou algo assim. Ou talvez ele tenha ido para casa, para ser tratado de maneira privada.

— Ah, como assim? Como se eles o tivessem enfiado em um avião na noite passada? — perguntou Lauren. — Isso não faz nenhum sentido.

Nick franziu a testa.

— Eu ouvi dizer sobre pessoas que são deixadas... — Ele parou de repente.

— O que quer dizer “deixadas”? — Lauren perguntou.

— Nada. Me desculpe, é um mau exemplo. — Ele percebeu que não deveria ter dito nada.

— Explica para a gente o que você está falando — disse Phoebe.

— Olha, eu não estou dizendo que foi isso o que aconteceu. Mas os clubes que são reconhecidamente barra-pesada às vezes pegam os clientes que estão tendo overdose e, em vez de chamar uma ambulância, apenas os levam embora e os deixam na rua.

— Você quer dizer, deixando-os morrer? Isso é ridículo. — Phoebe claramente não queria preocupar Lauren mais do que o necessário. — Não há nenhuma possibilidade de isso ter acontecido.

— Eu sei que parece loucura, mas eles não querem a responsabilidade. Se a pessoa é registrada como tendo uma overdose na rua, então não é culpa do clube. É foda, mas acontece.

— Mas essa foi uma festa privada, a da noite passada — disse Phoebe.

— Exatamente — disse Nick. — E quem você acha que estava encarregado pela segurança?

— Eu sabia que conhecia aqueles caras de algum lugar — disse Lauren. — Foi o mesmo pessoal que estava à porta naquele almoço da Sociedade em setembro. Um deles era tão corpulento que era meio que difícil de esquecer.

— Então o que vamos fazer? — disse Phoebe. — Devemos fazer uma queixa de pessoa desaparecida?

— Eu acho que deveríamos — disse Lauren. — Eu vou chamar a polícia.

— Mas e se eles quiserem nos interrogar? — Nick perguntou.

Ele odiava ser egoísta, mas não podia deixar que a escola soubesse sobre a sua presença na festa.

O telefone de Lauren tocou. Ela atendeu e foi para o corredor para falar. Phoebe colocou a cabeça entre as mãos, gemendo.

— Isso é tão terrível.

— Mantenha a calma — disse Nick. — Nós vamos pensar em alguma solução. Lauren voltou para o quarto.

— Vocês não vão acreditar nisso. Era o pai de Alejandro no telefone. O hotel informou que ele não tinha voltado para lá ontem à noite, então o Senhor Calleja chamou a polícia. Ele e sua esposa estão voando de volta para a Argentina.

— Como ele tem o seu número? — Phoebe perguntou.

— Eles devem ter pego no St. Regis. Eu acho que o hotel conseguiu encaminhar a minha mensagem.

— Então nós não vamos mesmo precisar ser interrogados — Nick disse.

— Nós não deveríamos contar a eles o que nós sabemos? — Phoebe perguntou.

— Eu disse ao Senhor Calleja que ele estava no Lower East Side, na noite passada. Não mencionei nenhum nome. Eu meio que...

— O quê? — Nick disse.

— Bem, eu meio que menti — disse Lauren. — Eu fiquei apavorada enquanto estava falando com ele, e eu disse que tinha ouvido dizer que Alejandro tinha passado mal no Lower East Side. Eu disse que não sabia com quem ele estava. Quer dizer, essa coisa toda com Chadwick e bebidas... Eu não quero que ninguém seja expulso por isso. Devia ter contado mais?

Ficaram todos em silêncio por um momento.

— Já é alguma coisa para eles começarem — Nick disse finalmente. — Nós precisamos deixá-los fazerem o seu trabalho. Além disso, talvez estejamos exagerando. Talvez isso tudo esteja resolvido até segunda-feira. — Ele olhou para Lauren e depois de volta para Phoebe, mas sabia que nenhuma delas acreditava que seria esse o caso.

Patch não conseguia parar de pensar nos comentários de Genie a respeito dos Bell e sobre o que Simone queria que ele fizesse. Talvez seu plano de fazer a tatuagem tivesse sido mal pensado, mas sua intuição lhe dizia que se ele pudesse convencer um dos membros da Sociedade de que ele era um membro, ele podia ser capaz de obter algumas informações que, ele esperava, poderiam ajudá-lo a compreender o que tinha acontecido à sua mãe.

Como ele iria encontrar um membro que ainda não o conhecesse, ele não tinha ideia.

Finalmente, como a escola estava prestes a entrar em férias, Patch tinha sacado o que deveria fazer. Em uma tarde, ele desceu discretamente as escadas de seu prédio até o quarto de despensa do edifício. Por ter crescido ali, ele sabia exatamente onde ficava tudo. Levou com ele um pequeno transmissor que tinha comprado em uma loja de espionagem, o que lhe permitiria conectar-se ao telefone dos Bell. Ele decidiu que iria grampear a linha principal, bem como a segunda linha, que ele sabia, por experiência de infância, era a linha privada de telefone de Parker Bell. Cada vez que uma chamada fosse feita ou recebida, o computador de Patch iria gravar um arquivo digital com a conversa.

Durante todos os dias que se seguiram, ele ouvia todos os arquivos. Foi fácil para determinar quais seriam de seu interesse: ele ignorou os pedidos de compras de mantimentos da governanta, a mãe de Nick no telefone com as amigas, o porteiro anunciando as pessoas. No sábado à tarde, ouviu dezenas de chamadas durante as quais Nick falou com os hospitais sobre o paradeiro de Alejandro Calleja, o que Patch achou estranho. E então, no domingo à tarde, ele finalmente ouviu alguma coisa de interessante. Parker Bell estava no telefone com o avô de Nick, Palmer. Eles estavam falando sobre algum tipo de retiro entre o Natal e o Ano-Novo, claramente um evento da Sociedade. Eles estavam discutindo como as informações sobre o retiro seriam divulgadas. Parker queria que elas fossem enviadas para as contas particulares de e-mail, mas Palmer argumentou que uma vez que fosse algum meio digital, seria muito fácil de retransmitir aos outros, e, que com tudo o que havia acontecido, eles não podiam se dar ao luxo de arriscar.

Os dois finalmente concordaram que os pacotes com as informações seriam entregues por um mensageiro privado, na noite seguinte, às dez horas, à porta de cada membro da Sociedade. Cada membro teria de assinar pelo recebimento de seu pacote.

Isso daria a Patch o tempo necessário para fazer os preparativos. Para que pudesse interceptar o

pacote de Nick, só havia uma coisa que ele poderia fazer. Patch teria de se tornar Nick Bell.

Na manhã seguinte, apenas dois dias antes do Natal, Patch acordou depois de um tremendo pesadelo. Após ter ouvido o telefonema da noite anterior, ele tinha ido para a barbearia do Anthony, levando com ele uma imagem de Nick tirada da revista *Hamptons* em uma festa no último verão.

— Quero o corte de cabelo desse cara — ele disse à cabeleireira, uma mulher russa de estatura larga que segurava um par de tesouras.

— Quem é ele? — perguntou a mulher. — Ele parece um modelo.

— Claro — Patch disse. — Ele é um modelo.

Patch vinha deixando seu cabelo crescer por todo o semestre. Estava tão desganhado e ondulado na parte de trás que não dava sequer para ver seu pescoço. Agora, a mulher o cortava e moldava de modo que se aproximasse bastante do corte de Nick.

No meio do dia, durante uma hora que ele sabia que todos estariam fora do apartamento dos Bell, Patch forçou sua entrada pela porta de serviço e foi sorrateiramente até o quarto de Nick. Ele sabia onde Nick mantinha todas as suas roupas, por isso não foi um problema arrumar um traje: o truque era roubar um conjunto de roupas de que Nick não desse falta. Patch finalmente se decidiu por um suéter que estava ao fundo do gabinete e um jeans já gasto que Nick tinha usado muitas vezes no verão anterior. Pegou um lenço e, em seguida, parou por um momento para resolver a questão do casaco. Nick daria falta de um casaco; Patch tinha quase certeza disso. Então, novamente, Nick nunca havia seguido um padrão. Talvez desse para acreditar que Nick estivesse saindo sem usar um casaco.

Patch rapidamente vestiu as roupas de Nick e examinou-se na frente do espelho. Ele já havia trocado seu óculos por um par de lentes de contato.

Não dava um mau sócia, pensou ele, especialmente depois de ter acrescentado ao visual um boné de beisebol de Nick.

Ele ouviu um barulho na cozinha. Saiu para o corredor, mas viu que era apenas a governanta. Ele esperaria até que ela partisse.

Mais tarde, em seu quarto, olhou-se novamente no espelho. Ele vinha malhando na academia de Chadwick, o que o fazia parecer ainda mais com Nick. Ele empurrou para trás seus cabelos, da maneira como Nick fazia, e se postou com a arrogância típica do amigo.

Ele podia se passar por Nick, pelo menos de longe.

Aquilo o fazia se sentir como uma fraude terrível.

Às vezes, quando ele e Nick estavam no jardim de infância, as pessoas o acusavam de querer ser um Bell, pela forma como ele e Nick eram tão próximos. Agora, aqui estava ele tentando imitar um descendente da família Bell.

Naquela noite, Patch fez seu caminho até o hall de entrada, cronometrando de modo que saísse

do elevador quando o relógio desse dez em ponto. Se tivesse sorte, seria o porteiro da noite, Roger, que não era tão atento como os que trabalhavam lá durante o dia.

Assim que Patch entrou no *lobby*, Roger estava conversando com um mensageiro.

— Eu não posso tocar o interfone do apartamento dos Bell a esta hora — ele dizia. — Você pode deixá-lo aqui, e o Senhor Bell vai apanhá-lo pela manhã.

— Eu preciso entregá-la pessoalmente — disse o mensageiro. — Me foram dadas instruções específicas.

Patch falou:

— Eu estou bem aqui, Rog — disse ele.

— Você é Nick Bell? — o mensageiro perguntou.

— Isso mesmo — Patch disse.

— Graças a Deus, Nick. Eu pensei que eu ia ter que expulsar esse cara — disse Roger.

— Não se preocupe, Rog — Patch assinou de maneira parecida com a letra de Nick. — Eu estou saindo. Vou levá-lo comigo. — Ele passou rapidamente pelo porteiro e o mensageiro, com o envelope selado em suas mãos.

— Eu vou precisar ver algum documento — disse o mensageiro.

— Não há necessidade para isso. Posso dizer que é ele — disse Roger.

— Valeu, Rog! — Patch disse.

Assim que ele estava fora da vista das portas da frente, começou a correr todo o caminho até a Quinta Avenida, virando a esquina, e tomando a direção de uma lanchonete na Second Avenue, onde ele planejava sentar-se com um refrigerante para ler o conteúdo do envelope.

Seu corpo estava trêmulo, mas não foi por causa de sua decepção. Enquanto diminuía o ritmo de sua corrida, ele se lembrou do pesadelo que o tinha acordado naquela manhã. Nele, Patch estava deitado na base da Agulha de Cleópatra, olhando para um céu cintilante de novembro.

No dia seguinte, Phoebe esperava por Lauren e Nick do lado de fora da tradicional casa de pedra da Sociedade na East Sixth-Sixth Street. Eles haviam solicitado um encontro com o pai de Nick. Phoebe não entendia por que eles não podiam fazer isso no apartamento de Nick, mas concordou em encontrar-se na sede da Sociedade —, ao menos era ali que ela e os outros Iniciados acreditavam ser a sede.

Nick e Lauren também chegaram, e ele bateu na porta com a grande cabeça de bronze de leão, desgastada por anos de uso.

Charles Lawrence atendeu à porta, casualmente vestido com um suéter de casimira, como se os três estivessem se encontrando com ele para umas bebidas.

— E aí, pessoal? — ele disse. — O Senhor Bell teve que sair para uma reunião de última hora. Ele pediu que eu resolvesse isso para ele.

— Charles? — perguntou Phoebe. — Você é, tipo, um garoto de recados ou algo assim? — Ela não podia acreditar em sua audácia, mas, de alguma forma, parecia rude o pai de Nick não aparecer, especialmente considerando o seu novo *status* de namorada de Nick, embora, na verdade, ela percebia que Nick podia não ter contado a seus pais sobre eles.

Charles sorriu para ela e fez um gesto para que eles entrassem na sala da frente.

— O que eu posso fazer para ajudá-los?

— Onde está o meu pai? — Nick perguntou.

— Ele teve que resolver uma coisa que não podia esperar. Ele envia suas desculpas.

Nick se afundou em uma poltrona na sala do primeiro andar do sobrado.

— Nós sabemos sobre o Alejandro — disse Lauren.

Charles fez uma pausa.

— O que tem ele?

— Ele não foi internado em nenhum hospital da região. Nós telefonamos para todos eles.

— Tá certo, e isso preocupa vocês porque... — Charles estava olhando para eles como se se tratasse de um bando de estúpidos.

— Diga-nos onde ele está — disse Lauren.

Charles riu.

— Eu não tenho ideia de onde ele possa estar. Se eu tivesse, eu certamente ia lhes dizer. Vocês

já tentaram os pais dele?

— Sim, e eles chamaram a polícia — disse Lauren.

Charles parecia despreocupado.

— Isso é bom. Tenho certeza de que vão encontrá-lo.

— Do que se trata isso tudo? — Phoebe perguntou.

— Do que se trata o quê? — Charles perguntou, girando uma caneta na mão.

Phoebe continuou:

— Isso tudo. A Sociedade. Tudo o que nós temos feito ao longo dos últimos meses. É como se todos nós fôssemos alunos em uma classe, e que não sabemos ao certo que estamos estudando.

Charles sentou-se, aparentemente pensando de maneira cuidadosa antes de responder.

— O que vocês três precisam entender é que vocês estão preservando um estilo de vida.

— Que estilo de vida que estamos preservando? — Lauren perguntou. — Isso não diz absolutamente nada.

— Os tempos são incertos, economicamente, politicamente. Você está preservando a vida que seus pais querem que você viva e que você vai querer que seus filhos vivam.

— Como você pode saber o que os nossos filhos vão querer? — disse Phoebe. — Não é um pouco presunçoso? Você nem sabe se nós vamos querer ter filhos! — Ela olhou para Nick ao dizer isso para ver se ele esboçava alguma reação, mas não teve resposta.

— Você vai entender em breve — disse Charles. — Espere até o retiro na ilha de Ísis. Tudo vai ser esclarecido lá. Vocês devem ter recebido suas remessas ontem à noite.

— Sim — disse Phoebe balançando a cabeça, enquanto se lembrava da entrega bizarra que ela tinha recebido na noite anterior. — O famoso retiro.

— Eu não recebi remessa nenhuma — disse Nick.

— Tenho certeza de que seu pai tem todas as informações — disse Charles. — Não se preocupem com nada.

Logo os três estavam de volta à calçada, tremendo de frio. Eles começaram a caminhar rumo ao leste, onde poderiam encontrar um café. Nick percebeu que não tinha comido no almoço.

— Eu quero sair — disse Phoebe depois de alguns instantes de silêncio. — Esse não é o jeito como eu quero que minha vida seja. Eu quero ser uma adolescente normal de novo.

Nick e Lauren balançaram a cabeça em silêncio.

— Phoebe, você não entende — Nick disse, finalmente. — Nós não podemos sair. Não é como uma academia de ginástica, algo que você pode cancelar e esquecer.

— Mas o que estamos ganhando com isso de verdade? Nada além de problemas. Nick, você mesmo admitiu que sua noite no clube não saiu como você esperava, e, Lauren, suas joias são incríveis, mas você poderia fazer essas coisas sem a ajuda deles. Além disso, o que vai acontecer

com a gente se abandonarmos a Sociedade?

— Nós não sabemos o que aconteceu com Alejandro — Lauren disse com firmeza. — Temos que ficar na Sociedade até que descubramos o que está acontecendo, vocês não acham?

— Isso tudo vai ser uma caça à raposa — disse Phoebe. — Nós não temos ideia do que aconteceu com ele. Eles estão dificultando completamente as coisas para a gente.

— E se ele realmente estiver em uma reabilitação e seus pais não quiserem que ninguém saiba? — Lauren disse. — E tem todos aqueles boatos por aí. E se ele estiver em um daqueles lugares onde tiram o seu telefone e não deixam você falar com ninguém? Tipo, sei lá, no deserto do Arizona ou algo assim.

— Você conseguiu o número dos pais dele? Talvez você possa checar o que está acontecendo — disse Phoebe.

— Eu falei para eles me ligarem se descobrissem algo. Acho que eu poderia tentar falar com eles novamente no hotel.

Phoebe pôs um braço em torno de Lauren enquanto eles caminhavam.

— Olhe — disse Nick —, vamos pelo menos ficar até descobrirmos o que está acontecendo com Alejandro, tá certo? Talvez fique mais claro nesse negócio de retiro.

— Nós nem temos nenhuma informação sobre isso — Lauren disse. — Quer dizer, nós recebemos essa coisa toda de remessa dizendo o que levar, mas nós nem sequer sabemos para onde estamos indo.

Nick decidiu que iria contar a elas tudo o quanto sabia.

— É uma ilha na costa de Maine — Nick disse. — “Eu sei que assim que passar o Natal nós vamos.”

Para Nick, o Natal passou de forma nebulosa. Ele acompanhou Phoebe em algumas festas nos dias que antecederam o feriado, mas tudo soava muito falso. Eles já haviam experimentado tanta coisa juntos, coisas reais, que levá-la para uma dança formal parecia algo como uma farsa. Eles dançavam juntos, se beijavam em todos os momentos adequados, tudo o que se espera de um casal, mas em particular, mas em seu íntimo, só conseguiam pensar no retiro que se aproximava e se comparecer a ele seria a coisa certa a fazer. Nick queria que ela se divertisse, mas não sabia dizer se ela estava feliz.

Ele contou a Phoebe tudo o que tinha acontecido com Patch nos mínimos detalhes, como ele se sentia cúmplice no rompimento da amizade entre eles. Era como se a Sociedade tivesse o poder de dissolver amizades antigas e formar novas alianças. Agora, na casa de praia, Nick sentia terrivelmente a falta de Phoebe, e seu Natal com a família lhe deixava tenso. Toda vez que ele via o pai, mantinha a cabeça baixa. Como ele pôde ter confiado em seus pais por tanto tempo, para então descobrir que eles estavam envolvidos em tudo aquilo?

Na véspera de Natal, seu pai pediu para falar com ele na biblioteca. Seu avô já aguardava por eles lá dentro, e sua mãe entrou com um copo de cidra quente. O cômodo era sempre quente e acolhedor, embora nesta época do ano parecesse ainda mais. A lareira estava festivamente enfeitada com guirlandas e flores vermelhas. Henry e Ben estavam ao lado da biblioteca, analisando intensamente um retrato de seu bisavô, mas Nick sabia que não era aquilo o que a dupla amestrada estava fazendo ali. Um dia antes, Nick havia perguntado a Ben, que estava no segundo ano de faculdade, se ele sabia alguma coisa sobre a Sociedade. Com seus amigos maconheiros, seu grupo de canto e uma penca interminável de namoradas, ele sempre havia passado a Nick a impressão de ser mais como um espírito livre, e por isso Nick acreditava que seu irmão seria honesto com ele. Ben não tinha negado que pudesse ter algum conhecimento sobre aquilo, mas disse que todas as questões tinham de passar por seu pai, o que não ajudava em nada.

A mãe e o pai de Nick estavam sentados no sofá de *tweed* que ladeava a lareira, e fez sinal para que Nick se sentasse em frente a eles. O avô de Nick, Palmer, estava do outro lado da biblioteca, ao lado de uma cadeira Chippendale. Ele colocou o volume que estava lendo de volta em seu lugar na estante de noqueira.

Nick se sentia como se estivesse cercado.

Ele temia que todos quisessem tratar da questão de Patch, a qual ele vinha ignorando. Afinal, ele já tinha feito o suficiente para magoar Patch.

— Eu acho que você sabe por que está aqui — disse Bell Parker enquanto colocava seu martíni na mesa de vidro sobre ferro forjado.

— Não, papai, eu realmente não tenho certeza do que se trata — disse Nick.

— O que você precisa compreender, Nick, é que toda a sua família faz parte disso — disse Parker. — Sua mãe é uma Anciã. Seu avô, como você já sabe, é o Presidente de Honra. Ambos os seus irmãos são Anciãos. Desejamos que seus filhos sejam membros também. Nick, isso é parte da nossa vida, parte do nosso patrimônio.

Nick começou a perceber que suas suspeitas sobre sua família agora se confirmavam.

— Pai, eu não... eu não entendo o que você quer que eu faça.

— Você precisa entrar em contato com Patch e pedir a ele que destrua os vídeos. Nós vimos trechos deles, e eles têm potencial para ser muito prejudiciais. Nós sabemos que ele tem mais material.. O disco que os Guardiães pegaram com ele deixou muito claro que as imagens foram cortadas de fitas completas.

— Espera aí, os Guardiães? Quem são os Guardiães?

— Os Guardiães são uma força de segurança privada que trabalha apenas para a Sociedade.

As palavras “de segurança privada” deixaram Nick em estado de alerta, como os seguranças que tinham arrastado Alejandro para fora do clube seis dias atrás.

— E eles fizeram o quê? Você disse que eles pediram as filmagens para o Patch?

— Nick, seria muito fácil tudo isso tomar maiores proporções. E nós não queremos que isso aconteça. Há pessoas e interesses muito importantes em risco aqui. Tudo o que ele tem a fazer é deixar que o material vaze para a internet, ou enviá-lo a um meio de comunicação de peso. Você pode imaginar o pandemônio que iria acontecer aqui.

Nick olhou para os cinco na sala.

— Eu não posso acreditar nisso. Como todos vocês puderam fazer parte disso por tanto tempo sem me contar nada?

Parker Bell falou:

— Eu esperava que minhas pistas fossem suficientes. Eu pensei que havia deixado claro que fazíamos parte de algo muito especial.

— E você, mãe?

— Querido! — Ela chegou para a frente como se fosse abraçá-lo, mas ele se afastou. — Seu pai era o responsável por tudo isso. Não era meu papel dizer qualquer coisa.

Nick olhou para seus dois irmãos, Henry e Ben. Nick via em seus olhos que achavam que era ele o traidor. Talvez ele tivesse que entrar no jogo.

— Vou entrar em contato com Patch quando estiver de volta à cidade — disse Nick. — Tenho certeza de que posso colocar algum bom-senso na cabeça dele.

— Isso deve acontecer antes do retiro — Parker Bell disse. — O Conselho dos Regentes está extremamente preocupado. Precisamos ter essas fitas, bem como uma declaração juramentada de Patchfield de que não existem outras cópias.

— E o que ele ganha com isso? — Nick perguntou. — Por que ele ia querer entregar tudo para a gente?

— Ele será recompensado justamente. Nós vamos pensar em algo para ele — disse Parker.

— Recompensa! Nós devíamos ter nos livrado desse cretino há muito tempo — Palmer Bell falou.

— Pai! — disse Parker.

— Sinto muito, Parker. Eu sei que o menino faz parte de sua vida há algum tempo. E, Nick, eu sei que ele é um amigo seu. Mas certas coisas devem vir antes da amizade.

— Posso perguntar uma coisa? — disse Nick. — Para que tudo isso? Todo mundo quer saber.

— Isso sempre acontece na fase da Loucura — disse Parker. — É normal que seus companheiros Iniciados tenham dúvidas.

— O que é a fase da Loucura? — Nick perguntou.

— A Loucura é o período compreendido entre a Noite do Renascimento e a Constrição. É quando você começa a desfrutar os benefícios da adesão à Sociedade, e você não precisa se preocupar muito com as suas responsabilidades.

— Eu não tenho certeza de que foi esse realmente o caso — disse Nick.

— Você está se referindo ao pequeno desastre da Senhorita Dowling na galeria de arte? — Parker perguntou.

— Entre outras coisas.

Gigi falou:

— Aquilo com a Phoebe nunca deveria ter acontecido. Ela foi enganada; é uma boa menina. Nós sabemos que ela nunca trairia a Sociedade de caso pensado. Ela deseja tanto ter sucesso. Fico feliz por vocês dois estarem juntos, você sabe, nam...

— Gigi, eu acho que o Nick pode cuidar de seus próprios assuntos — disse Parker.

— Eu sei, eu sinto muito, querido. Eu só estou dizendo que estou contente. Uma mãe não tem permissão para fazer isso?

Nick se perguntava se sua mãe, ou qualquer um de sua família, conhecia Phoebe de verdade, ao menos um pouco. E como eles sabiam que eles estavam namorando? Talvez fosse óbvio.

— Tudo ficará claro durante o retiro — disse Parker. — Vocês vão estar todos unidos para sempre, em uma união que é mais estreita do que as de sangue. Essas ligações irão segui-lo por toda

a sua vida. Se você usá-las com sabedoria, irá receber além de suas mais altas expectativas.

Nick queria muito perguntar sobre Alejandro, mas ele pressentia que não era uma boa ideia. Sua família estava nessa da maneira mais profunda que ele jamais imaginaria.

Na tarde seguinte, após um jantar de Natal antecipado com Genie, Patch saiu de fininho pela porta enquanto ela estava dormindo. Ele tomou o metrô e um trem para Jersey City. Ele encontrou uma parada de caminhões e começou a abordar os motoristas. Finalmente, um deles, um homem barrigudo com um cavanhaque, dirigindo um caminhão que trazia o emblema da Northeast Lines, parecia receptivo.

— Para onde você está indo, garoto? — Perguntou ele.

— Maine — disse Patch. — Eu estou indo para o Maine.

QUARENTA E DOIS

No dia seguinte ao Natal, Nick voltou para a cidade. Ele queria desesperadamente ver Phoebe, para deixá-la a par de tudo o que ele tinha ouvido. As revelações sobre sua família foram surpreendentes, mas o que ele realmente esperava? Ele sabia que seu pai e avô estavam envolvidos, e ele devia ter percebido que seus irmãos e sua mãe também faziam parte daquilo. Por que eles mantiveram esse segredo por tanto tempo? Isso o fazia sentir-se traído.

Ele compartilhou o que sabia com Phoebe enquanto tomavam café em uma lanchonete na Lexington. Ela estava cheia de suspeitas no início, mas logo compreendeu o que estava acontecendo.

— Então, basicamente você está dizendo que sua família está envolvida até o pescoço em tudo isso. Mas onde fica você nessa história toda?

— Eu não sei — disse Nick. — É quase como se eu não pudesse sair, mesmo se quisesse.

— Você sempre pode escolher — disse Phoebe. — Você tem que se lembrar disso.

— Sim, mas à custa de quê? Ser deserdado? Ter minha mesada cortada? Eles basicamente disseram que os laços da Sociedade são mais fortes do que os de família.

— Até que você dê uma mancada, não é?

— Exatamente — disse Nick. — É assim mesmo, um movimento errado e eles te mostram quem está no comando.

— Nós precisamos participar por mais algum tempo. Precisamos ver o que está acontecendo, e ir nesse retiro idiota.

Eles voltaram ao apartamento de Nick, que estava vazio, com exceção da governanta. No hall de entrada do prédio eles cruzaram com Genie, a avó de Patch.

— Nicholas! — disse ela. — Faz tanto tempo que não te vejo. — Ela deu-lhe um abraço e um beijo. Cheirava a perfume de tuberosa. — Quem é sua bela amiga?

Ele apresentou Phoebe.

— Você sabe se Patch está em casa? — perguntou ele.

Um olhar preocupado atravessou seu rosto.

— Oh, querido, eu pensei que você estivesse sabendo. Acho melhor você me acompanhar até lá em cima.

Nick e Phoebe a seguiram até o elevador.

Ele não ia ao apartamento de Patch desde o final do verão; estar de volta lá agora fazia sua briga

com Patch parecer ainda mais profunda. Ele tinha esquecido o cheiro do apartamento de dois quartos, sentia falta do seu aconchego, a antessala pequena com seu detalhe de mármore já rachado sobre a porta, a sala de estar que precisava de uma pintura, o fato de Patch poder colocar adesivos na porta de seu quarto, uma coisa que a própria mãe de Nick tinha declarado como “fora dos limites”, pois o decorador havia dito que estragaria a “continuidade” do corredor dos Bell.

— Eu senti saudades daqui — disse Nick, apesar de esse não ser o tópico.

— Patch deixou este bilhete para mim ontem — afirmou Genie.

Genie,

Eu tenho que fazer uma viagem curta que talvez dure uma semana. Eu vou estar bem, mas vou te enviar mensagens de texto em seu telefone celular (que está no carregador no seu quarto), uma ou mais mensagens a cada dia para que você saiba que eu estou bem.

Me desculpe, em primeiro lugar, por eu não ter pedido sua autorização, mas é algo que tenho que fazer, e eu estava com medo de que você dissesse não.

Eu te amo.

Patch

Nick olhava o bilhete rabiscado em um pedaço de papel de fichário.

— Ele já chegou a enviar alguma mensagem?

— Eu acredito que sim. Aquela coisa não para de apitar. — Ela foi ao quarto e voltou com seu telefone celular. — Você pode ver o que isso significa?

Nick pegou o telefone dela e foi para a tela de mensagens. Eram três:

IREI FICAR BEM.

SERÁ QUE VAI GUARDAR UM PEDAÇO DE TORTA PRA MIM?

IMPORTA QUE TODOS ME PERDOEM.

O telefone soou enquanto estava na mão de Nick. A quarta mensagem tinha chegado. Quando ele leu, sentiu calafrios.

SANTO NICK DEVE ESTAR LENDO ISSO AGORA.

— Seu sincronismo é bizarro. — Nick deu uma risada sombria.

— Ele está por perto? — Phoebe disse, olhando para a mensagem. — Será que ele sabe de alguma forma que nós estamos aqui?

— Não, eu acho que é exatamente o oposto — disse Nick. Ele percebeu que teria que explicar a parte posterior, quando não estivessem por perto de Genie. — Olhe como as mensagens na sua maioria não fazem sentido. Patch e eu costumávamos jogar este jogo na sala de aula, pelo qual podíamos passar mensagens. Elas são acrósticos: as frases nem sempre são lógicas, mas a primeira letra de cada uma, em conjunto, forma uma palavra.

IREI FICAR BEM.

SERÁ QUE VAI GUARDAR UM PEDAÇO DE TORTA PRA MIM?

IMPORTA QUE TODOS ME PERDOEM

SANTO NICK DEVE ESTAR LENDO ISSO AGORA.

Os três olharam atentamente para a sequência das mensagens.

— I-S-I-S — disse Phoebe.

— Exatamente — Nick disse, olhando para Genie. — Ele sabe.

Genie preparou um bule de chá e todos se sentaram na sala de estar. A velha senhora parecia relativamente calma, considerando que seu neto poderia estar tentando se infiltrar no reduto da Sociedade naquele momento. Phoebe temia que fosse passar mal.

— Eu presumo que você sabe o que está acontecendo — disse Nick para Genie.

— Bem, eu suspeitava. Eu realmente não estou certa quanto a saber se devo contar tudo o que sei. Eu quero me certificar de que Patch vai ficar bem. Se você faz parte de tudo isso, posso contar com sua palavra?

— Genie, a segurança de Patch é a coisa mais importante para mim. Especialmente depois de tudo o que aconteceu. Mas eu preciso saber, você não nos acha horríveis por ainda permanecer nessa coisa, não é?

— Você sabe o que dizem — ela disse enquanto brincava com um medalhão que usava no pescoço. — Às vezes a melhor maneira de se rebelar contra algo é de dentro para fora.

— É seguro falar aqui? — Nick disse.

— Eu não sei. Dois senhores muito ameaçadores vieram nos visitar no mês passado, para que Patch lhes desse algum tipo de gravação. Ele não estava aqui, então eu tive que lidar com eles. — Eles vieram para o *seu* apartamento? — Nick perguntou.

Ele parecia verdadeiramente chocado.

Phoebe não tinha ideia de que aquilo tinha ido tão longe. Reuniões secretas eram uma coisa, mas

ameaçar velhas senhoras?

— Nick, você age como se estivesse tão surpreso. Eu pensava que você sabia um pouco mais sobre tudo isso, dado o seu... — sua voz foi sumindo.

— Você quer dizer a minha família?

— Isso mesmo. Suponho que não haja necessidade de rodeios. — Você sabe sobre tudo?

Genie riu.

— Ah, Nicholas, há tão pouco que você e Patch sabem sobre a história de nossas famílias juntas no princípio.

— O que você quer dizer com “juntas”?

— Seu avô, Palmer Bell, e eu, em determinada época, estávamos noivos e prestes a nos casar.

— Eu não tinha ideia.

Genie pôs sua xícara de chá sobre a mesa.

— Você está vendo, Nick, de certa forma, eu poderia ter sido sua avó.

No elevador, Nick ficou em silêncio ao lado de Phoebe enquanto faziam o caminho até seu apartamento.

— Eu não consigo acreditar nisso — disse ele finalmente. — Eu sabia que meus avós transitavam pelo mesmo círculo social que os de Patch, mas eu não sabia que...

— Você acha que ele está bem? — Phoebe interrompeu.

— Às vezes Patch faz essas coisas. Dois anos atrás, ele conheceu uns pescadores em Sag Harbor e foi com eles até os limites de Montauk. Ele ficou desaparecido por três dias. Dormiu no barco deles. Acho que se poderia dizer que ele tem um senso de aventura maior que o da maioria das pessoas.

— Então, ele consegue se defender sozinho?

— Acredito que sim. Porém, o negócio é que... você viu quando aquelas mensagens foram enviadas? Uma a cada hora, exatamente.

— O que isso quer dizer?

— Não é ele quem as está enviando. Ele está usando um computador para isso.

— Como ele faria isso?

— Ele as escreveu de antemão e as programou para serem enviadas em um determinado espaço de tempo. Ele pode estar em qualquer lugar.

— Por que você simplesmente não telefona para ele?

Quando chegaram ao vestíbulo do apartamento, Nick pegou o telefone e discou. Caiu direto no correio de voz. Ou Patch estava fora de alcance ou a bateria de seu celular havia acabado. Ou, pior ainda, ele já não tinha o telefone com ele.

— Ótimo! — disse Nick. — “Como se esse retiro já não estivesse nos dando problemas suficientes para nos preocuparmos.”

As instruções para o retiro diziam que cada um deles seria apanhado em sua casa às oito horas do dia vinte e oito de dezembro. Havia uma lista de coisas a levar e algumas diretrizes gerais: nada de câmeras, computadores ou telefones celulares. Nick tinha imaginado que todos ignorariam esta última instrução. Era assustador, de certa forma, quão isolados a Sociedade queria que eles ficassem. Mas talvez fosse apenas para evitar que as pessoas tirassem fotografias.

Eles entraram no apartamento de Nick. Estava tranquilo, já que todo mundo ainda estava na casa de praia e a governanta trabalhava no andar de cima. Nick e Phoebe desabaram no sofá da sala, algo que nunca seriam capazes de fazer se seus pais estivessem por perto. Nick não tinha visto o apartamento assim tão parado em sua memória recente.

— É tão esquisito, de certa forma — disse ele. — Pensar que eu fui criado em meio a tudo isso.

— Pelo menos você tem uma ideia do que esperar — disse Phoebe. — De sua família, eu quero dizer. — Phoebe parecia preocupada quando se sentou de volta no sofá, mordendo o lábio inferior.

— É tão complicado, apesar de tudo. Será que esse é o meu destino ou algo assim? — ele riu. — Desculpe, eu sei que soa estúpido.

— Talvez seja o seu destino — disse Phoebe. — Ou talvez seu destino seja abandonar tudo isso.



IV
O PODER DOS QUATORZE

QUARENTA E TRÊS

A viagem de caminhão levou oito horas, incluindo uma refeição em uma parada de caminhoneiros na saída da rodovia interestadual 95. O motorista não tinha falado exageradamente, e havia concordado em deixar Patch na saída para Portland.

Depois de analisar o material que tinha interceptado, Patch viu que precisaria encontrar um jeito de chegar ao retiro. Ele não parava de escutar as chamadas telefônicas da família Bell e finalmente foi capaz de obter uma coordenada sobre o local, algo que a remessa aos Iniciados não especificava: um lugar chamado Ilha de Ísis, na costa de Maine. Ele colocou na mala o que pôde, pegou sua câmera de vídeo, agasalhos e todo o dinheiro que tinha.

As informações úteis que tinha ouvido eram escassas; elas eram em sua maioria indicações para as apresentações, reuniões e uma cerimônia na última noite.

Ele continuou escutando até a véspera do Natal, quando de repente a conexão caiu.

Patch sabia que não tinha outra escolha, a não ser ir até lá. Ele tinha de descobrir o que havia acontecido com Nick, com Jared Willson e Alejandro Calleja, e o que tinha acontecido à sua própria mãe.

E ele tinha de obter mais material para o seu programa de TV. Simone tinha sido bem clara quanto a isso.

Patch passou uma noite em um hotel vagabundo em uma das interestaduais que passavam por Portland, e então conseguiu pegar outra carona com um casal que estava dirigindo pela costa para visitar a família. Eles concordaram em deixá-lo no ponto de embarque da balsa que partia para as ilhas.

O casal já estava se afastando do local onde havia deixado Patch quando ele pôde compreender plenamente o cronograma que foi colocado no mural de avisos do capitão do porto. Era totalmente diferente da informação que ele tinha encontrado na internet. Uma balsa partia para a ilha Caribou, que ficava a oito quilômetros de distância da ilha de Ísis, mas não havia balsas diretas para Ísis. Nos meses de inverno, o serviço de transportes para a ilha Caribou era limitado, funcionando apenas duas vezes por semana.

Patch estimava que a próxima balsa partiria — para a ilha errada — dali a três dias.

Ele caminhou toda a distância de volta à cidade, esgotado e chateado com ele mesmo por ter acreditado que seria assim tão fácil entrar no retiro. Estava congelando lá fora. Ele estava com fome

e seus dedos estavam dormentes. Ele encontrou uma lanchonete, então decidiu pegar um sanduíche e um café.

Era uma dessas lanchonetes antiquadas feitas em um vagão de trem antigo, onde todos os assentos são muito próximos uns dos outros. Algumas mesas à frente dele, um grupo de homens estava comendo hambúrgueres e conversando sobre pescarias.

Patch não podia deixar de espiar, e ele viu que os caras iriam tomar um barco para pescar lagostas. Quando foi ao banheiro, ele passou pela mesa deles, tentando pensar em uma maneira de chamar a sua atenção sem ser intrusivo. Enquanto lavava as mãos, olhou-se no espelho. Um dia antes, antes de deixar o apartamento, tinha cortado quase todo o seu cabelo, ficando com um corte à escovinha. Ele havia colocado um *band-aid* sobre sua tatuagem da cruz ansata, de modo que ela não estava visível. Após sua segunda transformação em duas semanas, ele esperava que ninguém na ilha de Ísis pudesse reconhecê-lo, contando que ele conseguisse chegar até lá.

No caminho de volta para sua mesa, ele decidiu perguntar aos caras para onde iam. Ele concluiu que não tinha nada a perder.

— Por que você quer saber, filho? — o homem mais velho perguntou.

— Eu, hum, eu estou tentando chegar a uma ilha. — Ele se empoleirou no banco de balcão que estava do outro lado da mesa deles. — Fica nas proximidades. Vocês conhecem? Ilha de Ísis.

Os quatro desataram a rir. Havia dois caras mais velhos, provavelmente em seus quarenta anos, e dois jovens. Um deles parecia ter por volta da idade de Patch.

— O que é tão engraçado?

— Ilha de Ísis? É como uma lenda por aqui. Quer dizer, ela existe, mas ninguém sabe o que se passa lá. Coisa de gente rica.

— Então, quanto custaria para você me levar até lá? Eu sei me virar em um barco.

— Ah é? Você sabe? — o mais velho riu novamente.

O garoto que tinha a idade dele falou:

— Olha, ele deve saber alguma coisa. Ele não estaria aqui sozinho se não soubesse se virar.

— Vamos lá, garoto — disse o outro cara velho. — Sente-se conosco. Talvez a gente deixe você pagar o nosso almoço.

QUARENTA E QUATRO

Na manhã em que deixariam Manhattan, Lauren fez cuidadosamente suas malas para o retiro. As instruções diziam que a maioria dos eventos seria casual e que eles deviam vestir várias camadas de roupa, pois estaria bem frio. Cada pessoa poderia levar mais do que uma pequena mala. Lauren mal podia esperar para que a coisa toda terminasse de uma vez.

E para ter Alejandro de volta.

Ela havia deixado duas mensagens para os pais dele, mas eles não tinham respondido a nenhuma delas. Ela não sabia por quê. Talvez eles a vissem como uma forasteira que estava se metendo em seus assuntos.

Enquanto fazia as malas, a bolsa Chloé lhe chamou a atenção, pendurada descuidadamente sobre uma cadeira. Aquela bolsa, e tudo o que tinha vindo com ela, havia lhe trazido nada além de problemas. Ela resolveu que a levaria consigo, mesmo que não fosse adequada para uma ilha perdida no Maine.

Depois que tinha acabado de arrumar as suas coisas, Lauren tomou o elevador. Rory estava de plantão no saguão. Ao longo daquele mês, os porteiros vinham recolhendo roupas para uma campanha de caridade, que havia sido organizada pelo condomínio.

Lauren lhe entregou a bolsa, explicando que era para a campanha.

— Uma bolsa tão boa assim.. é melhor eu colocar uma nota dizendo de quem ela é. Você vai precisar de um recibo, eu imagino.

— Não — disse Lauren. — Eu não vou precisar de recibo nenhum.

Uma hora depois, os três estavam no aeroporto Teterboro, em New Jersey, aguardando os outros membros da Sociedade chegarem. Tal como acontecia em muitos dos outros eventos, cada um dos membros chegou em um carro particular. Phoebe notava quão empertigados alguns dos Iniciados pareciam, saindo daqueles carros como se fossem propriedade deles. Talvez aquilo fizesse parte da adesão à Sociedade, passar do medo ao sentimento de propriedade.

A questão era, propriedade de quê?

O jato em que estavam voando tinha o interior revestido de madeira e assentos em couro de cor creme, e Phoebe se perguntava se era propriedade da Sociedade. A classe dos Conscritos se juntou ao grupo, e os vinte e oito deles, ao todo, decolaram juntos. Alguém tinha um frasco com bebida e começou a passá-lo ao redor, e uma das meninas que pertencia aos Conscritos tirou uma garrafa

térmica de prata preenchida com Manhattans^[29]. Thad Johnson estava na frente, na cabine de comando, fazendo aos pilotos todo tipo de perguntas sobre o avião, e eles permitiram então que ele se sentasse no assento extra da cabine. Pouco tempo depois, aquilo parecia uma festa animada nos ares. Phoebe, Nick e Lauren se abstiveram de beber. Phoebe sabia que ela queria ficar sóbria, pelo menos no início. Ela estava determinada a manter a sua guarda até que tivesse uma ideia do que estava acontecendo.

Nick se perguntava por que ele deveria ir com os Iniciados, quando seu pai, mãe, irmãos e avô iam todos viajar por conta própria para a ilha de Ísis. Ele imaginava que se tratava de parte da experiência de união chegar com os outros de seu ano.

Quando o avião atingiu a costa de Maine, Nick olhou pela janela. As ilhas eram impressionantes, pequenas joias no oceano azul-escuro, cercadas por uma espuma em formato de “carneirinhos” que se enfileiravam como uma cobertura de bolo. Ele imaginava que iriam pousar no continente e então tomar uma balsa, e ficou surpreso quando o avião se preparou para aterrissar em uma pequena pista no final da cauda da ilha.

Depois que o avião aterrissou, os vinte e oito passageiros pisaram na pista. A maior parte do solo estava coberta de neve. Sete Land Rovers verde-escuros estavam aguardando pelo grupo, e todos se apinharam, quatro por veículo. Eles se dirigiram diretamente para para a Grande Casa de Campo.

Nick tinha ouvido rumores sobre a Grande Casa, mas nunca havia imaginado que ela se parecesse com aquilo. De certa forma, ela não tinha quase nada de uma casa de campo, era um grande prédio de três andares, feito de pedra, cascalho e madeira, com torres e um mirante na cúpula do telhado. Aos pés de seu frontão, havia uma estátua alada da deusa egípcia Ísis, posta contra as telhas. Pinheiros e árvores de carvalho silvestre cercavam a construção de cada lado, montando guarda.

Todos os sete veículos pararam sobre o círculo principal em frente à casa. Exatamente no mesmo momento, cada um dos motoristas abriu as portas do carro, permitindo que os Conscritos e os Iniciados saíssem.

Aguardando em frente à casa, protegidos do frio por casacos de peles, sobretudos e jaquetas de esqui, estavam os Anciãos da Sociedade, as duas centenas deles que compareciam ao retiro. Era uma visão impressionante.

Quando o último Iniciado deixou seu veículo, um homem com um repique e um gaiteiro escocês vestindo um *kilt* começaram a tocar uma marcha regimental, uma música oficial que durou um minuto, tempo em que os vinte e oito deles permaneceram de olhos arregalados na pista de entrada coberta de cascalho. Quando eles terminaram, um sentimento de alegria emergiu da multidão, com

aplausos para as duas categorias, Iniciados e Conscritos.

Algumas das garotas e suas mães começaram a chorar com o espetáculo e tudo o mais.

Os membros da família de Nick correram até ele e se aglomeraram ao seu redor, abraçando-o e aplaudindo. Levaram Nick e os outros membros ao vestíbulo da Grande Casa, uma estrutura em forma de abóbada com uma enorme cabeça de veado, peça das mais chamativas; seus chifres estavam devidamente enfeitados para as festas, e uma árvore de Natal grande, de cerca de seis metros de altura, ficava no meio da sala. A Grande Casa parecia como se não tivesse tido nenhuma mudança em cem anos. O piso era revestido de grandes tacos de pinho, cobertos por tapetes persas já gastos, de tamanhos variados. Havia acolhedoras poltronas ao pé da lareira, que havia sido coberta por grandes conchas e troféus de navegação. Criados do bufê em camisas brancas e engomadas trouxeram bandejas de prata com chocolate quente, rum e sidra; sobre as mesas, de cada lado, e em bandejas, eram servidas tortas e biscoitos, ovos cozidos apimentados e enroladinhos de bacon e camarão. A coisa prosseguia com se fosse uma festa normal.

— E as nossas malas? — Phoebe sussurrou para Nick.

— Eu acho que estão tomando conta disso — disse ele.

— É lindo aqui, isso eu tenho que reconhecer. Meu Deus, e pensar que tudo isso fica aqui, e a casa é usada umas poucas vezes no ano. — Ela balançava a cabeça. — É bizarro.

— Phoebe! — Nick se virou para ver sua mãe abraçando Phoebe. — Querida, nós estamos tão felizes por vocês estarem aqui. Como você está bonita hoje! O ar de Maine lhe faz bem. Venha aqui conhecer alguns dos meus amigos. — Gigi agarrou Phoebe pela mão e a levou até um grupo de mulheres.

— Mãe, Phoebe, você não precisa...

— Nick, tudo bem. — Phoebe sorriu. — Não se preocupe comigo. Te vejo mais tarde, ok?

Lauren e outras três meninas foram levadas a seus beliches por um mensageiro em um casaco de esqui. Com as meninas dormindo quatro em cada quarto, as acomodações pareciam um pouco mais espartanas do que Lauren tinha imaginado, mas ela não se importava. Enquanto os Anciãos ficavam nos quartos de visita da Grande Casa e em acomodações muito mais agradáveis em vários edifícios espalhados, os Iniciados e recrutas tinham de ficar em simples cabines brancas no lado sul da casa, com vários quartos em cada uma e dois beliches por quarto. Um banheiro em frente de cada sala seria compartilhado, cheio de tubos e encanamentos que rangiam e liberavam vapor enquanto sacudia no momento em que era usado. Havia grandes brasões de universidades nas paredes dos quartos, deixados ali como lembranças de dias passados: Yale, Dartmouth, Harvard, Princeton. Poderia ter sido encantador, como passar a noite no dormitório da faculdade de um conhecido, ou ir ao acampamento de verão novamente.

Só que era inverno, e ela tinha de descobrir o que havia acontecido com seu namorado. Ou algo

como um namorado. Ou qualquer coisa que Alejandro fosse seu. Naquela noite, Lauren sentou-se com os Iniciados para um jantar informal de frutos do mar no salão de jantar principal, que ocupava uma enorme área ao lado do vestíbulo da Grande Casa de Campo. Ele também tinha o teto abobadado e as paredes eram cobertas com placas e medalhas, símbolos das façanhas passadas da Sociedade, intercaladas com bandeiras de velejo coloridas, pinturas marítimas, estampas *vintage* de conchas e corais. Ela via que a família de Nick estava lá, bem como amigos de sua mãe, pessoas que ela ouvia falar desde que era uma criança. Era tudo um pouco vertiginoso, como topiar com pessoas famosas em uma estância de férias exclusiva, sem se dar conta de que você havia planejado estar no mesmo lugar, ao mesmo tempo.

Lauren avistou Nick e Phoebe do outro lado da sala, e como eles pareciam despreocupados. Ela estava feliz por ambos, mas não podia esquecer que estava ali sozinha.



QUARENTA E CINCO

Patch mal podia acreditar que havia conseguido chegar até a ilha. Ele tinha começado por se juntar no barco com os irmãos Walker e seus dois filhos, que estavam saindo para pescar lagostas em seu barco, como eles vinham fazendo nos últimos três anos, enquanto suas mulheres aproveitavam um bem merecido tempo de folga entre o Natal e o Ano-Novo. Patch chegava a desejar que pudesse se juntar a eles, pois, ao que parecia, aquilo seria muito mais divertido. Os caras ouviam The Doors e Pink Floyd na caixa que mantinham abaixo do convés, e estavam particularmente orgulhosos do novo sistema de GPS que tinham instalado recentemente. Patch ainda trocou endereços de e-mail com os dois primos, prometendo que iria procurá-los se ele estivesse em Maine novamente.

Mas naquela noite, seu objetivo era chegar à ilha.

Enquanto estava no barco, Patch havia bolado um plano. De acordo com os Walker, muitas pessoas da área haviam sido empregadas como parte da equipe de restauração da ilha de Ísis.

O barco dos Walker, o Naugatuck, aproximou-se da terra na ilha de Ísis para o desembarque. Eles seguiam as instruções de Patch, aparentemente se divertindo com o mistério em que haviam se envolvido a convite do garoto.

— Entrega de lagostas vivas para Palmer Bell — disse o irmão Walker mais velho, enquanto o barco se atracava ao cais.

Um estivador em um blusão azul verificava sua prancheta.

— Eu não vejo nada disso aqui — disse.

O barco estava amarrado ao lado do cais, os motores paravam fazendo um barulho alto. Os dois primos Walker içaram Patch para o cais, fora da vista do empregado. Patch acenou um rápido adeus a eles antes de caminhar cuidadosamente em direção à costa. Ele podia ouvir as vozes ao longe:

— É melhor você verificar essa lista de novo. Eu sei que o Senhor Bell não iria gostar muito se ele não recebesse sua entrega...

Ao final de uma estrada de quase um quilômetro que partia da doca, ficava um grande edifício, uma espécie de alojamento ou iate clube. Quando Patch chegou à porta lateral, entrou sem hesitar, perguntou a alguém onde os uniformes estavam e começou a trabalhar, carregando caixas de suprimentos, leite e vegetais para a cozinha, conforme fora instruído. Ele escondeu sua mochila em uma sala de despensa, até que foi levado a seu beliche no quarto de funcionários, que ficava em uma

parte diferente da propriedade. Não teve nenhuma oportunidade para ver muita coisa da ilha; até então, parecia apenas um conjunto de edifícios de pedra e madeira, rodeados por árvores.

Ele esperava que tivesse algum tempo para pensar antes de decidir qual seria seu próximo movimento.

Durante o jantar, Phoebe sentia como se estivesse em um sonho em câmera lenta, muito estranho. Ninguém se referia à morte de Jared, nem ao desaparecimento de Alejandro, e certamente não falariam de Patch. Ela avistou o Dr. Meckling, assim como Daniel, do outro lado da sala, embora os estivesse evitando. Phoebe se perguntava o que Daniel havia dito à sua mãe que ele estaria fazendo durante aqueles dias.

Após o prato principal ser servido, Phoebe levantou-se ostensivamente para ir ao banheiro. Ela sussurrou no ouvido de Nick que queria encontrá-lo na biblioteca. Depois de usar o banheiro (cujo encanamento e azulejos, embora em perfeito estado, não tinham sido mudados desde a década de 1960), encontrou-se com ele no quarto escuro, repleto de livros, que ficava ao final de um corredor que saía do vestíbulo.

— Então, o que vamos fazer? — ela perguntou a Nick.

— Eu não sei — disse ele.

Sob a fraca luz esverdeada das lâmpadas de leitura da biblioteca, ela olhava as fotografias de cada classe, que ficam lá exibidas. Fotografados em preto e branco, os membros olhavam para a câmera com pompa estoica, apesar de algumas das fotos terem sido tiradas muitos anos atrás. Havia algo estranho, entretanto, que ela notava sobre as classes, além de quão severas as aparências dos retratos eram.

— Nossa, meu Deus — disse Nick. — Eu acho que essa era a classe dos meus pais. Esta aqui é a classe da minha mãe, e aqui está a do meu pai.

— Uau! Sua mãe e seu pai pareciam tão jovens em seus retratos.

Phoebe analisou as duas fotos, contando os membros novamente.

— Veja isso — disse ela.

— O quê?

— Em algumas classes, há quinze membros, e em outras, há quatorze.

— E o que isso significa?

Phoebe ficou em silêncio por um instante.

— Eu não sei. Quer dizer, não é como se houvesse um padrão para isso. Aqui está a classe de 1971, que tem quinze membros, e, em seguida, a classe de 1972, que tem quatorze, e, depois, quinze por dois anos seguidos, e então quatorze por dois anos...

Eu realmente não consigo ver nenhum sentido nisso.

— Eu não acho que você poderia ver.

A voz vinha de trás deles, e Phoebe e Nick se assustaram. À entrada da biblioteca estava Parker Bell.

— Nick, Phoebe, eu vejo que vocês estão fazendo um pouco de, vamos chamar assim, uma investigação?

Phoebe vacilou por um instante.

— Há tanta história aqui, que eu queria apenas observar as coisas para ter uma ideia...

— Está tudo bem. Você não precisa ter medo. Você só está curiosa. Isso é compreensível. Você faz parte da Sociedade há quase quatro meses, mas sabe muito pouco sobre nós. Eu também, no seu lugar, estaria curioso.

Ele caminhou até um longo sofá de couro verde da marca Chesterfield e sentou-se, cruzando as pernas.

— Há alguma perguntas que eu poderia responder para vocês?

Agora, Phoebe pensava, eles iam finalmente ter o encontro que queriam. Só que desta vez seria nos termos do Sr. Bell.

— Por que há quatorze membros em algumas fotografias e quinze em outras? — perguntou Phoebe.

— Ah, o Poder dos Quatorze — disse o Sr. Bell.

— O que é o Poder dos Quatorze? — Nick perguntou.

— Isso será explicado no momento oportuno — disse o Sr. Bell. — Vamos apenas dizer, por ora, que as classes com quatorze membros são mais fortes. Eu mesmo venho de uma classe de quatorze.

— Mas a nossa classe tem quinze membros — disse Nick. — Ou pelo menos tinha. O que aconteceu com Alejandro ter algo a ver com isso?

— Basta esperar alguns dias — disse o Sr. Bell. — Tudo será esclarecido.

— Pai, eu acho que nós estamos cansados dessas coisas sendo constantemente mantidas longe de nós.

— Nicholas, às vezes você tem que esperar. Especialmente pelas coisas que são importantes. De qualquer forma, eu preciso voltar para a sala de jantar. Acho que eles estão servindo café agora. Sugiro que vocês façam o mesmo.

Ele saiu da sala, deixando Phoebe e Nick olhando um para o outro.

— Eu quero sair daqui — disse Phoebe.

— Phoebe, como diabos nós vamos conseguir fazer isso? Nós estamos em uma ilha sem serviço regular de celular e sem balsas para o continente, apenas com um jato ao qual ninguém tem acesso. Temos que ficar. Lembre-se do que Genie disse: “A melhor maneira de se rebelar pode ser a partir

de dentro”. Você precisa pensar nisso agora.

Ela se desarmou sobre uma poltrona. Tudo aquilo era demais para ela. Rituais de Iniciação, a Grande Casa, o Poder dos Quatorze. Os sentimentos concomitantes de isolamento e de pertencimento. Ela começou a chorar baixinho.

— Meu Deus, normalmente eu não fico assim — disse ela. — Eu juro, as duas únicas vezes em que eu chorei no mês passado foram na sua frente. Quão bobo é isso?

— Não é nem um pouco bobo — disse Nick. — Eu amo... Eu amo isso em você. Eu amo o fato de você ser honesta. O fato de você ser real. Me faz sentir como se... como se eu te...

Phoebe prendeu a respiração, esperando pelo que Nick poderia dizer, mas bem naquele momento Nick foi interrompido, no meio da frase, por um enorme estrondo no corredor.

Nick levantou-se em um pulo e olhou para a direita, depois para a esquerda. No final do corredor, um jovem rapaz de cabelo castanho cortado bem baixinho estava reunindo rapidamente um monte de copos quebrados em uma bandeja. Nick olhou mais de perto e viu que era...

Patch?

— Ei! — Nick falou, antes de parar.

O jovem colocou o indicador sobre os lábios, agarrou o restante do que havia caído da bandeja e saiu correndo.

Nick virou-se para Phoebe, esquecendo completamente a intensidade daquele momento juntos.

— Tá certo, ou eu estou ficando completamente pirado ou acabei de ver o nosso amigo desaparecido. E carregando uma bandeja com copos.

— Você quer dizer, P...

— Não diga o nome dele — disse Nick, aproximando-se dela e sussurrando. — Eu acho que é melhor ter cuidado. Nós não sabemos quem está escutando.

— Verdade — Phoebe sussurrou em resposta. — Mas que diabos seu pai estava dizendo sobre os quatorze membros em algumas das classes? Nick, isso está me assustando.

— Eu sei. Nós não podemos entrar em pânico. Precisamos manter nossas cabeças no lugar.

Ele pegou a mão dela, segurando-a firmemente, e a levou de volta para a sala de jantar.

Patch tinha feito o seu melhor para ficar longe de pessoas que conhecesse — toda a família Bell e outros conhecidos, como Phoebe e Lauren —, de quem pudesse identificá-lo. Mas, na manhã seguinte, ele percebeu que estava em apuros quando foi posto na escala de trabalho dos que serviriam o café da manhã. A Grande Casa da Sociedade servia jantares com todo o tradicional serviço de mesa, mas seus cafés da manhã e almoços remetiam de volta aos tempos de colegial, o que, aparentemente, muitos dos membros apreciavam por seu valor nostálgico. Patch estava preso a seu posto empurrando ovos mexidos para os pratos das pessoas que iam até sua estação em uma longa fila. Ele estava aterrorizado com a ideia de que o Sr. Bell olhasse para ele e o identificasse imediatamente.

Entretanto, o que aconteceu foi a coisa mais estranha: ninguém olhava nos olhos dele. Quase duas centenas de membros da Sociedade passaram por sua estação, e resmungavam quantos ovos queriam ou simplesmente estendiam o prato em frente a ele. Alguns até lhe agradeciam, mas poucos realmente olhavam para ele. Mesmo Parker Bell estava muito ocupado conversando com a mulher ao lado dele para olhar para Patch.

Nick, porém, o notou, mas não levou adiante. Quando seu amigo chegou perto, ele estendeu seu prato, dando um olhar significativo para Patch.

Sob o prato de Nick, Patch sentiu alguma coisa, um pedaço de papel. Ele o segurou consigo, devolvendo o prato para seu amigo, e habilmente socou o bilhete dobrado em seu bolso.

Ninguém percebeu nada.

A mensagem dizia para Patch se encontrar com Nick em duas horas, atrás da quadra de tênis. Nick imaginou que o café já teria terminado naquele momento, e que todos estariam dentro da casa no período da tarde. Parte do retiro da Sociedade consistia em uma série de reuniões, palestras e seminários sobre finanças, política, meio ambiente e mercado imobiliário. Havia também eventos mais leves, como degustação de vinhos, discussões sobre arte, uma apresentação sobre coleções de carros antigos, e havia até mesmo um grupo que ia apresentar uma pequena produção teatral. Nada daquilo era realmente necessário, mas pareceu a Nick que muitos usavam como uma oportunidade — as informações trocadas nessas reuniões poderiam ser de valor inestimável, de acordo com o que seus irmãos haviam lhe dito —, enquanto outros viam as reuniões mais como encontros sociais. Os membros mais jovens apreciavam a degustação de vinhos e charutos. E, claro, todo mundo ficava

livre para passear ao redor da casa, ler junto à lareira, conversar, desfrutar algumas xícaras de chocolate quente ou cidra temperada.

A pior coisa sobre tudo aquilo, Nick pensava, era que ele realmente achava que o retiro fosse muito legal. Quando mais você poderia falar com tantas pessoas interessantes, em um ambiente tão descontraído e remoto? Quando você iria aprender coisas legais de graça, não porque você era obrigado, mas porque você queria? Houve até mesmo um seminário dado por — e Nick não conseguia acreditar naquilo — Carlo-Ferdinand em pessoa, o qual, embora não fosse membro da Sociedade, tinha concordado em assinar um acordo de comprometimento quanto ao sigilo (como devia ser o caso de todos os funcionários da casa, aparentemente), e daria um seminário sobre como fazer os melhores *mixes* para DJs.

Não havia necessidade de dizer que, naquele clima frio congelante, ninguém estaria na quadra de tênis.

Nick caminhou penosamente para fora com seu velho par de botas LLBean para se encontrar com Patch. Ele não queria parecer suspeito, por isso pegou seu iPod e fingiu que estava fazendo uma caminhada. Ele pediu a Phoebe para que o encontrasse lá, e a viu logo à frente.

— Ele está por aqui? — perguntou ela.

— Eu não estou vendo.

Nick fez uma indicação para ela, e eles seguiram mais fundo no bosque atrás da quadra.

— Eu não especifiquei exatamente de que lado da quadra — disse ele. — Eu estou assumindo que ele vai para a parte que não dá para ver da casa.

Phoebe assentiu.

À frente deles, em um canto da quadra, Nick percebeu algum movimento nas árvores. Era apenas um cervo.

— Você acha que foi impedido lá dentro? — Phoebe perguntou. — Acho que ele estava trabalhando na limpeza na cozinha, porque eu não o vi servindo há pouco.

— É possível.

Eles ouviram um barulho atrás deles. Na parte de trás da casa, sobre o morro aos pés do qual ela se assentava, alguns dos membros Anciãos estavam dando um passeio. Droga. Aquilo não era nada bom. Os Anciãos estavam muito longe para poder vê-los através do bosque, mas eles certamente notariam se Patch aparecesse em frente à quadra.

— Não podemos deixar ninguém vê-lo conversando com a gente — disse Phoebe.

— É só ficar parado. Tenho a sensação de que ele aparecerá aqui.

Eles esperaram por alguns minutos. A respiração de Phoebe emitia nuvens de fumaça no ar frio. Nick adorava a maneira como ela ficava no frio, o nariz um pouco mais rosa do que de costume, a pele lisa com um tom ainda mais dramático em contraste com seu cabelo castanho-avermelhado.

Teria sido romântico, não fosse o fato de eles estarem ali com a intenção de encontrar...

Houve um assobio. Nick reconheceu: era algo que Patch usava para imitar uma música irritante de algum programa de televisão e que ele costumava cantarolar quando estavam caminhando em meio às dunas na praia.

— Aqui em cima!

Eles ouviram um sussurro e olharam para o alto, e viram Patch a dez metros de distância, sobre uma pequena colina coberta de arbustos e um bosque de bétulas.

Nick e Phoebe subiram o morro para chegar até Patch. Era estranho vê-lo, depois de todo esse tempo. Seu cabelo estava completamente despojado, como um recruta do exército. Ele usava o uniforme de restauração sob a sua jaqueta de neve.

— Oi — Patch disse.

— Nós viemos todo o caminho até aqui e tudo o que a gente ganha é um simples “oi”? — disse Nick. — Qual é! — Ele se adiantou e ofereceu a Patch um abraço desajeitado.

— Oi, Patch — disse Phoebe.

— Eu acho que estamos em uma situação um pouco complicada — disse o Patch.

— Sim. — Nick sentou-se em um tronco de árvore. Ele esperava que os Anciãos que viram não decidissem fazer algum tipo de passeio pela natureza. — Nós não temos muito tempo.

— Você está bem? — perguntou Phoebe. — Sua avó está preocupada com você. Nós estamos preocupados com você.

Patch assentiu.

— Eu estou bem. Nunca lavei tantos pratos assim na minha vida. Você tem alguma ideia de quanta comida é desperdiçada neste lugar? É uma loucura.

— Tudo bem, veja só — disse Nick. — Qual é o seu problema? Você está aqui tentando espionar tudo?

— Ei, não dê uma de idiota sobre o assunto. Você sabe que tem alguma coisa errada acontecendo por aqui. Alguém precisa descobrir o que é.

— Nós sabemos — disse Phoebe. — Estamos tentando descobrir por nós mesmos. Algo aconteceu com Alejandro, mas não sabemos o quê.

— Pode ser a mesma coisa que aconteceu com Jared Willson — Patch disse, olhando para Nick.

— Nós não sabemos — Nick disse.

— O que estou dizendo é que eu não acho que a morte ou o desaparecimento de Jared e de Alejandro tenham sido acidentais. Eu acho que estavam nos planos. E acho que foi a Sociedade que fez isso.

— Nós não temos nenhuma prova disso — Nick disse. — Nós estamos tentando investigar tudo tanto quanto você.

Patch zombou.

— Ah, sim, enquanto você aprecia suas provas de vinho e fuma o seu charuto e, ah, acho que hoje vai ter uma sessão de *sundaes*. Vai ser incrível. Mais louça ainda para eu lavar.

— Ei, você se meteu nisso. Não fui eu quem pediu a você que espionasse e filmasse a Noite do Renascimento.

Patch assentiu.

— Eu sei. Eu meio que gostaria nunca ter planejado a coisa toda.

— Espere, o que você quer dizer com “planejado”? — Nick perguntou.

Patch olhou para baixo.

— Não, nada. Eu só queria dizer que eu não deveria ter feito isso.

— Não, você disse planejado. O que você fez? Como você sabe, meu Deus?

— O quê? — disse Phoebe. — Nick, o que está acontecendo?

Nick olhou para Patch.

— Você ligou para o DJ. Você disse para ele não comparecer, ou que a festa tinha sido cancelada ou algo assim. Só pode ser. Essa é a única explicação. Era perfeito: você no alto daquela cabine, o único com acesso ao tubo de ventilação. Admita, você fez isso. Sua avó deve ter dito a você sobre isso de antemão.

— Patch? — disse Phoebe. — Isso é verdade?

Patch não disse nada.

— Seu filho da mãe! — Nick se adiantou sobre Patch, derrubando-o consigo. Ele deu um soco bem no meio do rosto do amigo e em seguida ficou em prantos sobre seu peito.

— Nick! Pare com isso! — Phoebe gritou. — Caramba, você quer colocar todos nós em mais problemas do que já estamos?

— Deus do céu! — Patch disse. — Isso dói!

— Você merece — disse Nick.

O olho de Patch estava vermelho.

— Aqui, pegue um pouco de neve — Phoebe disse, fazendo uma bola de neve para Patch colocar sobre o olho.

— Patch, você precisa parar de palhaçada — disse Nick. — Nós não sabemos o que está acontecendo com a Sociedade, mas você precisa aceitar que não vai ser você quem vai descobrir. E você, com sua câmera, certamente não vai ser o próximo Michael Moore.

— Eu não fiz nada com a minha câmera — disse ele. — Eu acho que não conseguiria ir embora com ela. Eu ainda não posso acreditar que eles não revistaram minhas malas quando cheguei aqui.

— Aliás, como é que você conseguiu um trabalho no bufê, afinal? — Phoebe perguntou.

— É uma longa história — disse o Patch. — Ou, na verdade, eu acho que foi algo mais como

sorte de otário.

Os três ficaram ali, sem saber o que fazer.

— Olhe — Nick disse —, eu não tenho um grande plano ou coisa parecida.

Patch olhou para cima com seu olho ferido.

— Não se preocupe, Nick.

— Você não tem um plano?

— Bom, eu tenho.



QUARENTA E SETE

Patch não havia compartilhado muitos detalhes com Nick e Phoebe, mas disse a Nick para manter seu telefone celular com ele, embora oculto, em todos os momentos. Ele avisaria Nick se e quando ele precisasse deles. Ele sentia que havia algo estranho com relação a Nick e Phoebe: era como se suspeitassem do que estava acontecendo na Sociedade, seja lá quais fossem as coisas terríveis que tinham feito, e ainda assim se sentissem totalmente impotentes para fazer qualquer coisa. Era como na Noite do Renascimento, quando seu amigo, o cara que nunca iria se associar a algo como uma sociedade secreta, havia cedido de muito bom grado sua nuca para que fosse tatuada.

A Sociedade tinha esse tipo de controle sobre as pessoas.

Naquela noite, Patch voltou, depois de terminar o trabalho, para a ala dos funcionários. Houve uma espécie de confronto estranho com seu supervisor, quando este pediu a Patch que verificasse o endereço dele que tinham no arquivo. Aparentemente, havia um certo “Jeb Elsdon” que não tinha aparecido para trabalhar, e eles estavam assumindo que Patch era ele. O problema era que Jeb Elsdon (o qual, felizmente, já havia assinado acordo de sigilo) tinha quarenta e dois anos. Patch assegurou a seu supervisor que aquilo devia ter sido um engano e que o endereço na área rural de Maine estava correta para enviarem o cheque.

Que ótimo, pensou ele ironicamente. Ele estava trabalhando para a Sociedade, e não ia nem receber o pagamento.

Todos da equipe do bufê dormiam em uma série de cabines ao lado do mar. As camas pareciam como se tivessem sido instaladas ali há cem anos, e os funcionários eram agrupados em dez a cada quarto. O ar ali era gelado, e as aranhas e os ratos tinham feito dos quartos suas casas, rastejando pelas vigas durante a noite. Patch pensou que o pagamento devia ser muito bom ou ninguém jamais iria querer assumir o cargo.

Por volta da uma hora da manhã, Patch acordou e se arrastou para fora da cama, vestindo calmamente suas roupas. A Grande Casa tinha uma entrada de serviço, e ele queria dar uma olhada nos arredores. Antes de ir para a cama naquela noite, Patch se assegurou de que a porta podia ser facilmente arrombada. A casa não tinha nenhum sistema de alarme, e, até onde ele podia perceber, não havia câmeras de vigilância. Parecia que a Sociedade estava tranquila com a segurança à moda antiga de chave e fechadura. Patch tinha notado os dois brutamontes de terno e um pequeno grupo de vigias durante o dia, mas à noite não havia ninguém de plantão.

Ou assim ele esperava.

A neve entrava em seus ouvidos à medida que ele caminhava até a Grande Casa. Seu olho latejava de dor e tinha inchado até parecer uma contusão desagradável; ele teve de inventar uma história para o seu supervisor sobre uma colisão em um batente.

Ele acreditava que talvez merecesse o olho roxo que Nick havia lhe dado. Afinal, ele tinha quase arruinado a noite de Nick no clube, e tinha sido a causa de todo aquele problema.

Mas não, ele decidiu que não iria ver dessa maneira. Havia alguma coisa acontecendo na Sociedade, e Patch tinha de descobrir o que era. Certamente aquele grupo era mais do que apenas um punhado de privilegiados do Upper East Side que gostavam de se isolar em uma ilha no Maine, participando de seminários e fumando charutos.

Patch conseguiu abrir a porta da entrada de serviço na lateral com facilidade. A lua estava cheia, e ele podia enxergar muito bem seu caminho, mas, mesmo assim, ele havia trazido uma lanterna.

O andar mais baixo da Grande Casa era um labirinto de túneis, um pequeno elevador de cargas, grandes engradados de madeira, e áreas de serviço, tudo projetado para dar a ilusão aos andares superiores de que funcionava perfeitamente. Os membros da Sociedade não tinham ideia do que acontecia lá embaixo para que suas refeições fossem oferecidas no tempo certo, para que a casa de campo e seus quartos fossem mantidos limpos, para que sempre houvesse aquecimento e água quente e lençóis recém-passados.

Em um dos quartos, Patch tinha percebido, mais cedo naquele dia, que a entrada havia sido restringida. Não tinha nenhuma identificação e ficava no final de um longo corredor. Ao contrário dos outros cômodos, a porta daquele era mantida trancada o tempo todo.

Ele sacou sua lima e começou a trabalhar na fechadura. As travas deram um clique e a porta se abriu.

Depois de entrar, Patch respirava rápido e deixava seus olhos se ajustarem à escuridão lentamente. Ele acendeu sua lanterna. Aquele era algum tipo estranho de sala de depósito, havia roupas em cabides ao longo de uma parede. Encostado à parede do outro lado estava um gabinete com espadas e armas. Ele deu um passo à frente e quase tropeçou em alguma coisa, um objeto grande sobre dois cavaletes: era um sarcófago de madeira gigante, e havia mais um. Sobre eles haviam sido esculpidos símbolos egípcios.

Patch os reconheceu. Eram os da Noite do Renascimento.

O que eles estavam fazendo aqui? Eles já não os tinham utilizado lá atrás, em setembro? Seria ali que eles os guardavam? Se fosse isso, então por que só havia dois ali?

Patch tentou abrir a tampa de um deles, mas ela havia sido selada. Nenhuma tranca, nenhuma fechadura.

Ele iluminou o sarcófago com sua lanterna e tirou uma foto com o celular. Ficou granulada, mas

seria evidente do que se tratava. Ele rapidamente as enviou para o telefone de Nick. Havia apenas dois tracinhos indicando a disponibilidade de serviço, o suficiente só para enviar a imagem.

Foi então que ele ouviu passos lá fora.

QUARENTA E OITO

Na manhã seguinte, depois do café da manhã, Phoebe sentou-se com Nick em uma das pequenas salas com painéis de madeira que seguiam o vestíbulo da casa de campo, ao lado de uma lareira com fogo crepitante. Ela olhou para os diferentes membros da equipe que servia a refeição, mas não viu Patch. No dia anterior, ele havia sido escalado para o serviço matinal, por isso era estranho que ele não estivesse por perto nesta manhã.

— Ele pode estar na limpeza — disse Nick. — Entretanto, eu preciso que você veja uma coisa. — Nick entregou-lhe seu celular, exibindo uma imagem que Patch tinha lhe enviado. Ela mostrava a lateral de um sarcófago, o mesmo que Phoebe reconhecia agora como o da Noite do Renascimento, ocorrida em setembro.

— Ele tirou ontem à noite?

— Olhe para a hora estampada sobre ela. — Havia sido tirada por volta das duas da manhã.

— E aí, o que nós fazemos? Esperamos mais?

— Nós não sabemos o que isso significa. Esta poderia ser uma área de armazenamento, onde eles guardam os sarcófagos quando não estão usando. — Nick desligou o telefone.

— Eu não tenho tanta certeza quanto a isso — disse Phoebe. — Pode haver pessoas dentro deles. Poderia ser...

— Alejandro? — Nick perguntou.

Phoebe não conseguiria dizer aquilo.

— Você não pode estar falando sério — disse Nick. — Você realmente acha isso?

Um calafrio percorria a coluna de Phoebe quando ela ouviu uma voz. O Dr. Meckling estava de pé na entrada.

— Phoebe — disse ele. — Como você está se sentindo? Eu não te vejo desde o nosso encontro no mês passado. Sua mãe disse que você estava se sentindo melhor.

— Vai se ferrar — disse Phoebe.

Nick olhou assustado e chegou mais perto de Phoebe.

— Agora — o Dr. Meckling disse —, não há necessidade de ser rude. Você sabe que esse tipo de comportamento não é tolerado aqui.

— Você traiu a sua profissão — disse Phoebe. — Dizer que você é um psiquiatra e, em seguida, fazer parte disso.

Ele sorriu.

— Eu sou um psiquiatra credenciado. Nenhuma dúvida quanto a isso.

— Você sabe o que eu quero dizer — Phoebe falou. — Você está enganando pessoas inocentes. Você está usando sua posição para tirar proveito delas.

— Phoebe, isso não é verdade. Nós estamos tentando protegê-la. O que é a razão pela qual eu acho que você deveria saber que nós estamos cuidando de seu amigo.

— Que amigo?

— O Senhor Evans. Ele disse que falou com vocês ontem.

— Nós não sabemos do que você está falando — disse Nick.

— Nós sugerimos que vocês fiquem fora de seja lá o que vocês estiverem procurando, se quiserem ver seu amigo sem ferimentos — disse o Dr. Meckling.

— Não se atreva a fazer nada com ele — disse Nick, levantando-se para alcançar os olhos do médico. — Vou conversar com o meu pai.

— Eu acho que você ainda não entendeu — disse o Dr. Meckling friamente. — Você sabe, Nick, essa ordem veio do seu próprio pai.

O que aconteceu depois que ele ouviu os passos era um borrão para Patch. Alguns homens agarraram-no, talvez os mesmos homens daquela noite perto da suíte de edição, talvez outros. Ele tentou resistir, mas foi incapaz de se libertar. Eles agarraram o celular e o destruíram. Um homem injetou algo em seu braço com uma agulha, e ele sentiu tudo rodar antes de desmaiar.

Agora, ele estava deitado no que parecia ser o interior de um dos sarcófagos. Uma agulha ligada a um saco de gotejamento intravenoso levava o líquido até seu braço. Ele tinha retirado aquilo bruscamente, mas abriram o caixão de novo e enfiaram a agulha de volta no seu braço, fazendo com que ficasse sonolento enquanto entrava e saía do estado de consciência.

O estranho era que, na segunda vez que eles enfiaram a agulha, ele percebeu que não queria retirá-la. Sentia-se bem.

Ele acordou de novo enquanto sentia um dos homens levantando seu corpo e tirando o *band-aid* de sua nuca. Não doeu nada.

— Bell devia ver isso — disse o homem.

— O quê? — o outro perguntou.

— Ambos.

Um minuto depois, Patch capotou novamente.

Phoebe tinha dito que se eles fossem ficar por lá, deviam agir como se fossem Iniciados normais, mais à maneira como os outros onze no grupo vinham agindo: bebendo, jogando, passeando,

ocasionalmente fazendo alguma oficina, cochilando. Nick queria muito que ele pudesse ficar assim tão relaxado. Enquanto eles estavam sentados do lado de fora, na varanda dos fundos da casa, suas respirações visíveis no ar gelado, ele a convenceu de que deviam aquilo a Patch: tomar conta dele.

— O que eles vão fazer de fato se nos pegarem de novo? perguntou Nick. — Meu pai não vai fazer nada com ele. Tudo não passa de uma grande ameaça, para assustá-lo e fazer com que desista da filmagem. Meu pai sabe que eu nunca iria perdoá-lo se ele ferisse Patch.

Phoebe ficou em silêncio.

— O que foi? Você não acredita em mim?

— Nick, seu pai e seu avô já mentiram para você antes — disse ela calmamente. — Você não sabe de verdade do que eles são capazes.

Nick sentiu um sulco se formar em sua testa. Ele não queria acreditar que aquilo que ela dizia podia ser verdade, mas ele começava a confiar em Phoebe mais do que em ninguém.

— Eu sinto muito — disse Phoebe. — Eu sei que deve ser a sensação mais estranha do mundo, ser traído por sua própria família. Quer dizer, comigo, é só a minha mãe, e eu sei que é porque ela não sabe quem aquele tal de Daniel é na verdade. Mas com você, bem, é toda a sua...

Nick olhou para ela, e ela parou de falar. Não havia mais necessidade de dizer qualquer coisa.

— Então, o que vamos fazer?

Phoebe olhou para as copas das árvores cobertas de neve.

— Eu digo que nós temos que tomar conta dele. Com cuidado. Muito, muito cuidado.

QUARENTA E NOVE

Lauren sentia-se distante de Phoebe e Nick desde o início do retiro. Ainda que aquilo fosse parcialmente sua própria culpa — ela se sentia mal-humorada e deslocada —, era como se eles estivessem em seu próprio clube particular para apenas dois. Ela sabia que eles não tinham feito nada deliberadamente para fazê-la sentir-se excluída — eles haviam tentado incluí-la nas atividades, mas, na maioria das vezes, ela tinha recusado. Era difícil ficar com eles quando tudo em que ela conseguia pensar era no Alejandro, a noite que tinham passado juntos e os terríveis últimos momentos, quando ela o viu ser carregado para fora do clube. Ela vinha tentando ser sociável em alguns dos primeiros dois dias no retiro, mas no fim viu-se inventando as mais diversas desculpas para que pudesse ficar sozinha.

Na terceira tarde no retiro, enquanto estava saindo de sua cabine, Thad Johnson também saía da dele, abrigado em um casaco de esqui. Ele parecia como se tivesse acabado de tomar um banho; seus cachos loiros estavam congelando em sua cabeça, e ele tomou o cuidado de aplicar alguma proteção sobre os lábios.

— Ei — ele a chamou. — Você vai sair para uma caminhada?

Lauren balançou a cabeça.

— Ninguém da nossa idade aprecia de verdade fazer passeios a pé por aqui — disse ele, enquanto corria até ela. — É como se eles estivessem todos muito ocupados fazendo contatos ou correndo de um seminário para outro.

— É, eu sei exatamente o que você quer dizer.

— Você quer companhia?

Lauren estava prestes a dizer não, mas seria mentira: ela queria companhia, mas queria a companhia de Alejandro.

— Tá legal — ela disse finalmente.

— Não pense por muito tempo.

Ela sorriu, percebendo que ele a estava provocando.

— Você parece um pouco preocupada — disse ele.

— Eu só estava me perguntando — Lauren disse — se eu sou a única apavorada com isso tudo. Quer dizer, nós somos parte deste grupo, e duas pessoas estão mortas ou desaparecidas.

— Alejandro — disse Thad. — Você teve alguma notícia dele?

— Não. E ninguém parece saber de nada, nem mesmo os pais dele. Por que eles fariam isso com ele?

— O que você quer dizer com “eles”?

— Você sabe, “eles”, a Sociedade.

Thad parou de andar.

— Você acha que a Sociedade fez algo a Alejandro?

— É como se eles decidissem quando querem nos proteger e quando querem nos tirar do caminho. — Ela contou a Thad o que ela, Nick e Phoebe tinham descoberto.

— É tão confuso, eu sinto que estamos presos aqui nesta ilha, onde nossos telefones mal funcionam, e todos nós aqui nesta fantasia de clube de campo bizarro. Eu não tenho certeza se eu aguento mais.

Thad colocou a mão no ombro de Lauren, e ela recuou um pouco.

— Ei, eu entendo o que você está dizendo. Não é exatamente o que eu esperava, também. — Ele parou por um momento. — Ouça, está frio lá fora. Você quer ir pegar um pouco de chocolate quente?

Lauren olhou para ele. Era gentil da parte dele perguntar a ela, mas ela não tinha certeza se devia aceitar.

— Hum, claro, mas, Thad, você deve saber, eu realmente não estou disponível no mercado, quero dizer, eu não quero presumir que...

— Eu entendo, você não está disposta a sair com ninguém nestes dias. Tudo bem.

— Sério?

— Claro. Tudo bem! Eu sou... Bem, vamos dizer apenas que eu não estou exatamente interessado em meninas. Pelo menos não dessa forma.

Lauren riu enquanto uma sensação de alívio percorria seu corpo. É claro que ele era *gay*! Que bobagem a dela não ter percebido — que cara decente iria atrás dela com tudo aquilo que ela vinha passando?!

— Thad, você não tem ideia de como isso me deixa feliz. Porque... — Ela se deu conta do que estava prestes a dizer e quão infantil aquilo soaria, mas decidiu que não se importaria. — Porque um amigo, agora, é do que eu mais preciso.

Phoebe sentia-se terrível sobre a coisa toda com Patch, embora, na verdade, o culpado daquilo tudo fosse ele mesmo, por ter lhe dado as imagens que tinham começado aquela confusão. Era uma coisa um pouco artilosa da parte dele fazer aquilo, especialmente quando ele sabia que poderia colocá-la no meio daquela bagunça. Mas ela sabia que ele estava apenas tentando fazer sua arte, enquanto ela tentava fazer a dela, então não podia realmente culpá-lo. Afinal, supostamente, a arte não era feita para provocar?

Enquanto todos estavam no principal seminário do dia, distantes em um dos prédios auxiliares, Nick e Phoebe investigavam o andar mais baixo da casa. Os funcionários estavam movimentando bandejas e carrinhos de comida e bebidas, tudo em preparação para o chá da tarde. Ninguém lhes dava muita atenção, Phoebe percebia, desde que agissem como se pertencessem ao lugar. Cada porta era marcada com uma placa específica: Cozinha Principal, Frigorífico, Adega, Limpeza, Roupas de Cama.

— Nós vamos verificar todos os cômodos? — Phoebe sussurrou para Nick.

— Eu não acho que vamos conseguir — disse ele. — Levantaria muitas suspeitas. Nós nem mesmo temos certeza se ele está de fato aqui embaixo. Ele poderia estar em um dos outros prédios. Ou no centro de esportes... Quer dizer, cada um desses prédios tem um porão. Sem mencionar as cerca de quinhentas outras salas.

Phoebe ouviu o ruído de um *walkie-talkie*, e, antes que pudessem reagir, Parker Bell veio caminhando na direção deles.

— Nick, o que é agora? — perguntou ele. — Eu tive que sair da conferência sobre teoria econômica global porque me disseram que meu filho e sua amiga estavam bisbilhotando no porão.

— Papai, onde diabos você o está mantendo? — Nick gritou, sua voz ecoando pelo corredor.

Sua ferocidade assustou Phoebe, mas ela percebeu que sua tática de provocar uma cena estava funcionando. Os funcionários ficaram olhando Parker Bell curiosamente e, em seguida, desviaram o olhar.

— Você fique quieto — O Sr. Bell sussurrou. — Venham comigo. — Ele levou-os até o fim do corredor, a uma porta sem identificação. Um segurança os seguia.

— Você quer entrar, senhor? — disse o homem que fazia guarda.

O pai de Nick concordou. O segurança então sacou uma argola com chaves e abriu a porta.

— Venham, entrem — disse o Sr. Bell.

Phoebe olhava para Nick com expressão de cautela, mas Nick acenou que estava tudo bem. Phoebe imaginava que o pai de Nick não faria nada com ela enquanto seu filho estivesse por perto.

O segurança fechou a porta atrás deles. Phoebe ficou assustada ao ver o sarcófago da fotografia que Patch tinha enviado a Nick, equipado com um saco gotejante e um cateter que se conectava a ele.

— Ai, meu Deus — disse Phoebe.

— Eu estou trazendo vocês aqui como uma cortesia — disse o Sr. Bell. — Vocês dois têm causado problemas suficientes ao longo das últimas semanas e dos últimos meses, e eu pensei que, dando algumas pistas a vocês sobre o que está acontecendo, vocês poderiam se dispor a cooperar.

Nick não disse nada, então Phoebe decidiu fazer o mesmo.

— Agora, provavelmente vocês estão se perguntando quem está no caixão. O primeiro contém o

seu amigo Patch.

— Pai, se você tiver feito alguma coisa com ele, vou fazer você se arrepender para o resto da sua vida! — disse Nick.

— Nicholas, relaxe. Ele está sendo monitorado por um médico. O saco gotejante está aqui para mantê-lo dormindo, mas também o alimenta com fluidos e nutrientes vitais. Ele está perfeitamente bem, provavelmente mais saudável do que a metade das pessoas neste retiro.

— O que você vai fazer com ele?

— Isso ainda vai ser decidido. Mas eu garanto a vocês que ninguém vai machucá-lo.

— Como posso confiar em você? Você mentiu para mim tantas vezes antes. Como eu sei que esta não é apenas mais uma de suas histórias?

— Nicholas, acredite, por favor.

— E o Alejandro? O que você fez com ele? Ele está no outro caixão? — Nick cuspiu as palavras em seu pai.

— Não, ele não está. O segundo caixão está vazio. Há algo que vocês dois têm que entender. Vocês estavam à beira de descobrir isso na outra noite. Cada classe da Sociedade é diferente. A classe ideal, teoricamente, é um grupo de quinze membros, todos trabalhando em harmonia para os objetivos certos. Mas às vezes os membros saem da linha, os membros que não refletem as maiores crenças da Sociedade.

Phoebe olhou para Nick. Seu rosto parecia impávido como uma pedra.

Seu pai continuou:

— Vocês dois, me desculpem dizer, se enquadram nessa categoria. Não é incomum, é uma tendência recente, na verdade. Os jovens de hoje são muito menos obedientes. Mesmo os melhores e mais brilhantes, o que vocês são certamente, saem da linha com facilidade nos dias de hoje. É parte de seu processo de maturação. E nós entendemos isso. Mas o que não podemos tolerar é insubordinação.

— Insubordinação? — Nick perguntou.

— Desobediência. Não prestar atenção às regras. Seu desprezo totalmente intencional pelas regras é muito preocupante. E é aí que o Poder dos Quatorze entra em jogo. — O Sr. Bell fez uma pausa. — Eu vou lhes explicar uma coisa antes dos outros Iniciados descobrirem sobre isso hoje à noite. Vocês têm que me prometer que vão manter isso apenas entre nós.

Phoebe e Nick se entreolharam. Nick deu de ombros, como se dissesse “que escolha nós temos?”.

— Ótimo. Então, agora chegamos à questão do Senhor Calleja.

Phoebe sentiu um caroço crescendo em sua garganta.

— Em muitas classes, há um membro fraco. É quase inevitável quando você tem que escolher

quinze pessoas. Às vezes, eles são legados, e somos obrigados a aceitá-los; às vezes, são pessoas cuja promessa de futuro não corresponde à realidade. O membro mais fraco muitas vezes não é uma ameaça. No caso do Senhor Calleja, no entanto, era.

— Como ele era uma ameaça? — Phoebe perguntou.

Alejandro parecia inofensivo para ela, muito mais inofensivo do que ela e Nick haviam sido.

— Você pode não estar ciente disso, mas o Senhor Calleja tinha um grave problema com drogas. Seu comportamento estava fora de controle. Sua família havia procurado tratamento para ele várias vezes, com pouco sucesso. Quando teve seu incidente durante o feriado de Ação de Graças e foi citado em várias colunas de fofocas, com referências indiretas à Sociedade, percebemos que algo precisava ser feito.

— Então, por que não trazê-lo aqui e falar com ele? — Nick perguntou.

— Gostaríamos de poder ter feito isso, se sua classe tivesse sido uma classe normal. Mas mal sabia eu que o meu próprio filho e seus amigos seriam os insubordinados que sempre tememos.

— O que nós temos a ver com isso?

— É o Poder dos Quatorze. Se você ouvir, você vai entender.

Nick ficou em silêncio, enquanto seu pai estava na frente do sarcófago.

— O Senhor Calleja está morto.

— Não! — Nick gritou. — Você não fez isso!

— Você está absolutamente certo. Com certeza não fui eu quem fez isso.

— Então, quem foi?

— Todos vocês. Foram vocês que o deixaram morrer.

Nick olhava para seu pai com espanto.

— Que diabos você quer dizer?

— Na noite em que o Senhor Calleja foi visto pela última vez, todos vocês estavam fora festejando com ele, ilegalmente, contra as regras da sua escola e as leis do nosso estado. Ele estava alcoolizado o suficiente para passar mal e desmaiar, e então ele foi levado. Todas as suas impressões digitais estão nos copos que foram encontrados na cena do crime.

— Onde ele está agora?

— O Senhor Calleja foi levado para um local onde ele pôde se esbaldar consumindo drogas até falar chega. Ele passou a última semana consumindo quantidades de drogas com as quais antes só podia sonhar.

O pai de Nick olhou para o relógio.

— Se tudo estiver de acordo com a programação, o corpo do Senhor Calleja foi depositado no Lower East Side, exatamente quinze minutos atrás, em uma área conhecida muito apropriadamente como Quarteirão do Inferno. Ele vai ser encontrado, eu imagino, pelas autoridades na hora certa. Quando examinarem seu corpo, vão encontrar doses letais de álcool e outras drogas, sempre em consonância com a história de que o Senhor Calleja começou a festejar no dia dezenove e acabou indo parar em uma farra de drogas na área. Você vê, infelizmente, as pessoas são quase sempre pegadas pelos seus piores vícios.

— Como você vai provar isso? Eles sabem que ele estava em sua festa no clube, não sabem?

— Ah, não foi a festa que causou sua morte, mas ela o lançou na espiral de decadência. Seu extrato bancário vai mostrar retiradas enormes em caixas eletrônicos, suficientes para que ele comprasse muitas centenas de dólares em drogas a cada dia para pagar por um lugar para ficar, um albergue no bairro, cujo proprietário é quem notificará sobre o seu paradeiro. É triste, mas acontece.

— Eles vão checar as imagens. Os caixas eletrônicos têm câmeras, pai.

— Isso é verdade, mas infelizmente há um na esquina da Rivington com a Ludlow onde a câmera está quebrada. O Senhor Calleja parecia preferir aquela mais que qualquer outra.

— Então, o que tudo isso tem a ver conosco?

— Esse é o Poder dos Quatorze. Os quatorze de vocês estão agora ligados por esse segredo

irrevogável. Embora vocês não possam ser convencidos, os outros vão ter consciência de que foram eles que acabaram permitindo que isso que aconteceu com o Senhor Calleja tivesse começado naquela noite. A classe ficará mais forte do que nunca. Você não pode dizer nada à sua família, você não pode dizer nada à polícia. A única coisa que vocês podem fazer é manter o silêncio. Nós pensamos que isso irá pôr um fim a todas as suas travessuras.

Nick sentou-se em uma caixa, com a cabeça nas mãos. Ele não podia acreditar naquilo. Finalmente, ele levantou os olhos.

— Você é um homem mau — Nick disse a seu pai, tremendo enquanto pronunciava as palavras. — Eu não posso acreditar que eu ainda seja ligado a você.

Ele olhou para o pai, a gola de seu blazer e suas botas de caça, todo o aparato familiar que vestia uma pessoa que ele mal conhecia. Ele não podia imaginar que esse era o homem que o havia dado à vida.

— Eu seria mais cauteloso com as palavras, Nick. Tudo isso pagou por tudo com o que você cresceu. Você tem que agradecer à Sociedade por muitos dos confortos e privilégios dos quais você usufrui com gosto. E eu não acho que você gostaria que nós os retirássemos de você, certo?

— Mas por quê, pai? Por que você quer fazer isso?

— Porque é tão mais fácil, Nick. Pessoas no mundo veem apenas o que querem ver. Nós temos um estilo de vida para proteger. É lamentável quando se trata disso, mas nós vivemos tempos difíceis. Medidas extremas por vezes têm de ser tomadas. É por isso que temos os Guardiães. Hector aqui é um deles. — Ele apontou para o segurança que se posicionava atrás dele.

Phoebe perguntou:

— E isso vem acontecendo por quanto tempo?

— Bom, nos últimos anos isso tem acontecido mais e mais. A classe dos Conscritos e a situação com o Senhor Wilson foi uma infelicidade. Mas essa classe tem se unido de uma forma incrível. Parece que a maioria deles nunca havia gostado muito do Senhor Wilson, de qualquer maneira. Então, quando se percebeu que ele poderia arruinar suas chances de sucesso no futuro, ninguém moveu uma palha quando ele foi encontrado morto.

— Jared morreu de exposição ao frio — disse Nick. — Todo mundo sabe disso.

— Exatamente — disse o pai de Nick. — Mas os quatorze Conscritos sabiam que estavam com ele na noite em que morreu. Temos tudo documentado com fotografias daquele evento bastante assustador, e você tem que acreditar em mim, eu não acho que nenhum deles quer que elas sejam divulgadas, especialmente quando estão à espera de aprovação nas universidades.

— Quando isso começou? — Phoebe perguntou.

— Na década de 1960 foi a primeira vez — disse Parker Bell. — A Sociedade começou a ter problemas. Alguns dos membros tentaram abandoná-la. A solução foi encontrada quase que por

acidente, por meio de um ritual de iniciação que desde então ficou fora de uso. Os alunos tiveram que prender a respiração debaixo d'água na piscina da sede da Sociedade pelo máximo de tempo que pudessem. Quinze deles, todos de uma vez. Era uma maneira de criar unidade. Mal sabiam eles que um deles tinha uma condição rara que causou o colapso de seus pulmões. Foi uma tragédia terrível, e todos sabiam que havia sido um acidente. Mas o que eles descobriram então foi que a classe estava mais fortemente unida do que nunca. Assim surgiu o Poder dos Quatorze.

— Então você está dizendo que isso é nossa culpa? — Nick perguntou. — Quer dizer que se não tivéssemos bagunçado as coisas, feito muitas perguntas, o que quer que seja... Alejandro ainda poderia estar vivo?

— Talvez — disse ele. — Nick, você não pode se culpar. Pelo contrário, estou realmente muito orgulhoso de você e Phoebe.

— E por que isso? — Phoebe perguntou.

— Porque nós descobrimos no passado que as pessoas dadas à insubordinação, na fase inicial de suas carreiras na Sociedade, todas acabavam por se tornar uma coisa.

— E o que seria essa coisa? — Nick perguntou.

— Eles formam os melhores líderes.

Phoebe ainda não conseguia acreditar no que o Sr. Bell estava dizendo.

— Então, todo esse sucesso, tudo o que vocês vêm nos oferecendo, é tudo uma farsa?

— Longe disso — falou o Sr. Bell. — Phoebe, suas pinturas são boas. De verdade, elas são. Mas você entende que noventa por cento delas foram compradas por membros da Sociedade? Você está em algumas das coleções mais importantes da cidade. Mas podemos deixar essas peças repousando em galpões, ou mesmo destruí-las, se quisermos. Seu trabalho nunca mais será visto novamente.

— Pai, isso é um absurdo — disse Nick. — Phoebe não precisa da sua ajuda para ter sucesso.

— Você pode querer perguntar a ela quanta atenção lhe foi dada antes que fizessem um pedido especial na galeria de sua mãe.

Phoebe ficou em silêncio.

— E quanto a mim?

— Nick, seu futuro, seja lá se for ser um *promoter* de clube ou qualquer outra coisa, e Deus nos ajude se for para ser *promoter* de clube, mas acho que ainda vamos pensar sobre isso, nós podemos ter influência sobre ele de maneira muito fácil. O mesmo com a Senhorita Mortimer e sua linha de joias. Sebastian Giroux não a está ajudando por sua própria vontade. Com todas as perdas que ele teve de assumir pela linha até o momento, ele poderia facilmente deixá-la de lado.

— E daí, se ele fizer isso? — disse Phoebe. — Eu sei que o que estou dizendo é o óbvio, mas nada disso faz valer a pena você matar pessoas.

— Claro que não — disse o Sr. Bell. — É por isso que tudo foi pensado de modo a parecer que os quatorze de vocês tivessem praticado o assassinato.

Lauren estava esperando em sua cama, tentando, sem sucesso, tirar um cochilo, quando Phoebe e Nick vieram visitá-la. Eles tinham um olhar pesado em suas faces, um olhar de pena e vergonha.

— Ele está morto, certo? — Lauren disse, sua voz quase um sussurro.

Phoebe deu um passo à frente e abraçou-a.

— Eu sinto muito, Lauren. Nós vamos descobrir uma maneira de sair disto. Só não sabemos como. Mas estamos indo, de alguma forma.

— E sobre Patch?

— Eles o deixaram ligado a algum tipo de sedativo, e o estão mantendo como refém — disse Nick. — A sala é guardada por dois brutamontes. Eu não acho que há alguma chance de entrar lá.

Lauren começou a chorar.

— Nick, eles são cruéis, como sabemos se eles não vão fazer alguma coisa com Patch?

— Nós não sabemos — disse ele. — Essa é a pior coisa sobre tudo: nós não sabemos.

O corpo de Patch começava a doer por estar na mesma posição há muito tempo. Ele estava dentro do caixão há quase doze horas. Estava sonolento, mas de uma forma boa — ele não estava com fome, ele não estava com sede. Era como se todas as suas emoções tivessem sido desligadas. Ele não tinha ideia do que estavam usando para alimentá-lo por via intravenosa, mas teve de admitir que era alguma coisa boa. Pelo menos era o que pensava seu cérebro confuso.

Várias vezes, durante a tarde, a tampa do caixão tinha sido aberta, e os dois seguranças ficavam na sua frente enquanto o Dr. Meckling lhe fazia perguntas. Eles queriam saber onde as filmagens estavam e quantas delas havia. O problema era que, em seu estado sonolento, ele não conseguia se lembrar. O médico mudou alguma coisa no saco gotejante e Patch foi se sentindo cada vez mais lúcido.

Mais tarde, em um ponto que ele imaginava ser o início da noite, a tampa do caixão foi aberta e Parker Bell apareceu em frente a ele.

— Esta é uma situação incomum — disse ele. — Eu não quero ter que te machucar, Patchfield, principalmente porque temos uma, qual seria a palavra correta? Uma *história* juntos. Mas há muita coisa em jogo aqui. Você precisa nos dizer onde o material que você fez sobre a Iniciação da

Sociedade está. Ele simplesmente não pode ter saído por aí flutuando. Diga-nos onde está, e, quando chegar a hora, vamos nos certificar de que você chegará em casa em segurança.

— Eu não acredito em você — disse Patch. — Eu fiquei sabendo sobre o que você fez com Alejandro e Jared.

O Sr. Bell parecia perturbado.

— Meckling, ele não devia estar em estado próximo ao de coma induzido?

O médico falou do outro lado da sala:

— Parker, isso varia de um momento para outro. Expliquei isso a você. Depende do metabolismo de cada pessoa, e não tivemos tempo para fazer testes de sangue adequados. Eu venho dizendo isso há anos, que precisamos de uma clínica médica apropriada na ilha.

— Isso não é importante agora — disse o Sr. Bell rapidamente.

Ele falava como se estivesse discutindo um caso problemático legal e não uma questão de vida ou morte.

— Patch, o que você quer? Poderíamos acabar com você, como nós fizemos com os outros, mas isso não nos valeria de nada. E isso não ajudaria, bem, isso não ajudaria o meu filho. O material ainda pode estar circulando. Nós sabemos sobre o seu negócio de produção, e nós temos o poder de matá-lo. Há uma chance de que, uma vez que tomemos uma parte majoritária na produtora De Olhos Bem Abertos, poderíamos efetivamente acabar com a liberação do material.

— Você nunca conseguiria fazer isso — disse Patch. — Simone nunca permitiria isso.

— Eu não teria tanta certeza quanto a isso. Ela está muito mais interessada em que assinemos um cheque para que ela possa fazer documentários contundentes a partir do material que ela tem do seu programa de televisão sobre jovens no colegial.

Parker Bell estava certo. Tinham seu pescoço na corda e não estavam dispostos a deixá-lo ir. E, no entanto, ao mesmo tempo, eles estavam perguntando o que ele queria.

Em meio ao borrão mental que as drogas tinham lhe causado enquanto o alimentavam, ele decidiu lhes dizer.

Naquela noite, Nick teve um mau presságio sobre seu futuro e o de Phoebe e Lauren. Eles sabiam sobre Alejandro, sabiam onde Patch estava sendo mantido em cativeiro, mas não tinham controle sobre nada daquilo.

Era a última noite do retiro da Sociedade, antes de os Anciãos deixarem o local para irem passar o Ano-Novo com suas famílias. Os Iniciados e os Conscritos ainda permaneceriam lá e aproveitariam uma festa privada na casa de campo, coisa com a qual Nick não estava particularmente entusiasmado. Parecia que todos os movimentos faziam parte de um jogo, a cada ação havia uma oportunidade para a exploração.

Houve um grande banquete naquela noite na sala de jantar, e todos estavam elegantemente trajados — vestidos para as meninas e calças cáqui e camisas confortáveis para os rapazes. Após o jantar, todos, com exceção dos Iniciados, colocariam seus casacos e iriam para fora. Através das janelas, podia-se ver que havia tochas acesas alinhadas em frente à entrada principal da casa.

Aos Iniciados foi solicitado que ficassem mais um tempo reunidos em uma sala no andar de cima. Chamada de “o quarto do jogo”, aquela era uma sala de reuniões do segundo andar, no topo da escadaria da casa de campo. Primeiro, Nick pensava que aquele poderia ser um espaço apenas para as pessoas jogarem xadrez, ou damas, ou pôquer. Em vez disso, era uma sala cheia de peças de caça selvagem: cabeças postas em placas; leão, zebra e até mesmo uma pele de urso-polar no chão; um lustre de chifres. O quarto era mal iluminado, com velas tremeluzentes nos castiçais da parede como única fonte de luz.

O pai de Nick ficou na frente de um grupo de quatorze pessoas. Ele começou falando, lentamente, sobre o poder do comprometimento com a Sociedade, de responsabilidade, de coragem diante das adversidades. Então, ele começou a falar de Alejandro.

— Vocês todos já devem saber, por ora, sobre o desaparecimento do Senhor Calleja. Infelizmente, o Senhor Calleja não era talhado para ser um membro de nossa Sociedade. Ele foi a má semente proverbial, a maçã podre no barril. O Senhor Calleja teve uma noite difícil durante a última reunião dos Iniciados. A festa desembocou em uma grande farra de drogas para ele, um vício sobre o qual ele tinha perdido o controle por muitos meses. Tragicamente, o vício levou a melhor sobre ele: ele foi encontrado morto no Lower East Side nesta manhã.

As pessoas na sala ficaram ofegantes. Nick viu Phoebe segurando Lauren firmemente.

— É absolutamente imperativo que nenhum de vocês mencione a ninguém o evento da Sociedade, onde ele foi visto pela última vez — disse o pai de Nick. — Isso poderia comprometer tudo no que vocês vêm trabalhando até agora.

— Por que não? — Thad Johnson perguntou. — A polícia não deveria saber sobre isso?

— Thaddeus, você deve acreditar em mim quando digo que as autoridades não devem ser informadas. Você vê, as impressões digitais de todos vocês estão nos copos da festa. A polícia vai querer interrogar cada um de vocês. Vai estar em todos os jornais, seus pais vão descobrir, assim como suas escolas. Acredite em mim, não é o tipo de publicidade que você quer ter. A mídia cai sobre esse tipo de notícia como um bando de abutres. Todos vocês estariam nos jornais durante meses. — Ele fez uma pausa antes de continuar. — Vocês agora estão todos unidos por esse segredo. Se um de vocês abrir o bico, vai colocar em risco não só a si mesmo, mas todo o grupo.

Lauren sentia-se paralisada pela dor enquanto Phoebe gentilmente a conduzia para fora com os outros.

— Nós não temos que fazer isso — Phoebe sussurrou. — Podemos voltar para as cabines e falar

sobre isso.

— Tudo bem — disse Lauren. — Eu preciso ver do que se trata isso tudo.

Que Alejandro estava morto era a pior das possibilidades, mas ela suspeitava disso o tempo todo, uma sensação horrível, funesta, que ela havia tentado espantar de sua mente. Agora havia se tornado realidade, confirmada não só por Nick e Phoebe, mas também por Parker Bell. Ela sentiu um arrepio gelado em seu coração, a verdade sobre ele ter partido, de ser traída, de ter sido tão tola de se agarrar a qualquer esperança de que ele poderia estar vivo.

Como ele tinha sido estúpido com sua vida, e quão estúpida ela tinha sido por ter ido atrás dele.

À frente deles, fora da casa, todo o grupo dos Anciãos estava recolhido. No centro da clareira principal havia um estrado de madeira com um pódio. Para o lado da plataforma, a dez metros de distância, uma fogueira crepitante atingia dois andares. Os Iniciados foram conduzidos para a frente do grupo, onde eles foram arranjados para ficar na frente da plataforma.

Parker Bell agora subia a escadaria para a estrutura, sua respiração visível no ar frio. Atrás dele estavam sentados Palmer Bell e outros membros do Conselho dos Regentes.

Ao lado da Grande Casa houve comoção. Um grupo de homens levava dois sarcófagos diferentes sobre traves, movendo-se com elas na direção do fogo.

— Não! — Phoebe gritou.

Ela tentou empurrar os outros e abrir caminho em meio à multidão, mas os Anciãos a impediram.

— Calma, senhorita! — um homem mais velho disse. — Eles estão vazios!

Parker Bell falava em um microfone:

— Hoje, na noite final da Associação Bradford, esses sarcófagos simbólicos serão queimados em memória das vidas de Jared Willson e Alejandro Calleja, dois de nossos membros mais jovens que perdemos este ano. Foram momentos de tristeza para muitos. Devemos lembrar, entretanto, que houve luz também.

Um grupo de homens trouxe uma pessoa, toda de preto e usando uma capa com capuz, e que subiu as escadas para ficar ao lado do Sr. Bell.

— Meu Deus! — disse Nick.

Ele parecia estar se preparando para saltar para cima da plataforma.

— O que é isso? — perguntou Phoebe.

— Um pouco por acaso, temos um novo membro na classe de Iniciados este ano — disse Parker Bell.

A capa foi retirada. Na frente de todos eles estava Patch.

CINQUENTA E DOIS

Seu olho ainda estava roxo e inchado. Com a cabeça raspada e o corpo tonificado recentemente, ele parecia um lutador premiado logo após um torneio. Ele estava piscando loucamente, como se não tivesse visto o sol há dias. Um holofote brilhante lentamente veio por trás de todos eles, dando a todos na plataforma a aparência de deuses.

— Patchfield Evans III passou por uma iniciação incomum e não tradicional neste outono, mas o Conselho de Regentes votou para que ele tomasse o seu lugar entre a classe de Iniciados.

O pai de Nick entregou a Patch uma lista de regras, uma similar à que Nick reconhecia como a que havia sido dada a eles na Noite do Renascimento.

— Patchfield, você aceita estas regras como princípios de adesão?

— Eu aceito. — Ele fazia que sim com a cabeça, mas sua voz era fraca.

— Patchfield é um cineasta jovem e promissor, e estamos felizes em tê-lo como parte do nosso grupo. Patch, você pode agora juntar-se à sua classe.

Patch foi conduzido até próximo ao grupo dos Iniciados. Nick olhava para ele, esperando que ele estivesse bem.

— E agora, pelo poder da *crux ansata*, eu proclamo todos os Iniciados como tendo avançado para o nível de Conscritos.

A alegria emergia da multidão enquanto os Anciãos corriam em direção ao grupo. Todo mundo começou a abrir garrafas de champanhe, pulverizando-as no ar, e o evento sombrio se tornou uma festa, mais uma vez. Nick deixou Phoebe e correu até Patch, duas figuras estoicas no meio de todo aquele pandemônio. Ele não sabia o que dizer a seu amigo.

Nick avançou para Patch, abraçando-o fortemente, fazendo uma promessa silenciosa para seu amigo que nunca mais iria deixá-lo partir.



AGRADECIMENTOS

Tatuagens secretas de cruces ansata a todos aqueles que me apoiaram durante a feitura desta novela: amigos, colegas e mentores.

À minha agente, Kate Lee, da ICM, que val orizou esta ideia desde a sua concepção.

À minha editora, Brenda Bowen, cuja paixão por esta série me inspirou muito.

A Sara Shumway, Katherine Tegen, Molly O'Neill e a todos da HarperCollins que trabalharam neste livro.

À minha assistente, Susanne Filkins, que se provou uma pesquisadora de primeira linha.

A Melissa de la Cruz, que nunca duvidou nem por um momento que eu poderia escrever ficção para jovens.

Às famílias Dolby e Frist, por seu encorajamento.

E, claro, a Drew Frist, que sabe muito bem onde os corpos são enterrados.

Sobre o autor

TOM DOLBY nasceu em Londres, foi criado em San Francisco e agora vive em Nova York. Formado em história da arte pela Universidade de Yale, publicou romances, novelas e ensaios para o público adulto, além de já ter atuado como jornalista e editor. Seus textos já apareceram no *The New York Times*, no *The Village Voice* e no *San Francisco Chronicles*. Este é seu primeiro romance para público jovem.

Acesse www.tomdolby.com e veja fotos dos locais citados no livro, além de *playlists* das festas que ocorrem em *Sociedade Secreta*.

NOTAS

- [1] Loja de roupas e acessórios de luxo situada na Quinta Avenida, em Nova York (N.E.).
- [2] Produtora de filmes independentes fundada em 1961 pelo indiano Ismail Merchant e o norte-americano James Ivory. Seus filmes são comument e baseados em obras literárias (N.E.).
- [3] Balneário de luxo próximo à cidade de Nova York (N.E.).
- [4] Diminutivo de Stolichnaya, marca russa de vodca (N.E.).
- [5] Do francês, “atual” (N.E.).
- [6] Baile de máscaras organizado pelo polêmico romancista norte-americano Truman Capote (autor de *Bonequinha de luxo* e *A sangue frio*) em homenagem à editora do *Washington Post* Katherine Graham em 1966. A festa, que contou com uma lista de convidados formada pelas mais variad as celebridades, é conhecida como uma das mais glamorosas da história de Nova York (N.E.).
- [7] Apelido da quetamina, substância psicoativa dissociativa utilizada como anestésico humano e veterinário que se tornou uma droga popular na Europa e nos Estados Unidos (N.E.).
- [8] Forma mais curta e informal de se referir ao Metropolitan Museum of Art (N.E.).
- [9] Metropolitan Museum of Art (N.E.).
- [10] *Site* de fofocas de Manhattan (N.E.).
- [11] *Grade Point Average* — média das notas de todas as disciplinas utilizada para, entre outras coisas, garantir vagas em universidades (N.E.).
- [12] *Preliminary Scholastic Aptitude Test* — Exame nacional utilizado para admissão em universidades nos Estados Unidos, similar ao ENEM no Brasil (N.E.).
- [13] Dian e Arbus (nome artístico de Diane Nemerov): fotógrafa norte-americana famosa por retratos nos quais se sobressaem das composições traços de angústia profunda. Ela nasceu em Nova York em 14 de março de 1923 e suicidou-se na mesma cidade em 26 de julho de 1971 (N.E.).
- [14] Técnica muito usada, principalmente na propaganda, em que uma pessoa ou grupo elenca sugestões aleatoriamente até que se chegue a uma boa ideia ou a uma solução para determinado problema (N.E.).
- [15] Uma amostra, espécie de *trailer*, com a intenção de despertar o interesse do público por uma obra ou produto (N.E.).
- [16] FIT (Fashion Institute of Technology) e Parsons (Parsons The New School for Design): prestigiadas faculdades de moda de Nova York (N.E.).
- [17] Rainer Maria Rilke (Praga, República Tcheca, 4 de dezembro de 1875 - Valmont, Suíça, 29 de dezembro de 1926): poeta dos mais importantes da língua alemã (N.E.).
- [18] Marcel Duchamp (Blainville-Crevon, 28 julho de 1887 – Neuilly-sur-Seine, 2 de outubro de 1968): pintor e escultor francês (cidadão americano a partir de 1955), inventor dos *ready mades* – uso de objetos cotidianos ressignificados em uma obra de arte –, dos quais o mais famoso é a obra *A fonte*, para a qual ele utilizou um mictório (N.E.).
- [19] Andy Warhol (Pittsburgh, 6 de agosto de 1928 – Nova Jersey, 22 de fevereiro de 1987): pintor e cineasta norte-americano, figura maior do movimento *pop art* (N.E.).
- [20] Sobrenome anglo-americano de uma tradicional família de origem alemã reconhecida por obter grande sucesso nos negócios e na política norte-americana (N.E.).
- [21] Drinque à base de champanhe e suco de laranja (N.E.).
- [22] Nome pelo qual é conhecida a coluna de fofocas das celebridades do jornal *New York Post* (N.E.).
- [23] Faculdades de arte de Nova York (N.E.).

- [24] Área de Manhattan (N.E.).
- [25] Clubes noturnos clássicos de Manhattan que foram muito populares entre as décadas de 1930 e 1950. O Copacabana é o único que existe até hoje, mas em outro endereço (N.E.).
- [26] Personagens do filme *A lenda do Cavaleiro sem Cabeça*, de Tim Burton (N.E.).
- [27] Referência ao filme de faroeste *Il buono, il brutto, il cattivo*, dirigido por Sergio Leone em 1966 e estrelado por Clint Eastwood. No Brasil, ficou com o título *Três homens em conflito* (N.E.).
- [28] Liga que reúne as oito maiores e mais prestigiadas universidades norte-americanas: Harvard, Yale, Brown, Columbia, Cornell, Dartmouth College, Princeton e Universidade da Pensilvânia (N.E.).
- [29] Drinque à base de uísque e vermute (N.E.).

Toque aqui para voltar
à prateleira da editora



Copyright © 2009 by Tom Dolby

Arte de capa © 2009 by Gustavo Marx/MergeLeft Reps, Inc.

Publicada mediante acordo com Harper Collins USA.

1ª edição 2012

ISBN 978-85-16-07395-4

Tradução: Richard Sanches

Reprodução proibida.

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados.

Editora Moderna Ltda.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho

São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Atendimento: tel. (11) 2790 1258 e fax (11) 2790 1393

www.editoraid.com.br

DE ACORDO COM AS
NOVAS
NORMAS
ORTOGRÁFICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dolby, Tom
Sociedade secreta [livro eletrônico] / Tom Dolby ;
tradução de Richard Sanches. -- São Paulo : Moderna,
2012.
1 Mb ; ePUB

Título original: Secret Society.
ISBN 978-85-16-07395-4

1. Ficção inglesa I. Título.

12-06540

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823